

NGUYỄN PHAN QUẾ MAI



QUANDO AS MONTANHAS CANTAM



«Um romance fascinante.»

Viet Thanh Nguyen,
vencedor do Prémio Pulitzer

«Um relato épico
e comovente.»

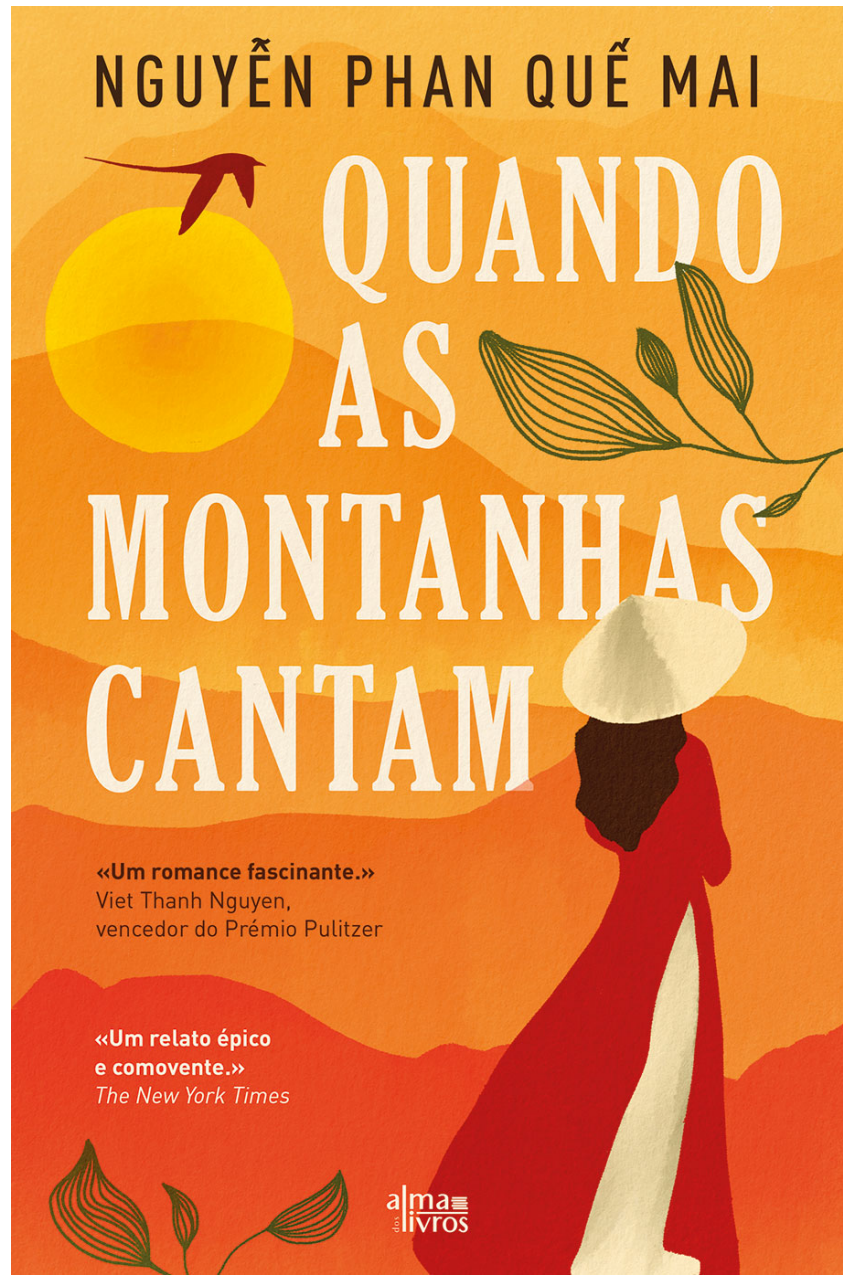
The New York Times

alma
dos
livros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

NGUYỄN PHAN QUẾ MAI



QUANDO AS MONTANHAS CANTAM

«Um romance fascinante.»

Viet Thanh Nguyen,
vencedor do Prémio Pulitzer

«Um relato épico
e comovente.»

The New York Times

alma
livros

QUANDO
AS MONTANHAS
CANTAM

NGUYỄN PHAN QUẾ MAI

**QUANDO
AS MONTANHAS
CANTAM**

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/

© 2024

Direitos desta edição reservados para Alma dos Livros

© 2020, Nguyễn Phan Quế Mai

Edição publicada por acordo com Algonquin Books, uma chancela de Workman Publishing Co., Inc., subsidiária de Hachette Book Group, Inc., New York, New York, USA. Todos os direitos reservados.

Título: *Quando as Montanhas Cantam*

Título original: *The Mountains Sing*

Autora: Nguyễn Phan Quế Mai

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Virgínia Rodrigues

Paginação: Gráfica 99

Capa: Diana Jorge Trigo / Alma dos Livros

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 528 244/24

1.ª edição: Março de 2024

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal, salvo as exceções devidamente previstas na lei.

Dedicatória

Para a minha avó, que pereceu na Grande Fome; para o meu avô, que morreu por causa da Reforma Agrária; e para o meu tio cuja juventude foi consumida pela Guerra do Vietname. Para os milhões de pessoas, vietnamitas e não vietnamitas, que perderam as suas vidas na guerra. Possa o nosso planeta nunca mais assistir a outro conflito armado.

Este livro é uma obra de ficção. Ainda que os grandes acontecimentos históricos sejam reais, os nomes, personagens e incidentes são fruto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é pura coincidência.

Árvore Genealógica da Família Trần

Sr. TRẦN (1900)
+ Sra. TRẦN (1901)

Sra. TỨ
(1903)

Avô DIỆU LAN (1920)
+ Avô HÙNG (1918)

CÔNG (1918)
+ TRINH (1919)

MINH
(1938)
+
LINH

NGỌC
(1940)
+
HOÀNG

ĐẠT
(1941)
+
NHUNG

THUẬN
(1947)

HẠNH
(1948)
+
TUẤN

SÁNG
(1954)
+
HOA

THIỆN

NHÂN

HƯƠNG
(1960)

THỐNG
NHẤT

THANH

CHÂU

MENINA

As Mais Altas Montanhas

HANOÍ, 2012

A minha avó costumava dizer-me que, quando os nossos antepassados morrem, não se limitam a desaparecer, continuam antes a velar por nós. E agora, sinto-a a velar por mim enquanto acendo um fósforo, ateando fogo a três paus de incenso. No altar ancestral, atrás do sino de madeira e dos pratos de comida a fumegar, os olhos da minha avó brilham enquanto uma chama azul-alaranjada brota, a consumir o incenso. Sacudo o incenso para apagar o fogo. Enquanto queima lentamente, cortinas de fumo e fragrância sobem em espiral em direção ao Céu, chamando os espíritos dos mortos a regressar.

– *Bà ơi* – sussurro, erguendo o incenso acima da minha cabeça. Por meio da bruma que vela a fronteira entre os nossos dois mundos, ela sorri-me. – Tenho saudades de ti, avó.

Uma brisa sopra pela janela aberta, envolvendo-me o rosto como as mãos da minha avó faziam outrora.

– Hương, minha amada neta. – As árvores junto à minha janela rumorejam as suas palavras. – Estou aqui contigo, sempre.

Deposito o incenso na taça diante do retrato da minha avó. As suas feições suaves resplandecem com o perfume do incenso. Olho para as cicatrizes no seu pescoço.

– Lembras-te do que te disse, querida? – A sua voz murmura nos ramos inquietos. – Os desafios enfrentados pelo povo vietnamita ao longo da História são tão grandes como as mais altas montanhas. Se te chegares demasiado perto, não lhes conseguirás ver os cumes. Assim que te afastares das correntes da vida, terás a vista completa...

Vermelho sobre os Grãos Brancos

HANOÍ, 1972-1973

A avó segura-me na mão enquanto vamos para a escola. O Sol é uma grande gema de ovo a espreitar por entre uma fila de casas com telhados de latão. O céu está tão azul como a blusa favorita da minha mãe. Pergunto-me onde estará ela. Terá encontrado o meu pai?

Aperto a gola do meu casaco enquanto o vento rasga o ar, rodopiando numa nuvem de pó. A avó baixa-se e encosta o seu lenço ao meu nariz. A minha mochila pende-lhe do braço enquanto fecha a mão em concha sobre o seu rosto.

Recomeçamos a andar assim que o pó assenta. Forço os ouvidos, mas não oiço nenhum pássaro. Procuro, mas não há uma única flor no nosso caminho. Nem erva à nossa volta, apenas pilhas de tijolos partidos e metal torcido.

– Goiaba, tem cuidado.

A avó afasta-me da cratera de uma bomba. Trata-me pela minha alcunha para me proteger dos espíritos malignos que acredita pairarem sobre a Terra, em busca de crianças bonitas para raptar. Disse que o meu verdadeiro nome, Hương, que significa «fragrância», os atrairia.

– Quando chegares a casa hoje, terás o teu prato favorito, Goiaba – diz-me a avó.

– Sopa de *noodles phở*? – A felicidade faz-me falhar um passo.

– Sim... Os bombardeamentos impediram-me de cozinhar. Mas tem estado tranquilo, por isso, vamos celebrar.

Antes que possa responder, uma sirene estilhaça os nossos momentos de paz. Uma voz feminina grita de um altifalante preso a uma árvore:

– Atenção, cidadãos! Atenção, cidadãos! Bombardeiros americanos aproximam-se de Hanói. Cem quilómetros de distância.

– *Ôi trời đất ôi!* – A avó clama pelo Céu e pela Terra. Corre, puxando-me consigo. Rios de pessoas jorram dos seus lares, como formigas. Ao longe, do alto da Ópera de Hanói, as sirenes uivam.

– Ali. – Apressadamente, a avó dirige-se a um abrigo antiaéreo escavado na beira da estrada. Ergue a pesada tampa de betão.

– Não há espaço – grita uma voz do fundo. Dentro do poço redondo, de dimensões suficientes apenas para uma pessoa, está um homem meio ajoelhado, meio de pé. Água lamacentas sobe-lhe até ao peito.

A avó apressa-se a fechar a tampa. Puxa-me em direção a outro abrigo.

– Atenção, cidadãos! Atenção, cidadãos! Bombardeiros americanos aproximam-se de Hanói. Sessenta quilómetros de distância. Forças armadas preparam-se para ripostar. – A voz feminina torna-se mais urgente. As sirenes são ensurdecedoras.

Abrigo após abrigo estão cheios. As pessoas dardejам à nossa frente como aves de asas partidas, abandonando bicicletas, carrinhos de mão, malas a tiracolo. Uma menina ergue-se sozinha, a gritar pelos pais.

– Atenção, cidadãos! Atenção, cidadãos! Bombardeiros americanos aproximam-se de Hanói. Trinta quilómetros de distância.

Desastrada devido ao medo, tropeço e caio.

A avó ajuda-me a levantar. Atira com a minha mochila da escola para a beira da estrada e baixa-se para eu lhe saltar para as costas. Corre, fechando as mãos sob as minhas pernas.

Ruídos tonitruantes aproximam-se. Explosões ecoam ao longe. De mãos suadas, agarro-me aos ombros da minha avó e enterro o rosto no seu corpo.

– Atenção, cidadãos! Atenção, cidadãos! Mais bombardeiros americanos aproximam-se de Hanói. Cem quilómetros de distância.

– Corram para a escola. Não vão bombardear a escola – grita a avó a um grupo de mulheres que levam crianças pequenas nos braços e às costas.

Aos cinquenta e dois anos, a minha avó é forte. Passa a correr pelas mulheres, alcançando as que vão à nossa frente. Sacudida para cima e para baixo, encosto o rosto aos seus longos cabelos negros que cheiram como os da minha mãe. Enquanto puder inalar o seu aroma, estarei segura.

– *Hương*, corre comigo. – A avó agacha-se em frente à minha escola, ofegante. Puxa-me para o pátio da escola. Junto a uma sala de aulas, atira-se para um abrigo vazio. Ao descer para junto dela, a água sobe-me até à cintura, agarrando-me com mãos gélidas. Está tanto frio. É o início do

inverno.

A avó ergue os braços e puxa a tampa. Abraça-me, o tambor do seu coração a palpitar pelo meu sangue. Dou graças a Buda pelo dom deste abrigo, suficientemente grande para nos acolher às duas. Temo pelos meus pais nos campos de batalha. Quando voltarão? Terão visto o tio Đạt, o tio Thuận e o tio Sáng?

As explosões aproximam-se. A terra balança, como se fosse uma rede. Aperto as mãos abertas contra os ouvidos. A água sobe, ensopando-me o rosto e o cabelo, toldando-me a visão. Terra e pedras chovem por uma pequena brecha sobre a minha cabeça. Ouvem-se sons de fogo antiaéreo. Hanói resiste. Mais explosões. Sirenes. Gritos. Um intenso fedor a queimado.

A avó junta as mãos diante do peito.

– *Nam Mô A Di Đà Phật, Nam Mô Quan Thế Âm Bồ Tát.* – Torrentes de orações a Buda jorram-lhe dos lábios. Fecho os olhos, imitando-a.

As bombas continuam a estrondear. Segue-se um minuto de silêncio. Um guincho agudo. Retraio-me. Uma poderosa explosão atira-nos, à avó e a mim, contra a tampa do abrigo. A dor obscurece-me o olhar.

Caio de pé sobre a barriga da minha avó. Tem os olhos fechados, as mãos um botão de lótus diante do seu peito. Reza enquanto o ruído trovejante desaparece e os gritos das pessoas se erguem no ar.

– Avó, tenho medo.

Os seus lábios estão azuis, trémulos do frio.

– Eu sei, Goiaba... Também eu tenho medo.

– Avó, se bombardearem a escola, este... este abrigo vai desabar?

Ela debate-se contra o espaço confinado, puxando-me para os seus braços.

– Não sei, querida.

– Se desabar, vamos morrer, avó?

Ela abraça-me com força.

– Goiaba, se bombardearem esta escola, o nosso abrigo poderá desabar sobre nós, mas só morreremos se Buda nos deixar morrer.

Não perecemos nesse dia, em novembro de 1972. Depois de as sirenes sinalizarem que era seguro, a avó e eu emergimos, trémulas folhas finas. Cambaleantes, saímos para a rua. Vários edifícios tinham desabado,

derramando os seus destroços no nosso caminho. Rastejámos sobre pilhas de escombros, tossindo. Volutas de fumo e torvelinhos de pó faziam-me arder os olhos.

Agarrei-me à mão da minha avó e vi mulheres ajoelhadas e a uivar junto a cadáveres cujos rostos tinham sido encobertos por esteiras de palha esfarrapadas. As pernas desses corpos projetavam-se na nossa direção. Pernas mutiladas, cobertas de sangue. Uma pequena perna tinha um sapato cor-de-rosa pendurado. A menina morta podia ter a minha idade.

Encharcada, enlameada, a avó puxou-me consigo, a caminhar cada vez mais depressa, passando por partes de corpos dispersas e casas que tinham desmoronado.

Sob a árvore *bàng*, contudo, a nossa casa erguia-se à gloriosa e incongruente luz do sol. Miraculosamente, tinha escapado aos danos. Afastei-me da avó, correndo para abraçar a porta da frente.

A avó apressou-se a ajudar-me a mudar de roupa e aconchegou-me na cama.

– Fica em casa, Goiaba. Salta lá para baixo se os aviões vierem. – Apontou para o nosso abrigo antiaéreo, escavado pelo meu pai no chão de terra junto à entrada do quarto. Era um abrigo suficientemente grande para nos conter às duas, e estava seco. Sentia-me melhor lá escondida, sob o olhar vigilante dos meus antepassados, cuja presença irradiava do altar familiar, empoleirado no cimo da nossa estante.

– Mas... onde vais, avó? – perguntei eu.

– À minha escola, ver se os meus alunos precisam de ajuda – disse ela, puxando-me o nosso grosso cobertor até ao queixo.

– Mas, avó, não é seguro...

– São só dois quarteirões, Goiaba. Corro para casa assim que ouvir a sirene. Prometes que ficas aqui?

Assenti.

A avó ia já a caminho da porta, mas voltou para junto da minha cama, a sua mão a aquecer-me o rosto.

– Prometes que não vais deambular lá para fora?

– *Cháu húa*. – Sorri para a tranquilizar. Nunca me deixava ir a lado nenhum sozinha, mesmo durante os meses em que não havia bombas. Sempre temera que eu me perdesse de alguma forma. Seria verdade, perguntava-me, o que a minha tia e os meus tios tinham dito sobre a avó ser

superprotetora comigo, porque tinham acontecido coisas terríveis aos seus filhos?

Quando a porta se fechou nas suas costas, levantei-me para ir buscar o meu caderno. Mergulhei a ponta da minha caneta no tinteiro. «Queridos mãe e pai», escrevi, numa nova carta aos meus pais, perguntando-me se as minhas palavras alguma vez os alcançariam. Estavam em movimento com as suas tropas e não tinham endereço fixo.

Estava a reler *Bạch Tuyết và bảy chú lùn*, absorta no mundo mágico da Branca de Neve e dos seus amigos Sete Anões, quando a avó chegou a casa, com a minha mochila da escola pendurada ao braço. Tinha as mãos a sangrar, feridas de tentar resgatar pessoas presas debaixo dos escombros. Puxou-me para o seu peito e abraçou-me com força.

Nessa noite, rastejei para debaixo do nosso cobertor, ouvindo as orações da avó e o tangido rítmico do seu sino de madeira. Rezava a Buda e ao Céu para que ajudassem a acabar com a guerra. Rezava pelo regresso em segurança dos meus pais e dos meus tios. Fechei os olhos, juntando-me à minha avó na sua prece. Estariam os meus pais vivos? Sentiriam tanto a minha falta como eu sentia a deles?

Queríamos ficar em casa, mas anúncios urgentes na radiodifusão pública ordenavam a todos os cidadãos que evacuassem Hanói. A avó devia conduzir os seus alunos e suas famílias a um local remoto nas montanhas onde continuaria com as suas aulas.

– Avó, para onde vamos? – perguntei eu.

– Para a aldeia de Hòa Bình. As bombas não nos conseguirão encontrar lá, Goiaba.

Perguntei-me quem teria escolhido um nome tão encantador para uma aldeia. *Hòa Bình* eram as palavras transportadas nas asas das pombas pintadas nas paredes da sala de aulas da minha escola. *Hòa Bình* tinha a cor azul no meu sonho – a cor do regresso dos meus pais a casa. *Hòa Bình* significava algo simples, intangível, mas muito valioso para nós: *Paz*.

– A aldeia é longe, avó? Como iremos para lá?

– A pé. São só quarenta e um quilómetros. Juntos conseguimos, não achas?

– Então e a comida? O que comeremos?

– Oh, não te preocupes. Os agricultores de lá alimentar-nos-ão com o

que tiverem. Em tempos de crise, as pessoas são generosas. – A avó sorriu. – E se me ajudasses a fazer as malas?

Enquanto nos preparávamos para a nossa viagem, a voz da minha avó ergueu-se ao meu lado, cantando. Tinha uma voz esplêndida, tal como a minha mãe. Costumavam inventar canções tolas, cantando e rindo. Oh, como sentia a falta desses momentos felizes. Agora, à medida que a avó cantava, vastos campos de arroz abriam os seus braços verdes para me receber, cegonhas elevavam-me nas suas asas, rios arrastavam-me nas suas correntes.

A avó abriu o seu pano de viagem. Empilhou as nossas roupas no meio e juntou o meu caderno, a caneta, o tinteiro e o seu material de ensino. Pôs o seu sino de oração por cima e atou os cantos opostos do pano, transformando-o numa trouxa de transporte para enrolar ao ombro. Do seu outro ombro, pendia um longo tubo de bambu cheio de arroz por cozinhar. Tinha já enchido a minha mochila da escola com água e comida para a estrada.

– Quanto tempo vamos estar fora, avó?

– Não sei bem. Talvez um par de semanas?

Plantei-me junto à estante, percorrendo com as mãos as lombadas dos livros. Contos de fadas vietnamitas, contos de fadas russos, *A Filha do Vendedor de Aves*, de Nguyễn Kiên, *A Ilha do Tesouro*, de um autor estrangeiro cujo nome não consigo pronunciar.

A avó riu-se ao olhar para a pilha de livros nas minhas mãos.

– Não podemos levar tantos, Goiaba. Escolhe um. Pediremos mais alguns emprestados quando lá chegarmos.

– Mas os agricultores leem livros, avó?

– Os meus pais eram agricultores, lembras-te? Tinham todos os livros que possas imaginar.

Perscrutei de novo a estante e decidi-me pelo romance de Đoàn Giỏi, *A Terra e as Florestas do Sul*. Talvez a minha mãe tivesse chegado a *miền Nam*, a essa terra do Sul onde conheceu o meu pai. Tinha de saber mais sobre o seu destino – separada de nós pelos franceses e agora ocupada pelos americanos.

A avó colou um bilhete na porta da frente, que dizia aos meus pais e tios que, caso regressassem, nos poderiam encontrar em Hòa Bình. Toquei na porta da frente antes de partirmos. Com a ponta dos dedos, senti o riso dos

meus pais e dos meus tios. Olhando agora para trás através dos anos, ainda me pergunto o que teria trazido comigo se soubesse o que nos ia acontecer. Talvez a fotografia em preto e branco dos meus pais no dia do seu casamento. Mas também sei que, no limiar da morte, não há tempo para a nostalgia.

Na escola da minha avó, juntámo-nos à multidão de professores, alunos e dos seus familiares, vários com bicicletas carregadas de bagagem, e começámos a andar, fundindo-nos com a massa de pessoas em retirada de Hanói. Todos usavam roupas escuras, e as partes metálicas dos veículos estavam cobertas para evitar o reflexo do sol, por medo de atrair bombardeiros. Ninguém falava. Só conseguia ouvir os passos e o choro ocasional dos bebés. O terror e a preocupação escavavam rugas no rosto das pessoas.

Tinha doze anos quando iniciámos essa caminhada de quarenta e um quilómetros. Foi uma viagem difícil, mas a mão da minha avó aquecia a minha quando o vento nos fustigava com o seu amargo frio. Para eu não ter fome, a avó dava-me a sua comida, fingindo já estar cheia. Cantava inúmeras canções para apaziguar os meus medos. Quando eu estava cansada, a avó carregava-me às costas, os seus longos cabelos a envolver-me o rosto. Embrulhava-me no seu casaco quando chovia. Sangue e bolhas cobriam-lhe os pés quando finalmente chegámos à aldeia de Hòa Bình, aninhada num vale e cercada por montanhas.

Hospedámo-nos em casa de dois agricultores idosos – o Sr. e a Sra. Tùng – que deixaram que eu e a avó dormíssemos no chão da sua sala de estar; não havia outro espaço na sua pequena casa. No nosso primeiro dia em Hòa Bình, a avó encontrou um caminho gasto que subia em ziguezague pela montanha mais próxima e ia dar a uma gruta. Alguns aldeões tinham escolhido a gruta como o seu abrigo antiaéreo; a avó decidiu que tínhamos de nos juntar a eles. Apesar de o Sr. Tùng dizer que os americanos jamais bombardeariam a aldeia, eu e a avó passámos o dia seguinte a treinar subir e descer o caminho, tantas vezes, que parecia que as minhas pernas tinham sido marteladas.

– Goiaba, temos de conseguir chegar cá acima, mesmo durante a noite e sem luz – disse a avó, de pé no interior da gruta, bufando e arquejando. – E promete-me que nunca sairás do meu lado, prometes?

Via borboletas a esvoaçar junto à entrada. Estava desejosa de explorar.

Tinha visto as crianças da aldeia a tomar banho nuas num lago, a montar búfalos-da-índia através de campos lamacentos e a trepar a árvores para chegar aos ninhos das aves. Queria pedir à avó que me deixasse juntar-me a elas, mas ela fitava-me com um olhar tão preocupado, que aquiesci.

Ao instalarmo-nos no nosso lar temporário, a avó entregou à Sra. Tùng o nosso arroz e algum dinheiro, e ajudávamos a preparar as refeições, a apanhar vegetais do jardim e a lavar a loiça.

– Ah, és uma ajuda tão grande – disse-me a Sra. Tùng, e eu senti-me crescer um pouco. A sua casa era diferente, mas, num certo sentido, muito semelhante à minha em Hanói, com as janelas tapadas com papel preto, para evitar que os bombardeiros americanos vissem algum sinal de vida à noite.

A avó tinha um ar gracioso ao ensinar no pátio do templo da aldeia, os alunos acorados no chão de terra, de rostos a brilhar. A aula não acabava até ter terminado de lhes ensinar uma das suas canções.

– A guerra pode destruir as nossas casas, mas não pode extinguir o nosso espírito – dizia a avó. Os seus alunos e eu desatávamos a cantar tão alto, que nos falhava a voz e parecíamos os sapos que se juntavam a nós dos campos de arroz vizinhos.

A Terra e as Florestas do Sul, passado em 1945, tinha um início fascinante. Aos meus olhos, o Sul parecia tão luxuriante, as pessoas felizes e generosas. Comiam cobras e veados, caçavam crocodilos e recolhiam mel nas densas florestas de mangues. Sublinhava as palavras difíceis e os exóticos termos do Sul e a avó explicava-os sempre que tinha tempo. Chorava com An, que tinha perdido os pais ao fugirem dos cruéis soldados franceses. Perguntava-me por que razão insistiam os exércitos estrangeiros em invadir o nosso país. Primeiro os chineses, depois os mongóis, os franceses, os japoneses e agora os imperialistas americanos.

Enquanto eu escapava numa viagem imaginária ao Sul, as bombas caíam sobre Hanói – o coração do nosso Norte. Fosse dia ou noite, ante o soar de um gongo, a avó agarrava-me na mão, e puxava-me em direção à montanha. Levava trinta minutos a subir, e nunca me era permitido descansar. Quando chegávamos à gruta, gigantescas aves de metal retumbavam já sobre nós. Agarrava-me à avó, sentindo-me grata pela gruta, mas ao mesmo tempo odiando-a: dela, podia ver a minha cidade a ser devorada pelas chamas.

Uma semana após a nossa chegada, um avião americano foi abatido e o seu piloto conseguiu voltar o aparelho em chamas na direção de Hòa Bình.

Ejetou-se com um paraquedas. Outros aviões metralharam e bombardearam a região enquanto tentavam resgatá-lo. Muito mais tarde, saímos da gruta na montanha para ver partes despedaçadas de corpos espalhadas pelas sinuosas estradas da aldeia. A avó tapou-me os olhos ao passarmos por baixo de uma fila de árvores de cujos ramos pendiam entranhas humanas.

Passámos pelo templo desmoronado da aldeia. Sons de tumulto afluíram na nossa direção, seguidos por um grupo de pessoas conduzindo um homem branco. Vestindo um sujo macacão verde, o homem tinha as mãos amarradas atrás das costas. Tinha a cabeça curvada, mas continuava a ser mais alto do que todos quantos o rodeavam. Escorria-lhe sangue pelo rosto e tinha o cabelo louro manchado de lama. Três soldados vietnamitas caminhavam atrás dele, apontando as suas longas armas às costas do branco. No braço direito do uniforme do homem, o vermelho, branco e azul de uma pequena bandeira americana queimava-me os olhos.

– *Giết thằng phi công Mỹ. Giết nó đi, giết nó!* – gritou alguém de repente.

– Matem-no! Matem esse maldito piloto americano – rugiu a multidão, em concordância.

Cerrei os punhos. Aquele homem tinha bombardeado a minha cidade. A agressão do seu país tinha-me arrancado os meus pais.

– Toda a minha família está morta por tua causa. Morre! – gritou uma mulher, atirando uma pedra ao americano. Pestanejei enquanto a pedra o atingia no peito.

– Ordem! – gritou um dos soldados.

A avó e vários outros correram para a mulher soluçante, tomaram-na nos braços e levaram-na dali.

– Far-se-á justiça, irmãos e irmãs – disse o soldado à multidão. – Por favor, temos de o levar para Hanói.

Observei o piloto ao passar por mim. Não emitiu nenhum som ao ser atingido pela pedra; limitou-se a baixar mais a cabeça. Não tinha a certeza, mas pareceu-me ver algumas lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto, misturando-se com o seu sangue. Enquanto a multidão o seguia, vociferando e gritando, estremeci, perguntando-me o que aconteceria aos meus pais se defrontassem o inimigo.

Para afugentar o medo, enterrei-me no meu livro, que me levava para mais perto dos meus pais. Inalei o aroma das florestas de mangues e senti a

brisa dos rios repletos de peixes e tartarugas. A comida parecia ser abundante no Sul. Essa comida ajudaria os meus pais a sobreviver se chegassem ao seu destino. Mas continuaria o Sul a ser assim tão luxuriante mesmo com o exército americano lá? Parecia destruir tudo à sua passagem.

Ao aproximar-me das últimas páginas, sustive a respiração. Queria que An encontrasse os pais, mas em vez disso juntou-se às guerrilhas Việt Minh para lutar contra os franceses. Disse-lhe para não o fazer, mas ele tinha já saltado para uma sampana, remando para longe, desaparecendo no espaço em branco que se estendia após a última palavra do romance.

– O An devia ter-se esforçado mais por procurar os pais – disse eu à avó, afastando o livro.

– Bem, em tempos de guerra, as pessoas agem de forma patriótica, dispostas a sacrificar as suas vidas e as suas famílias pela causa comum. – Ergueu o olhar da minha blusa rasgada, que estava a remendar.

– Pareces os meus professores. – Lembrei-me das muitas lições que tinha aprendido sobre crianças consideradas heroínas por se terem feito explodir com bombas para matar soldados franceses ou americanos.

– Queres saber o que eu realmente penso? – perguntou a avó, inclinando-se para mim. – Não acredito na violência. Nenhum de nós tem o direito a tirar a vida a outro ser humano.

Em meados de dezembro, circularam rumores de que era agora seguro regressar a casa, de que o presidente americano Nixon ia fazer uma pausa na guerra para desfrutar do seu feriado natalício de paz e boa vontade. As pessoas deixaram os seus esconderijos, descendo em grande número às estradas que as conduziriam de volta à nossa capital. Os que o podiam fazer alugaram carros de bois ou de búfalos ou partilharam uma carrinha. Os que não tinham dinheiro faziam todo o caminho a pé.

Não nos juntámos a eles. A avó pediu aos seus alunos e respetivas famílias que ficassem onde estavam. Deve ter sido Buda a dizer-lhe para o fazer. No dia 18 de dezembro de 1972, vimos do interior da gruta na montanha como a nossa cidade se transformava numa bola de fogo.

Contrariamente aos ataques anteriores, desta vez os bombardeamentos não cessaram. Continuaram ao longo do dia e da noite seguintes. Ao terceiro dia, a avó e vários adultos arriscaram sair para ir buscar comida e água. A avó demorou muito tempo a regressar e trouxe consigo o Sr. e a Sra.

Tùng. Enquanto a Sra. Tùng se queixava dos seus joelhos, o Sr. Tùng disse-nos que os americanos estavam a usar a sua arma mais poderosa em Hanói: bombardeiros B-52.

– Disseram que nos querem bombardear de volta à Idade da Pedra – disse-nos ele, cerrando os dentes. – Não os deixaremos.

Hanói ardeu e as bombas caíram durante doze dias e doze noites. Quando os bombardeamentos finalmente pararam, ficou tudo tão silencioso, que podia ouvir as abelhas a zumbir nos ramos das árvores. E, tal como essas abelhas trabalhadoras, a minha avó regressou às aulas e os aldeões aos campos.

Uma semana depois, chegou um grupo de soldados. Erguendo-se nos degraus que restavam do templo, um deles exibia um grande sorriso no seu rosto descarnado.

– Derrotámos aqueles terríveis bombardeiros! – anunciou, erguendo o punho no ar. – As nossas tropas de defesa abateram oitenta e um aviões inimigos, trinta e quatro dos quais bombardeiros B-52.

Eclosionaram vivas em meu redor. Era agora seguro regressarmos a casa. As pessoas abraçaram-se, chorando e rindo.

– Nunca esquecerei a vossa bondade – disse a avó aos nossos anfitriões. – *Một miếng khi đói bằng một gói khi no.* – Uma dentada com fome equivale a muitas de barriga cheia.

– *Lá lành đùm lá rách* – respondeu a Sra. Tùng. As folhas intactas protegem as folhas rasgadas. – Serão sempre bem-vindas em nossa casa. – Apertou a mão da minha avó.

Sorri, encantada, sempre que havia provérbios integrados nas conversas. A avó tinha-me dito que os provérbios eram a essência da sabedoria dos nossos antepassados, transmitida oralmente de geração em geração, mesmo antes de a nossa linguagem escrita existir.

Com os nossos corações a transbordar de esperança, caminhámos durante muitas horas para regressar a Hanói.

Esperava vitória, mas foi a destruição a atingir-me o olhar para onde quer que o voltasse. Grande parte da minha bela cidade tinha sido reduzida a escombros. Tinham largado bombas sobre Khâm Thiên – a minha rua – e sobre o vizinho Hospital Bạch Mai, onde a minha mãe trabalhara, matando muitas pessoas. Mais tarde, regressaria à escola, esvaziada dos meus quinze amigos.

E a nossa casa! Desaparecera. A nossa árvore *bàng* jazia esparramada sobre os destroços. A avó caiu de joelhos. Uivos escaparam das profundezas do seu interior, trespassando o fedor a corpos apodrecidos, fundindo-se num lamentoso mar de tristeza.

Chorei com a minha avó enquanto afastávamos tijolos partidos e lajes de betão. Os nossos dedos sangraram enquanto procurávamos o que podia ser salvo. Encontrámos vários dos meus livros, dois dos manuais da minha avó e algum arroz espalhado. A avó apanhou cada grão como se fosse uma joia. Nessa noite, no pátio da minha escola, aninhámo-nos contra o vento com pessoas que também haviam perdido as suas casas para preparar a nossa refeição partilhada de arroz misturado com terra e manchado de sangue.

Vendo a minha avó então, ninguém poderia imaginar que outrora havia sido considerada *cánh vàng lá ngọc* – uma folha de jade num ramo de ouro.

Três meses antes, ao preparar-se para partir para o campo de batalha, a minha mãe tinha-me dito que a avó nascera numa das famílias mais ricas da província de Nghệ An.

– Passou por grandes provações e é a mulher mais dura que conheço. Mantém-te junto dela e ficarás bem – disse a minha mãe, guardando as suas roupas numa mochila verde. Formada como médica, tinha-se voluntariado para ir para sul a fim de procurar o meu pai, que se tinha embrenhado nas profundezas da selva com os seus soldados e não enviara notícias nos últimos quatro anos. – Vou encontrá-lo e trazê-lo de volta para ti – prometeu-me ela, e eu acreditei, pois conseguia sempre o que decidia fazer. Mas a avó disse que era uma missão impossível. Tentou impedir a minha mãe de ir, mas em vão.

No momento em que a minha mãe partia, o Céu chorou a sua despedida em grandes gotas de chuva.

– *Hương ơi, mẹ yêu con!* – gritou ela, pondo o rosto de fora do camião de partida. Era a primeira vez que dizia que me amava, e eu temia que fosse a última. A chuva abateu-se sobre nós e engoliu-a na sua rodopiante boca.

Nessa noite e nas muitas que se seguiram, para secar as minhas lágrimas, a avó abriu-me as portas da sua infância. As suas histórias arrebataram-me e depositaram-me no alto das colinas de Nghệ An, onde podia encher os pulmões com a fragrância dos campos de arroz, mergulhar os olhos no rio Lam e tornar-me um ponto verde na cordilheira dos montes Trường Sơn. Nas suas histórias, sentia a doçura das bagas *sim* na minha língua, sentia

gafanhotos a pontapear-me as mãos e dormia numa rede sob um céu tecido por estrelas cintilantes.

Fiquei espantada quando a avó me contou como a sua vida tinha sido amaldiçoada pela previsão de um adivinho e como tinha sobrevivido à ocupação francesa, à invasão japonesa, à Grande Fome e à Reforma Agrária.

À medida que a guerra continuava, foram as histórias da avó a manter-me e às minhas esperanças vivas. Compreendi que o mundo era realmente injusto e que tinha de levar a minha avó de volta à sua aldeia para procurar justiça, ou talvez até para se vingar.

O Adivinho

PROVÍNCIA DE NGHỆ AN, 1930-1942

Lembras-te, Goiaba, de como costumávamos vagar pelo centro histórico de Hanói? Parávamos muitas vezes em frente a uma casa em Hàng Gai. Não conhecia ninguém que vivesse ali, na rua da Seda, mas ficávamos em frente à casa, a espreitar pelo portão. Lembras-te de como tudo era belo? As portas de madeira exibiam maravilhosas esculturas de flores e aves, as portadas lacadas reluziam ao sol e dragões de cerâmica erguiam-se do topo das orlas curvas do telhado. A casa era uma *năm gian* tradicional, com cinco secções de madeira, lembras-te? E o pátio da frente era calcetado a tijolo vermelho.

Posso agora dizer-te a razão por que me demorava diante dessa casa: é igualzinha à casa da minha infância em Nghệ An. Enquanto lá estava contigo, quase podia ouvir as conversas alegres dos meus pais, do meu irmão Công e da tia Tú.

Ah, perguntas-me porque nunca te referi que tinha um irmão e uma tia. Falar-te-ei deles em breve, mas não queres visitar primeiro o lar da minha infância?

Para lá irmos, teremos de percorrer trezentos quilómetros a partir de Hanói. Seguiremos pela estrada nacional, passando pelas províncias de Nam Định, Ninh Bình e Thahn Hóa. Em seguida, viraremos à esquerda num pagode chamado Phú Định, atravessando várias comunas até chegarmos a Vĩnh Phúc, uma aldeia no norte do Vietname. O nome desta aldeia é especial, Goiaba, pois significa «Para Sempre Abençoada».

Em Vĩnh Phúc, qualquer pessoa te levará de bom grado ao portão da nossa casa ancestral – a casa da família Trần. Acompanhar-te-ão pela estrada da aldeia, passando por um pagode com as pontas do seu telhado curvadas como os dedos de uma esplêndida dançarina, passando por lagos onde

crianças e búfalos chapinham. Durante o verão, arquejarás ante o desabrochar das nuvens de flores púrpura nas árvores *xoan* e as rubras flores *gao* a navegar pelo ar como barcos a arder. Durante a época da colheita do arroz, a estrada da aldeia estenderá o seu tapete dourado de palha para te receber.

No meio da aldeia, chegarás diante de uma grande propriedade cercada por um jardim repleto de árvores de fruto. Espreitando pelo portão, verás uma casa semelhante à que vimos na rua da Seda, só que mais encantadora e muito maior. As pessoas que lá te levarem perguntar-te-ão se és parente da família Trần. Se lhes disseres a verdade, Goiaba, ficarão estarelecidos. Os membros da família Trần morreram, foram mortos ou desapareceram. Ficarás a saber que, desde 1955, sete famílias ocuparam esse edifício, nenhuma das quais nossa parente.

Não fiques tão chocada, minha amada neta. Compreendes porque te decidi falar sobre a nossa família? Se as nossas histórias sobreviverem, não morreremos, nem mesmo quando os nossos corpos não estiverem já aqui, neste mundo.

A casa da família Trần é o lugar onde nasci, casei e dei à luz a tua mãe, Ngọc, os teus tios Đạt, Thuận e Sáng e a tua tia Hạnh. Não sabes disto, mas tenho outro filho, Minh. É o meu primogénito e amo-o mesmo muito. Mas não sei se está vivo ou morto. Foi-me tirado há dezassete anos e não o vejo desde então.

Explicar-te-ei o que lhe aconteceu mais tarde, mas primeiro deixa-me levar-te a um determinado dia de verão em maio de 1930, quando eu tinha dez anos.

Acordei em sobressalto com o som de batidas em pleno coração da noite, um som surdo, rítmico, oco.

– Quem está a fazer tanto barulho a estas horas? – reclamei, virando-me de lado e deparando com a Sra. Tú, a governanta, a rressonar junto a mim. O seu nome, Tú, significa «beleza requintada», mas, se a conhecesses, poderias assustar-te, de início. Uma profunda cicatriz zigiguezagueava-lhe da boca até ao olho esquerdo. Na face direita, a carne estava fundida numa massa de rugas. A Sra. Tú não nasceu assim, porém. Anos antes de eu saltar da barriga da minha mãe, um incêndio devorou grande parte da aldeia de Vĩnh Phúc, reduzindo a casa da Sra. Tú a cinzas, matando-lhe o marido e os

dois filhos e queimando-a quase até à morte. A minha mãe trouxe a Sra. Tú para nossa casa e cuidou dela até recuperar a saúde. Quando a Sra. Tú recuperou, decidi ficar e trabalhar para nós. Ao longo dos anos, tornou-se parte da nossa família.

Anos depois, Goiaba, foi a Sra. Tú quem arriscou a vida para salvar a minha e a da tua mãe.

Nessa madrugada, porém, a visão da nossa governanta acalmou as asas frenéticas dentro do meu estômago. Senti-me grata por ela ter aceitado deixar o seu quarto para me fazer companhia nas últimas noites.

– Acorde, tia Tú. Que barulho é aquele? – sussurrei, mas ela continuou a ressonar.

As batidas tornaram-se mais urgentes. Bocejei, erguendo-me. Tateando no escuro, encontrei os meus tamancos de madeira. Deixando o meu quarto, saí para um longo corredor que passava por uma grande divisão, onde estavam armazenadas as colheitas dos nossos campos. Com as mãos, tateei o caminho em frente. Apesar de todos os meus cuidados, bati na mesma com a cabeça no *đàn nhị* e sobressaltei-me com o zumbido grave das suas duas cordas. Amaldiçoei o meu irmão por pendurar o instrumento musical tão baixo, como se não bastassem os horríveis lamentos que produzia com aquelas cordas. Passei pela sala de estar, onde um candeeiro de querosene brilhava sobre uma mesa, lançando luz na parte superior de um sofá lacado com engastes de madrepérola. Uma plataforma de madeira erguia-se sobre as suas robustas quatro patas – o divã *phân*, onde o meu pai muitas vezes se sentava e entretenha os seus convidados. Enormes colunas de preciosa madeira *lim* erguiam-se do chão de tijolo ao teto. No alto, outro candeeiro de querosene fitava-me do altar familiar. Dois painéis lacados na parede continham poesia magnificamente escrita em *Nôm* – a antiga caligrafia vietnamita.

Seguindo o barulho, saí para o pátio da frente. Aí, banhado pelo luar, o meu pai erguia um grande pilão de madeira, batendo com ele num almofariz de pedra. O seu rosto quadrado e os seus braços musculados reluziam de suor. Estava a bater arroz, mas porque não pedira aos seus trabalhadores para o ajudarem?

Não muito longe dele, estava a minha mãe agachada num banco com um tabuleiro de bambu, a peneirar o arroz batido. As suas mãos sacudiam-se para a frente e para trás, fazendo as cascas voar. Parecia tão graciosa nos seus

movimentos, que, se não fosse pela camada de arroz a esvoaçar à sua frente, pensar-se-ia que estava a dançar.

Lembrei-me então da nossa tradição familiar: os meus pais preparavam sempre a primeira leva de arroz de uma nova colheita sozinhos e ofereciam-na aos nossos antepassados. Tinham começado a fazer a colheita dos nossos campos no dia anterior, empilhando os frutos do seu trabalho sob a longaneira.

– Mamã. Papá. – Desci os cinco degraus que fluíam do alpendre da frente para o pátio de tijolo.

– Acordámos-te, Diêu Lan? – perguntou o meu pai, estendendo a mão para uma toalha e passando-a pelo rosto. Um coro de insetos erguia-se do jardim nas suas costas. Sons abafados de vacas e búfalos-da-índia ecoavam de baías que se estendiam até às profundezas do jardim lateral, mas as galinhas mantinham-se caladas dentro das suas jaulas de bambu.

– Volta para a cama, Gatinha. – Ao contrário do meu pai, a minha mãe era supersticiosa e tratava-me pela minha alcunha, para me proteger dos espíritos malignos.

– Ah. A minha leva está pronta – anunciou o meu pai, deitando o conteúdo do seu almofariz para um cesto de bambu. Um aroma a perfume de arroz desabrochou-me nos pulmões enquanto o ajudava.

Levei o cesto à minha mãe, que estava a inspecionar as sementes brancas no seu tabuleiro de bambu antes de as verter numa urna de cerâmica.

– Que tal o mestre Thịnh, Diêu Lan? – A voz do meu pai elevou-se acima das batidas rítmicas. Andava tão ocupado, que não tínhamos tido muito tempo para conversar.

– É maravilhoso, papá. – O mestre Thịnh era um estudioso que os meus pais tinham acabado de contratar para nos ensinar, a mim e ao meu irmão Công. A única escola no meu distrito ficava demasiado longe e era exclusiva para rapazes. Công e eu sempre tínhamos estudado em casa com o nosso tutor. O meu pai tinha recentemente viajado até Hanói e regressado com o mestre Thịnh, que apareceu ao nosso portão com um carro de búfalos cheio de livros. Enquanto a maioria das raparigas da minha aldeia só aprendia a cozinhar, limpar, obedecer e trabalhar nos campos, ali estava eu, a aprender a ler e a escrever com um estudioso que tinha viajado muito, tendo mesmo chegado a ir a França. Começava a apreciar as aventuras que os seus livros me proporcionavam. O mestre Thịnh vivia connosco, na ala oeste da casa.

– Alegra-me que vos esteja a ensinar francês, a ti e ao Công – disse o meu pai.

– Mas eu não vejo porque haveriam de o aprender – retorquiu a minha mãe, e eu não podia estar mais de acordo. Os franceses estavam a ocupar o nosso país. Tinha visto soldados franceses a espancar agricultores na estrada da nossa aldeia. Às vezes, vinham a nossa casa, em busca de armas. Na nossa província, os agricultores e trabalhadores tinham vindo a protestar contra eles. Os meus pais não se envolviam. Temiam a violência e acreditavam que os franceses acabariam por nos devolver o nosso país, sem derramamento de sangue.

O meu pai parou de bater e baixou a voz.

– Sabes que odeio esses estrangeiros. Há mais de sessenta malditos anos que estão cá a mais, a roubar-nos com as suas taxas e impostos, a matar gente inocente. Mas só os podemos expulsar se os compreendermos.

– É isso que o imperador Bão Đai está a fazer? A estudar em França para nos libertar deles? – perguntou a minha mãe, estendendo o seu tabuleiro enquanto eu vertia arroz batido para ele.

– Mas as pessoas dizem que os franceses o estão a transformar no seu fantoche. Não seria ideal para eles, dominar-nos através do nosso próprio imperador? – respondeu o meu pai, e recomeçou a bater.

Terminámos o nosso trabalho. Um galo bateu as asas no nosso jardim lateral, lançando um vibrante canto para os céus. Seguiram-se-lhe outros galos, cantando em coro para acordar o Sol.

Sons de tambores ecoaram vindos do pagode da aldeia, indicando que o quinto intervalo de tempo tinha terminado, que eram cinco da manhã.

A Sra. Tú desceu apressadamente o pátio. Puxou-me para os seus braços.

– Porque não estás na cama, Gatinha?

– Sou uma pequena agricultora hoje, tia. – Inalei o doce aroma a nozes-de-areca e folhas de bétele que emanava das suas roupas.

Ela sorriu e virou-se para a minha mãe.

– Desculpa, irmã, deixei-me dormir.

– De forma alguma, irmã. Trabalhaste até tão tarde ontem à noite.

Recebendo a urna transbordante de arroz branco das mãos da minha mãe, a Sra. Tú apressou-se a atravessar o pátio em direção à cozinha.

Um brilho róseo irrompia do horizonte a leste. Pássaros cantavam nos ramos das árvores. Os primeiros raios de sol bruxuleavam nas cascas sob os

meus pés. Agarrei na vassoura, varrendo a luz solar para um monte.

A minha mãe levou um tabuleiro ao meu pai, que estava sentado nos degraus do alpendre. Verteu fumegante chá verde em taças de jade.

– Bom dia.

Ergui o olhar para ver o mestre Thịnh sair, os seus olhos sorridentes sob as sobrancelhas espessas.

– Oh, como adoro acordar cedo aqui, para este ar fresco – disse ele, inspirando fundo. As aulas não iam começar tão cedo, mas tinha já envergado o seu turbante, a túnica preta e as calças brancas.

O meu pai riu-se.

– Por favor, junte-se a nós para um chá.

Acocorando-me entre os meus pais, bebi um gole do chá do meu pai. Um gosto amargo mordeu-me a língua, deixando, porém, uma doçura fragrante na minha garganta.

– Mestre Thịnh, perguntava-me sobre Hanói... Deve ser um lugar fascinante – disse a minha mãe, enquanto estendia uma taça ao meu professor. Tal como a maioria das pessoas na nossa aldeia, nunca tinha ido à capital.

– Hanói? Oh, sim, é especial. E muito antiga, também. Quase mil anos.

– Os olhos do mestre Thịnh tornaram-se sonhadores. – A minha família vive no centro histórico. Aí, pequenas ruelas serpenteiam por um labirinto de velhas casas inclinadas. Mas só conhecemos o centro histórico se nos lembrarmos das suas trinta e seis ruas principais. Cada uma delas tem uma vida própria: a rua da Seda, a rua da Prata, a rua do Latão, a rua dos Sapatos, a rua do Bambu, a rua do Carvão, a rua do Cobre, a rua do Sal, a rua dos Caixões, a rua do Algodão, a rua da Medicina Tradicional...

Os meus olhos arregalaram-se enquanto o meu professor recitava todos os nomes de cor.

O mestre Thịnh prosseguiu dizendo que a sua família tinha uma casa na rua da Prata. O seu pai era um prateiro que queria que ele desse continuidade à tradição familiar.

– Mas a agitação da vida na cidade não é para mim. Tenho a sorte de o meu irmão mais novo, Vương, estar lá para arcar com essa tarefa, pelo que posso desfrutar desta maravilhosa vida rural enquanto ensino crianças encantadoras. – Sorriu-me.

Pensei que era inteligente da parte dos pais do mestre Thịnh dar aos seus

filhos os nomes de Thịnh e Vượng, que juntos significam prosperidade. Enquanto o mestre Thịnh falava sobre Hanói e a sua família, tentei memorizar cada palavra sua. Não fazia ideia de que o que fiz então ajudaria a salvar a minha vida vinte e cinco anos depois.

– Bom dia.

Virei-me. O meu irmão estava à porta, a bocejar e a espreguiçar-se como um gato. Dois anos mais velho do que eu, Công era alto e bem constituído. A sua pele tinha um tom castanho-dourado dos seus dias a brincar ao ar livre, a montar búfalos e a apanhar grilos.

– A pé tão cedo? – perguntou o mestre Thịnh, bebendo o seu chá.

– Sim, mestre. Tenho de estudar enquanto o cérebro está fresco.

– *Có công mài sắt có ngày nên kim* – disse o meu professor, sorrindo.

Ah, o provérbio que tinha ouvido inúmeras vezes: a perseverança transforma o ferro em agulhas. Ao ouvi-lo novamente, a sensação de felicidade dentro de mim caiu como uma pedra. No que tocava aos estudos, Công esforçava-se muito mais do que eu, e eu acreditava que ele era muito melhor. Conseguia lembrar-se de todas aquelas confusas antigas personalidades vietnamitas, chinesas e francesas. Além disso, não precisava de um ábaco para fazer a sua aritmética.

Como que para me salvar, um grupo de nove homens apareceu ao nosso portão. Vestidos com camisas castanhas e calças pretas, seguravam foices nas mãos. Nas cabeças, tinham *nón lá* – chapéus cónicos tecidos com bambu e folhas de palmeira. Estes homens trabalhavam para os meus pais havia muitos anos.

– Por favor, juntem-se a nós para um chá – convidou o meu pai.

Công e eu corremos para dentro de casa para ir buscar mais taças.

Em seguida, o meu irmão e eu arregaçámos as calças e dedicámo-nos às nossas tarefas. Na quinta, que o meu pai tinha recebido dos pais, Công deu de comer aos porcos e eu às galinhas. Os meus pais tinham-nos mostrado que a maior alegria de ser agricultor estava em sujar as mãos na companhia de plantas e animais.

Brinquei com os pintainhos até o chamado da minha mãe soar na minha direção. Levava um tabuleiro carregado de comida do nosso altar familiar para o alpendre, seguida pela Sra. Tú, que erguia outro tabuleiro.

Rodeada pela minha família, sustive a doçura da nova colheita de arroz na boca. O meu professor e os nove homens não paravam de acenar com as

cabeças, elogiando a comida da Sra. Tú e da minha mãe.

Depois do pequeno-almoço, o meu pai saiu com alguns trabalhadores para os campos enquanto a minha mãe trabalhava com os restantes no pátio. Tinha-me pedido que voltasse para a cama, mas eu sentei-me à secretária, abrindo os meus livros. No estúdio, o mestre Thỉnh dava aulas a Công. De tarde, seria a minha vez de aprender e queria que o meu professor dissesse que eu era mais inteligente do que o meu irmão.

Um vento refrescante entrava pela janela aberta. Lá fora, a luz do sol vertia ouro e prata sobre as folhas oscilantes. Pela vedação de hibiscos em flor que delimitava a minha casa e a ruela da aldeia, vi um velho curvado.

Arrastava os pés, guiado por uma bengala. As abas da sua túnica branca esvoaçavam como asas de borboleta. Uma faixa preta coroa os seus cabelos prateados. Reconheci-o como o Sr. Túc, o célebre adivinho da minha aldeia.

Como todos os meus amigos, sentia ao mesmo tempo temor e admiração pelo velho. Escondia-me muitas vezes em frente à sua casa, a ver as multidões de pessoas que viajavam de sítios longínquos para receber as suas previsões. Algumas emergiam de sua casa delirantes de felicidade, outras a transbordar de lágrimas. Embora muitas pessoas adorassem o Sr. Túc, ninguém sabia exatamente onde obtivera a sua magia divinatória. Alguns sussurravam que, quando tinha sete anos, o Sr. Túc tinha ido nadar no lago da aldeia. O esverdeado *Thủy Quái* – Demónio da Água – agarrou-lhe nas pernas, puxou-o para a lama e tentou afogá-lo. Nenhum dos seus amigos reparou que tinha desaparecido até que uma coluna de água se ergueu, projetando um rapaz a bater os punhos e as pernas. Assombrados, viram Túc cair de novo na água e nadar calmamente até à margem. Quando o rapaz regressou a casa, muitos lhe acorreram para lhe perguntar pela sua luta com o Demónio da Água. Mais tarde, regressariam uma e outra vez pela sua magia divinatória.

O que fazia ele ali, àquela hora do dia, deixando os seus clientes para trás?

Icei-me para o caixilho da janela, saltando suavemente para o jardim por baixo. Alguns gafanhotos saltaram, a sua pele áspera a roçar contra a barriga das minhas pernas. Agachando-me, vi como o Sr. Túc parava em frente ao nosso portão.

– *Chào ông Túc.* – O júbilo saltou da boca da minha mãe enquanto se apressava a ir ao seu encontro.

– *Chào bà.* Como estão ocupados! A colheita é boa?

– Não é má, Sr. Túc. Pelo menos, o nosso arroz não foi destruído pelas tempestades, como no ano passado. – A minha mãe pousou o seu cesto, ajudando o adivinho a atravessar o pátio movimentado.

Decidida a saber a razão da visita do adivinho, esgueirei-me para a sala de estar e sentei-me no *phân* de madeira, atrás das costas do velho. A minha mãe estava a servir chá, oferecendo-lhe uma taça fumegante.

– Sr. Túc, obrigada por ter vindo. Com o nosso negócio a crescer, precisamos de construir um grande armazém. Talvez no jardim da frente. – A minha mãe serviu-se de uma taça. – Acha que é um local auspicioso?

Nesse momento, algo passou a correr à minha frente.

– *Abhh!* – gritei, saltando para longe do *phân*.

– Que foi? – perguntou o velho, retraindo-se.

– Uma ratazana enorme. – O animal tinha desaparecido, mas não deixei de correr para a minha mãe.

Ela riu-se.

– A nossa colheita está a perturbá-las, Gatinha. Não tardarão a voltar para as suas tocas.

O adivinho endireitou subitamente as costas.

– Diga-me quem é esta rapariga, Sra. Trần. – Olhou-me de cima a baixo.

– Esta é a Diêu Lan, minha filha.

Cruzei os braços sobre o peito, curvando-me respeitosamente ante o velho.

– Vem cá, menina – disse o adivinho, franzindo as sobrancelhas. – Há algo em ti que me deixa muito... muito curioso. Senta-te aqui. Isso mesmo. Mostra-me as tuas mãos. Abre-as bem e mantém-nas quietas.

Fiz o que me mandavam. Vagas de entusiasmo percorriam-me. Os meus amigos iam certamente ficar cheios de inveja por o Sr. Túc se ter oferecido para me ler o futuro.

O velho recostou-se no cadeirão de madeira com cabeças de dragão esculpidas nos braços. Semicerrou os olhos, perscrutando as linhas e marcas nas minhas palmas. De repente, os seus olhos arregalaram-se, como se registando um choque.

– Então, Sr. Túc, que dizem as palmas dela? – A minha mãe agarrou num leque de papel, lançando uma brisa em direção ao adivinho e a mim.

– Dê-me mais um minuto – respondeu o Sr. Túc, erguendo-me as mãos para ainda mais perto dos seus olhos. Olhou para as linhas, tocando-as com

o seu indicador. Fazia cócegas. Ter-me-ia rido se ele não parecesse tão sério.

A minha mãe serviu mais chá.

– Então? – perguntou ela, ao vê-lo erguer o olhar.

– Sra. Trần, acho que não quer saber.

– Porque não, senhor? – A mão da minha mãe e o bule detiveram-se em pleno ar.

– Talvez seja melhor que não saiba.

– Nesse caso, fico muito curiosa. – A minha mãe debruçou-se sobre a mesa, a testa franzida de preocupação.

O velho estudou-me o rosto, o seu olhar causando-me arrepios na espinha.

– Sra. Trần, se tem mesmo de saber... a sua filha terá uma vida muito difícil. Continuará rica por algum tempo, mas perderá tudo e tornar-se-á uma mendiga errante numa cidade longínqua.

O bule escorregou das mãos da minha mãe, espalhando chá fumegante pelo chão.

– *Mê!* – exclamei eu, correndo para ela.

Ela afastou-se da confusão de cacos, puxando-me para os seus braços.

– Sr. Túc, tem a certeza?

– É o que as palmas dizem, Sra. Trần. Lamento.

A minha mãe apertou-me os ombros.

A minha mãe nunca mais voltou a ver o Sr. Túc e proibiu-me de pôr os pés perto de sua casa. A sua previsão aterrorizava-a de tal modo, que me levou secretamente a inúmeros templos e pagodes para rezar por bênçãos. Enquanto a via queimar pilhas de dinheiro do Inferno para os fantasmas ocultos e oferecer leitões assados a demónios invisíveis, revoltava-me contra o velho.

Dois anos depois, no ano em que fiz doze anos, o Sr. Túc morreu de velhice. O seu funeral foi um dos maiores a que a nossa aldeia alguma vez assistira. Pessoas de inúmeras regiões apareceram para prestar a sua homenagem. Falaram e falaram de quão verdadeiras as suas previsões se tinham revelado.

Ainda assim, não via como podia ele estar certo acerca do meu futuro. Como podia eu tornar-me uma mendiga? A minha família era, de longe, a mais rica da nossa aldeia. Os nossos estábulos estavam cheios de animais, os

nossos campos de arroz e vegetais. Com o nosso carro de búfalos, o meu pai tinha começado a transportar os nossos produtos para Hanói, onde os vendia por altos lucros a restaurantes seletos. À noite, quando ouvia o *clique-claque* do ábaco da minha mãe, sabia que tínhamos dinheiro em abundância. Embora tivéssemos de pagar todo o tipo de impostos aos franceses e ao imperador, os meus pais trabalhavam muito.

A previsão do Sr. Túc acabou por esmorecer como uma gota de tinta preta diluída num lago, deixando-me uma rapariga despreocupada. Com os meus amigos, corria pelos campos, perseguindo diferentes tipos de gafanhotos, explorando riachos, arrozais e jardins, subindo a árvores e espreitando para os ninhos dos pássaros para ver o eclodir dos ovos. Com a minha família, subia para o carro de búfalos do meu pai, rumando a coloridos mercados de fim de semana ou à floresta de Nam Đàn, onde Công e eu galopávamos pelo espaço verde. Oh, Goiaba, se fechar os olhos agora e respirar fundo, ainda consigo sentir a doçura púrpura das bagas *sim*, a riqueza amarela das goiabas-serranas, o travo ácido dos frutos do bambu selvagem.

Às vezes, o meu pai levava-nos ainda mais longe, para podermos ver os campos de arroz estendendo os seus sedosos tapetes, pontilhados pelas esvoaçantes asas de cegonhas, o rio Lam a reluzir ao sol e os montes Trường Sơn, erguendo-se como dragões prontos para levantar voo. A minha infância, deixa que te diga, foi ao mesmo tempo igual e incomparável a qualquer outra.

Estudei muito sob a orientação do mestre Thịnh, que passou cinco anos connosco e era o melhor amigo do meu pai. Noite após noite, os dois homens sentavam-se no alpendre a beber chá e a compor poemas. *Ca dao* – a nossa poesia popular – tinha criado raízes na vida do meu pai por via das canções de embalar da sua mãe. Para o meu pai, tal como para muitos agricultores, o ato de compor poemas era tão natural como arar um troço dos campos.

Entretanto, todas as minhas amigas estavam a casar com homens escolhidos pelos pais. Quando ela tinha treze anos, a minha melhor amiga, Hồng, teve de se casar com um homem com o dobro da sua idade. A mulher dele tinha morrido, e ele precisava de alguém para trabalhar nos seus campos. Era assim que a maioria das mulheres eram vistas nesses dias, Goiaba.

A minha mãe assegurou-se de que as coisas eram diferentes para mim. Ela e o meu pai encorajaram-me a ser independente e a dizer o que pensava. Até concordaram quando me recusei a tingir os dentes. Sabes que, nesse tempo, os dentes negros eram tidos como essenciais para as mulheres? As que tinham dentes brancos eram vistas como impróprias. Mas eu sentia-me horrorizada com a dor que as minhas amigas tinham de suportar enquanto os seus dentes eram amolecidos com sumo de lima e lacados com tinta preta. Os livros do mestre Thinh tinham-me dado outras ideias sobre a beleza.

Era tradição que o filho mais velho herdasse o negócio da família, mas o meu irmão Công queria que eu estivesse envolvida. Os anciãos da minha aldeia diziam muitas vezes que, se os franceses não tivessem abolido os exames reais, Công tê-los-ia passado, tornando-se um mandarim da corte imperial e trazendo honra à nossa aldeia. Mas Công abanava sempre a cabeça ante tais ideias. Adorava os nossos campos e estava a apaixonar-se por Trinh, filha do chefe da aldeia. Casaram-se no ano em que eu fiz dezasseis anos, e Trinh tornou-se a irmã mais velha que sempre desejara ter.

Na minha aldeia, havia um indivíduo responsável por cobrar os impostos para os franceses. Alcinhado de Fantasma Perverso, tinha um rosto carnudo, olhos estreitos e uma cabeça calva e reluzente. Todos temíamos vê-lo e ao seu chicote, feito das mais fortes lianas da selva. O Fantasma Perverso chicoteava aqueles que não podiam pagar a tempo, tomando os seus pertences em lugar do dinheiro que deviam, e açoitava a mulher. Eu evitava-o e nunca me atrevia a olhar diretamente para ele. Mal sabia eu que teria de o enfrentar um dia.

Quando tinha dezassete anos, conheci um jovem. Hùng. Os meus pais conheciam a sua família havia anos. Após concluir os estudos em Hanói, Hùng regressou à nossa aldeia e dava aulas numa nova escola do nosso distrito.

Até ao dia em que conheci Hùng, não gostava de rapazes. Bem, gostava de me meter com eles, tal como gostava de me meter com o meu irmão. Por isso, bem podes imaginar como Hùng reagiu da primeira vez que visitou a minha casa. Discutimos.

Sim, isso mesmo. Discutimos.

– Não achas que devíamos expulsar os franceses imediatamente? – vociferou Hùng, furioso comigo. – As atrocidades que têm vindo a cometer contra o nosso povo têm de ser travadas!

– Não soubeste? – retorqui eu, atirando-lhe as palavras. – Prometeram devolver-nos o nosso país. Se esperarmos mais alguns anos, teremos a nossa pátria de volta sem derramamento de sangue.

– Ah, confias demasiado nesses estrangeiros. Pacificam-nos com as suas palavras, que não tardarão a engolir. – Hùng prosseguiu dizendo-me como os franceses queriam manter o Vietname atrasado, incivilizado e empobrecido. Como extraíam os nossos recursos naturais, levando-os para casa. Como davam ópio aos vietnamitas para embotar as nossas mentes apuradas. Jamais nos deixariam ser livres.

Enquanto falávamos, fiquei espantada. Os homens que conhecia fora de minha casa não se importavam com as opiniões das mulheres, considerando-nos indignas de conversar, dizendo que «*Đàn bà đái không qua ngọn cỏ*» – as mulheres não conseguem urinar mais alto do que as pontas das folhas de erva. Assim, quando Hùng me olhou nos olhos e disse que não concordava comigo, isso agradou-me. Percebi como era genuíno e bonito. Os seus olhos irradiavam entusiasmo, os lábios curvados para cima como uma sorridente meia-lua.

Apaixonei-me pelo teu avô nesse dia. Ainda vejo o seu amor todos os dias, ao olhar para ti, Goiaba. Tens os seus olhos, o seu nariz, o seu sorriso. Às vezes, ao falar contigo, sinto que estou também a falar com ele.

Casámo-nos nesse ano, o Ano do Búfalo, em 1937. A pedido dos meus pais, Hùng rompeu com a tradição e mudou-se para nossa casa. O nosso filho mais velho, o teu tio Minh, nasceu em 1938, seguido pela tua mãe, Ngọc, dois anos depois, e pelo teu tio Đạt, em 1941.

Olhando para trás agora, esses foram os anos mais felizes da minha vida. Pensava que a felicidade tinha criado raízes fundas sob a minha pele e que ninguém ma podia tirar.

Então, num dia de inverno, em 1942, a minha vida mudou.

Lembro-me nitidamente desse dia, desde o momento em que me baixei para os meus filhos, a lâmpada na minha mão a iluminar-lhes os rostos. Minh, então com quatro anos, tinha um braço sobre Đạt, que acabava de fazer um. Ambos tinham afastado o seu grosso cobertor.

A um canto distante da grande cama da minha infância, Ngọc murmurava durante o sono. Goiaba, sabes como a tua mãe é bonita agora, mas não sabes como era bonita em menina – pele leitosa, longas pestanas,

lábios rosados. Envolta numa manta de seda, era uma fada a sair do seu casulo.

– Vou ter saudades vossas, bebés – sussurrei. Daí a algumas horas, ia deixá-los pela primeira vez para partir para Hanói por doze longos dias. Queria tomá-los nos braços, abraçando-os com força. Em vez disso, puxei o cobertor para o peito dos meus filhos e saí discretamente enquanto a chuva de inverno escorria pelo nosso telhado.

O tremular da lâmpada guiou-me de regresso ao meu quarto, que costumava ser o antigo armazém.

– Diêu Lan, estás acordada? – Uma voz suave. Oh, não, tinha acordado o meu marido.

Soprei a lâmpada, deslizando para a cama.

– A que horas partes, *em*? – O queixo de Hùng estava sobre o meu rosto. Cobriu-me com o calor da nossa colcha.

– Ao início do quinto intervalo de tempo. – Por volta das três da manhã.

– Oxalá me deixasses ir antes a mim. As mulheres não deviam andar na estrada.

– Oh, não sejas tolo, *anh* Hùng. – Sacudi a sua ideia com uma risada discreta. – O papá e o irmão Công tomarão conta de mim. Além do mais, tenho de ir visitar o mestre Thịnh.

Com esta viagem a Hanói, teria a possibilidade de visitar o meu professor de infância, que estava doente, e de ver a sua casa na rua da Prata. Seria também a minha oportunidade de ajudar o meu pai. O negócio não estava fácil. Com o alastrar da Segunda Guerra Mundial, tinham chegado os japoneses. Governavam-nos através dos franceses, sobrecarregando-nos com ainda mais uma camada de impostos e taxas.

– Mas Hanói fica muito longe, *em* – insistiu Hùng. – Como disse, um professor da minha escola ouviu histórias sobre soldados japoneses assaltarem aldeias a norte, atacando civis.

– Ah, isso são só rumores, não achas, *anh*?

– Pode ser verdade. Esta guerra louca está a dar demasiado poder aos japoneses.

– Preocupas-te demasiado. – Puxei o cobertor para cobrir o braço de Hùng. – Como já te disse muitas vezes, o papá conhece as estradas. – Lembrei-lhe que a região do Norte que se dizia estar a ter problemas ficava perto da fronteira com a China, longe dos locais por onde íamos viajar.

– Mas prometes que vais ter cuidado? – implorou Hùng.

Achava desnecessário ele preocupar-se com a viagem. Os japoneses tinham dito na rádio que os asiáticos deviam amar os outros asiáticos e que não estavam ali para lutar. Diziam que iam ajudar o Vietname a estabelecer a sua independência. Vira com os meus próprios olhos como eram educados os soldados japoneses. Um grupo deles tinha passado pela nossa aldeia. A visão dos seus uniformes castanhos, botas brilhantes e espadas pendentes começou por me assustar. Mas bateram timidamente ao portão de nossa casa, perguntando à minha mãe se podiam usar o nosso pátio para almoçar. Eram tão jovens, esses soldados, e amistosos também. Brincaram com os meus filhos, chutando bolas de penas para o ar, rindo como os rapazes vietnamitas riam.

Deixei-me arrastar por uma corrente de sono, acordando algum tempo depois para o som de ténues murmúrios, passos apressados e o bater dos cascos dos búfalos contra a superfície do pátio. Completamente às escuras, tateei em busca do saco de roupa que tinha colocado junto à entrada do quarto e saí.

No alpendre, ao brilho de três grandes candeeiros de querosene, os meus pais, Còng, a sua esposa, Trinh, e a Sra. Tú estavam a empilhar sacos de batatas numa longa carroça. A carroça assentava sobre umas grandes rodas, a sua estrutura de madeira coroada por toldos de folhas de palmeira entrelaçadas.

À chuva, uma parelha de búfalos-da-índia mastigava erva fresca, os arcos dos seus chifres erguendo-se acima das suas cabeças.

Correndo em direção aos meus familiares para os ajudar, bati com o joelho contra a lateral da carroça e quase caí para o pátio.

– Ei, cuidado. – Còng agarrou-me nos braços, puxando-me para um local seguro.

– Estás bem? – perguntou Trinh, erguendo o olhar do saco que segurava.

– Estou bêbeda de dormir demasiado – respondi eu, embaraçada.

– Vá lá, Diệu Lan, ficaste acordada até tarde ontem à noite, a amamentar o Đạt – disse a Sra. Tú, passando um saco ao meu pai, que estava dentro da carroça.

– Ainda bem que vais desmamar o Đạt ao ir nesta viagem – acrescentou a minha mãe, baixando-se para erguer um saco. – Já tem treze meses.

A ideia de amamentar o meu filho causou-me uma sensação dolorosa no

peito. Os meus seios começaram a encher-se de leite.

– Ele não quer ser desmamado – disse subitamente.

– Sei onde foi buscar esses genes – observou o meu pai, rindo. – Aos quatro anos, ainda eu bebia da minha mãe. Tentou diferentes formas de me desmamar. Nada resultou. Até que um dia...

– O que aconteceu? – perguntou Côm.

– Comeu um par de malaguetas olho-de-pássaro. Colhidas do nosso jardim, eram de um vermelho maduro, ardentes como fogo. O seu leite era tão picante que o cuspi e nunca mais me aproximei.

O nosso riso encheu o alpendre, misturando-se com o aroma da terra fresca agitada pela chuva.

– *Shhh*. Os vizinhos vão pensar que somos loucos, a rir a estas horas da manhã – disse a Sra. Tú, tentando conter as risadinhas por entre os seus dentes negros.

– Aposto que gostariam de ter alguma da nossa loucura – contrapôs Trinh, varrendo o chão com uma grande vassoura.

Não poderia estar mais de acordo.

A chuva tinha abrandado para um ligeiro chuvisco. Com todos os sacos guardados em segurança no interior da carroça, o meu pai e Côm prenderam folhas de palmeira adicionais em torno da estrutura, transformando-a numa carruagem acolhedora. A viagem até Hanói levaria cinco dias e cinco noites, e tínhamos de estar preparados para tempo pior. Se queríamos vender estas batatas aos melhores restaurantes de lá, tinham de ser da máxima qualidade. Por mais inteligente que fosse, quando importara novas plântulas da Europa muitos anos antes, o meu pai não sabia que ajudariam a fazer a fortuna da nossa família.

O meu pai e Côm colocaram uma tábua de madeira sobre os sacos. Trinh e eu baixámos um grosso toldo de folhas de palmeira, que se tornou a porta de trás da carroça. Empurrámos a carroça para o pátio, prendendo-a aos búfalos com um jugo.

A Sra. Tú carregou grandes cestos de comida e água para a carroça. A minha mãe enfiou-me um grosso envelope no bolso.

– Para os medicamentos do mestre Thinh.

Os tambores do templo da aldeia rasgaram as trevas, os seus ecos a ondular como vagas. Era tempo de partir.

Goiaba, quando me virei para pegar no meu saco, estava alguém a segurá-

lo. Adivinhas quem era? O teu avô Hùng.

– Não devias estar na cama, *anh?* – perguntei-lhe eu, rindo.

– Tenho de me despedir de ti – sussurrou-me ele ao ouvido.

A minha mãe ajudou o meu pai a vestir o seu impermeável, um produto importado que tinha adquirido em Hanói. Prendeu-lhe um *nón lá* à cabeça.

– Vamos – disse o meu pai, saltando para a frente da carroça.

A minha mãe apertou-me as mãos.

– Tenham cuidado na estrada, está bem?

– Vou preparar muitos tipos de papas para o Đát. Vai comer muito – aditou a Sra. Tú.

– E eu vou adormecer os meninos com contos de fadas – acrescentou Trinh.

Enquanto os búfalos nos puxavam dali, pus a cabeça de fora, as minhas palavras entrelaçadas na chuva.

– Trarei de volta histórias empolgantes sobre Hanói.

Não tardou a que estivéssemos a circular pela acidentada estrada da aldeia. As rodas da carroça estalavam ruidosamente contra a lama espessa.

– Tentem dormir um pouco, filhos. – A voz do meu pai ecoou através dos toldos de folhas de palmeira.

– Papá, chama-me quando quiseses trocar de lugar. – A voz de Công virou-se para mim. – Dorme, irmã.

Deitei-me. Enquanto a carroça balançava e se sacudia, dei por mim perfeitamente desperta, a pensar no meu pai lá fora, ao frio.

Às cegas, procurei um impermeável. Erguendo as camadas de toldos, deparei com os dorsos maciços dos búfalos em movimento. Um brilho de luz diante das cabeças dos animais disse-me que a carroça tinha virado para uma estrada maior.

Avistei a mão do meu pai, segurando duas pequenas cordas que corriam paralelamente aos corpos dos búfalos e se ligavam aos seus focinhos. A sua outra mão segurava uma lanterna que tinha também comprado em Hanói. Admirei a sua luz estável enquanto me instalava ao seu lado.

– Posso segurar essa lanterna por ti, papá? – perguntei, enquanto a chuva projetava o seu frio contra o meu rosto.

– Queres segurar antes estas cordas?

A surpresa desabrochou-me dentro do peito. Nunca me atrevera a sonhar conduzir o nosso carro de búfalos. Nesse tempo, as mulheres eram

consideradas sujas, porque menstruavam. Uma vez, vi um homem espancar a filha por ter atravessado o banco do condutor da sua carroça. Acreditava que lhe traria má sorte e faria a carroça tombar.

– Não é difícil – disse o meu pai, enfiando-me as cordas nas mãos. – Puxa-as com força para trás se quiseres que os búfalos parem. Puxa para a esquerda para ir para a esquerda e vice-versa. Fora isso, relaxa as mãos.

Apertei as cordas com força e dei-lhes um puxão. Todo o meu corpo formigava ante a emoção de ter o controlo.

– Vais lindamente. – O meu pai projetou um halo para a estrada. – Vês aquela poça? Desvia-te para o lado. Isso mesmo. Ótimo, ótimo.

Inclinando-se para mim, pôs-me o seu *nón lá* na cabeça.

– Não, usa-o tu, papá!

– Se adoeceres, quem cuidará de nós nesta viagem, hã? – Atou-me a fita de seda do chapéu sob o queixo.

Virámos para uma estrada cheia de sulcos antes de nos fundirmos com a estrada nacional. O meu pai explicou-me que a estrada costumava chamar-se Đường Cái Quan, construída pelos nossos imperadores e modernizada pelos franceses para servir as suas necessidades coloniais. Nos ocasionais postos de controlo, tínhamos de parar para mostrar a nossa autorização para viajar. Destacados pelos franceses, os guardas examinavam os nossos documentos, inspecionando a nossa carroça, procurando armas que pudéssemos estar a transportar para as guerrilhas Việt Minh que se insurgiam contra eles.

O meu pai sabia como lidar com esses guardas, e eu não tardei a relaxar. A estrada estava quase vazia àquela hora. Durante o muito tempo que viajámos, passámos apenas por uma carroça puxada por uma vaca magra e por um grupo de agricultores carregando cestos cheios de vegetais.

– Sempre em frente e chegaremos a Hanói – declarou o meu pai, recostando-se ao meu lado.

Ao longe, um galo entoava as suas saudações matinais. A aurora brilhava no horizonte. A chuva parou, deixando uma densa névoa no ar. Grandes arbustos alinhavam-se ao longo da berma da estrada, as suas silhuetas semelhantes a animais gigantes prestes a atacar.

A carroça subiu para uma parte montanhosa da estrada, onde voltei o meu olhar para lá das densas filas de árvores, para lá dos esmeraldinos campos de arroz, em direção aos aglomerados de casas com fios de fumo branco desfraldados sobre os seus telhados. Lá em baixo, mães e irmãs

preparavam o pequeno-almoço para as suas famílias.

Dei-me conta de que não vivia ninguém junto à estrada e de que, para comprar comida ou água, tínhamos de virar para as estradas das aldeias que ocasionalmente se cruzavam com o nosso caminho.

Os búfalos abanavam as suas caudas, enxotando as moscas que pairavam sobre os seus rabos gordos. Afrouxei as cordas, pensando que, assim que regressasse a casa, tinha de levar toda a minha família a atravessar aqueles vastos campos.

– Diêu Lan... – disse o meu pai, no preciso momento em que os meus olhos se arregalavam ante a visão de um tumulto mais adiante. Onde as árvores se tornavam mais esparsas, podia ver um grupo de casas a arder como tochas e colunas de fumo negro a erguer-se para o céu nublado. Ouviam-se os prantos de mulheres e crianças, os gritos de homens e berros numa língua estranha. Puxei as cordas com força. Os búfalos pararam, esticando o pescoço, à escuta.

Virei-me para o meu pai. O medo tinha-lhe petrificado o rosto.

– Japoneses. Soldados japoneses – murmurou, sem pestanejar.

Olhei outra vez para a aldeia em chamas. Homens saíam do seu fulgor em direção à estrada, de baionetas em riste.

– Para trás! Para trás! – O meu pai arrancou-me as cordas das mãos.

A carroça virou rapidamente.

– Olha, papá, olha – disse eu, apontando para a frente.

Uma grande sombra rastejava ao longo da estrada, as baionetas a brilhar como olhos de tigres. Encurralados entre dois grupos de soldados japoneses, não tínhamos para onde fugir, nenhuma estrada de aldeia por perto para onde virar a carroça. Ainda não conseguia ver claramente os soldados, mas sabia que avançavam com rapidez, os seus passos a projetar tremores para a estrada.

– Côm. Levanta-te! – disse o meu pai, estendendo o braço para a carroça para sacudir o meu irmão.

– O que se passa? – Côm levantou-se de um salto.

– Despacha-te. Leva a tua irmã. Escondam-se à beira da estrada. Escolham o arbusto mais cerrado. Aconteça o que acontecer, não saiam até eu dizer. – O meu pai virou-se para mim. – Vai.

Saltei, caí e rebolei para a estrada coberta de lama, esmagando o *nón lá* debaixo de mim com um crepitar como o de centenas de baratas a serem

estouradas. Agachando-se, Côm arrastou-me em direção a uma vala profunda que corria ao longo da berma da estrada e puxou-me para um arbusto. Perdi as sandálias na vala. Espinhos cravaram-se nos meus pés descalços. Galhos enterraram-se no meu couro cabeludo. Mordi o lábio, desesperada por me manter em silêncio.

Sustendo a respiração, observámos o nosso pai pelos minúsculos intervalos entre as folhas. Tinha virado os búfalos. À sua ordem, os animais avançaram em direção a Hanói. Seguindo Côm, esgueirei-me de arbusto em arbusto. Mantivemo-nos agachados, deixando-nos guiar pelo som dos passos dos búfalos.

O bater dos cascos dos búfalos suavizou-se. Do nosso esconderijo, pude ver que o primeiro grupo de soldados japoneses se tinha reunido na estrada, bloqueando o caminho ao meu pai, enquanto o segundo grupo se aproximava por trás.

O meu pai aproximou-se do primeiro grupo.

– Alto! O que tens nessa carroça? – vociferou um homem, num vietnamita com sotaque carregado. Parecia quase um local, salvo pela forma como tinha enfiado as calças dentro das botas altas. Alguém lhe devia ter dado um murro no olho, pois tinha-o inchado e negro. Portava uma espingarda, além de uma espada.

– Batatas, senhor. Levo batatas para Hanói. – A voz do meu pai era calma e educada.

– A tua mãe não te ensinou boas maneiras? – gritou o homem do olho negro. – Os vietnamitas têm de se curvar perante nós. Curva-te, curva-te bem!

Côm enlaçou-me com força nos seus braços.

– Não faças nem um som. Ou eles matam-nos. – Tapou-me a boca com a mão.

O meu pai desceu da sua carroça, curvou profundamente o corpo e fez uma vénia aos japoneses.

Os meus olhos dardejaram na direção do segundo grupo de soldados, que estavam a chegar à carroça. Arrastavam várias jovens pelos cabelos. As blusas e as calças das mulheres estavam rasgadas, expondo-lhes os seios pálidos e a parte superior das pernas. Escorria-lhes sangue pelo interior das coxas.

– Mostra-nos o que tens nessa carroça – ordenou o Olho Negro, com um estalar de dedos.

O meu pai ergueu a porta de trás da carroça, retirando a tábua de madeira. O Olho Negro e vários dos seus camaradas inspecionaram o conteúdo da carroça.

– Senhor, estas batatas são para os meus clientes em Hanói.

– Que se danem os teus clientes! – Erguendo a espingarda, o Olho Negro apontou-a ao interior da carroça. Torrentes de balas ensurdecaram-me os ouvidos. Batatas saltaram da carroça como peixes feridos. Os outros soldados atiraram as cabeças para trás, rindo ruidosamente. Senti um sabor a sangue na língua; tinha mordido o lábio.

Levantar e Voltar a Cair

HANÓI, 1973-1975

O s bombardeamentos tinham parado. Surpreendia-me o quanto o céu era azul, mesmo quando chovia.

A avó e eu ajoelhámo-nos no local da nossa casa desmoronada, a empilhar tijolos partidos num par de cestos de bambu. As nossas mãos ficaram da cor do tijolo; tal como as nossas roupas. Ali perto, a cratera de uma bomba estava meio cheia de água da chuva. Fitava-me com o seu único olho turvo.

Pensei no piloto americano. Teria largado esta bomba? Que lhe teria acontecido? Teria uma filha como eu?

Os cestos estavam cheios. A avó agarrou numa vara de bambu, equilibrando-a ao ombro. Baixou-se, enfiando a vara nas grossas cordas que sustentavam os cestos. Retraí-me ao vê-la levantar-se, içando os cestos na sua figura magra, cambaleando em direção à cratera da bomba, com os dedos dos pés descalços espalmados. Alcancei-a e ajudei-a a despejar o conteúdo dos cestos para o olho turvo. A água espirrou.

À nossa volta, homens, mulheres e crianças, de roupas esfarrapadas e rostos fantasmiais, faziam o mesmo, enchendo o olho do inferno com os restos das suas casas.

– *Mẹ Diệu Lan ơi, Hương ơi!* – gritou-nos uma voz.

Os pedaços de tijolo caíram-me das mãos. A minha mãe. Estava de volta.

Levantei-me, cambaleei e desatei a correr. À ténue luz da tarde, a minha mãe empurrava uma bicicleta com algo empoleirado no selim de trás.

– *Mẹ!* – gritei-lhe eu.

Aproximámo-nos. Os meus olhos encontraram o seu rosto, e os meus pés pararam. Era a minha tia Hạnh, não a minha mãe.

A tia Hạnh encostou a sua bicicleta a uma pilha de escombros e correu na

minha direção. Ajoelhou-se, tomando-me nos seus braços. As suas lágrimas escorreram-me pelo rosto.

– Oh, pequena Hương. A tua mamã não voltou?

Abanei a cabeça, enterrando o rosto no peito da minha tia, em busca do calor da minha mãe. A tia Hạnh era a quinta filha da minha avó, oito anos mais nova do que a minha mãe. Vivia longe, na província de Thanh Hóa, na terra natal do marido.

– Hạnh – disse a avó ao chegar, abraçando-nos a ambas.

– Estava louca de preocupação. – A tia Hạnh tocou no rosto, no corpo e nos braços da avó, como que para se assegurar de que não faltava nada.

– Ah, rapariga tola. Não é fácil matar este velho búfalo-da-índia. – A avó riu-se. A sua voz elevou-se, livre. Senti-me sorrir também.

Ajudando a tia Hạnh a empurrar a bicicleta, olhei para o saco castanho no selim de trás. A fome roía-me o estômago, mas não devia esperar que a minha tia nos trouxesse comida. O seu marido, o tio Tuấn, tinha ido para a guerra. Ela dava aulas numa escola primária e trabalhava sozinha no seu arrozal; tudo o que ganhava tinha de ser esticado, pois os seus filhos eram pequenos e os sogros estavam doentes.

– Quanto tempo demoraste a vir de bicicleta até aqui, Hạnh? – perguntou a avó.

– Pouco mais de um dia e uma noite, mamã.

– Não o voltes a fazer, por favor. É longo e perigoso.

– Uma vez, fizeste mais de trezentos quilómetros a pé, lembras-te, mamã?

À medida que nos aproximávamos da cratera da bomba, os nossos vizinhos iam-nos parando, fazendo muitas perguntas à tia Hạnh.

Não ouvi o que diziam, pois deixei-me ficar para trás para estudar a minha tia de costas. Parecia igualzinha à minha mãe, nesse tempo, com o cabelo aveludado a fluir-lhe até à cintura esguia. Oh, como ansiava por voltar a passar os dedos pelos cabelos da minha mãe. Lavávamos sempre o cabelo juntas, à sombra da nossa árvore *bàng*. Esses dias pareciam a um sonho de distância; até a nossa amada árvore era agora apenas uma memória.

– Quem está a tomar conta dos teus filhos, Hạnh? Como estão os pequenos Thanh e Châu? – perguntou a avó, quando ficámos novamente sozinhas.

– Podem perfeitamente tomar conta de si mesmos, mamã. Devias ver como estão altos agora.

Chegámos à pilha de escombros que tinha sido o nosso lar. A tia Hạnh encostou a sua bicicleta ao tronco partido da árvore *bàng*. A avó tinha plantado esta árvore ao construir a casa. A árvore *bàng* tinha decorado a nossa porta da frente todas as primaveras com botões esmeraldinos, todos os verões com frutos ácidos, todos os outonos com folhas vermelho-fogo e todos os invernos com uma teia de ramos esguios. Agora, as suas raízes projetavam-se no ar como um erguer de mãos queimadas.

– Oh, minha árvore. Minha casa – disse a tia Hạnh, acariciando a casca dilacerada.

– *Trong cái rủi có cái may* – respondeu a avó. A sorte esconde-se dentro do azar. – Plantaremos outra árvore e construiremos outra casa.

A tia Hạnh limpou os olhos à manga da sua blusa.

– Onde têm estado a dormir, então?

Apontei na direção da mancha de terra do nosso antigo jardim das traseiras. Os amigos da avó tinham cortado alguns ramos da árvore *bàng*, cravando-os na terra como postes de tenda. Os ramos sustinham agora os cantos de um toldo de plástico que formava o telhado do nosso abrigo. Uma esfarrapada esteira de palha constituía o chão, três tijolos inteiros o nosso fogão, uma lata de estanho a nossa panela. Eu tinha vindo a recolher folhas e galhos secos para servir de combustível.

A tia Hạnh abanou a cabeça. Desenganchou o cordão de borracha que prendia o saco castanho à sua bicicleta.

– Só um pouco de arroz e batata-doce.

Ajudei-a a soltar o embrulho, sentindo água na boca ante a ideia de comida.

– Tens muitas bocas para alimentar, Hạnh – disse a avó. – A Hương e eu temos as nossas senhas de alimentação.

– Mas, mamã, as pessoas dizem que muitos dos armazéns do governo foram destruídos, que não resta muita comida para comprar.

– Bem, tu tens os teus filhos e os teus sogros para alimentar. Não tragas nada da próxima vez.

Lancei um olhar à avó. Todas as manhãs acordava antes do sol, postando-se em longas filas diante dos armazéns do governo. A maioria das vezes, regressava a casa de mãos vazias. Se tivéssemos sorte, voltava com um punhado de mandioca. Raramente a avó nos conseguia obter uma chávena de arroz cru, e, mesmo então, estava muitas vezes cediço e infestado de

insetos.

A avó ajudou a tia Hạnh a levar o saco para o nosso abrigo. Eu adiantei-me a correr, endireitando a esteira de palha. Pousando o saco, a avó pegou numa garrafa de água, estendendo-a à minha tia, que bebeu um longo gole.

Vasculhando o saco, a tia Hạnh piscou-me o olho.

– Olha o que tenho para ti.

Um livro! *Aventuras de um Grilo*, de Tô Hoài.

– Um dos meus favoritos – disse a tia Hạnh, sorrindo.

– É maravilhoso. Ao menos, não é uma obra de propaganda – observou a avó.

Senti-me tentada a começar a ler de súbito, mas a tia Hạnh tirou outro pacote do saco, entregando-mo.

– Bolachas? – arqueei eu, querendo rasgá-lo, mas não me atrevendo. Disse a mim mesma para não mostrar à minha tia que tinha fome.

– O teu tio Tuấn trouxe-as para nós. – A tia Hạnh esticou as pernas. – Bolachas da Rússia, acreditas?

– O Tuấn foi a casa de visita? Como está? – perguntou a avó, enquanto a esperança se dilatava no meu peito. Talvez os meus pais e tios também regressassem em breve para nos ver.

– Magro como um espeto, mas trouxe boas notícias. Disse que estamos a negociar com os americanos para devolver a paz à nossa terra. Mamã... a caminho de cá, ouvi falar nos Acordos de Paz de Paris na transmissão da rádio pública.

– Sim – disse a avó. – É ótimo, mas...

– Mas o quê?

– A guerra só acabará quando todos os nossos entes queridos estiverem em casa.

Desviei o olhar, as saudades dos meus pais e tios, pesadas no meu peito. Algo semelhante a medo agitava-se. Muitos dos meus amigos tinham recebido más notícias dos campos de batalha. Tais notícias atearam mais raiva. Alguns rapazes da minha escola, os que eram demasiado novos para se alistar, tinham cortado as mãos, utilizando o seu sangue para escrever cartas ao exército, oferecendo-se como voluntários para se tornarem soldados. Esperava que a guerra estivesse realmente a acabar, trazendo para casa os meus pais, tios e todos os que conhecia.

– Ah, Goiaba. – A tia Hạnh fez-me cócegas. – Não vais partilhar? –

Olhou para o pacote nas minhas mãos.

Rasguei o invólucro. As bolachas jaziam em filas ordenadas, cada uma gravada com um padrão delicado.

Ofereci-as primeiro à minha tia e à minha avó, comendo depois o mais lentamente que podia, deixando cada dentada dissolver-se na minha língua. Anos depois, quando um amigo me perguntou a que me sabia a comida doce, pensei nessas bolachas e respondi: a felicidade.

Na nossa casa improvisada, a avó e a minha tia pareceram esquecer-se das suas preocupações. Conversaram sobre os velhos tempos, rindo juntas. À nossa volta, fios de fumo erguiam-se dos abrigos dos nossos vizinhos, entrelaçando-se ao brilho vermelho do pôr do Sol. Na viela do bairro, alguns dos meus amigos corriam uns atrás dos outros, o seu riso erguendo-se em espiral acima do fumo. Chamaram-me para me juntar a eles, mas não o fiz. Com a tia Hạnh ao meu lado, era quase como se a minha mãe estivesse de volta.

Nessa noite, dormi entre as duas mulheres, as suas vozes suaves lançando-me à deriva num sonho. Nele, a minha mãe corria para mim, com o meu pai ao lado. Enquanto chamava os seus nomes, a minha mãe baixou-se, tomando-me nos braços. Cheirava tal qual a tia Hạnh. O meu pai abraçou-nos a ambas, rindo, dizendo que nunca mais nos voltaria a perder de vista.

Ao acordar, dei por mim coberta com as roupas da avó. Estava frio; a Lua erguia-se no céu, tremulando sobre a névoa. A avó e a tia Hạnh estavam a limpar os escombros. Trauteavam uma canção. As suas vozes eram como verão no meu rosto.

Todos os dias, a avó instava a tia Hạnh a ir para casa, mas ela ficou e trabalhou. Trabalhou enquanto eu regressava à escola e a avó às suas aulas. Trabalhou até os destroços terem sido removidos e a nossa barraca construída. Graças à bondade daqueles que conhecíamos e dos que não conhecíamos, tínhamos agora um abrigo melhor: chapas de latão ferrugentas sobre varas de bambu. Já não tínhamos de dormir ao relento sob a chuva flagelante do inverno.

Quando se sentiu certa de que a avó e eu íamos ficar bem, a minha tia limpou as lágrimas, saindo com a sua bicicleta para o caminho de terra. Em preparação para a sua viagem, a avó tinha ficado acordada na noite anterior, a cozinhar um pequeno balde de arroz, apertando-o em bolas e polvilhando-o com amendoins esmagados e sal. Não sabia como conseguira a avó arranjar

esses amendoins; eram tão raros e valiosos como o ouro.

Ficámos a ver a tia Hạnh afastar-se na sua bicicleta.

– Tem cuidado, filha – murmurou a avó, só para os seus ouvidos e os meus. Ergueu o rosto para o céu, como se temesse que pudessem largar bombas nas estradas por onde a sua filha ia viajar.

Perdi-me nas *Aventuras de um Grilo*. Desejei poder ser Mèn, o grilo, deixando o seu ninho para se aventurar pelo mundo, ver a vastidão da natureza, conhecer todo o tipo de pessoas, ter um gostinho de independência, armar tropelias e fazer novos amigos. No mundo de Mèn, não havia guerra. Parecia que só os humanos guerreavam uns com os outros, fazendo-se mutuamente sofrer.

Mais de uma semana após a partida da tia Hạnh, ia a caminho de casa depois da escola com a avó, coscuvilhando sobre os meus amigos pelo caminho. Continuava a não me deixar ir a lado nenhum sem ela; ia-me buscar depois das suas aulas.

A viela do nosso bairro estendia-se à nossa frente, cheia de lama empapada, pontilhada por pedaços de tijolo partido. Avançávamos lentamente, pisando as ilhas de tijolo que os nossos pés conseguiam encontrar. A avó segurava-me na mão para o caso de eu escorregar.

– *Bà Diệu Lan*. – Alguém chamava pelo nome da minha avó. Virei-me para ver o nosso vizinho, o Sr. Tập, a acenar-nos. – Vieram cá dois soldados à sua procura – disse ele. – Mande-os para sua casa. Pensava que estava lá.

A avó agradeceu ao homem, apertou-me a mão com mais força e apressou-se a seguir em frente.

Diante de nós, estava um pátio – a nossa zona de lavagem comunitária –, o único local no nosso bairro onde podíamos recolher a água fresca que gotejava de uma torneira viscosa. Miúdos com os seus baldes vazios formavam uma longa fila. Ao aproximarmo-nos, as crianças levantaram-se de um salto. Abandonando os baldes e empurrando-se umas às outras, precipitaram-se na nossa direção.

Són, o rapaz que ganhava a maior parte das nossas corridas, puxou a blusa da avó.

– Avó, os soldados perguntaram por si. Eles...

– Disseram que queriam esperar por si – interrompeu a minha amiga Thủy. Várias vozes zumbiam ao nosso redor como abelhas.

– Esperem. Uma pessoa de cada vez, por favor – pediu a avó. – Agora,

onde estão os soldados?

– Ali. Ali! – Várias mãos apontaram para a barraca da Sra. Như, que ficava em frente à nossa.

Debatia-me com as minhas sandálias de plástico. A Thủy arrastou-me para a frente. A avó ia já adiantada. Escorregou na lama, tentou levantar-se e voltou a cair. Quando cheguei junto dela, dois soldados estavam já a levantá-la. Ajudámos a avó a limpar a lama, mas ela sacudiu-nos as mãos, dizendo-nos que estava bem.

Os soldados erguiam-se, altos e magros, nos seus uniformes verde-escuros. Um deles era mais velho, com rugas profundas em torno dos olhos. O outro era jovem, tão jovem como os rapazes do secundário que tinham acabado de deixar a minha escola para partir para os campos de batalha.

– *Đạ, xin chào* – disse o soldado mais velho, cumprimentando educadamente a minha avó. – Procuramos a família do camarada Nguyễn Hoàng Thuận.

Nguyễn Hoàng Thuận era o quarto filho da minha avó. O meu tio Thuận.

A avó apertou-me a mão, conduzindo os soldados em direção à nossa casa. Os miúdos do bairro seguiram-nos, os seus sussurros a alastrar à nossa volta. O soldado mais velho recordou-lhes os seus deveres de recolha de água. Eles perceberam a deixa e dispersaram.

– Diz-me depois... que notícias trazem – murmurou a Thủy ao meu ouvido, antes de se afastar.

Dentro da nossa barraca, fui buscar uma toalha para a avó e estendi a esteira de palha, perguntando-me se os soldados conheciam os meus pais e os outros tios.

A avó convidou os homens a sentarem-se. Eles curvaram-se em agradecimento, descalçando as sandálias de borracha. Olhei para o calçado, apreciando o segredo da sua robustez: o meu pai tinha-me dito que as sandálias dos soldados eram feitas de pneus descartados.

Sentados de pernas cruzadas na esteira, os homens desataram os seus chapéus, depositando-os no colo. Os chapéus eram da cor dos seus uniformes e tinham uma brilhante estrela dourada na frente. Os meus pais e tios usavam uns iguais quando partiram para sul.

A avó verteu alguma água no balde, colocando-o sobre os três tijolos. Eu acendi uma fogueira.

Ela respirou fundo antes de se voltar de novo para os soldados.

– Espero que não tenham tido de esperar muito tempo.

– Não foi assim tanto tempo, mãe – respondeu um dos soldados. Tratava a avó por «mãe», tal como os meus tios faziam.

Os soldados estavam agora a perguntar o meu nome e o meu ano escolar.

– Chamo-me Hương. Tenho treze anos e ando no sexto ano, tios.

– Ah, és alta para a tua idade – exclamou o soldado mais velho.

O mais novo pousou uma mochila verde-escura. Parecia cheia, e eu esperava que contivesse uma carta do tio Thuận. A avó tinha-me dito que raramente havia serviço postal a partir dos campos de batalha, por isso a nossa melhor hipótese de receber notícias dos meus tios e dos meus pais era quando um dos seus camaradas regressava ao Norte, trazendo-nos uma carta ou depositando-a numa caixa de correio algures.

– Devo estar louca! – De repente, a avó deu uma risada. – Estou a tentar fazer chá, mas não temos folhas de chá. Isto nunca tinha acontecido... – Tremia-lhe a voz de nervosismo, mas eu não sabia porquê.

– Não faz mal, mãe. Acabámos de tomar uma bebida em casa da sua vizinha.

A avó apressou-se a pegar na garrafa de água.

– Lamento, mas só temos uma taça.

Virei-me para o fogão, deitando alguns galhos para a fogueira. Rugiu, projetando minúsculas centelhas para o ar. Não podíamos desperdiçar uma fogueira assim, disse a mim mesma, enfiando a mão no saco da tia Hạnh e Tateando em busca do último punhado de arroz. Seria o suficiente para duas tigelas de papa aguada. Deitei o arroz no balde, vendo-o deslizar através de uma cortina de vapor.

O soldado mais velho pigarreou.

– Mãe, soubemos do bombardeamento, mas não pensávamos que fosse tão mau.

Seguiu-se um silêncio. Juntei água à panela. O fogo banhava-me com o seu calor.

– Mãe, viemos trazer-lhe notícias do seu filho, o camarada Nguyễn Hoàng Thuận.

– Como está o Thuận? Está bem? – perguntou a avó, apertando a bainha da sua blusa com os dedos trémulos.

Em vez de lhe responderem, os dois homens ergueram-se, ajoelhando. O

soldado mais novo abriu a mochila. Com ambas as mãos, tirou um uniforme de soldado enquanto o mais velho erguia várias cartas.

– Mãe... – Estenderam o uniforme e as cartas à avó.

– Não!

– O camarada Nguyễn Hoàng Thuận era corajoso. – Só consegui captar essas poucas palavras. Tudo em meu redor começou a andar à roda, desfocando-se. Arrastei-me em direção à avó. Estava a chorar, sacudindo os ombros.

– Lamentamos, mãe. O camarada Thuận foi emboscado. Lutou corajosamente.

A minha avó pegou no uniforme do meu tio. Enterrou o rosto nas suas roupas.

– *Thuận ơi, ơi con ơi. Con về với mẹ đi con ơi!* – exclamou, gritando o seu nome, pedindo-lhe que voltasse para ela.

Agarrei-me à avó. O meu tio Thuận estava morto. O tio Thuận, que costumava atirar-me ao ar e fazer-me cócegas até eu rebolar a rir. O tio Thuận, que trepara a inúmeras árvores *sấu* para colher os frutos mais maduros para mim, que fazia os mais belos papagaios de papel para eu lançar.

– Mãe, sabemos quão terrivelmente se deve sentir. Mas garantimos-lhe que o seu filho não morreu em vão. Nós, enquanto seus camaradas, erradicaremos o inimigo.

A avó abanou a cabeça, como que não querendo ouvir mais.

– Conheciam... conheciam bem o Thuận?

– Pertencíamos à mesma unidade, mãe. O camarada Thuận era para nós um irmão. Era bondoso com todos.

A avó passou os dedos pelas cartas, percorrendo a caligrafia do filho.

– Há mais uma. – O soldado mais velho estendeu-lhe outra carta. – Para a namorada dele, a menina Thu.

A avó tomou a carta nas mãos. Engoliu em seco.

– O Thuận queria casar-se com ela. Eu já estava a poupar para o seu dia feliz. Para o nosso dia feliz.

– Nós sabemos, mãe. O Thuận disse-nos que mal podia esperar para a ouvir cantar no seu casamento.

– Irei ver a Thu amanhã – disse a avó. – Gostariam... gostariam de comer alguma coisa?

– Obrigado, mas temos de ir. – O homem mais velho sorriu debilmente.
– Estamos aqui para um programa de treino, mãe. O nosso comandante pediu-nos que a viéssemos ver primeiro.

A avó assentiu.

– Mantenham-se seguros... para que possam voltar a ver as vossas famílias.

Os soldados curvaram a cabeça. No exterior, uma forte rajada de vento rasgava o ar, chocando contra o nosso telhado de latão. Na viela do bairro, um rapazinho chamava pela sua mãe, os seus gritos a esmorecer ao longe.

Virei-me de novo para a fogueira. Tinha enfraquecido, deixando para trás galhos meio queimados a consumir-se lentamente. Não conseguia agora ouvir nada, e nada sentia a não ser o aperto cada vez mais forte do inverno.

A avó e eu erigimos um altar ao tio Thuận. Já não tínhamos uma fotografia dele. A sua mochila e as suas roupas jaziam diante da sua taça de incenso. A avó passou três noites acordada a rezar para que a alma do meu tio chegasse ao Céu. Os seus murmúrios, o tangido rítmico do sino de madeira e o fumo do incenso enchiam a nossa choupana.

Ao fim da terceira noite, acordei com a avó diante de nossa casa, a olhar para o céu, com as cartas do tio Thuận nas mãos – cartas que eu tinha aprendido de cor. Bastava-me fechar os olhos para as suas palavras surgirem diante de mim, transportando-me para as selvas de Trường Sơn onde ele viajava sob árvores altas, onde borboletas esvoaçavam e macacos saltavam de ramo em ramo, onde o seu riso se erguia ao pescar peixes nos riachos e apanhar plantas *tàu bay* para comer. Não havia medo, luta nem morte nas suas cartas. Apenas esperança, amor pela vida e saudades de casa. Era apenas um jovem que acreditava ter o futuro pela frente.

Dirigi-me à avó, abraçando-a. O céu estava tão límpido como um espelho, e eu sentia que o tio Thuận estava lá em cima com os meus antepassados, a velar por nós.

Esperávamos que a guerra terminasse, mas continuou. Se a avó estava triste e receosa, nunca mais mo deixou ver. Um dia, após olhar longa e atentamente para o meu corpo magro, para a nossa cozinha fria e para a nossa casa andrajosa, disse-me que queria desistir do seu emprego de professora, pelo qual não recebia quase nada. Inicialmente, pensei que tinha ouvido mal, mas então os seus alunos começaram a aparecer, implorando à

avó que mudasse de ideias.

– Por favor, avó, não desistas! – insisti eu no dia seguinte, quando ela me foi buscar à escola.

– *Shh* – replicou ela, levando um dedo aos lábios e olhando para os professores que se encontravam ali perto.

Em casa, baixou-se para a esteira de palha.

– Agora podemos falar. Mas vamos fazê-lo em voz baixa.

– Não podes deixar de ensinar, avó. Não vês o quanto os teus alunos te adoram?

Ela estendeu a mão para o nosso pente, passando-o pelos meus cabelos.

– Sim, vou ter saudades dos meus alunos. Mas não suporto encher as suas mentes inocentes de propaganda. Não somos apenas professores, somos servos do Partido.

– Mas onde irás trabalhar, avó?

– Podes guardar um segredo? – Encostou a boca ao meu ouvido. – Vou negociar no mercado negro para nos comprar comida e reconstruir a nossa casa. Para poupar para o regresso dos teus pais e tios. E serei livre, não mais serei serva de ninguém.

– Vais tornar-te *con buôn*? Comerciante? Mas isso... isso é mau... – Arregalei os olhos, as palavras do meu professor de ética a ecoarem-me nos ouvidos. – Enquanto país socialista, honramos os trabalhadores e os agricultores. Temos de erradicar a burguesia e os comerciantes da nossa sociedade. São sanguessugas a viver do sangue do povo.

– Ah, parece que também a ti te lavaram o cérebro – disse a avó, resfolegando. – Não há nenhum mal em se ser comerciante, e podes apostar que me vou tornar uma. Na verdade, já troquei os meus brincos de ouro por algumas coisas para vender.

Levei as mãos às suas orelhas e arquejei. O seu único bem valioso, que tinha guardado para o casamento do tio Thuận, desaparecera.

– Trocaste os brincos por quê, avó?

– Vejamos. – Começou a contar pelos dedos. – Sandálias, toalhas, pilhas, sabão, pneus de bicicleta. Os artigos que mais se vendem no mercado negro.

– Mas onde estão? – perguntei eu, olhando para a nossa choupana vazia.

– Em casa de uma amiga. No centro histórico. Seriam confiscados se eu andasse com eles por aí.

– Mas não é ilegal, avó? Ouvi dizer que só nos armazéns do governo é

suposto vender...

– Goiaba – interrompeu-me ela, tomando-me o rosto nas mãos. – Não vou fazer nada de mal, acredita.

Olhei para os olhos da minha avó e vi determinação. Mas iria o seu novo trabalho meter-nos em sarilhos?

– Precisamos de comida – disse-me a avó. – As pessoas precisam destes artigos. Além disso, temos de nos preparar para o futuro, para o regresso dos teus pais e tios. Não podemos viver assim para sempre. – Deu uma palmadinha na nossa cama, a esteira de palha. Parecia miserável, colada ao chão de terra.

– Avó, mas se te acontecer alguma coisa...

– Não me vai acontecer nada. Terei muito, muito cuidado. – Beijou-me os cabelos e em seguida apontou para uma panela pendurada no teto da nossa zona de cozinha. – Adivinha o que eu tenho para nós.

– Arroz? – O meu estômago roncou.

– Melhor. Espera para ver. – Piscou-me o olho. – E também te trouxe um presente, mas não me consigo lembrar de onde o pus.

De um salto, levantei-me e puxei a esteira de palha para trás. Nada. Procurei debaixo das nossas almofadas. Não havia nada debaixo das nossas roupas nem entre as nossas tigelas e pauzinhos.

– Procura melhor – disse a minha avó, rindo.

Finalmente, encontrei o meu presente, embrulhado e escondido sob a pilha de ramos secos que utilizávamos como combustível para cozinhar. Um livro. *Pinóquio – As Aventuras de um Rapazinho de Madeira*. Agachando-me na esteira, abri as páginas, que me transportaram para Itália, onde o escultor Gepeto descobria um pedaço de madeira falante.

Um cheiro delicioso ergueu-se da cozinha. Ergui o olhar. O corpo magro da avó debruçava-se para a fogueira. Sempre me tinha encorajado a ler muito, ao contrário dos pais dos meus amigos, que pressionavam os filhos a decorar manuais. Sempre tinha feito o melhor por mim. Era má neta por duvidar dela.

Dirigi-me a ela, olhando para a panela. Carne de vaca. Fatias finas como papel crepitavam.

– Há algo que não me agrada em me tornar comerciante – disse a minha avó, semicerrando os olhos contra o fumo. – Estarei poucas vezes em casa para tomar conta de ti.

– Sei tomar conta de mim, avó. Lembras-te de como entraste em pânico na outra noite? Não era necessário.

Enquanto a avó se virava para cortar mais cebola, os meus dedos transformaram-se num par de pauzinhos, erguendo várias fatias de carne e levando-as à minha boca. Fiquei com a língua a arder e os olhos a lacrimejar, mas o meu estômago deu vivas.

Limpei rapidamente a boca antes que a avó me apanhasse. Vi-a deitar pedaços de gengibre e cebola à carne, os seus pauzinhos a dançar ao misturá-los.

– Desculpa. – Juntou um borrico de molho de peixe à carne. – Mas tinha ido a casa da Thủy e a mãe dela disse que não te tinha visto.

– Estava a brincar no jardim das traseiras dela, avó. Por favor, para de te preocupar comigo.

– Goiaba, prometi à tua mãe que tomava conta de ti. Não posso deixar que te aconteça...

– Não vês como me tornei grande e forte? – Puxei-a para cima, mostrando-lhe que a altura dos nossos ombros era a mesma. – E, se alguém me tentar raptar, dou-lhe uma tarefa. – Espetei o dedo na barriga da avó. Rápida como um relâmpago, ela saltou para trás, bloqueando a minha mão com a sua.

Apontei um pontapé à sua virilha. Ela ergueu a perna, bloqueando a minha.

– Está bem, está bem. Não me devia ter esquecido de que te ensinei os movimentos do Kick-Poke-Chop – disse a avó, rindo. – Deixa-me acabar de cozinhar, ou vai ficar tudo queimado.

O novo emprego da avó dava-me liberdade. Estava fora a maior parte do dia, e eu não tinha de estar em casa. Depois das aulas, passava a maior parte do meu tempo com a Thủy, a saltar à corda, deitada na sua rede a coscuvilhar, aventurando-me com ela a ir ver diferentes partes de Hanói. Chegámos mesmo a ir a pé até ao rio Vermelho, mergulhando os pés na água, o vento a silvar-nos nos cabelos.

À medida que a avó se ia transformando numa *con buôn* profissional, o centro histórico tornou-se o labirinto das suas operações secretas. Não tinha uma banca nem transportava os artigos consigo. Com um *nón lá* na cabeça para a proteger do sol, rondava junto aos armazéns do governo, em busca de

clientes. As negociações eram feitas em sussurros. Uma vez acordado o preço, a avó levava o seu cliente a outro local, onde o artigo era entregue e o dinheiro pago. Durante todo esse tempo, os envolvidos tinham de se manter vigilantes. Sempre que um polícia ou guarda governamental aparecia, dispersavam e abortavam a venda.

Por essa altura, os aviões americanos tinham desaparecido dos céus de Hanói. A avó tirava o máximo partido da oportunidade trabalhando dia e noite. Círculos negros surgiram-lhe em torno dos olhos. Tinha a pele queimada do sol e bolhas nos pés. Em troca do perigo que enfrentava, trazia para casa comida, roupa e livros para mim. E sempre que estava em casa, cantava.

– Enquanto tiver a minha voz, estarei viva – tinha-me ela dito enquanto me contava como tinha carregado o tio Sánh durante a viagem de trezentos quilómetros a pé até Hanói. O meu tio era então um bebé. Agora era um soldado. Onde estaria ele a combater, e estaria a sobreviver? Estariam os meus pais a sobreviver?

– Avó – perguntei-lhe numa noite. – Porque não vem a tia Hoa visitar-nos há já algum tempo? – A tia Hoa era a mulher do tio Sánh e vivia num apartamento perto da Ópera de Hanói. Os seus pais eram altos funcionários do Partido Comunista.

– Acho que não a veremos por ainda mais algum tempo. – A avó estava a comer o seu jantar após um longo dia de trabalho. Era quase meia-noite. Com os seus pauzinhos, pegou num pouco de espinafres de água, mergulhou-os em molho de peixe e enfiou-os na boca.

– Como assim? Não é suposto tomar conta de ti quando o tio Sánh está fora, avó?

– Pertence a uma classe diferente. Uma classe superior. Por isso, suponho que não esteja vinculada por nenhuma regra. – A avó encolheu os ombros enquanto os seus pauzinhos transportavam um par de pequenos camarões que eu tinha cozinhado com sumarentas carambolas.

Fez estalar os lábios depois de mastigar.

– Delicioso, estás a tornar-te uma cozinheira de mão-cheia.

– Avó – insisti eu. – Sei que a tia Hoa ocupa uma posição importante no Partido, mas continuamos a ser da família, certo?

– Certo, mas isso não quer dizer que nos possa mostrar compaixão. Os rumores espalham-se depressa hoje em dia, e ela sabe que ando a negociar.

Estou certa de que não nos visitará durante algum tempo. As pessoas podem ter problemas se forem apanhadas a interagir comigo.

– É por isso que os nossos vizinhos já não nos visitam, com exceção da Sra. Nhân. Não me importo, mas no que toca à tia...

– Não tem importância, Goiaba. Nada importa quando te tenho a ti.

Alguns dias depois, fui à choupana da Thủy para lhe levar um pequeno prato de *bánh cuốn* que a avó e eu tínhamos preparado juntas. Esses crepes – finas camadas de farinha de arroz cozida a vapor enroladas em torno de carne de porco picada e cogumelos finamente cortados – eram os seus favoritos.

– Não está cá – disse a mãe dela, antes que eu pudesse entrar.

– Tenho algo para ela, tia. – Ergui os *bánh cuốn*.

– Já comemos. – Virou-me costas, deixando-me desolada no seu pátio. Tentei pensar nas razões da sua grosseria. Talvez me tivesse esquecido de lhe fazer uma vénia de saudação da última vez que a vi?

No dia seguinte, na escola, a Thủy evitou-me.

– O que se passa? – perguntei-lhe eu, ao alcançá-la no caminho para casa.

Ela continuou a andar.

Bloqueei-lhe o caminho.

– Fiz algo de errado?

Ela tentou contornar-me, mas eu agarrei-lhe no braço.

– Guardei alguns *bánh cuốn* para ti...

– Não quero a tua comida – disse ela, afastando-se de mim. – Por favor, devias deixar de me visitar.

– São os teus pais, não são? Não querem que sejamos amigas por causa do trabalho da minha avó...

Ela baixou a cabeça. Quando ergueu o olhar, um provérbio jorrou-lhe da boca.

– *Cá không ăn muối cá ươn, con cãi cha mẹ trăm đường con hư.* – O peixe que não absorve o sal estraga-se; os filhos que desafiam os pais arruinam-se de centenas de formas.

Enquanto partia, perguntei-me se esperava que eu desafiasse a minha avó para merecer a sua amizade.

Nessa noite, planeava tentar convencer a avó a deixar de comerciar, mas vi-a chegar a casa com um sorriso do tamanho de um rio.

– Um livro da América – disse-me ela, abrindo um embrulho e revelando mais de cem páginas de texto, todas manuscritas. – Custou uma fortuna, mas pensei que talvez gostasses de o ler. O romance chama-se *Uma Casa na Grande Floresta* e é muito famoso na América.

– Porque haveria eu de ler algo do país que nos bombardeou? – Olhei na direção da casa da Thùy, esperando que ela mudasse de ideias.

– Sabes... nem todos os americanos são maus. Muitos têm vindo a manifestar-se contra a guerra. – A avó pegou na primeira página, lendo-a em voz alta. O livro começava com um «Era uma vez», tal como um conto de fadas, e transportou-me imediatamente para o misterioso mundo de uma rapariga americana chamada Laura e para a sua casa feita de troncos, rodeada de grandes florestas negras onde viviam lobos, ursos e veados.

– Quem traduziu este livro, avó? – Passei os dedos pelas páginas, tocando o caminho que me levaria a um país do qual pouco sabia, ainda que as suas ações estivessem a mudar toda a minha vida.

– Um professor. Foi enviado à Rússia para estudar Literatura Americana, para entender a mente do povo americano, para nos ajudar a derrotar o seu exército. Treinou o seu inglês traduzindo este livro.

– Esta é a caligrafia dele?

– A sua família copiou-o à mão, para vender...

Uma Casa na Grande Floresta ajudou-me a esquecer a Thùy e permitiu-me fazer amizade com a Laura, com quem me sentava a ouvir a música e as histórias do seu pai. Tal como o meu, o seu pai era divertido e gostava de trabalhar com as mãos. Tal como a minha, a sua mãe era atenciosa e adorava cozinhar.

Adorava Laura, mas também a invejava. Enquanto o meu mundo estava cheio de saudades, o dela estava cheio da presença dos seus pais, das suas irmãs, Mary e Carrie, e também do seu cão, *Jack*. Mas, tal como eu, Laura tinha as suas angústias. Temia pelo pai quando este atravessava a floresta negra, ia à cidade vender peles e não regressava durante uma noite inteira. Sentia pavor pela mãe ao cruzarem-se com um urso, que as podia ter matado a ambas.

Tinha ouvido rumores de que o povo americano gostava de dominar outras raças, que não tinha sentimentos como nós, mas agora sabia que amavam as suas famílias e que também tinham de trabalhar arduamente para

ganhar o seu sustento. Gostavam de dançar, de música e de contar histórias, tal como nós.

Em finais de março de 1973, chegaram a Hanói notícias da retirada das tropas americanas de Sài Gòn. Durante as aulas, os meus professores mostraram fotografias de altos homens estrangeiros a entrar nos seus aviões. Batemos palmas, entoando cânticos de vitória. Parecia que a guerra ia acabar de vez, agora que tínhamos vencido os invasores americanos.

Em casa, porém, a avó não estava tão empolgada. Sabia, pelas informações que circulavam no centro histórico, que continuavam a existir combates. Com os americanos fora, a guerra era agora entre os próprios vietnamitas, Norte contra Sul.

Sempre que via um soldado de visita ao nosso bairro, ficava petrificada. Tentava concentrar-me nos meus estudos, ler os meus livros e rezar.

E mantinha-me perto da avó. Depois do jantar e dos trabalhos de casa, dormia uma pequena sesta e acordava quando ela chegava a casa. Enquanto se lavava e comia, estava mesmo ao seu lado, a falar-lhe da escola e a ouvir sobre os seus dias. Nos armazéns do governo, dizia-me ela, não havia comida suficiente. Era frequente eclodirem discussões enquanto as pessoas lutavam por um lugar nas longas filas. Eram cada vez mais as pessoas que se levantavam a meio da noite para ir para a fila e depois vendiam o seu lugar a outros. As pessoas tinham de oferecer subornos para receber uma peça de carne melhor ou um pouco de arroz sem a generosa adição de larvas. Todos à nossa volta faziam o que podiam para sobreviver, para viver.

A avó e eu poupávamos o máximo que podíamos. Todas as noites, ajudava-a a contar as moedas e notas amarfanhadas que trazia para casa. Estavam todas negras com o suor do seu trabalho.

Um dia, ao início da noite, a avó chegou a casa com uma bicicleta. Passando as mãos pelo guiador ferrugento, ri-me. No meu bairro, apenas o Sr. Lượng tinha uma bicicleta, e ele era funcionário do Partido. Esperava que a avó me deixasse usar a bicicleta de vez em quando; A Thủy desfaleceria de inveja. Continuava a não falar comigo, e eu tentava não olhar na sua direção. Os meus amigos eram agora Laura, a rapariga americana, Pinóquio, o rapaz de madeira, e Mèn, o grilo.

A avó mostrou-me um certificado emitido pelo Departamento de Segurança Pública de Hanói que dizia que ela era a legítima proprietária da

bicicleta. Do quadro da bicicleta, pendia uma matrícula em metal que dizia 3R-3953. Abraçámo-nos, aos saltos. Para celebrar, a avó tirou a noite de folga e levou-me à rua da Seda. A Lua, redonda e brilhante, seguiu-nos. Rejubilámos ante a visão da casa de madeira com cinco secções. Ao luar, parecia antiga e onírica – as portas de madeira contendo extraordinárias esculturas de flores e aves, os dragões e fénixes de cerâmica que se erguiam das pontas curvas do telhado. Teria a casa dos meus antepassados sobrevivido também aos bombardeamentos? Quando poderia eu ir lá e tocar nos resquícios da infância da minha avó?

Agora, a avó podia movimentar-se mais depressa e servir mais clientes. Expandiu o seu negócio para a venda de casacos de inverno, impermeáveis e rádios. Alguns destes eram até importados da China e da Rússia.

O seu trabalho de comerciante ajudava a avó a ter notícias da guerra. Disse-me que o Exército do Norte estava a avançar mais para sul e a vencer batalhas. Ainda assim, temia que os meus pais nunca voltassem para casa. Não tínhamos tido notícias deles ou sobre eles. Dos tios que me restavam, só o tio Đạt tinha conseguido enviar uma carta, a dizer como tinha saudades nossas. Estava bem e a caminho de Sài Gòn. Perguntei-me quão difícil seria para a menina Nhung, a sua namorada. Estava com o meu tio desde o secundário e trabalhava como contabilista. Era das poucas pessoas que não se importavam com o facto de a avó ser comerciante. A menina Nhung visitava-nos com frequência e, quando a avó não estava em casa, ensinava-me a andar na sua bicicleta. Esperava que o tio Đạt voltasse em breve e se casasse com ela.

Passaram meses. Fiz catorze anos. A avó fartava-se de trabalhar. Certa noite, puxou-me para si.

– Acho que temos o suficiente para construir uma casa de tijolo muito simples.

Os meus olhos arregalaram-se. Por essa altura, a nossa barraca mal conseguia resistir a um vento forte. As folhas de latão tornavam-se aquecedores escaldantes durante os dias quentes e deixavam entrar água sempre que chovia.

– Talvez tenha de pedir emprestado, mas conseguiremos pagar – disse a avó. – Vamos planear três quartos.

– Aqui? – Olhei para a nossa pequena choupana.

– Expandimos para o jardim das traseiras. Precisamos de um quarto para

os teus pais, de outro para o Đạt e para a Nhung e de outro para ti e para mim, sabes? – Sorriu-me. – Queres desenhar uma planta para a nossa casa? Só uma coisa simples. De que achas que precisamos?

– De um abrigo antiaéreo!

– Oh, sim, é muito importante. Fazemo-lo à entrada do nosso quarto?

– Mas precisamos de três, avó.

– Ah, para os três quartos. Que pensadora que tu és. E que tal uma sala de jantar e de estar onde possamos comer e conversar?

– E uma cozinha e uma casa de banho?

– E o melhor canto, um espaço luminoso e arejado, para a tua escrivaninha?

– Isso pode ser junto à janela do nosso quarto.

Foi assim que fizemos o plano para a nossa casa. Desenhei-o, e todas as noites eu e a avó o aperfeiçoávamos juntas. Certificámo-nos de que as janelas eram altas, para evitar olhares espiões. Uma vez concluído o nosso desenho, a avó levou-o ao centro histórico, onde um arquiteto desenhou uma planta mais complexa com base na nossa. Acrescentou pormenores para a instalação elétrica e a canalização, apesar de raras vezes termos eletricidade e de a água não poder chegar a nossa casa.

Mal podia esperar que fosse construída. A Thủy ainda vivia na sua choupana, de certeza que nos iria querer fazer uma visita.

Algumas semanas depois, a avó regressou do trabalho a sorrir.

– Encontrei uma equipa de trabalhadores da construção. Consegui as licenças para comprar cimento e tijolos.

– Precisamos de licenças, avó?

– Sem elas, o material seria confiscado a caminho de cá. – Encostou a boca ao meu ouvido, o seu hálito a fazer-me cócegas. – Temos de construir muito depressa. Os vizinhos ficarão muito curiosos. Se alguém te perguntar alguma coisa, diz-lhe que venha ter comigo.

Assenti.

– Fui à Unidade do Comité do Povo para obter a autorização para reconstruir. – A avó mostrou-me um documento com um selo vermelho-vivo. – Tive de implorar por ela. Queriam saber de onde veio o dinheiro. Enquanto me interrogavam, apareceu o Trường, o antigo colega de escola do Thuận. O Trường disse aos seus camaradas para me deixarem em paz. Disse que eu tinha enviado os meus quatro filhos para a guerra para proteger este

país dos invasores americanos e que me devia ser permitido reconstruir a minha casa.

Olhei para o altar do tio Thuận. Talvez o seu espírito nos tivesse abençoado.

– O Trương foi prestável – suspirou a avó. – Mas devia ter-lhe dito que estava enganado.

– Enganado? Como assim, avó?

– Não enviei os teus tios e a tua mãe para a guerra, Goiaba. Quase os perdi quando eram pequenos. Não os queria perder de vista. Nunca!

Apertei as mãos da minha avó. Olhámos para o nosso bairro, onde as choupanas repousavam silenciosamente no escuro.

– Há um obstáculo que temos de ultrapassar. Disse-me o Trương em privado que, para aplacar a inveja dos que nos rodeiam, devíamos fazer algo pela vizinhança.

– Oferecer-lhes comida?

– Bem pensado, Goiaba. Mas gostaria que a nossa ajuda durasse um pouco mais. O que achas de mandarmos abrir um poço e instalar uma bomba onde está a torneira da água?

Levantei-me de um salto, entusiasmada com a ideia.

– A fila para a água tem sido ridícula. Aposto que os nossos vizinhos ficarão exultantes.

– Não apostes ainda. Vou ter de os convencer.

Várias semanas depois, a avó chegou cedo a casa e jantou à pressa. Bati palmas quando ela disse que a podia acompanhar à reunião semanal de cidadãos.

O Gabinete do Comité do Povo costumava estar instalado numa encantadora vivenda ao estilo francês, com varandas espaçosas e grandes janelas de madeira. Arrasado pelas bombas, era agora uma caixa de cimento e tijolos.

– Reconstruído ao estilo soviético – disse-me a avó.

Os meus vizinhos entraram na abafada sala de reuniões e sentaram-se em filas de cadeiras. Olhei para a minha avó e a sua calma apaziguou as borboletas no meu estômago. Parecia graciosa, apesar da pele queimada pelo sol e da sua figura ossuda. O seu rosto brilhava de confiança. Os seus longos cabelos estavam enrolados e apanhados junto à nuca, revelando as suas

cicatrizes.

– Obrigado por terem vindo. – O Sr. Phong, diretor da Unidade do Comité do Povo, pigarreou, e a multidão calou-se. – Temos muitos pontos para discutir esta noite, mas primeiro uma das nossas vizinhas tem uma proposta.

Ergueram-se murmúrios enquanto a minha avó se chegava à frente.

– Gostaria de agradecer a todos pela vossa bondade ao longo dos últimos anos – disse ela, olhando em redor da sala. – Quando eu e os meus filhos viemos para cá, éramos campónios e fomos recebidos de braços abertos. Ajudaram a fazer deste bairro a nossa casa.

Os nossos vizinhos pararam de falar. Pude aperceber-me de que as palavras sinceras da avó os atraíam.

– Como sabem – continuou a avó –, o nosso abastecimento comunal de água tem vindo a dar-nos problemas. Todos os dias passamos horas à espera na fila e não há água que chegue. Tenho estado a pensar numa fonte alternativa, por isso, pedi a um técnico para visitar o nosso bairro. Recolheu amostras da nossa água subterrânea, sobretudo sob a zona de lavagem comunitária. – A avó distribuiu uma pilha de papéis. – Nas vossas mãos, estão os resultados das análises à água. Se extraída a mais de cinquenta metros do nível do solo, a água é boa, segura para usar.

Parou para dar tempo aos seus ouvintes de perscrutarem os papéis. As pessoas começaram novamente a sussurrar, mas desta vez acenavam com as cabeças.

– Com estes resultados – prosseguiu a avó –, gostaria de fazer uma proposta. Em vez de dependermos do abastecimento público de água, devíamos ter um sistema para extrair água subterrânea para nós. Um poço e uma bomba manual fariam o trabalho.

– Soa muito bem, mas custa muito dinheiro – disse um dos vizinhos, em voz alta.

– Não temos que chegue para comer, como o podemos pagar? – perguntou outro.

A avó ergueu a mão.

– Como sinal da minha gratidão a esta comunidade, gostaria de pagar todos os custos envolvidos.

Vozes alastraram a toda a nossa volta. De início, os olhos das pessoas pareceram iluminar-se, mas, à medida que falavam entre si, os seus olhares

ensombraram-se. Começaram a abanar as cabeças.

– Não podemos aceitar dinheiro de uma *com buôn*! – O Sr. Tân, um vizinho idoso, levantou-se de um salto. – A burguesia e os comerciantes são sanguessugas que sugam a vida da nossa economia.

– O dinheiro dela é sujo. – A Sra. Quỳnh, uma mulher de meia-idade, apontou o dedo ao rosto da avó.

– Pode dar-se ao luxo de deitar o seu dinheiro fora, dinheiro que ganha sem fazer nenhum verdadeiro trabalho – disse mais alguém.

Vi-me no escárnio raivoso dirigido à minha avó. Também eu tivera sentimentos fortes acerca do seu trabalho, só para ter os olhos abertos pelo seu empreendedorismo, trabalho árduo e determinação.

Tinha de ser Mèn, o grilo, que era corajoso e defendia as suas próprias crenças. Dei por mim de pé.

– Por favor, posso falar? O meu nome é Hương. Sou a neta da avó Diệu Lan. Os meus pais partiram para os campos de batalha, e a avó toma conta de mim. Vivo com ela e estou ciente do que faz. – Olhei para a avó e sorri. – A avó Diệu Lan trabalha mais arduamente do que qualquer outra pessoa que eu conheço. Raramente dorme. Olhem só para as bolhas nos seus pés, e elas dir-vos-ão que não explora ninguém. Cada cêntimo que quer doar a este bairro foi dinheiro arduamente ganho.

Uma lágrima escorreu pelo rosto da avó. O silêncio envolveu a sala.

– As crianças não mentem – disse a Sra. Nhân, levantando-se. Era a única entre os presentes que se tinha mantido amigável connosco. – Não pensem na propaganda, por favor. Pensem nos benefícios que isto traria às vossas próprias famílias. Terão mais tempo para relaxar. Os vossos filhos terão mais tempo para brincar. A água será muito mais segura. Acabar-se-ão as filas desde as quatro da madrugada. As discussões sobre quem levou um balde mais cheio.

As pessoas começaram outra vez a murmurar.

– Está bem, está bem. – O Sr. Phong ergueu as mãos para silenciar a multidão. – Vamos fazer uma votação secreta. Há papel, canetas e uma caixa naquela mesa além. Escrevam a vossa vontade, sim ou não à oferta da Sra. Diệu Lan, e depositem-na na caixa. A decisão da maioria será a decisão final.

Enquanto os vizinhos se dirigiam à mesa, a avó procurou-me.

– Suponho que, a partir de hoje, devia deixar de te chamar Goiaba. És agora uma jovem mulher, Hương.

Sorri.

– Adoro o meu nome de bebé, mas sim, Hương seria simpático.

Apertei os ombros da avó enquanto o Sr. Phong lia o resultado em voz alta.

– Das quarenta e uma pessoas aqui presentes esta noite... trinta e seis aceitaram a proposta da Sra. Diệu Lan. – Virou-se para a minha avó. – Em nome do nosso bairro, obrigado.

Alguns dias depois, um grupo de homens construiu um poço e instalou uma bomba manual. Até crianças pequenas a podiam usar para encher os seus baldes. Em vez de aguardarem a sua vez para recolher água da torneira viscosa, os miúdos lavavam-se agora diante das suas casas, atirando arco-íris de água uns aos outros, rindo.

Materiais de construção começaram a encher a nossa choupana. A Sra. Nhân passou por lá uma noite, já tarde, levando consigo um livro de astrologia. Sentou-se com a avó junto à lâmpada a óleo, perscrutando mapas de aspeto complicado, comparando-os com os nossos aniversários.

– O dia do Touro à hora do Dragão é um início auspicioso – disse a Sra. Nhân, e a avó assentiu.

A avó ficou em casa para supervisionar a construção. Todos os dias, ao regressar da escola, tinha de abrir caminho por entre uma multidão de mirões curiosos para poder entrar.

Os trabalhadores e a avó trabalharam dia e noite. Mais de dois meses depois, a nossa nova casa erguia-se, brilhando ao sol. A avó só se podia dar ao luxo de construir um andar, mas todas as divisões que tínhamos planeado estavam lá, da forma como as tínhamos mapeado.

A avó sorriu enquanto eu corria de divisão em divisão. Havia tanta luz. Adorava o meu canto de escrita, os quartos e a sala de jantar e de estar que abria para a cozinha. Adorava a porta da entrada, com os seus painéis de madeira maciça e as janelas que me deixavam ver um pedaço de céu.

Continuei a partilhar a cama com a minha avó, deixando os outros quartos vazios. Eram para os meus pais e para os meus tios, quando regressassem.

A avó trouxe para casa uma jovem árvore *bàng*. Plantámo-la no nosso minúsculo pátio da frente, no mesmo local onde antes se erguia a velha árvore. Todos os dias eu a regava e via crescer. Mal podia esperar que a minha

mãe regressasse, para a árvore nos fazer sombra enquanto lavávamos o cabelo.

Uma vez que tínhamos agora um teto seguro sobre as nossas cabeças, uma vez por semana, a avó voltava do mercado logo a seguir ao pôr do Sol. Passávamos todo o início da noite a praticar meditação e os movimentos velozes da autodefesa Kick-Poke-Chop.

– Acalma a tua mente e desenvolve a tua força interior – dizia-me ela.

A avó continuou a trabalhar arduamente. A pouco e pouco, e em segredo, foi trazendo para casa peças de mobiliário: a minha escrivaninha e a minha cadeira, uma estante, um *phần* de madeira para a sala de estar, três camas de bambu e um conjunto de jantar. Eram peças velhas e instáveis, mas estimávamo-las. Mantínhamos a estante junto ao meu canto de estudo e enchemo-la de histórias que me transportavam para locais longínquos.

– Queres um trabalho, Hương? – perguntou a minha avó uma noite, nesse verão, enquanto desenrolávamos a nossa esteira de palha sob a árvore *bàng*. Estava demasiado calor para ficarmos dentro de casa. Os vizinhos também estavam na viela, leques de papel a abanar nas suas mãos.

Não respondi, temendo que ela me fosse pedir para me tornar comerciante.

A avó abanou o seu leque de papel.

– Uma amiga minha está a ganhar bom dinheiro a criar galinhas e porcos. Tudo no seu pequeno apartamento. Temos mais espaço do que ela.

– Porcos e galinhas? Aqui?

– Porque não? Podemos pôr as galinhas na casa de banho e os porcos debaixo do *phần*. Resultará, acredita. As minhas experiências como agricultora dar-nos-ão jeito.

Para nos preparar para a chegada dos animais, a avó mandou abrir outra janela no alto da parede da nossa casa de banho, para deixar entrar luz e ar. Mandou fazer uma plataforma de bambu com várias camadas.

– Para as galinhas dormirem e porem os ovos – explicou.

Fui com a avó escolher dez pintainhos acabados de nascer, que foram todo o caminho até nossa casa a piar na sua jaula de bambu. Os leitões foram-nos entregues durante a noite. Mal os vi, vieram-me à mente os seus nomes. O porquinho branco com manchas negras espalhadas era o *Pintas Pretas*, e o porquinho preto com o focinho giro era o *Nariz Rosa*. Enquanto as galinhas estavam confinadas à casa de banho, deixávamos os porquinhos

vaguear pela nossa sala de jantar e de estar.

Agora, já não me importava que a Thủy tivesse deixado de me falar. Os animais tornaram-se os meus mais fiéis amigos. Os pintainhos cantavam para mim quando eu lhes pegava, os alimentava e lhes limpava a baia. O *Pintas Pretas* e o *Nariz Rosa* esfregavam as suas bocas molhadas contra os meus pés e adormeciam nos meus braços.

Ainda assim, tinha muitas saudades dos meus pais. Durante os anos em que estive ausente, todos os dias imaginava voltar a ver a minha mãe. Imaginava-me a desaparecer no seu abraço, no rio dos seus cabelos, nos seus seios suaves. Imaginava as nossas vozes a erguerem-se como papagaios sob a sombra da nossa nova árvore *bàng*.

Tinha saudades de como a voz da minha mãe enchia a nossa casa com o seu canto, de quão graciosamente dançava, de como me guiava pela ponta dos dedos, fazendo-me rodopiar de tal modo em seu redor, que a minha saía esvoaçava. Sempre que me sentia triste, dizia a mim mesma para ser forte, como a minha mãe. Ela nunca chorava nem mostrava medo. Uma vez, encontrámos uma cobra debaixo da nossa cama, e, enquanto eu estava ali aos gritos, ela baixou-se e apanhou-a pela ponta da cauda, atirando-a pela janela aberta.

No início de 1975, espalharam-se rumores de que a guerra estava realmente a acabar, e eu imaginei a minha mãe a voar comigo pelas ruas de Hanói, montada na bicicleta da minha avó. Gritaríamos a plenos pulmões enquanto a bicicleta nos levava velozmente rumo a um verão brilhante, às rubras flores *phượng*, às pétalas púrpura dos *bàng lẵng* que floresciam sobre passeios perfurados por abrigos antiaéreos. Pararíamos no lago da Espada Restituída, deleitando-nos com a delirante frescura do gelado Tràng Tiễn.

Nos meus sonhos, a minha mãe regressava sempre com o meu pai. Era alto e bonito. Às vezes, corria para mim sobre os dois pés; outras, debatia-se com uma única perna, apoiando-se numa muleta. Às vezes, abraçava-me com os seus dois braços fortes, enquanto outras não tinha de todo braços, apenas dois cotos de carne macia a sobressair-lhe dos ombros. Mas ria-se sempre ao chamar o meu nome:

– Aqui está a Hương, a minha filha.

Em finais de março de 1975, a nossa cidade foi atingida por uma tempestade fora de época. Os céus despejaram balde após balde de água

sobre as nossas cabeças, transformando a viela do nosso bairro num rio sinuoso e escuro.

A avó e eu estávamos sentadas no nosso *phân*, a contar o dinheiro que ela tinha recebido nesse dia. Ruídos estranhos fizeram-nos virar na direção da porta, ruídos diferentes do estridor do vento e da chuva.

– O que é aquilo, avó? – perguntei eu.

Os estranhos ruídos voltaram a ecoar. Tenuemente, ouvi uma voz humana. A avó largou o dinheiro, precipitando-se para a frente.

Também eu saltei. Os meus dedos dos pés atingiram o focinho do *Pintas Pretas*, que guinchou.

– Já vou. – A avó abriu a porta. À luz ténue da nossa lâmpada a óleo, erguia-se uma sombra magra, o cabelo uma confusão emaranhada, as roupas pedaços pendentes de farrapos.

O vento entrou de rompante, apagando a luz da nossa lâmpada.

– *Bà ơi*. – Chamei pela avó. A sombra devia ser um fantasma cujo túmulo tinha sido desenterrado pela tempestade. Os fantasmas das histórias que tinha andado a ler estavam famintos; sugavam as almas das pessoas para encher o estômago.

A avó estava a dizer qualquer coisa. O vento uivava mais alto, os fantasmas a gargalhar. Agarrei-me ao *phân*, o meu corpo rígido como um tronco de árvore. Abri a boca para dizer à avó que voltasse, mas as palavras ficaram-me presas na garganta.

Ouvi a porta fechar-se, gemidos, passos.

– *Hương* – chamou a minha avó. – A tua mãe voltou. Dá-nos alguma luz.

A minha mãe? Poderia ser verdade? Tateei no escuro, procurando a caixa de fósforos. Acendi um e uma chama brotou, tremulou e morreu. Tentei outro. Não se acendeu. Da terceira vez, raspei três fósforos contra a lateral da caixa. Segurando a chama, virei-me.

Uma mulher erguia-se, de cabeça encostada ao ombro da avó. Tinha os olhos fechados. O rosto estava vermelho e inchado, o cabelo colado ao crânio.

– *Hương*, a tua mãe voltou para casa. Ela está em casa! – soluçou a avó.

A chama mordida-me os dedos. Deixei cair os fósforos ao chão. Não sentia dor nenhuma, pois tinha visto a profunda angústia no rosto da mulher. No rosto da minha mãe.

– *Mẹ.* – Debatí-me contra as trevas, correndo para ela. Sentia a face quente contra o seu peito. As minhas mãos agarravam-se à sua figura ossuda.
– *Mẹ, mẹ ơi.*

Os dedos da minha mãe tremiam ao passar-me pelo nariz, pela boca, pelos olhos.

– *Hương.* Oh, minha querida. *Hương...*

As lágrimas que tinha enterrado dentro de mim explodiram. Chorei pelos anos que tínhamos passado separadas, pela morte do tio Thuận, pela morte dos meus colegas, por mim mesma e pelo facto de já não ter verdadeiros amigos.

A avó voltou a acender a lâmpada. Empurrou o dinheiro que estava em cima do *phần* para o lado. Eu ajudei a minha mãe a deitar-se, secando-a com uma toalha. Tremia sob as minhas mãos.

Enquanto a avó ia buscar uma muda de roupa para a minha mãe, eu beijei-lhe a testa. Uma febre fazia-lhe arder a pele. Gemeu.

– Vais ficar melhor em breve, agora que estás connosco, mamã. – Passei-lhe a toalha ao longo das pernas, limpando a lama, vendo os grandes hematomas gravados na sua pele. – Como chegaste a casa, mamã? Onde estiveste? – Queria perguntar pelo meu pai, mas temia a resposta.

– *Hương.* – A minha mãe abriu os olhos. – O teu papá... Ele voltou?

O meu coração parou de bater. A lâmpada parou de tremular.

– Não o encontraste, mamã? Não o viste?

Uma lágrima correu do olho da minha mãe. Enquanto abanava a cabeça, eu levantei-me. Dirigi-me ao quarto que a avó tinha reservado para os meus pais, encostando o rosto à sua porta. A minha mãe tinha-me levado a crer que podia encontrar o meu pai e trazê-lo de volta para mim. E eu acreditara que ela podia fazer tudo o que quisesse.

– Lamento, *Hương.* – A sua voz mal passava de um sussurro.

A porta era dura e fria contra a minha testa. Queria abri-la à força.

– Agora que a guerra está a acabar, o Hoàng voltará a qualquer momento. Voltará – disse a voz da minha avó.

– Receberam alguma carta dele? – perguntou a minha mãe.

– Ainda não, filha. Talvez não tenha encontrado forma de a enviar.

– E quanto aos meus irmãos, mamã?

– De certeza que estão bem e que voltarão para casa em breve. – Virei-me para ver a avó a sentar a minha mãe, dando-lhe um copo de água. Ergui o

olhar na direção do altar do tio Thuận, sentindo-me grata pela escuridão: tinha escondido a verdade à minha mãe, por enquanto.

Enquanto ajudava a avó a mudar a roupa à minha mãe, olhei para as suas costelas salientes. Os hematomas não estavam apenas nas suas pernas, marcavam presença nas suas costas, peito e coxas. O que lhe teria acontecido?

A avó foi buscar uma toalha e um balde de água quente. Enquanto eu lhe limpava o rosto e as mãos, a minha mãe deixou-se ficar deitada, de olhos bem fechados, o corpo a tremer. Virei-lhe costas. Não queria olhá-la nem sentir pena dela. Para onde tinha ido a minha mãe forte e decidida? Não perguntou pela avó nem por mim, como estávamos e como tínhamos sobrevivido aos bombardeamentos.

– Deixa-a descansar – sussurrou a avó, puxando um cobertor para o peito da minha mãe. Enquanto ela começava a cozinhar, eu saí para junto da nossa jovem árvore *bàng*. A chuva tinha morrido na terra. Uma meia-lua pendia do céu. Fechei os olhos e vi-me em criança, com a minha mãe a pentear-me o cabelo, o seu canto como vento nos meus ouvidos.

A avó saiu. Abraçou-me, os seus braços sólidos como raízes de árvores, sustentando-me.

– Lamento que a tua mamã não esteja bem, Hương. Temos de ser os pilares para ela se apoiar.

– Costumava ser ela o meu pilar, avó.

– Eu sei, mas agora és uma mulher forte... Ela precisa de ti.

Olhei para a Lua e tentei deixar que a sua luz suave me acalmasse. Talvez fosse errado da minha parte sentir-me dececionada com a minha mãe. Ao menos, tinha tentado encontrar o meu pai e trazê-lo de volta. A avó tinha dito que era uma missão impossível.

– Não lhe digas ainda do teu tio Thuận – disse a avó. – Esta noite, quando ela estiver a dormir, levarei os pertences do Thuận para o nosso quarto.

Assenti e enterrei o rosto nos cabelos da avó. Anos depois, ao recordar as viagens da minha vida, viria a compreender o medo que a avó devia ter carregado, sem saber o que aconteceria aos filhos no dia seguinte. Mas tinha de parecer forte, pois só aqueles que enfrentavam batalhas tinham direito ao trauma.

Nessa noite, depois de a avó lhe ter dado a comer uma tigela de *phở*, fiquei

de guarda à minha mãe. Pensava que, se a vigiasse com suficiente atenção, ela não voltaria a desaparecer. Acreditava que, se lhe dissesse o quanto tinha sentido falta de si, ela voltaria uma vez mais a ser a mãe que eu conhecia.

Mas, enquanto rapariga de quinze anos, não podia imaginar como a guerra tinha sugado a minha mãe para o seu estômago, dissolvendo-a em algo diferente antes de a voltar a cuspir. Não conseguia entender como podia ela gritar tão alto durante o sono, sobre balas, tiros, fugas e mortes. Havia palavras que não entendia. E não conseguia entender como podia o nome do meu pai soar tão triste nos seus lábios.

Nos dias que se seguiram, vários vizinhos apareceram para visitar a minha mãe. Para minha surpresa, ela não saiu da cama nem se sentou. Limitava-se a assentir ou abanar a cabeça às suas perguntas, com o rosto triste e vazio. Fez o mesmo com os seus amigos e colegas do Hospital Bạch Mai. Ao fim de algum tempo, todos partiam, sussurrando que estava exausta e precisava de descansar.

Mas eu sabia que era mais do que isso. Às vezes, quando estava sozinha com ela, os seus ombros tremiam. Devia estar a chorar, mas, mesmo assim, não emitia som nenhum. Estes só surgiam durante a noite, enquanto dormia, o seu corpo sacudido por pesadelos.

Temendo que a minha mãe se magoasse durante o sono, mudei-me para o meu quarto. Ela não me queria na mesma cama, por isso, estendi uma esteira de palha no chão. Costumava dormir profundamente, mas já não.

Uma vez, a altas horas da noite, ouvi-a sussurrar em frases entrecortadas sobre um bebé. Eriçaram-se-me os pelos da nuca quando ela disse que o tinha matado. Tapei os ouvidos. A minha mãe não era certamente uma assassina. De certeza que tinha ajudado a fazer o parto do bebé, que não sobrevivera.

Na manhã seguinte, disse à avó o que tinha ouvido. Ela puxou-me para si.

– A tua mamã é médica. Os acidentes acontecem. Não penses demasiado nisso.

A avó e eu tentámos cuidar da minha mãe e trazê-la de volta a si preparando a comida que ela costumava adorar. Mas ela comia-a como se estivesse a mastigar areia. Dizia que estava cansada quando tentávamos conversar com ela. Virava costas sempre que eu entrava no quarto. Estava em casa, mas era como se não estivesse, pois estava tão perdida na guerra, que se esquecia de que eu era a sua própria filha.

Dei-lhe as cartas recentes que tinha escrito, para ela e para o meu pai, mas ela deixou-as ali, por abrir, junto à sua almofada.

A avó tinha de voltar ao trabalho. Eu deixei de ir à escola para ficar perto da minha mãe. Havia comida seca suficiente para eu cozinhar, e a avó trazia-nos frequentemente carne, peixe e vegetais ao início da manhã.

Os nossos dias passavam-se em silêncio. Não havia risos nem conversas, como eu esperava.

– Vai dar um passeio com ela, fá-la-á sentir-se melhor – disse-me a avó.

Mas a minha mãe abanava a cabeça sempre que eu sugeria a ideia.

– Deixa-me dormir – dizia, virando-me novamente costas.

Certa tarde, enquanto o Sol puxava a sua luz através do céu, tomei um pente na mão. Arrastando-me até junto da minha mãe, que estava deitada no *phân*, perguntei-me se ela me iria repelir.

Os seus ombros tremiam enquanto eu lhe tocava. Desemaranhando os teimosos nós no seu cabelo, falei. Contei-lhe dos livros que tinha lido. Falei-lhe dos seus amigos, que ainda viviam em barracas temporárias à nossa frente. Os seus filhos tinham uns olhos tão famintos, farejando o cheiro que se erguia da nossa cozinha. Eram as mesmas crianças que recusavam comida sempre que eu lha levava, dizendo que os pais não lhes permitiam receber nada de nós.

A minha mãe parou de tremer quando eu acabei de a pentear, mas as suas costas continuavam voltadas para mim. Engolindo a desilusão, dirigi-me à cozinha e acendi uma fogueira. Em vez de fazer o jantar, dei por mim a grelhar um punhado de *bồ kết* secos. O perfume desses frutos fazia-me lembrar os tempos felizes em que a minha mãe e eu lavávamos os nossos cabelos debaixo da velha árvore *bàng*.

Os *bồ kết* crepitavam, desabrochando em fragrância para o ar. Pelo canto do olho, vi a minha mãe virar-se. O seu olhar seguiu-me as mãos enquanto enchia uma panela de água, esmagava os frutos assados e os deixava cair na panela. Viu como quebrava ramos secos, deitando-os à fogueira, impedindo o ensopado de transbordar.

– Obrigada, filha. – O seu sussurro sobressaltou-me. Virei-me para a ver atrás de mim, a chama do fogão a dançar-lhe nos olhos.

– Para lavares o cabelo, mamã.

Ela assentiu.

– Posso tratar disso agora. Vai lá para fora brincar.

Não queria ir, mas os olhos da minha mãe diziam-me para o fazer. De pé sob a árvore *bàng*, senti-me abandonada. Aproximando-me da porta em bicos de pés, espreitei para o interior.

A minha mãe estava a arrastar um balde para a cozinha. Parecia pesado, e eu sabia que estava meio cheio de água fria. Ergueu a panela de *bồ két* do fogão, vertendo a infusão para o balde, e um vapor ergueu-se, rodopiando em seu redor. Misturou a água para lavar o cabelo, testando a temperatura com o cotovelo.

Quando se sentou sob uma torrente de sol, inclinando a cabeça para a frente, a minha mãe parecia o seu velho eu. Ergueu a mistura de *bồ két*, deixando-a escorrer pelos cabelos. Um rio de luz desceu por um rio de negrume.

Fascinada com a cena, fiquei siderada quando os soluços começaram, tão súbitos e inesperados. As suas mãos agarraram-se aos ombros. Enroscou-se numa bola no chão, com o corpo a tremer.

Cravei as unhas nas palmas das mãos. Não queria saber do que significava a guerra. Só queria que me devolvesse a minha mãe, que me restituísse o meu pai e os meus tios e que tornasse a nossa família novamente completa.

A Grande Fome

NGHÊ AN, 1942-1948

Goiaba, diz-me o que achas deste pequeno poema.

O lago calmo.
O sapo salta.
O som da água.

Achas que é lindo? Eu também. Este poema é um *haiku* escrito por um célebre poeta japonês chamado Matsuo Bashō, que viveu no século XVI. Descobri os poemas do Sr. Bashō há alguns anos, depois de me ter tornado professora e decidido aprender sobre os japoneses. Queria compreender porque tinham os soldados japoneses feito o que fizeram no nosso país. Os livros que li disseram-me que muitos japoneses são budistas como nós. Prestam culto aos seus antepassados e amam as suas famílias. Como nós, gostam de cozinhar e de comer, de dançar e de cantar.

Antes de ler esses livros, tinha visto o homem japonês – O Olho Negro – no inverno de 1942. Tentara acreditar que tinha alguma bondade no seu interior e que deixaria o meu pai ir.

Queres realmente saber o que aconteceu ao teu bisavô? Está bem. Segura-me na mão enquanto continuo.

O Olho Negro avançou. Estendeu a mão para a carroça e atirou um saco de batatas para a estrada. Os soldados abriram o saco ao pontapé, despedaçaram as batatas. Observei atentamente o meu pai enquanto ele voltava a pôr a tábua de madeira na carroça. Oh, observei-o – as mãos bronzeadas que me tinham apertado contra o seu queixo, os olhos que se iluminavam sempre que me viam sorrir, os lábios que me tinham contado inúmeras lendas e contos de fadas da minha aldeia.

Vários homens dos dois grupos de soldados conversavam entre si numa língua que eu não conseguia entender. Parecia suave e lírica. Certamente que o povo que tinha um tal idioma nas suas línguas não podia ser brutal com os outros.

As mulheres foram empurradas para a frente. Freneticamente, subiram para a carroça como ratos a serem perseguidos rumo a um buraco, apressadas pelas baionetas reluzentes. O meu pai deixou-se ficar, ajudando-as a subir com uma pesada tristeza no rosto.

– Diz-me para quem são realmente as batatas – rugiu o Olho Negro, encostando a mão ao peito do meu pai e empurrando-o para longe da carroça. – Para as guerrilhas Việt Minh que acabam de matar os meus camaradas?

– Não, senhor. São para os meus clientes em Hanói.

– Ah, para os franceses, os invasores do teu país? – exclamou o Olho Negro, rindo. Virou-se, como que prestes a afastar-se. Mas, com um movimento brusco, deu meia-volta, traçando com a espada um arco mortífero no ar. – Traidor!

Fiquei petrificada enquanto fontes de sangue jorravam do pescoço do meu pai. Com um baque, a sua cabeça rolou estrada abaixo, os olhos arregalados de terror. Enquanto Côm pressionava a mão com força contra a minha boca, os braços do meu pai retorciam-se no ar. O seu corpo desmoronou.

O mundo à minha volta começou a andar à roda enquanto tentava correr em direção ao meu pai. Côm segurou-me, sussurrando-me que os japoneses nos matariam.

Impotente, fiquei a ver como um dos soldados japoneses saltava para a dianteira da carroça, virando-a. Ergueu os pés, pontapeando a garupa dos búfalos. As rodas da carroça passaram por cima do corpo sem cabeça do meu amado pai.

Oh, Goiaba, lamento pelas lágrimas que choras pelo teu bisavô. Lamento, lamento muito...

Não te queria falar da sua morte, mas tu e eu já vimos morte e violência suficientes para saber que só há uma maneira de podermos falar sobre as guerras: honestamente. Só pela honestidade podemos aprender sobre a verdade.

Ao procurar a verdade sobre os japoneses, li o máximo que podia sobre

eles. Descobri que, durante a Segunda Guerra Mundial, a tropa japonesa tinha espancado, ferido e assassinado milhares e milhares de pessoas por toda a Ásia.

Quanto mais lia, mais medo ganhava às guerras. As guerras têm o poder de transformar povos graciosos e cultos em monstros.

O meu pai teve a infelicidade de deparar com um desses monstros. Morreu para que Công e eu pudéssemos continuar a viver. Morreu a proteger-nos.

Levámos o meu pai para casa. A minha mãe apoiou-se em mim enquanto nos ajoelhávamos junto ao seu caixão, as nossas cabeças brancas com as faixas fúnebres. O *dàn nhị* de duas cordas pranteava nas mãos de Công. Tocou durante a totalidade dos três dias e três noites de luto, dias e noites esses que viram a nossa casa encher-se de pessoas que iam prestar a sua homenagem ao meu pai. Só então soube quantas pessoas ele tinha ajudado.

Não queria dizer adeus, mas o momento chegou. A música do *dàn nhị* encabeçou o cortejo fúnebre até aos campos de arroz onde o meu pai foi sepultado. Công tocou até uma duna de terra cobrir o caixão, o último incenso se apagar e o Sol morrer no horizonte.

Công não proferiu uma palavra durante todo o funeral, mas, ao regressar a casa, postou-se no pátio da frente com o *dàn nhị* erguido bem alto sobre a sua cabeça. O seu grito rasgou a noite enquanto estilhaçava o instrumento no chão de tijolo. A sua esposa, Trinh, e a Sra. Tú recolheram os pedaços quebrados, tentando voltar a juntá-los, mas ele nunca mais voltaria a tocar.

Culpei-me pela morte do meu pai. Se não fosse a conduzir a carroça, teríamos viajado mais depressa e o meu pai não se teria encontrado com o Olho Negro. O teu avô Hùng não me deixou sucumbir à minha tristeza.

– Não foi culpa tua, estavas apenas a ajudar o papá – disse ele. – Além do mais, ele não queria que ficasses triste. Queria que celebrasses a sua vida.

A minha mãe era como uma árvore desenraizada. Ficava simplesmente sentada no *phần*, de olhar distante e vazio. Minh, Ngọc e Đạt não a deixavam em paz, contudo. Rodeavam-na, tornando-se o solo da sua vida, exigindo-lhe que criasse novas raízes.

– Avó, brinca connosco – diziam-lhe, puxando-lhe os braços, guiando-a para o exterior da casa e para as suas brincadeiras de infância.

Dizíamos uns aos outros para não nos aventurarmos a sair da nossa aldeia. Tínhamos de nos manter longe dos combates entre Việt Minh,

franceses e japoneses, que se estavam a intensificar. Esperávamos que a Primeira Guerra da Indochina terminasse, mas estava a exacerbar-se. Três anos após a morte do meu pai, a guerra encontrou-nos em nossa casa.

Desta vez, a guerra chegou na forma de *Nạn đói năm Ất Dậu* – a Grande Fome de 1945 –, que matou dois milhões dos nossos compatriotas. Em vez de um feroz tigre a devorar-nos, a fome era uma pitão que espremia as nossas energias, até nada restar de nós a não ser pele e ossos.

Em abril de 1945, estava tão fraca, que não me interessava se vivia ou morria.

– Diêu Lan, acorda, Diêu Lan! – Uma manhã, ouvi o chamado da Sra. Tú. Desejei que a governanta me deixasse em paz. Mas então um som fez-me abrir os olhos.

Era o choro ténue da tua mãe. Então uma criança de cinco anos, Ngọc tinha a cabeça deitada na minha barriga. Ao seu lado, o teu tio Đạt, acabado de fazer quatro anos, jazia em silêncio. O teu tio Minh chamava-me. Lentamente, virei-me e fitei-o: rosto descarnado, olheiras a envolver uns olhos encovados e amarelentos; era um esqueleto de sete anos.

Solucei, puxando as crianças para os meus braços.

– Mamã, tenho tanta fome – lamentou-se Minh.

A Sra. Tú estendeu uma tigela. Erguia-se vapor das suas mãos, mas não cheirava a comida.

– Raízes de bananeira, talvez as últimas que a tua mãe e eu conseguimos encontrar – disse ela. Os seus braços magros tremiam, e eu sabia que também ela estava faminta.

Peguei no estufado negro, soprando-lhe para o arrefecer e dando de comer às crianças. Depois de comerem o suficiente, partilhei o resto com a Sra. Tú. As raízes de bananeira tinham um sabor insípido na minha boca, mas sentia-me grata por cada dentada.

Enquanto a Sra. Tú se deitava, embalando as crianças para as adormecer, olhei para o que restava da nossa casa. No quarto do meu irmão, um velho cobertor tinha sido cuidadosamente dobrado e depositado sobre duas almofadas gastas. Por cima de um armário rachado, o *đàn nhị* espreitava com os seus pedaços quebrados. Perguntei-me se as nossas vidas permaneceriam como o instrumento, estilhaçadas e incapazes de cantar. A sala de estar estava vazia, com exceção de um banco improvisado. Que teriam os japoneses feito

à nossa mobília? Tinham invadido a nossa aldeia, chamando-nos simpatizantes dos Việt Minh. Espancaram pessoas sem razão, levando tudo quanto havia de valor: dinheiro, joias, mobiliário, porcos, vacas, búfalos, galinhas. Roubaram-nos toda a nossa comida. Obrigaram todos os aldeões a arrancar o seu arroz e as suas colheitas para cultivar juta e algodão para eles. A nossa família já não podia pagar aos seus trabalhadores. Por toda a minha aldeia, as pessoas tinham enlouquecido de fome. As últimas gotas de água tinham sido removidas dos lagos para apanhar quaisquer peixes e caracóis que restassem. Nenhum inseto escapava às mãos humanas. Plantas comestíveis eram desenterradas pelos seus troncos, folhas e raízes. Não ajudava que uma seca terrível tivesse devastado toda a nossa região, secando os nossos campos e córregos.

O meu querido marido não estava em casa. A sua mãe tinha morrido de fome. O pai estava a enfraquecer, mas recusava-se a vir viver connosco, acreditando que a alma da sua mulher ainda persistia na casa e precisava de companhia. Hùng tinha-me dito que esperava encontrar algo para comer a caminho do seu pai, mas não sabia o quê. Não havia comida à venda no mercado. A ninguém sobrava nada para vender.

Esperávamos que alguma comida chegasse até nós vinda do Sul, mas nada. O Japão e a América tinham vindo a combater noutras partes do mundo, e agora bombas americanas tinham explodido na nossa terra, destruindo linhas marítimas, portos, estradas e vias-férreas.

Tinha de fazer algo para manter os meus filhos vivos.

No jardim, despido de verdura, a minha mãe agachava-se sobre o solo branqueado, espetando um pau na terra. Cambaleei na sua direção.

– Mamã, onde estão o irmão Công e a irmã Trinh?

Ela ergueu o rosto abatido. A maior parte do seu cabelo tinha encanecido, rareando no crânio.

– Foram para os campos.

Pensei nos campos gretados e nas centenas de aldeões famintos por lá à procura.

– Já comeste, mamã?

– Sim, raízes de bananeira.

Pegando num pau, comecei a escavar com ela. A terra seca resistia às minhas mãos. Haveria certamente uma mandioca ou batata-doce escondida algures. Aquela parte do jardim costumava estar cheia dessas raízes carnudas.

– Temos de ir procurar comida – anunciou a minha mãe, ao fim de longos momentos.

– Mas onde, mamã?

– Na floresta. Haverá frutos silvestres e insetos.

– Mas é demasiado longe.

– Quinze quilómetros, talvez.

– Demora pelo menos três horas. Não sei se seremos capazes.

– Escuta, Diêu Lan. Todos os pedaços de terra aqui perto já foram escavados. Temos de ir mais longe. *Còn nước còn tát*. – Enquanto ainda houver água, escavaremos. – A floresta é a única esperança que nos resta.

– Eu vou, mamã. Tu ficas aqui...

– Não! Iremos juntas. – A minha mãe apertou-me o ombro. – Sem comida, as crianças vão morrer. Vão morrer, não entendes?

Na cozinha, enchi um tubo de bambu com água, pondo o seu cordel ao ombro, e peguei numa faca de corte. Agarrando em dois *nón lá*, pus um na minha cabeça e dei o outro à minha mãe.

Abrimos o nosso portão, saímos e voltámos a trancá-lo. Um fedor horrível fez-me engasgar. Ali perto, um cadáver apodrecido jazia de rosto para baixo na estrada de terra, com moscas verdes a zumbir em seu redor. Um pouco mais adiante, o corpo de uma mãe abraçava o seu bebé na morte. Vários cadáveres espalhavam-se pela bacia do lago seco da nossa aldeia.

– Sra. Trần. Ajude-nos! – Um apelo desesperado ergueu-se de uma pilha de cadáveres. Uma mulher de lábios a sangrar estendia a mão aberta. Sobre o seu peito nu, jazia um rapaz: um esqueleto de pele e osso.

– Não me resta comida nenhuma – disse a minha mãe, baixando-se, as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

– Tanta fome – choramingou a mulher, puxando-se e ao seu filho para mais perto de nós.

– Só temos água. – Ergui o tubo de bambu. A mulher engoliu em grandes sorvos.

Enquanto eu vertia água para a boca do rapaz, vieram-me ao pensamento os rostos dos meus filhos. Tínhamos de nos apressar e de voltar para eles.

A minha mãe tinha-se agachado, a uivar. Diante dela, estava o corpo do Sr. Tiển, que tinha trabalhado para nós durante muitos anos. A mulher e o filho jaziam ao seu lado, com as cabeças no seu peito. Tinham tido uma morte horrível, a dor ainda a jorrar das suas bocas hiantes.

Puxei a minha mãe para cima e para longe dali. Havia pessoas por todo o lado, deitadas à beira da estrada, a morrer, a mendigar. Algumas tentaram agarrar-se às nossas pernas ao passarmos por elas a cambalear, mas estavam demasiado fracas para se aguentar.

Salvo pelos débeis sons dos seres humanos, a aldeia estava em silêncio. Não restavam animais para fazer barulho. Tudo estava castanho e desbotado. Até a paisagem estava a morrer.

– Não pares mais, mamã. – Puxei-a para longe enquanto uma mulher tentava agarrar-se aos seus pés.

– Dá-lhe um pouco de água.

– Não temos muita, mamã.

– Maldição. Dá-lha!

Verti o líquido para a boca da mulher. Ela assentiu em agradecimento, fechando os olhos, pousando o rosto na terra queimada pelo sol.

Tentámos andar mais depressa, passando por choupanas cheias dos murmúrios de crianças, passando por pilhas de cadáveres em decomposição, passando por mãos que se estendiam para nós, trémulas no seu apelo. Engolimos as nossas lágrimas e caminhámos como se fôssemos cegas, como se os nossos corações fossem de pedra.

Agarrando-nos uma à outra, cambaleámos juntas em direção à floresta de Nam Đăn. Pensar em Minh, Đat e Ngọc dava-me forças. Mas quanto mais andávamos, mais fraca eu me sentia. A minha mãe ficava mais lenta a cada passo que dava. O sol batia sobre nós, esbatendo as imediações num borrão.

Ainda assim, caminhámos. Apoiando-nos uma na outra, caminhámos. Murmurando uma à outra que tínhamos de conseguir, de levar comida de volta para as crianças.

Exausta, conduzi a minha mãe a uma grande árvore, despida de folhas. Tirámos os nossos chapéus, deixando o tronco castanho receber as nossas costas cansadas.

Usando a faca, escavei. A terra estava dura como pedra. Tudo o que consegui encontrar foram algumas raízes de erva. Entreguei-as à minha mãe, que as limpou. Comeu algumas e deu-me o resto. Com o amargor das raízes entre os maxilares, olhei para o horizonte, onde as árvores se dispunham em camadas de veludo verde. Escondida no interior dessa verdura podia estar a nossa salvação: gafanhotos, grilos, bagas *sim* e goiabas-serranas.

– Mamã, espera aqui por mim. Voltarei com algo para comer.

A minha mãe abanou a cabeça.

– Desde que o teu pai morreu, não posso ser eu a ficar para trás. Se a morte vier, terá de me levar primeiro.

– A culpa não foi tua, mamã! Foi minha. Se não fosse por mim, não teríamos encontrado aqueles assassinos. Abrandei-nos ao guiar a carroça.

– Não, Diệu Lan. O teu pai não queria que pensasses assim. Amava-te mais do que à sua própria vida.

– Tu também eras mais do que a vida para ele, mamã. Para de te culpar, por favor.

A minha mãe baixou a cabeça.

– Tenho uma coisa para te mostrar. – Tremiam-lhe as mãos ao abrir o alfinete que lhe fechava o bolso.

Pestanejei, pensando que a fome me devia estar a fazer alucinar. Na palma da minha mãe, estava o tesouro da família Trần – um grande rubi engastado de ouro maciço e preso a uma corrente de ouro.

– Consegui escondê-lo dos japoneses – disse a minha mãe, entregando-mo.

Com as mãos em concha, levei a preciosa joia ao meu rosto, ouvindo através dela o eco das canções de embalar dos meus antepassados. O meu pai tinha recebido o colar dos seus pais. Tinha-mo mostrado com orgulho, a mim e a Công. O colar tinha-me encantado de tal modo, Goiaba, que dei à tua mãe – a minha primeira filha – o nome de Ngọc, que significa rubi.

– Diệu Lan. – A minha mãe engoliu em seco. – Prometi ao teu pai que protegeria isto, para o poder passar para ti e para o teu irmão. Mas agora... se alguém oferecer comida...

Assenti, devolvendo o colar à minha mãe, que o voltou a guardar cuidadosamente no seu bolso, fechando-o com o alfinete.

Agarradas uma à outra, arrastámos os nossos ossos doridos em direção à floresta. Parecia perto, mas estava a um oceano de distância. Tínhamos deixado os nossos tamancos de madeira algures pelo caminho, pois tinham-se tornado demasiado pesados, e agora pedras afiadas cravavam-se nos nossos pés descalços.

Quando pensava que ia colapsar e morrer, árvores ondulantes acolheram-me nos seus braços.

Afastei-me da minha mãe, correndo para um caminho gasto que ziguezagueava pela floresta. Mas, em vez de encontrar alegria, encontrei mais

cadáveres, de homens, mulheres e crianças. A toda a volta, árvores de fruto tinham sido cortadas ou arrancadas. Não havia sinal de aves, frutos, flores ou borboletas. Nenhum som a não ser o de moscas a zumbir.

A minha mãe puxou-me pelo braço, guiando-me mais para as profundezas da floresta. Diante de um grande e espinhoso arbusto, baixou-se, afastando os ramos baixos.

Uma estreita abertura.

– Um caminho, criado pelo teu pai. – Os lábios da minha mãe curvaram-se num raro sorriso. Nos seus últimos anos, o meu pai costumava levar a minha mãe ali para darem um passeio, só os dois. Regressavam a casa com nozes e cogumelos, galinhas selvagens e, uma vez, um javali.

Pusemos de lado os nossos chapéus *nón lá*, deitámo-nos de barriga para baixo no chão e esgueirámo-nos pela abertura. Do outro lado, estava um pequeno caminho, quase escondido entre as árvores.

Abri bem os olhos, em busca de comida. Só raízes de árvores e ramos caídos me acorriam ao olhar. Outras pessoas tinham estado ali antes de nós.

– Vai mais fundo, vamos. – A minha mãe guiou-me por um labirinto de passagens. Ainda sem encontrarmos nada para comer, caminhámos mais e mais. Tremiam-me os pés debaixo de mim, mas a minha mãe continuou a forçar o avanço, como se tivesse adquirido novas forças. Embrenhámo-nos de tal modo no ventre da floresta, que eu já não sabia onde estávamos.

– Conseguirás encontrar o caminho de volta, mamã? – arquejei eu, olhando para um denso arbusto por meio do qual tínhamos acabado de rastejar.

A minha mãe não respondeu. Dirigiu-se a um muro verde à nossa frente. Parecia denso, feito de lianas entrelaçadas.

– Costumava haver um campo de milho... atrás disto. – Tossiu, afastando as lianas para tentar espreitar, mas o muro era demasiado denso.

– Porque não nos disseste mais cedo, mamã?

– Não tinha a certeza de me conseguir lembrar do caminho. – Agarrou-se à barriga, agachando-se. – Talvez já nada cresça por lá. Talvez... talvez outras pessoas o tenham encontrado.

Pus-me à escuta dos sons do outro lado. Seria um pássaro a cantar? Se havia aves, devia haver comida.

Passei o tubo à minha mãe, dizendo-lhe para beber. Só restava um gole de água e queria que fosse para ela. Erguendo a faca, atirei-me ao muro verde. A

faca ressaltou, falhando por pouco a minha cara.

– Corta-as... uma a... uma – disse a minha mãe, deitando-se no chão.

Assenti, perguntando-me quanto tempo levaria a abrir um buraco. Enquanto trabalhava, formaram-se bolhas sob a minha pele. Foram precisos muitos golpes para vencer uma só liana. Doíam-me os braços, e as minhas mãos começaram a sangrar.

– Comida para os meninos – disse a mim mesma, erguendo a faca, o corpo curvado para a frente, o suor a fazer-me arder os olhos.

Não me lembro de quanto tempo demorei a cortar lianas suficientes para criar uma pequena abertura, mas lembro-me do que vi através dela: um campo de milho.

– Comida, mamã! Comida. – Atirando a faca para o lado, atravessei, puxando a minha mãe atrás de mim.

Enfrentámos o campo juntas. Sobre o solo seco, erguiam-se centenas de plantas, finas e amareladas. Os meus olhos procuraram entre as folhas, e o bater do meu coração acelerou. Espigas de milho.

– A quem pertence isto, mamã? – Olhei em volta.

– Não faço ideia... O teu pai encontrou-o por acaso.

Rastejámos em direção ao meio do campo. A fome não nos deixou ir muito longe. Tremiam-me as mãos e as pernas. Sustive a respiração e ergui o braço, apanhando uma espiga de milho. Do tamanho do meu braço ossudo, parecia sólida na minha mão. Arranquei as cascas exteriores, sentindo água na boca ante a visão das sementes de milho: leitosas, perfeitamente brancas, como filas de dentes de leite.

Ergui o milho para a boca da minha mãe. Partilhámos a deliciosa comida. O meu estômago roncou. Os pelos dos meus braços arrepiaram-se ante o prazer de comer.

– Mastiga com cuidado – sussurrou a minha mãe. – Os nossos estômagos passaram demasiado tempo vazios. Comer demasiado e demasiado depressa pode matar-nos.

Assenti, dando outra dentada, perguntando-me como me podia travar.

– Ah. Suas ladras! – estrondeou uma voz, lançando-me um arrepião da cabeça aos pés. O milho meio comido caiu para a terra.

Agarrando-me aos ombros da minha mãe, ergui o olhar e vi um homem muito alto. Rosto carnudo, olhos estreitos. Uma reluzente cabeça calva. Fantasma Perverso!

Lembras-te do que eu te disse sobre esse homem, Goiaba?

– Por favor, senhor... – A minha mãe tremia.

O Fantasma Perverso respondeu erguendo o chicote. Dor trespassou o meu pescoço e as minhas costas. Aterrorizada, vi como o chicote atingia a cabeça da minha mãe com um silvo.

– Não. Por favor. – Protegi-a com os meus braços. O chicote rasgou-me os ombros.

– Perdoe-nos, senhor. – A minha mãe baixou a cabeça para o solo, prosternando-se ante o Fantasma Perverso.

Ele virou o chicote para ela, projetando sangue no ar.

– Perdoar e deixar-vos roubar todo o meu milho? Perdoar e ver a multidão vir cá e deixar-me faminto?

O seu pontapé fê-la estatelar-se ao comprido.

– Mamã! – Saltei na direção dela. Pedacos de carne tinham sido arrancados do seu crânio e do seu pescoço. Escorria-lhe sangue pelo rosto. Com as duas mãos, agarrei-me aos pés do Fantasma Perverso. – Não bata na minha mamã, imploro-lhe. Fui eu quem a trouxe cá. Fui eu quem roubou o seu milho.

O chicote desceu, atirando-me ao chão.

Quando recuperei os sentidos, o Sol estava a pôr-se, banhando-me na sua densa luz vermelha. Retorci-me, mas tinha as pernas e os pulsos atados. Tinha sido presa e amarrada a um grande tronco de árvore.

– *Mẹ ơi!* – chamei. Os meus olhos frenéticos encontraram a minha mãe. Estava a vários corpos de distância, caída por terra. Os seus longos cabelos cobriam-lhe parte do rosto. Tinha sangue acumulado na cabeça e em torno da boca. – *Mẹ ơi!*

Não se mexeu. Nenhum erguer de cabeça. Nenhum estremecimento da pele. Lancei-me em direção a ela, mas as cordas retiveram-me.

Vagueei de uma noite fria para o calor de uma manhã ardente. Chamei, mas a minha mãe não emitiu nenhum som. Chorei até o mundo se desvanecer numa escuridão tão profunda como a de um túmulo.

Dor intensa disparou-me pelo corpo. Abrindo os olhos, dei-me conta de que estava a ser arrastada pela floresta. Um homem magro como um galho agarrava-me pelos tornozelos, puxando-me para a frente. Bufava e resfolegava, a sua barriga projetando-se de forma peculiar.

– Alguém me ajude, por favor! – crocitei.

O homem largou-me as pernas.

– Chiu. Se queres viver, está calada, Diêu Lan.

Senti o coração na garganta ao ouvir o meu nome. Agachando-se, o homem aproximou-se de mim. Uma cabaça seca pendia de um fio diante do seu peito. Podia agora ver-lhe o rosto: desgastado pelo tempo e abatido.

– Quem é o senhor? – Contorcendo-me, afastei-me dele.

– Foge, Diêu Lan. – Soltou o fio da sua cabaça, dando-me a sua água. – Sai daqui, antes que o Fantasma Perverso te encontre.

– A minha mãe... – Virei-me para o caminho que tínhamos acabado de percorrer. – Por favor, ajude-a.

– Lamento... A Sra. Trần... já não existe.

– Não!

– Chiu. Vão ouvir-te. Vai agora ou eles apanham-te.

Tentei levantar-me.

– Leve-me para junto da minha mãe. Leve-me já! Ela não pode estar morta.

– Diêu Lan, escuta. – O homem agarrou-me no ombro. – Por favor... acredita em mim. Trabalho para o Fantasma Perverso, mas tenho uma dívida com os teus pais. A minha mulher quase morreu durante o parto. Os teus pais encontraram um médico. Salvaram-na e salvaram o meu filho. Se a Sra. Trần estivesse viva, não a teria deixado lá.

As palavras do homem eram sinceras e cortaram-me mais fundo do que qualquer chicote. O Fantasma Perverso tinha matado a minha mãe. Sangue tinha de ser pago com sangue.

– O meu nome é Hải. O teu irmão Công conhece-me. – O homem verteu-me água para a boca. – Lamento ter chegado tarde de mais. Encontrarei um bom local de repouso para a tua mãe, juro. – Tirou algo da camisa. Espigas de milho. Eram elas a razão da sua barriga saliente.

Enquanto ele punha o milho nos meus bolsos, lembrei-me de algo. Algo que me fez soltar uma exclamação de angústia.

– O que foi, Diêu Lan?

– Tio... a minha mãe tinha um colar de ouro e rubi no bolso. Se eu me tivesse lembrado de o oferecer ao Fantasma Perverso...

– Então poderias tê-la salvado? – O Sr. Hải abanou a cabeça. – Se achas que sim, não o conheces. Aquele homem é para lá de maléfico. E deu-te

oportunidade de pensar? – Apontou para o caminho à minha direita. – Levar-te-á de regresso a casa, despacha-te.

Enquanto eu avançava, cambaleante, o Sr. Hãi desapareceu entre as árvores. Disse a mim mesma para não esquecer o seu nome. Hãi significa oceano, um nome digno para um homem cuja compaixão era profunda.

Não sei como encontrei a saída da floresta nem quanto tempo demorei a chegar a casa, mas sei que o Sr. Hãi salvou a tua mãe e os teus tios, Goiaba. As espigas de milho que me deu permitiram-lhes sobreviver mais duas semanas, até que um bondoso padre católico foi à nossa aldeia, levando alguma comida. Mais tarde, os Việt Minh ajudaram os nossos aldeões a atacar as reservas de arroz dos japoneses e dos franceses.

Mas a ajuda chegou demasiado tarde para muitos. A Grande Fome tomou mais de metade de Vĩnh Phúc. Muitas famílias ficaram sem ninguém para dar continuidade ao seu nome.

A Grande Fome devorou uma parte tão grande da minha vida, levando não só a minha mãe mas também a minha cunhada, Trinh.

Oh, Goiaba, costumava pensar que éramos nós quem comandava os nossos destinos, mas aprendi então que, em tempos de guerra, os cidadãos normais não passavam de folhas que caíam aos milhares ou milhões nas vagas de uma única tempestade.

Durante meses após a morte da minha mãe, sempre que dormia, via-a caída contra o solo gretado. Acordava aos gritos, dizendo-lhe que lamentava não ter sido capaz de a salvar. Tinha vinte e cinco anos e tinha visto ambos os meus pais serem assassinados.

O Sr. Hãi foi visitar-nos depois da Grande Fome. Ajoelhei-me diante dele para lhe agradecer. Levou-nos, a mim, a Công, a Hùng e à Sra. Tú, à sepultura da minha mãe. Tinha-a depositado num canto da floresta de Nam Đàn onde desabrochavam flores silvestres durante as quatro estações.

O Sr. Hãi disse-me que tinha vasculhado os bolsos da minha mãe, bem como as imediações, mas não conseguira encontrar o colar. Ajudou-nos a reconstituir o caminho que eu e a minha mãe tínhamos percorrido antes de chegarmos ao campo de milho. Procurámos debaixo dos arbustos e das folhas caídas, na esperança de encontrar essa joia notável. Mas não havia esperança. Estavam lá muitas pessoas, a recolher e a enterrar cadáveres. Qualquer uma delas podia ter encontrado o tesouro da nossa família e ficado com ele para si.

Oh, Goiaba, oxalá ainda tivesse o colar da tua bisavó para te dar. Era a herança familiar dos Trần.

Retribuímos a bondade do Sr. Hải dando-lhe uma parte do nosso campo. Tentou recusar, mas não lho permitimos. Se havia alguém na nossa aldeia em quem podíamos confiar, era naquele homem que tinha arriscado a vida para salvar a nossa. Anos depois, quando reconstruímos o negócio da nossa família, o Sr. Hải tornou-se o supervisor dos nossos trabalhadores.

Sabia que o Sr. Hải era bondoso e corajoso, mas não sabia que um dia voltaria a ser o nosso salvador.

Deves estar agora a interrogar-te sobre o que aconteceu ao Fantasma Perverso. Quando cheguei a casa do campo de milho, Hùng e Công afiaram uma faca de corte. Encontraram o Fantasma Perverso bêbedo e sozinho em sua casa. Estava louco; desafiou Hùng e Công a matarem-no. Disse que a minha mãe tinha morrido de fome. Disse que não sabia nada sobre o colar. Hùng e Công facilmente lhe poderiam ter feito mal, mas viraram-lhe costas. Não eram tão maléficos como o Fantasma Perverso, sabes? Fosse como fosse, depois da Grande Fome, o Fantasma Perverso já não podia fazer mal a mais ninguém. Estava sempre bêbedo, a falar e a chorar sozinho. Talvez os espíritos daqueles que tinha matado tivessem regressado para o assombrar. *Gieo gió gặt bão* – quem semeia ventos colhe tempestades.

Em 1946, um ano após a morte da minha mãe, o Fantasma Perverso desapareceu. Diziam os rumores que ele, a mulher e a jovem filha de ambos se tinham mudado para a aldeia da esposa, algures na região do meio. Não me interessava para onde ele tinha ido, estava apenas feliz por ter partido. Anos depois, ao tornar-me budista, aprendi que devia perdoar às pessoas pelos seus erros, mas, no que toca ao Fantasma Perverso, não consigo, Goiaba. Nunca mais quero respirar o mesmo ar que um homem tão terrível.

Nos anos seguintes, trabalhámos arduamente. Công e eu pusemos em prática todas as competências que os meus pais nos tinham ensinado. Cultivámos colheitas que tinham muita procura. Poupámos e investimos. Enterrámos vasos de comida seca no jardim para nunca mais passarmos fome. Com o tempo, o negócio da nossa família começou a desabrochar. Os nossos estábulos estavam uma vez mais cheios de animais, os nossos campos verdes com todos os tipos de arroz e vegetais.

Também o meu amor pelo teu avô desabrochou. No Ano do Porco, 1947, dei à luz o teu tio Thuận, seguido, um ano depois, pela tua tia Hạnh –

no Ano do Rato, 1948. Fiz vinte e oito anos nesse ano e tinha já sido abençoada com cinco filhos, sendo que queria ter muitos mais.

Lembro-me nitidamente do verão em que dei à luz a Hạng. Estava quente e húmido. O ar vibrava com o canto das cigarras. Seguindo o costume *năm 8*, estava confinada à minha cama durante todo o mês, um balde de carvões em brasa a arder constantemente sob a minha cama. As brasas destinavam-se a afastar os espíritos malignos, mas o calor era quase insuportável. Todo o meu corpo tresandava e fazia comichão; estava proibida de tomar banho ou de lavar o cabelo.

À terceira semana de *năm 8*, estava a dar em doida. Certa manhã, depois de amamentar e adormecer a Hạng, enrolei um lenço à volta do pescoço e escapuli-me do meu quarto. Inalando profundamente o ar fresco para os meus pulmões, percorri o corredor, passando pelo quarto do meu irmão. Ao chegar à sala de estar, onde os novos móveis brilhavam, procurei os meus pais. Ali estavam eles, no alto do altar, atrás de taças de incenso.

– Tão hábil! – Uma voz de criança fluiu na minha direção, juntamente com os estalidos rítmicos de uma bola de penas a ser pontapeada.

Ngọc, Minh e Đạt contavam juntos.

– *Một trăm bảy mươi một*. – Cento e setenta e uma vezes! Podia alguém pontapear a bola tantas vezes sem a deixar cair? Levantei-me, fiz uma vénia ao altar e saí para o pátio da frente. Semicerrando os olhos, vi as crianças em círculo.

Com uns calções vestidos, Minh estava em tronco nu, o suor a reluzir-lhe na pele. Equilibrava-se numa perna, a outra a pontapear uma bola de penas. O meu irmão Công tinha arranjado as melhores penas, fixando-as numa base de borracha para fazer a bola. Os meus filhos tinham-se tornado seus.

Quando a bola de penas ia a descer, o pé de Minh ergueu-se ao seu encontro com um alegre estalido. A bola esvoaçou de novo para o alto.

– És tão bom – disse eu. As crianças viraram-se. Minh deixou cair a bola, e, num instante, correram todos para mim.

– Mamã, mamã – aclamaram, os seus abraços apertando-se em meu redor.

Ajoelhei-me, limpando gotas de suor dos seus rostos.

– Brinquem à sombra – disse eu, guiando-os para a sombra da longaneira.

– Porque estás aqui fora, mamã? – perguntou Ngọc, fitando-me. – A avó

Tú disse que tinhas de ficar no teu quarto.

Tive de me rir, Goiaba. Já em pequena a tua mãe era *bé hạt tiêu* – uma pequena malagueta.

– Vou pedir-lhe autorização, então.

Apressei-me a atravessar o pátio, emergindo para a frescura do quarto da Sra. Tú.

– *Dì Tú ơi* – chamei. Encontrei-a acocorada numa esteira de palha, com Thuận nos braços.

– Que fazes aqui? – perguntou ela, franzindo o sobrolho.

– *Mẹ* – balbuciou Thuận, esticando-se para mim.

– A mamã está aqui. Aqui está a mamã – arrulhei eu, estendendo os braços para ele.

Com pouco mais de um ano, Thuận parecia adorável, com um único tufo de cabelo preto a coroar-lhe a cabeça. O pai tinha-lhe cortado o cabelo segundo o estilo tradicional *trái dào*.

– Porque saíste do teu quarto? Os maus ventos vão fazer-te adoecer.

– Já lá vão três semanas, tia. – Com o nariz, fiz cócegas no pescoço de Thuận. Ele riu-se.

A Sra. Tú dirigiu-se a uma grande arca de madeira, onde os frutos colhidos no nosso jardim eram guardados para amadurecer. Aí, facilmente se podiam encontrar minúsculos frutos *thị* amarelos, irradiando uma deliciosa fragrância, papaias a enrubescer sob camadas de sacos de juta e sumarentos frutos *na* a abrir-se como flores.

A Sra. Tú tirou uma banana dourada e regressou à esteira de palha. Thuận deixou os meus braços e rastejou até ao seu colo. Ela riu-se, descascando o fruto. Thuận agarrou-o com as duas mãos, mastigando.

– Cheira bem. – Lancei um olhar suplicante à Sra. Tú.

– Sabes que ainda não podes comer fruta crua. Ainda não. Volta para o teu quarto. – Levantou-se outra vez. – Levo-te uma tigela de sopa de galinha preta e ervas.

Outra vez sopa de galinha preta e ervas? Aparentemente, devia ajudar o meu corpo a recuperar as forças. De início, era deliciosa, mas as ervas – folhas de *ngải cứu* guisadas – eram avassaladoras. Estremeci.

Em vez de protestar, porém, fiquei a ver a Sra. Tú atravessar o quarto. Ao contrário das crianças, ela nunca tinha recuperado da Grande Fome. Tinha perdido a maior parte do seu cabelo. Se não fosse por ela, as coisas teriam

sido piores para nós.

Regressando com uma blusa de manga comprida, fez-me vesti-la. Desenrolou as mangas até me cobrirem os dedos. Enrolando um grosso lenço em redor do meu pescoço, orelhas e cabeça, fez-me virar. Assim que se certificou de que não havia mais pele exposta por onde os espíritos malignos me pudessem atacar, empurrou-me afetuosamente para fora do seu quarto.

Ao passar pelo jardim lateral, avistei costas curvadas. O meu marido e o meu irmão estavam a conversar enquanto trabalhavam num canteiro quadrado de jovens plantas de arroz. Tinha chegado a época do plantio, e eles tinham transformado parte do nosso jardim num viveiro para plântulas de arroz.

As crianças passaram por mim a correr.

– Mamã, queres goiabas verdes? – perguntou Minh.

– Oh, sim, por favor. – Subiu-me a saliva à boca, mas sabia que teria de esconder esses frutos da Sra. Tú.

As crianças contornaram a cozinha, dirigindo-se à densa vedação ao fundo. Aí, rastejariam por um buraco secreto para chegar ao terreno que os meus pais tinham dado à Sra. Tú para ela construir a sua própria casa, mas onde ela tinha plantado antes árvores de fruto.

Afundi-me no baloço do nosso pátio da frente. A manhã ia a meio, e o Sol arrastava a sua bola de fogo pelo céu. Um carro de bois passava em frente ao nosso portão. A minha aldeia estava viva em meu redor. Inalei profundamente a sua energia para os meus pulmões.

O Presente do Meu Pai

HANOÍ, 1975

Calma. Calma – disse eu, rindo. Empurrando o *Pintas Pretas* e o *Nariz Rosa* para fora do caminho, despejei farelo misturado com espinafres de água cortados na pia de ambos. Os animais enterraram as suas bocas na comida, mastigando, de caudas a abanar.

– Hương, estás em casa? Está alguém em casa? – chamou uma voz.

Limpendo as mãos às calças, corri para a porta, abrindo-a. Era a tia Duyệt. Erguia-se, esbelta, à luz da manhã.

– Ainda não posso acreditar em como crescestes – disse ela, sorrindo. – Que linda jovem te tornaste, e estás a ficar gorda.

– É maravilhoso vê-la, tia. – Sorri, feliz por a tia Duyệt me ter chamado gorda. Todas as pessoas que conhecia estavam a tentar ganhar peso, mas como podiam, com tão pouca comida?

À mesa de jantar, puxei uma cadeira para a tia Duyệt e corri para a cozinha. Com a minha tia ali, era quase como se o meu pai estivesse em casa. A tia Duyệt era a única irmã que o meu pai tinha. Os seus pais tinham morrido jovens. Quando eram pequenos, faziam biscates para se sustentarem um ao outro.

Ao regressar com um bule de chá verde, encontrei a minha tia diante do altar do tio Thuận, paus de incenso a arder lentamente entre as suas palmas. Curvou a cabeça, em silêncio. A avó tinha desmontado o altar só para ver o seu segredo revelado: uma amiga da minha mãe tinha aparecido quando a minha avó não estava em casa, dizendo à minha mãe o quanto lamentava a sua perda. Jamais viria a esquecer o quanto a minha mãe tinha chorado, apertando as roupas do tio Thuận contra o peito. Não me orgulho disso agora, mas na altura senti-me como se todos os rios das suas lágrimas tivessem fluído para o espírito do meu tio, secando os seus sentimentos

maternais por mim.

A tia Duyệt sentou-se à mesa.

– A tua mãe está melhor? Está em casa?

Assenti, tentando não derramar o chá enquanto o servia.

– A mamã... acho que está a dormir. – Apontei na direção do quarto dos meus pais.

A tia Duyệt olhou para o relógio.

– Deixa-me tentar falar com ela outra vez. – Esvaziou a sua chávena e levou o bule para o quarto.

Perguntei-me quanto tempo levaria a tia Duyệt a sair, os cantos da boca descaídos de decepção. A minha mãe tinha conseguido desapontar todos os seus visitantes, incluindo a sua irmã mais nova. Pobre tia Hạnh, que tinha viajado da província de Thanh Hóa só para a ver.

Tentei ler os meus manuais, mas as palavras eram vazias e sem cor. Tinha de regressar à escola em breve, caso contrário seria expulsa. A porta do quarto da minha mãe continuava fechada. Fingindo varrer o chão, aproximei-me dela em bicos de pés, encostando o ouvido à madeira. Murmúrios e soluços ocasionais. A voz da minha mãe. Fechei os olhos, à escuta, mas os murmúrios derretiam-se no ar antes que o seu significado pudesse chegar a mim.

O relógio deu as onze. Acendi o fogão a lenha, fervendo água para uma sopa de espinafres. Numa panela de barro, estufei um par de salmonetes com molho de peixe, malagueta e pimenta. Vertendo arroz noutra panela, lavei-o cuidadosamente para me livrar de qualquer gorgulho. Normalmente, tinha de misturar milho, mandioca ou batata-doce com o arroz para nos encher o estômago, mas nesse dia tínhamos uma convidada especial. Portanto, arroz para o almoço. Esperava que a tia Duyệt gostasse da comida. A vida era difícil para ela. Trabalhava numa fábrica de roupa e era paga em senhas de alimentação. Tal como o meu pai e os meus tios, o seu marido tinha ido para o campo de batalha. Vivia junto ao rio Vermelho e tinha de cuidar de dois filhos pequenos.

Aproximava-se o meio-dia. O peixe fervilhava. O ar tinha um cheiro tão delicioso, que pus a língua de fora para o lamber. Provei a sopa de espinafres. Estava tão saborosa, que tive de comer outra colherada. Lançando primeiro um olhar ao quarto da minha mãe, aproximei-me da panela do arroz. Só uma colherada, uma só.

Pondo o arroz na boca, ia começar a mastigar quando um estalido se fez ouvir junto à porta da frente.

– Hương, cheguei.

A voz da minha avó. Engoli tão depressa, que o arroz deslizou pela minha garganta como fogo. Pontapeei a colher para um canto da cozinha, limpando a boca à manga da minha blusa.

– A comida está pronta? Estou faminta – disse a avó, empurrando a bicicleta para dentro.

O meu sorriso deve ter-me saído torto. Apontei na direção do quarto.

– Está cá a tia Duyệt. Conseguiu pôr a mamã a falar.

A avó levou um dedo aos lábios.

– Deixá-las.

Levei tigelas e pauzinhos para a mesa. Se a minha mãe estava a falar, devia sentir-se melhor. Imaginei que a nossa refeição seria um feliz almoço de reencontro, em que eu me sentaria ao seu lado e ela elogiaria os meus cozinhados, encheria a minha tigela e me instaria a comer; a sua voz terna dir-me-ia para parar de me preocupar com ela e regressar às aulas.

Quando a tia Duyệt e a minha mãe chegaram à mesa, porém, um pesado silêncio envolveu a nossa refeição. A avó tentou manter a conversa a fluir perguntando à tia Duyệt pelo seu emprego.

– Estamos a produzir por quotas – disse a minha tia, suspirando. – As nossas roupas amontoam-se no armazém. Não podemos vender, mas a produção tem de continuar.

– O governo quer controlar a economia, mas como pode? – A avó pôs um pouco de peixe na tigela da tia Duyệt. – O nosso sistema de saúde também está a sofrer. Acabo de visitar uma amiga no Hospital Bạch Mai; está tão congestionado. Precisam de mais médicos por lá. – Virou-se para a minha mãe. – Ngọc, cruzei-me com os teus colegas, que disseram que mal podem esperar para te ter de volta.

– Disseram-te isso, porque adoram mentir. – As palavras cáusticas da minha mãe sobressaltaram-me.

Seguiu-se um minuto de silêncio.

– Preocupam-se contigo, filha. Todos nos preocupamos. Todos te queremos ajudar a melhorar.

– Melhorar? – Jorrou riso da boca da minha mãe; tinha os olhos vermelhos. – Se eu fosse tão forte como tu, de certeza que já estaria melhor.

Deixaste-nos para trás ao fugir da tua maldita aldeia, lembras-te?

– Vá lá, Ngọc. Isso foi há muito tempo. Não tive escolha. – Os lábios da minha avó tremiam.

– Tiveste, sim. Todas as mães têm escolha!

Nunca tinha visto a minha mãe tão zangada.

– Irmã Ngọc... – começou a tia Duyên, pegando na mão da minha mãe.

– Não, tu não percebes. Se a minha mãe não tivesse fugido, talvez todos os meus irmãos estivessem vivos agora. Thuận está morto. Đạt e Sáng podem não voltar. O irmão Thuận está morto. Está morto! – Tremiam lágrimas nas faces da minha mãe.

– Lamento, filha – sussurrou a avó. – Deixa-me compensar-te. Diz-me o que devo fazer.

– Não há nada que possas fazer por mim agora – retorquiu a minha mãe, levando as mãos ao rosto. – Nada! Estou acabada. Suja e acabada. Ninguém me poderia deixar de novo limpa.

Olhei para a minha mãe. As suas palavras não faziam sentido para mim.

– Ngọc. – A avó pousou a sua tigela e os seus pauzinhos. – Deves ter passado por coisas terríveis. Deixa-me ajudar...

– Se podes ajudar, diz-me como fazes isto. – A raiva fulgurou nos olhos da minha mãe. – Diz-me como consegues continuar. Diz-me como és capaz de comer quando o corpo do Thuận jaz frio debaixo da terra.

– Basta! – Foi tal a força com que a avó bateu na mesa, que a fez tremer. – Não podes sequer imaginar o quanto dói ter um filho morto.

– Oh, podes crer que posso. Sei exatamente o que se sente e é por isso que não consigo perceber como podes ficar aí sentada, a comer dessa maneira.

– Parem de discutir – gritei eu. – Parem!

Estava à minha escrivadinha, a chorar, quando a tia Duyên foi ter comigo.

– Desculpa ter despertado emoções negativas. A tua mãe... precisa de tempo.

– O que lhe aconteceu, tia? Que lhe disse ela?

A tia Duyên limpou-me as lágrimas com as costas da mão.

– Compreenderás um dia, minha querida... O que te posso dizer é que, enquanto médica, a tua mãe salvou muitas vidas. Trabalhou em clínicas improvisadas ao longo do Trilho Hồ Chí Minh. Operou soldados, às vezes

sem a ajuda de medicamentos para o alívio da dor. Onde quer que estivesse, tentava procurar o teu pai e os teus tios, mas foi em vão.

– Que mais lhe disse ela? Que a transformou numa pessoa tão horrível?

– Oh, Hương, a guerra... é pior do que alguma vez poderíamos imaginar.

– Matou alguém?

– Quê? Porque dizes isso?

– Durante o sono, ouvi-a gritar sobre um bebé. Uma vez, disse que o tinha matado.

– Não... isso foi só um pesadelo. – A tia Duyên abanou a cabeça. – Acredita em mim, a tua mãe é boa pessoa.

– Estiveram horas a falar. Por favor, que mais lhe disse ela?

– Deixarei que seja a tua mãe a contar-te a sua história quando tiveres idade suficiente, Hương. O que quer que tenha acontecido, sabe, por favor, que ela te ama mesmo muito. Importa-se mais contigo do que alguma vez saberás. E está muito grata por teres tentado tomar conta dela.

– Reparou sequer?

– É claro que sim. – A tia Duyên mordeu o lábio. – Há... há algo que ela me pediu que te dissesse.

– Não pode falar comigo ela mesma?

A minha tia agarrou-me no braço.

– Hương, a tua mãe quer ir para minha casa e passar lá um breve período. Precisa de tempo para...

– Quer abandonar-me outra vez? – Levantei-me.

– Oh, Hương, não penses assim. A tua mãe precisa de ajuda. Eu posso estar lá para ela. A minha casa não é nada de especial, mas posso dar longos passeios com ela junto ao rio. Seria bom para ela estar perto da natureza.

Virei-lhe costas. A minha mãe fazia confidências à tia Duyên, mas não a mim. Não confiava em mim. Não achava que eu fosse suficientemente boa como filha.

Depois de a minha mãe ter partido com a tia Duyên, fui para o jardim das traseiras com *Uma Casa na Grande Floresta* nas mãos. Que sorte tinha aquela rapariga americana em estar ancorada aos pais, enquanto os meus se tinham afastado para tão longe. Virei para a última página, em que Laura tinha sido confortavelmente aconchegada na sua cama, com a mãe a tricotar na cadeira de baloiço e a música e o canto do pai a encher de felicidade a casa

acolhedora.

Cerrando os dentes, arranquei a última página do livro e rasguei-a em pedaços. Pensava que me ia sentir satisfeita com a vingança, mas, enquanto os fragmentos de papel caíam aos meus pés como borboletas mortas, seguiram-se as minhas lágrimas.

Voltei para a escola, debati-me e saí-me mal nos testes. A avó ficou chocada com os resultados, mas eu não quis saber. Tinha sido ela quem afugentara a minha mãe.

A avó tornou-se muito calada; as palavras da minha mãe tinham-na magoado profundamente. Tinha tomado conta de mim, e agora devia ser eu a demonstrar a minha lealdade consolando-a, mas não me conseguia obrigar a fazê-lo, por medo de trair a minha mãe. A minha mãe, porém, não se importava muito comigo. Sempre que eu lhe levava os cestos de comida que a avó tinha preparado, fitava-me com um olhar tão vazio, que me fazia questionar se era verdadeiramente a minha mãe que estava ali sentada.

Tentei falar com a tia Duyen, mas ela não me disse nada de novo. Dizia sempre que a minha mãe precisava de tempo e que em breve ficaria melhor.

No dia 30 de abril de 1975, chegaram notícias da tomada de Sài Gòn pelo Exército do Norte, levando torrentes de pessoas a sair das suas casas. A Guerra de Resistência contra a América tinha verdadeiramente terminado. O Vietname estava agora unificado. Norte e Sul tinham-se tornado uma vez mais o corpo de uma só nação. As pessoas cantavam, dançavam, faziam rodopiar a nossa bandeira nas mãos. A bandeira vermelha, com uma estrela amarela ao centro, erguia-se como chamas ao longo de cada rua, de cada estrada, de cada sinuosa viela. Discursos e canções ecoavam dos altifalantes públicos, louvando o heroísmo do Exército do Vietname do Norte, aplaudindo o nosso povo por ter derrotado os americanos e o seu regime no Sul.

Em retrospectiva, oxalá tivesse entendido mais plenamente a importância desse dia. Assinalou o fim de um banho de sangue que tinha inundado o nosso país durante quase vinte anos, afogando mais de três milhões de pessoas e deixando ainda outros milhões de feridos, traumatizados e desalojados. Uma vez, li um artigo sobre as bombas que tinham sido largadas durante a nossa guerra, e o número espantou-me: sete milhões de toneladas.

No dia em que a guerra acabou, ainda assim, a avó e eu não celebrámos. Para nós, a paz só chegaria quando todos os nossos entes queridos tivessem

regressado a casa. A nossa casa era a única no bairro sem a bandeira vermelha desfraldada sobre a porta da frente. A avó ajoelhou-se diante do altar familiar, o pau de madeira na mão a bater ritmicamente contra o sino de oração. Eu estava ao seu lado, de olhos fechados, as mãos diante do peito. Rezei para que o meu pai, o tio Đạt e o tio Sáng regressassem a casa e para que não trouxessem consigo nenhuns fantasmas da guerra.

Embora me exortasse a ir à escola, a avó ficou em casa durante os dias seguintes. Gastou prodigamente dinheiro, preparando diferentes tipos de comida, pronta para uma grande festa de boas-vindas a casa.

Exatamente uma semana após o Dia da Unificação, levantei-me cedo e rezei com a avó. Enquanto ela preparava o pequeno-almoço – outra sumptuosa refeição, por via das dúvidas –, saí porta fora com um par de baldes de lata vazios. Cumprimentei a Sra. Nhân, que estava no seu pátio da frente a fazer os seus exercícios matinais.

Estavam várias mulheres acoradas em redor do poço, a lavar baldes de roupa, quando eu cheguei. Passei por elas, dirigindo-me à bomba de água.

– Um soldado de regresso – murmurou alguém atrás de mim.

Virei-me. Uma figura esguia descia a viela do nosso bairro. Tinha a mesma constituição, a mesma altura, que o meu pai.

– Parece igualzinho ao meu irmão – comentou mais alguém.

Sons estrepitosos ecoaram à minha volta enquanto as mulheres derrubavam os seus baldes, precipitando-se em direção ao homem. Avancei, mas era demasiado lenta. Uma multidão tinha já rodeado o soldado quando me aproximei.

– *Chú Sáng, chú Sáng về rồi!* – gritou alegremente uma voz de criança. O meu tio Sáng. Estava de volta.

– *Chào các bác, các cô, các cháu* – disse ele, saudando os homens, mulheres e crianças à sua volta.

– A tua mãe tem sorte, Sáng. – O Sr. Tùng deu uma palmadinha no ombro do meu tio.

A Sra. Thương, uma senhora idosa, agarrou-lhe na mão.

– Viste os meus filhos, Thắng e Lợi?

O tio Sáng abanou a cabeça.

– Agora que a guerra acabou, voltarão em breve.

– Espero que sim – murmurou a senhora, virando-lhe costas e limpando

as lágrimas.

– Aqui está a Hương, a tua sobrinha. – Alguém me guiou para a frente, e eu afundei-me no abraço do tio Sáng.

– Olha para ti, estás quase da minha altura – disse o meu tio, enquanto eu respirava fundo, dizendo a mim mesma para não chorar. O tio Sáng estava de volta, realmente de volta. Em breve, o meu pai e o tio Đạt regressariam e tudo ficaria bem.

– Que coisa mais estúpida que foste fazer. – Eu estava paralisada ao lado da avó enquanto o tio Sáng andava de um lado para o outro na nossa sala de estar, a repreendê-la. As suas botas chiavam sob os seus passos pesados. Ergueu os pés, fazendo os porcos fugir. – Não posso acreditar que deixaste de ensinar para te tornares comerciante.

– Acalma-te, filho. Não estou a fazer nada de mal. – A avó serviu uma taça de chá ao meu tio.

– Nada de mal? – repetiu o tio Sáng, dirigindo-se à avó. Encostou-lhe a boca ao ouvido. – Tornei-me membro do Partido. A minha mãe não pode ser uma *con buôn*.

– Oh, quer dizer que te juntaste à liga, foi? – perguntou a avó, resfolegando. – Não vejo porque haveria alguém de se importar. Os meus assuntos são meus. Os teus são teus.

– Não é tão simples como julgas – silvou o meu tio. – Eu e os meus camaradas arriscámos as nossas vidas para trazer justiça ao povo deste país. Derramámos o nosso sangue para o nosso povo ficar livre da invasão estrangeira. Livre dos exploradores e da burguesia.

Enquanto o meu tio continuava a pregar, a avó levantou-se, dirigindo-se para o fogão. Levou pratos e tigelas de comida para a mesa: rolos de arroz cozido a vapor, sopa de *noodles phở*, arroz glutinoso com leite de coco e papas de peixe. Vendo que estava decidida a celebrar o regresso do filho, levantei-me e ajudei-a.

– Estás a arruinar as minhas hipóteses de conseguir um cargo de liderança, mamã. Tornar-me-ei motivo de chacota ante os meus camaradas. Agora, já não posso disciplinar ninguém porque...

– Porque não consegues disciplinar a tua própria mãe? – A avó ergueu o olhar dos pauzinhos que estava a distribuir. – Vá lá, Sáng. Há anos que não me vias. Senta-te e desfruta da nossa primeira refeição.

Só então o tio Sánh parou de andar. Olhou para a comida, dilatando as narinas. Virou costas, mas não suficientemente depressa. Vi-o engolir em seco.

– Tio Sánh, por favor – disse-lhe eu. – A avó passou a semana inteira a cozinhar os seus pratos favoritos, para o caso de voltar para casa.

O meu tio deambulou mais algumas vezes de um lado para o outro. Olhou para a nossa porta para ver se estava fechada e trancada. Encostou-lhe o ouvido, espreitando depois por uma fresta, como que para se assegurar de que não havia ninguém a espiar. Olhou para as nossas janelas.

Dirigiu-se à mesa.

– Está bem – sussurrou. – Só desta vez e só porque não quero que a pequena Hường fique triste. – Atirou-se à comida. Manteve-se em silêncio durante toda a refeição, mas soltou um gigantesco arrote ao terminar.

A avó e eu ainda estávamos a comer quando ele se levantou, batendo com as botas contra as pernas das cadeiras. Quando abriu a boca, as suas palavras saíram como que da língua de um estranho.

– Mamã, se me amas, deixa o teu trabalho de comerciante e regressa ao ensino. Enquanto não o fizeres, não te poderei voltar a visitar.

A avó ficou com ar derrotado depois de o tio Sánh sair. Guardou a comida e regressou silenciosamente ao mercado.

Que teria acontecido para o tio Sánh mudar tanto? Sempre fora afetuoso com a avó. Costumava dobrar papéis coloridos em forma de animais para mim e para os meus amigos. Durante o Festival de Meio do Outono, cortava bambu e fazia diferentes lanternas de papel: um gato, um peixe, um tigre, uma estrela, uma flor. As lanternas que fazia para mim ganhavam sempre um prémio no Cortejo da Luz em torno do lago da Espada Restituída. Tinha aprendido essas competências com o artesanato que tomara conta dele aquando da sua chegada a Hanói com a avó.

Dei um copo de água à avó quando ela chegou a casa.

– Estás bem? Nem podia acreditar em como o tio Sánh foi grosseiro.

– A propaganda fez-lhe uma lavagem ao cérebro – disse ela, sentando-se no *phần*. – Dado o que aconteceu ao pai dele, alertei-o para os perigos da política. Mas ele não quer ouvir. – Suspirou. – Dizem as pessoas que *mưa dầm thấm lâu*. A chuva suave e persistente penetra melhor na terra do que uma tempestade. Tenho de ser paciente com ele.

Revirou o copo nas mãos.

– Quanto à tua mãe, Hương, tenho andado a pensar... que precisamos de nos esforçar mais. Continua a falar com ela. A tua voz guiá-la-á de volta a nós.

– Ela não quer saber, avó. Não a quero mais visitar. – Levantei-me, querendo afastar-me dos problemas da minha mãe.

A minha avó pegou-me na mão.

– Hương, se não a ajudarmos, ninguém o poderá fazer. Prometes-me que nunca desistirás dela?

Daí em diante, sempre que visitava a casa da tia Duyên, levava livros para ler e trabalhos de casa para fazer, a fim de preencher o silêncio entre a minha mãe e eu.

Algumas semanas depois, recebi uma carta. Fiquei tão surpreendida, que não parava de abrir o envelope, tirar o bilhete, lê-lo, sorrir para comigo e devolvê-lo ao envelope, só para o voltar a abrir.

– De quem é essa carta? – perguntou subitamente a minha mãe, sentada a alguma distância de mim, como habitual.

– Não sei, mamã.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Queres saber o que diz? – perguntei eu. E, sem esperar pela sua resposta, pigarreei.

Querida Hương, já reparaste que o verão chegou? As flores phượng acendem as suas tochas ao longo das ruas. Sonho com o dia em que poderei passear contigo sob o céu vermelho.

Ergui o bilhete.

– Encontrei-o dentro da minha mochila. Não sei quem o pôs lá.

– Tens um admirador secreto, então. – A minha mãe chegou mesmo a sorrir ao dizer estas palavras.

– Talvez alguém me esteja a pregar uma partida?

– Não creio – respondeu ela. – Também recebi esse tipo de cartas quando tinha a tua idade.

– A sério? Quantas? E quem tas enviou?

O sorriso no seu rosto desvaneceu-se. Virou-se para olhar pela janela.

– Não queres voltar para casa, mamã?

Silêncio.

– Mamã, por favor. Volta para casa. Eu preciso de ti.

– Não posso... Não devias estar perto de mim neste momento. Não te faço bem.

– A tia Duyệt disse que vais voltar a trabalhar. Mas porquê na fábrica dela? És médica. Adoravas o teu trabalho.

– Não posso continuar a ser médica – disse ela, torcendo os dedos. – Traria de volta demasiadas memórias dolorosas.

– Que memórias, mamã?

– Oh, Hương, não te posso dizer. Digamos só que passei por coisas terríveis. Terríveis. Coisas que não desejaria a ninguém.

– Mamã, se não me podes dizer, fala com a avó. Ela pode ajudar-te.

– Não – sussurrou a minha mãe. Baixou a cabeça, os ombros a tremer. – Lamento não ter podido trazer o teu papá de volta, Hương. Fui eu quem o fez juntar-se ao maldito exército. Queria cortar o dedo para não ter de se alistar. Falou em se esconder para evitar combater. Mas eu disse-lhe que era um covarde, que, enquanto homem, tinha de defender o nosso país e de nos livrar dos invasores estrangeiros.

Fiquei a olhar fixamente para a minha mãe. Teria enlouquecido?

Abanei a cabeça.

– A avó disse-me que todos tiveram de ir. O papá não teve escolha.

– Sim, teve. Teve escolha, raios! – disse ela, cerrando os punhos.

– O papá vai voltar. Vai...

– Será? Passaram três meses desde que a guerra acabou, Hương.

Três meses. Já teríamos tido notícias dele por essa altura, se ainda estivesse vivo; era o que ela me queria dizer, mas não conseguia obrigar-se a fazê-lo.

Enquanto a raiva me enchia o peito, as lágrimas encheram-me os olhos. Já não conhecia a mulher à minha frente. Talvez tivesse realmente mandado o meu pai para a guerra. Talvez tivesse mesmo matado bebés nos campos de batalha.

Dirigi-me à porta, mas então dei meia-volta.

– Espero que o papá volte, porque, caso contrário, nunca te irei perdoar. Nunca, nunca!

Em casa, perguntei à avó se a minha mãe tinha realmente convencido o meu pai a juntar-se ao exército.

– Nenhum homem podia escapar, Hương – exclamou ela. – Não sei

porque se culpa a tua mãe. É verdade que algumas pessoas cortavam os dedos ou se escondiam, mas todos os que conhecia que o fizeram sofreram castigos severos. Todos tiveram de se tornar soldados no fim. Teria eu deixado os teus tios ir se houvesse alguma hipótese de escaparem?

– Mas deve ter dito ao papá para ir e é por isso que se sente culpada.

– Era um tempo muito diferente quando o teu pai partiu – disse a avó, suspirando. – Almas inocentes tinham morrido por causa dos bombardeamentos. Hanói fervia de raiva. Havia vagas de pessoas a oferecerem-se como voluntárias para combater. Como muitos outros, a tua mãe era patriótica.

Pensei nos rapazes da minha escola que tinham mentido sobre a sua idade para poderem entrar para o exército. Mas não era fácil aceitar que a minha mãe tinha ajudado a empurrar o meu pai para a fornalha da guerra.

Saí, olhando para o céu sem estrelas.

– Vem para casa, papá. Vem para casa e corrige as coisas entre a mamã e eu.

Enterrei-me nos livros, tentando esquecer os meus anseios e a minha raiva. Tinha de me concentrar nos estudos. A avó estava a fazer todos os possíveis para me dar a oportunidade de ter uma boa educação, e eu tinha de agarrar essa hipótese. Dentro de três anos, terminaria o secundário e enfrentaria o exame de admissão na universidade.

Em agosto, cinco meses após o regresso da minha mãe, fui selecionada para frequentar uma das melhores escolas de Hanói, a Chu Văn An.

Esta escola tinha felizmente sobrevivido aos bombardeamentos. Os seus vetustos edifícios erguiam-se orgulhosamente, com vista para o lago Ocidental. Da minha sala de aulas, podia ver pescadores a remar com os pés nos seus barcos de bambu, recolhendo com as mãos redes cintilantes. Podia ver mulheres a baixar-se para a água, desaparecendo por completo sob círculos ondulantes enquanto procuravam caracóis.

A minha nova escola era muito mais longe de casa, por isso a avó comprou-me uma bicicleta. De entre cinquenta e quatro colegas de turma, eu estava entre os dois únicos que tinham uma bicicleta. Os restantes tinham de ir a pé, independentemente da distância a que viviam.

Os meus colegas sabiam que a avó era comerciante e não queriam ser vistos comigo fora das aulas. Ninguém ia a minha casa.

Não queria saber. O meu coração não estava na escola. Estava em casa, onde podia ler os supostos livros anticomunistas que tinham sido proibidos, mas que a avó continuava a comprar para mim. A minha casa era um local de calma: onde praticava técnicas de autodefesa com a avó e brincava com os nossos animais. Tinha implorado à avó para não vender o *Pintas Pretas* e o *Nariz Rosa*, e ela arranjou uma maneira: tornaram-se mães porcas, dando à luz vinte e dois leitões na sua primeira estação. Vendemos quinze leitões, fazendo um belo lucro. A avó converteu o terceiro quarto numa pocilga, após transferir a cama do tio Đạt para o quarto dos meus pais.

– Resolveremos as coisas quando o teu tio regressar – disse ela.

Chegou o outono. Esperava que a avó ajudasse a trazer a minha mãe de regresso a casa, mas ela tinha outras coisas no pensamento. Um dia, voltou do trabalho empolgada.

– Hương, adivinha só! Vou ter outro neto. A tua tia Hoa está grávida. Oh, não posso acreditar.

– Isso são ótimas notícias, avó, mas como descobriste? – Nem o tio Sáng nem a tia Hoa nos tinham contactado. Só tinham visto a minha mãe uma vez.

A avó piscou-me o olho.

– Uma amiga tem ido visitar o teu tio em meu nome.

Começou a cozinhar, as canções felizes a regressar-lhe aos lábios.

Estava a fazer os meus trabalhos de casa quando a sua voz estrondeou atravessando a porta.

– Hương, ajuda-me a levar alguma comida à tua tia Hoa.

Ao sair, vi-a empilhar caixas de arroz glutinoso, peixe grelhado na brasa e vegetais salteados num saco.

– Isto dará leite em abundância à Hoa.

– Não a quero ver, avó. Além disso, tenho um teste amanhã.

Comecei a dirigir-me de novo à minha escrivania.

– É uma viagem rápida. – A voz da avó seguiu-me. – Por favor... Levo-te lá na minha bicicleta.

Revirei os olhos. Não entendia como podia a avó ser tão indulgente em relação ao tio Sáng. Devia estar a ajudar a minha mãe, não a ele.

Estava na cama, a ler a poesia de Xuân Quỳnh, quando a avó me procurou.

– Parece que alguém já acabou de se preparar para o teste – observou ela, sorrindo.

Virei outra página, sentindo-me mal por ter mentido acerca do teste. Mas estava um calor escaldante lá fora, e as pregações do tio Sáng tresandavam.

– Hường. O bebé é teu primo...

– Se queres dar-lhes comida, fá-lo tu mesma.

– Não posso. É por isso que preciso da tua ajuda.

– Não podes porquê? Oh, já me lembro. – Pigarreei, imitando a voz do tio Sáng. – Tornei-me membro do Partido. A minha mãe não pode ser uma *con buôn*.

A avó fez um esgar.

– Não te peço muito, mas este é um dever com que me vais ajudar.

– Já não sou um búfalo bebé a quem possas conduzir pelo nariz. – Regressei ao meu livro, desejando poder desaparecer nas suas páginas.

– Hường! Não te eduquei para falares dessa maneira. Tens de ser respeitosa.

– Respeitosa? – repeti eu, endireitando-me. – Talvez o respeito já não exista nesta família. – Pensei em como o tio Sáng, a sua mulher e a minha mãe se tinham comportado.

O rosto da avó ensombrou-se. Tinha a certeza de que me ia bater ou gritar, mas ela retirou-se silenciosamente do meu quarto.

Deitei-me, a cantarolar, pensando que, por uma vez, tinha levado a melhor à minha avó, mas ela apareceu, de *nón lá* na cabeça, com o saco da comida no braço.

– Compreenderás porque faço isto quando fores mãe. – Puxou-me para cima. Quis resistir, mas a expressão nos seus olhos silenciou-me.

Ao chegarmos ao edifício de betão onde os meus tios viviam, a avó mandou-me subir sozinha, escondendo o rosto sob o seu *nón lá*.

– Encontra-te comigo na rua Tràng Tiễn quando estiveres despachada – disse ela.

Vi-a afastar-se a pedalar, a sua sombra minúscula contra a escuridão iminente.

Mordi o lábio para me impedir de gritar enquanto entrava na sombria e imunda escadaria. Queria rasgar o saco e devorar a comida eu mesma. Estava farta do meu dever: para com a avó, para com a minha mãe, para com os meus parentes.

Bati à porta do apartamento. Não obtive resposta. Esperei.

– Tio Sáng – chamei.

Silêncio.

– Ainda bem que não está em casa – disse eu, virando-me, e estava prestes a afastar-me quando um sussurro passou a correr pelos meus ouvidos.

– Hương, és tu?

A porta tinha-se entreaberto. A tia Hoa tinha o rosto de fora, olhando para um lado e para o outro. De repente, agarrou-me na mão, puxando-me para dentro. A porta fechou-se silenciosamente atrás de nós.

– Alguém te viu subir? – perguntou ela, franzindo o cenho, a barriga saliente sob o seu pijama desirmanado.

– Acho que não. Porquê? – Não lhe falei com um título respeitoso, mas ela nem se apercebeu; os seus olhos estavam fixos no saco da comida.

– Vem. Estávamos mesmo a jantar. – Puxou-me mais para o interior do seu apartamento. Passámos por uma divisão onde pilhas de livros jaziam no chão. *Teorias do Marxismo-Leninismo*, dizia a capa de um dos livros. *O Capitalismo Estremece Ante a Sua Morte* era o título de outro. *O Império Americano Não Passa de um Tigre de Papel*, dizia um livro com o nome da editora impresso em letras grandes: Edições Verdade.

À minha direita, estava a cozinha vazia. À esquerda, uma casa de banho e outro quarto, quase sem mobília. A avó tinha-me dito que o tio Sáng tinha doado os seus belos móveis para provar que pertencia à classe trabalhadora. Havia muito espaço para criar galinhas e porcos, mas não se ouviam sons de animais.

Entrámos numa grande sala.

O meu tio estava sentado numa esteira de junco. De camisola interior e calções, parecia chocantemente magro. Diante dele, estavam dois pratos de comida: mandioca e espinafres de água cozidos. As pessoas que trabalhavam para o governo eram pagas em senhas de alimentação, mas as senhas não chegavam. O tio Sáng devia criar animais, como nós, em vez de ler aqueles livros de propaganda.

– *Chào chú* – cumprimentei-o eu.

– Hương. Vieste sozinha? Onde está a avó?

– Lá em baixo, na rua.

Ele soltou um suspiro de alívio.

– Mandou-lhe alguma comida. – O saco parecia agora muito mais

pesado; continha muitas horas do trabalho da avó e o seu amor pelo filho mais novo.

O tio Sáng e a tia Hoa trocaram olhares. Passou um instante. O meu tio pigarreou.

– Deixa-a aí. Encosta-a à parede. Sim, sim. Aí está bem.

Larguei o saco.

– Hường – disse o meu tio. – Diz à avó que é bom que ela tenha tido cuidado, que te tenha enviado a ti em vez de vir ela.

Não respondi. Precisava simplesmente de sair dali.

Uma semana depois, cheguei a casa da escola e estava a abrir a porta da frente quando uma campainha tiniu nas minhas costas. Virei-me e vi um homem de chapéu amarelo montado numa bicicleta, com um saco pendurado ao ombro e um envelope na mão. Um carteiro.

– Hã, é esta a casa da Sra.... Sra. Trần Diệu Lan?

– Sim, tio, é a minha avó – disse eu.

– Uma carta para ela. De Sài Gòn.

Encostei a minha bicicleta à porta.

– Sài Gòn?

O homem assentiu, estendendo-me o envelope.

Olhei para a caligrafia impecável na frente.

– Da minha tia Hạnh. Tem... tem mais alguma carta para nós?

– Não creio, mas deixa-me verificar. – O carteiro tirou uma pilha de envelopes do seu saco, percorrendo-os. – Nada mais.

Fiquei a observá-lo até desaparecer da nossa viela com a sua bicicleta, esperando que se virasse para trás para me dizer que estava enganado, que havia outra carta para a avó e para mim.

Os porcos, leitões e galinhas receberam-me com queixas famintas assim que eu abri a porta. Olhei para a carta. Talvez a tia Hạnh tivesse ido para Sài Gòn procurar o meu pai e o tio Đạt. Talvez os tivesse encontrado lá.

Queria saber o que a minha tia tinha escrito, mas temia as notícias. Tinha de encontrar a avó.

Apressei-me a alimentar os animais e acelerei em direção ao centro histórico na minha bicicleta. À minha volta, o outono amadurecia. Luz dourada jorrava do profundo azul do céu. Folhas vermelhas e amarelas balançavam, caindo dos ramos das árvores, cobrindo passeios, rumorejando

sob os pés das pessoas.

No centro histórico, fui da rua da Seda à rua da Prata, da rua do Algodão à rua das Cebolas. Regressei à rua da Medicina Tradicional, atravessei a rua dos Caixões e fui parar à rua do Bambu. Havia trinta e seis ruas, e a avó podia estar em qualquer uma delas. Podia ser qualquer das pessoas que via passar apressadamente, de rostos escondidos sob os seus *nón lá*.

O meu coração sobressaltou-se ao avistar dois guardas, com as suas braçadeiras vermelho-vivo. Apertei os travões, agarrando-me ao guiador, e estava prestes a dar meia-volta quando um dos guardas apontou para mim.

– Tu! Vem cá.

Desci da minha bicicleta, guiando-a em direção a ele.

– Olá, tio. – Sustive a respiração, esperando que o meu rosto não estivesse corado do medo.

– Documentos – vociferou o guarda, erguendo-se sobre mim.

Abri a minha mochila, entregando-lhe o título de propriedade da bicicleta e a minha identificação.

O outro guarda, baixo e rechonchudo, aproximou-se e deu uma olhadela.

– Quer dizer então que és rica, hã, irmã mais nova? Para teres esta bicicleta em teu nome.

– Onde a arranjaste? – exigiu saber o guarda alto, olhando-me de cima a baixo.

– A minha avó comprou-a para mim, tio.

O guarda rechonchudo piscou-me o olho.

– Trata-nos por irmãos – disse, olhando-me para o peito.

O guarda alto franziu o cenho.

– A tua avó, hã? Como raio conseguiu ela pagar isto? – Pontapeou a bicicleta, que tremeu e chocalhou. Agarrei no guiador, segurando-a, sentindo-me como se ele me tivesse dado um pontapé no estômago.

– É professora, tio. Trabalha muito. – Fui educada, mas vieram-me ao pensamento os movimentos da defesa Kick-Poke-Chop.

– Olha. – O guarda rechonchudo deu uma cotovelada ao guarda alto, apontando para uma mulher de meia-idade que se debatia com a sua bicicleta. – Tira-lhe aquela bicicleta se não estiver em nome dela. Eu trato desta.

Enquanto o guarda alto saltava para a estrada, gritando à mulher, o rechonchudo estudou os meus documentos. Acariciou a fotografia do meu

cartão de identificação com as unhas negras de terra.

– Bonita, mas mais bonita na vida real.

– Tio, posso ir agora, por favor? Estou atrasada para as aulas.

– Ah, estou a ver, número cento e setenta e três da Rua Khâm Thiên – disse ele, lendo o meu endereço em voz alta e olhando-me diretamente nos olhos. – Vê se estás em casa esta noite. Vou passar por lá para uma visita.

– Visita? Porquê, tio?

– Disse para me tratares por irmão – silvou ele, baixando depois a voz. – Digamos só que te estou a fazer um favor. Ficarás segura se saíres comigo.

Evitei-lhe o olhar enquanto guardava de novo os papéis na minha mochila. *Acalma a tua mente*, disse a mim mesma, repetindo as palavras da avó enquanto me afastava a pedalar. *Desenvolve a tua força interior*.

Encontrando uma ruela, virei para lá. As minhas pernas tremiam como lama. Parei a bicicleta junto a uma mulher mais velha que estava agachada no passeio com um cesto de bambu à sua frente.

– Chá verde, chá verde. Queres um pouco de chá verde? – perguntou-me ela.

– Sim, por favor, mas não muito forte, avó. – Perscrutei a bicicleta. Felizmente, o pontapé não tinha causado grandes estragos. Endireitei a tampa de metal da corrente.

– É melhor que a prendas. – A senhora ergueu o pano que cobria o cesto, vertendo chá fumegante para uma taça. – Hoje em dia, há ladrões a rondar ao virar de cada esquina.

Deu-me um banco baixo, passando-me a taça. A brandura nos seus olhos disse-me que era bondosa e de confiança. Inclinando-me para ela, sussurrei:

– Chamo-me Hương e ando à procura da minha avó. Costuma comerciar por aqui.

– Como se chama ela? – sussurrou a senhora em resposta, prosseguindo depois em voz alta. – Queres que junte água ao teu chá? É forte.

– Sim, por favor – respondi eu em voz alta, baixando depois a voz. – Chama-se Diêu Lan.

Ela perscrutou-me o rosto e desviou o olhar.

– Chá verde, chá verde – apregoou a um transeunte.

Bebi um gole. O chá escaldou-me a boca.

– Se sabe onde ela está, diga-me, por favor. É urgente – implorei.

– Chá verde, chá verde – gritou ela mais alto, erguendo depois o seu *nón*

lá e fingindo abanar-se para poder esconder a boca. – Como sei que és neta dela?

Levei a mão à minha mochila da escola.

– Veja... uma carta da minha tia.

Ela lançou-lhe um relance.

– Espera aqui. – Pegando no seu cesto, ergueu-o contra a cintura e desapareceu ao virar da esquina. Depois de eu terminar a minha taça, regressou, recolhendo o seu banco. Sem precisar que me mandassem, empurrei a minha bicicleta, seguindo-a. A Rua do Sal estava tranquila quando lá chegámos. A vendedora de chá escolheu um canto. Eu sentei-me à sua frente.

– Goiaba, estás bem?

Virei-me para ver o rosto e a testa enrugada da avó.

Levantei-me.

– A tia Hạnh enviou-te uma carta.

A avó sentou-se, rasgando o envelope. Perscrutou as páginas, deixando escapar um suspiro de alívio.

– O que diz, avó?

– Porque não a lê em voz alta? De certeza que aqui a Sra. Uyên quer ouvir.

– Ler aqui? – Olhei em volta. Algumas pessoas passavam por perto. Estava um homem sentado a algumas casas de distância, a fumar um cachimbo de bambu; faixas de brancura desenredando-se sobre a sua cabeça antes de desaparecerem no ar.

– Porque não? Força. – A avó esticou as pernas, bebendo o seu chá.

Pigarreei.

Queridas mamã, irmã Ngọc e Hương,

Lamento não ter tido oportunidade de vos informar da nossa mudança para Sài Gòn. O Tuấn regressou da guerra e foi enviado de novo para o Sul, desta vez para gerir uma fábrica. Pediu-nos que nos juntássemos a ele, e eu tive de vender rapidamente as nossas terras e a nossa casa e de embalar o máximo possível. Com Thanh, Châu e os meus sogros, apanhei o comboio, viajando durante três dias. Tive de me beliscar quando chegámos à cidade outrora designada de Pérola do Extremo Oriente.

Esperava que Sài Gòn fosse rica, mas, céus, estava para lá da minha

imaginação. Avenidas do tamanho de campos de arroz, edifícios mais altos do que as mais altas árvores que alguma vez tinha visto na vida. As gentes de cá, as suas roupas em voga e os seus sotaques sulistas fazem-me sentir uma campónia.

Sabiam que o nome de Sài Gòn acaba de ser mudado para Cidade de Hồ Chí Minh? Disseram para usarmos este novo nome. Ainda assim, vou pôr tanto Sài Gòn como Cidade HCM na minha morada, por via das dúvidas.

Em todo o caso, diz o Tuấn que há muito para fazer. As pessoas que trabalhavam para os americanos ou para o governo sulista vão ser enviadas para campos de reeducação. Quando o nosso exército estava prestes a tomar a cidade, em abril de 1975, muitas delas tentaram fugir para o estrangeiro de avião ou de barco. Muitas abandonaram as suas casas, assim sem mais nem menos. Como estamos ligados ao exército, pudemos instalar-nos numa dessas casas. É uma casa de dois andares, grande como uma mansão.

Ergui os olhos para a avó. Os dois parágrafos seguintes estavam a negro. Era como se alguém tivesse mergulhado um grosso pincel num tinteiro e pintado apressadamente por cima.

– Continua, ignora a parte censurada – instou-me a avó.

– Censurada?

– Achas que a Hạnh espalhou tinta na carta desta maneira? Sempre teve muito cuidado com a caligrafia. – Encostou-me a boca ao ouvido. – As altas esferas espiam as nossas cartas. As partes de que não gostam são enegrecidas.

– Oh. – Estudei os parágrafos censurados, incapaz de distinguir uma só palavra.

Comecei a trabalhar como professora numa escola perto de nossa casa, onde o Thanh e o Châu estudam. Muitos dos professores de cá foram enviados do Norte, e usamos manuais publicados em Hanói. A nossa missão é apagar os vestígios do antigo regime.

Mamã, espero que o irmão Đạt e o irmão Hoàng tenham regressado. Por favor, avisa-me imediatamente se houver notícias. E, por favor, escreve-me logo que saibas de alguma coisa sobre o irmão Minh. Rezo para que regressem em segurança. Tentarei procurá-los aqui.

Mordi o lábio. Não havia boas notícias.

Irmã Ngọc, espero que te sintas melhor. Lamento não ter podido ficar mais tempo da última vez que te visitei. Mas quero voltar em breve, falar contigo, como costumávamos fazer. Por favor, diz-me se houver algo que eu possa fazer.

Mamã, quando voltares a ver o Thanh e o Châu, ficarás surpreendida com o quanto são hábeis na autodefesa Kick-Poke-Chop. Tenho andado a ensiná-los, e vêm-me à memória aqueles dias maravilhosos que passámos com o mestre Vãn. Mamã, espero que estejas a cuidar bem de ti e que não andes a trabalhar demasiado.

E Hương, obrigada por seres tão boa menina, por tomares conta da avó e da tua mamã. Como vão os teus estudos? Continuas a ser a única aluna a ter recebido o Prémio de Excelência da tua escola? Escreve-me em breve, prometes?

Mamã, irmã Ngọc, Hương, mal posso esperar pela vossa visita. Podemos passar o dia inteiro a fazer compras no Mercado Bến Thành e provar todo o tipo de pratos do Sul. É uma cidade incrível, na verdade.

*Com todo o meu amor,
Hạnh.*

A vendedora de chá elogiou a tia Hạnh por se estar a dar tão bem no Sul, mas a avó disse que não lhe agradavam algumas das mudanças referidas na carta da minha tia, como os campos de reeducação e a abolição do consagrado sistema educativo do Sul.

A avó decidiu ir mais cedo para casa comigo. Assumi a dianteira, guiando-nos por minúsculas vielas que atravessavam o centro histórico. Ao virarmos para uma das ruas principais, parei ante a visão de vários guardas a agarrarem pelos braços um homem que se debatia, arrastando-o para a frente. A avó disse-me para continuar.

Quando a avó parou, dei-me conta de que estávamos diante da lendária loja Trầng Tiễn. Aí, o mais delicioso dos gelados era produzido havia várias gerações. Não me atrevia a pensar que fôssemos comprar algo, mas a avó disse-me para escolher todos os paus que quisesse. Optei por três tipos diferentes: chocolate, arroz glutinoso jovem e coco. A avó comprou dois para ela, ambos de feijão-da-china.

– Vamos a um sítio agradável – disse a avó.

– Ao lago Hoàn Kiếm?

– Leste-me os pensamentos.

A uma curta distância dali, o lago da Espada Restituída cintilava à nossa frente como um espelho gigantesco. Empurrei a bicicleta ao longo do caminho de terra que serpenteava junto à margem, passando por abrigos antiaéreos com as tampas cobertas de erva alta.

– Avó, o homem que estava a ser arrastado pelos guardas, que achas que ele fez? – perguntei eu.

– As calças... tinham as bainhas demasiado largas. Demasiado abertas. Estava a ser castigado por tentar parecer os *hippies* ocidentais.

Olhei para as minhas calças. Felizmente, tinham as bainhas estreitas.

– O governo quer controlar-nos, Hương. Houve pessoas que foram detidas e mandadas para a prisão. Prometes-me que vais ter cuidado? Se um dia encontrarem razões para te tirar a bicicleta, deixa-os. Não lhes resistas, prometes?

Assenti, perguntando-me como ia lidar com o guarda se ele fosse a nossa casa à minha procura.

Sentámo-nos num banco de pedra, sob uma árvore antiga cujos muitos ramos se estendiam para a superfície do lago, as folhas amareladas a esvoaçar ao vento. A uma curta distância, no meio da água, a Torre da Tartaruga resplandecia à luz da tarde, o musgo a enverdecer as suas paredes. No alto da torre, figuras de dragões e fénixes elevavam-se para o céu. Numa minúscula ilha junto à torre, o Templo Ngọc Sơn erguia-se acima de um denso aglomerado de árvores.

Era uma bênção que este local antigo tivesse escapado aos bombardeamentos.

Fitei a superfície da água, esperando captar um vislumbre de uma das tartarugas gigantes que viviam naquele lago. Quando era pequena, a avó tinha-me contado a lenda do lago da Espada Restituída. Há centenas de anos, quando a dinastia Ming chinesa invadiu o Vietname, o Céu ajudou os vietnamitas enviando uma espada mágica. Um pobre pescador encontrou a espada a muitos quilómetros de Hanói e levou-a ao imperador Lê Lợi, que utilizou a espada para derrotar o poderoso exército Ming. Quando a paz chegou, o imperador foi andar de barco naquele lago. Uma enorme tartaruga surgiu diante dele e falou-lhe em voz humana, pedindo ao

imperador que devolvesse a espada. «O mundo só terá paz se todas as pessoas renunciarem às suas armas», disse a tartaruga. Espantado, o imperador estendeu a sua amada espada. A tartaruga tomou-a na boca, desaparecendo debaixo de água. Daí em diante, o lago passou a ser designado de Hoàn Kiếm – lago da Espada Restituída.

A antiga lenda não podia ser mais verdadeira. Se tanto americanos como vietnamitas tivessem deposto as suas armas, ninguém teria tido de morrer.

Os olhos da avó estavam sonhadores.

– A Sra. Uyên, a vendedora de chá, viu uma vez uma Tartaruga Bisavó emergir deste lago. Quando chegou a casa, a cunhada deu à luz um filho.

A avó e todas as pessoas que eu conhecia tinham tanto respeito pelas tartarugas de Hoàn Kiếm, que lhes chamavam *Cụ Rùa* – Tartarugas Bisavó.

Dei uma dentada no meu gelado.

– É verdade, então, que quem vir uma Tartaruga Bisavó neste lago será abençoado. Mas quantas Tartarugas Bisavó vivem ainda aqui, avó?

– Ninguém sabe. Só sabemos que são raras.

Desviei o olhar para o Templo Ngọc Sơn. A avó e eu tínhamos ido lá muitas vezes para rezar ao Céu e admirar os restos mortais de uma Tartaruga Bisavó. Pesava 250 quilos e tinha mais de dois metros de comprimento. Segundo os especialistas, tinha 900 anos.

Apoiando a cabeça no ombro da avó, desejei poder dizer-lhe o quanto lamentava pela discussão que tínhamos tido. Daí em diante, tinha de ser mais bondosa com ela.

O crepúsculo polvilhava-nos com os seus raios dourados enquanto regressava a casa de bicicleta com a avó. Ao virarmos para a nossa viela, vi que uma multidão se tinha reunido diante da nossa casa.

A avó desmontou antes de a sua bicicleta parar completamente. Embrenhou-se na multidão, desaparecendo da minha vista.

– Não posso acreditar que ele conseguiu voltar – disse uma mulher.

– Tem sorte em estar vivo – observou um homem.

A minha bicicleta caiu com estrondo no chão.

– Por favor, deixem-me passar. – Espremi-me por entre corpos, abrindo caminho com os braços. Alguém me empurrou para a esquerda, outro para a direita. Custava-me a respirar, de cabeça à roda. Lentamente, cheguei-me à frente e acabei por dar por mim mais perto de uma pequena clareira no centro do círculo.

Espremida atrás de algumas pessoas, pus-me em bicos de pés, espreitando-lhes por cima dos ombros. Os meus olhos encontraram a avó. Estava ajoelhada diante de uma cadeira de metal assente sobre duas grandes rodas, de mãos dadas com alguém cujo corpo estava obscurecido pelas costas da cadeira.

– Avó – chamei eu. As pessoas da frente viraram-se. Murmuraram, abrindo caminho. Alguém me puxou para baixo, e eu ajoelhei-me ao lado da avó. Pestanejei e vi um rosto desfocado, mas familiar.

– Hương, pequena Hương. – Uma voz que conhecia chamou o meu nome.

– Papá! – Clarões de luz fulguraram à minha volta. Luz que esmoreceu num túnel negro, puxando-me para as suas profundezas.

Flutuava num leito de nuvens. Um imenso mar azul rodeava-me, as ondas a balançar sob uma camada de neblina. Um ponto negro surgiu, cresceu e transformou-se em seguida numa Tartaruga Bisavó. A tartaruga nadava agora ao meu lado, de cabeça erguida, abrindo a boca. Tentei falar, mas só me saíam sons abafados.

– Hương – disse a tartaruga, de olhos a brilhar, a água a reluzir na sua cabeça. Respirando ruidosamente pelo nariz, abanou a língua; algo frio roçou contra a minha testa.

– *Hương, Hương ơi!*

Alguém chamava o meu nome ao longe. Tentei mexer-me, e a neblina começou a dissipar-se. A tartaruga desapareceu, e eu dei por mim dentro da nossa casa. As nuvens transformaram-se no nosso *phần* de madeira, e a língua da tartaruga num pano húmido sobre a minha testa.

– Goiaba, sentes-te melhor? – perguntou a minha avó.

– O que aconteceu, avó?

– Desmaiaste, minha querida. – Verteu-me água com açúcar para a boca. A memória voltou de rompante.

– Papá!

Olhei em volta. Ali estava ele. Os olhos encovados, o rosto macilento, a barba e a pele áspera. Vestido com uma camisa do exército, estava sentado na cadeira de rodas. Dois cotos crivados de cicatrizes – os restos das suas pernas – sobressaíam de um par de calças do exército que tinham sido encurtadas.

O homem sorriu, e eu ouvi-me chorar.

Não era o meu pai, mas sim o tio Đạt.

– Hương – disse o meu tio. – Assustei-te, não foi? Desculpa-me.

Abanei a cabeça, as lágrimas a escorrer-me pelas faces.

A avó acariciou-me o rosto.

– Pregaste-me um grande susto, Goiaba.

– Tio Đạt, estou tão feliz por estar de volta – consegui dizer.

– Eu também. Minha Goiaba. Minha pequena Hương. Mas já não és pequena. Cresceste tanto.

– Lamento pelas suas pernas. – Olhei na direção dos cotos. – Doem?

– Já não. – O meu tio empurrou-se para mais perto do *phần*. Pegou-me na mão e ergueu-a, batendo com ela contra os seus cotos. – Vês? Não sinto dor.

– O que aconteceu, filho? – perguntou a avó.

– Pisei uma mina, mamã. Nada de especial – disse o meu tio, com um encolher de ombros.

– Temos sorte em teres voltado para casa. – A avó apertou-lhe a mão.

O tio Đạt sorriu-me.

– Tenho algo para ti, minha menina. Alegro-me... alegro-me tanto por cumprir finalmente a minha promessa. – Desabotoando o bolso do peito, o meu tio tirou dele um pequeno embrulho, beijou-o, levou-o ao peito e ergueu os olhos para o Céu. Fechou-os por um longo momento antes de se virar para mim, o embrulho aninhado nas suas palmas.

Peguei-lhe, olhando para as camadas exteriores enegrecidas de plástico e de papel.

– De quem é, tio?

– Do teu pai – respondeu ele, sorrindo.

– Viu-o? – Endireitei-me de repente.

– Oh, há muitos anos. Vejamos... sete anos e dois meses, para ser mais exato. Foi em agosto de 1968, quando íamos os dois para sul.

– Voltou a vê-lo? Sabe onde está?

– Não, mas aposto que voltará em menos de nada.

Enquanto eu ficava ali sentada, incapaz de me mexer, a avó deu-me uma cotovelada.

– Não o queres abrir?

Tremiam-me as mãos enquanto descascava as camadas do embrulho.

Uma ave. Uma ave maravilhosamente esculpida. Cinzelada de madeira,

erguia-se sobre uma base quadrada, de asas abertas, o pescoço esticado para a frente como que prestes a irromper num canto.

– Foi o teu pai que a esculpiu – disse o tio Đạt, sorrindo. – Esse tipo de ave costumava cantar para nós nos meses e meses que caminhámos para chegar aos campos de batalha.

– Tem nome, tio? – Ergui a ave para o meu rosto. Cheirava ao meu pai, ao seu riso.

– *Sơn ca*.

– Esplêndido nome – disse a avó, sorrindo-me. – *Sơn ca* significa «A Montanha Canta».

– Acreditem, esta ave sabe cantar – replicou o tio Đạt. – Sempre que o fazia, todas as montanhas à minha volta pareciam cantar também. Os meus camaradas costumavam contar histórias sobre o *Sơn ca*. Diziam que as canções do *Sơn ca* podem chegar ao Céu e que as almas dos mortos podem regressar no seu canto.

– Que ave tão especial, tio.

O tio Đạt aquiesceu.

– Esta ave de madeira foi a minha companheira de viagem durante os últimos sete anos, Hương. Subiu inúmeras montanhas comigo, atravessou rios a nado, mergulhou em túneis subterrâneos e sobreviveu às bombas.

– Foi assim que obtive estas marcas de água. – A avó admirou as asas da ave. – Sei que o teu pai tem mãos hábeis, Hương. Não sabia que era assim tão bom artista.

– Obrigada, tio Đạt.

– Vá lá, Hương. Eu é que estou grato. Este *Sơn ca* salvou-me. Prometi ao teu pai que to trazia de volta inteiro. Tive de me manter vivo para o poder fazer. – Apontou para a ave. – Vês as palavras por baixo da base?

Virei o *Sơn ca* e as lágrimas escorreram-me pelas faces. Com os dedos, percorri a mensagem do meu pai: CON GÁI, CON LÀ MÁU NÓNG TRONG TIM CHA.

– Estima essa ave, Hương – disse o tio Đạt. – Não restam muitas. Vi-as com fatura no início. Mas então as bombas e o químico pulverizado pelo inimigo silenciaram-nas.

– Químico? – perguntou a avó.

– Sim, largaram-no em abundância sobre as nossas florestas e selvas. Para fazer as folhas caírem das árvores de modo que pudessem ver os soldados do Norte. Mas seja o que for que lançaram também matou os pequenos seres

vivos. Só depois da guerra soube como se chamava o químico. Tem um belo nome: Agente Laranja.

Quando o jantar ficou pronto, empurrei a cadeira de rodas do tio Đạt para a mesa. A avó e eu olhámos uma para a outra. Ficava demasiado baixo.

– Podemos mudar-te para aqui – disse a avó, puxando uma cadeira de sala.

– Se tiverem força suficiente – respondeu o tio Đạt, tentando rir-se.

– Pode crer. – Pus-me à sua direita, com a avó à sua esquerda.

– Agora, agarrem nesses pedaços de carne inúteis. – O tio Đạt apontou para o que restava das suas coxas.

A avó enfiou a mão por baixo de um dos cotos, a outra mão a apoiar as costas do tio Đạt. Eu segui-lhe o exemplo, estremecendo ao tocar com os dedos na carne mole.

– Um, dois, três. – Contámos juntas, debatemo-nos, mas conseguimos mudar o tio Đạt.

– Oh, têm jeito para isto – disse ele, batendo palmas.

– Não é difícil. – Sentei-me, pegando na sua tigela.

Ele sacudiu uma mão.

– Não a enchas já de arroz. – Olhou em volta. – Tens álcool, mamã?

– Álcool? Não me lembro de que bebesses, Đạt.

– Bem... sabes como é. Às vezes, ajuda a aliviar as coisas.

– Lamento, mas não temos.

– Hum, talvez lá em cima? – disse o meu tio, olhando para o nosso altar familiar. – De certeza que o papá, o tio Công e o Thuận não se importariam de partilhar as suas bebidas.

– Eles não bebiam, Đạt. Nunca lhes ofereci álcool.

– Tudo bem. – O rosto do tio Đạt esmoreceu. – Então comam, vá. Eu não consigo sem tomar primeiro uma bebida.

– Esperem – disse eu, levantando-me. – Talvez a Sra. Nhân tenha algum. Deixem-me ir ao outro lado da rua.

Felizmente, a nossa vizinha foi tão prestável como sempre. Deu-me uma garrafa de vinho de arroz, sussurrando:

– Foi o meu marido que o fez, mas não digas a ninguém.

Quando regressei a casa, a avó foi buscar uma pequena taça. O tio Đạt encheu-a, despejando-a de um só gole. Fez estalar os lábios.

– Isto é bom, mesmo bom. – Pegou na garrafa, cheirou-a e voltou a encher a taça. – Podes perguntar-lhe onde o comprou?

– Foi o marido que fez – revelei eu, e arrependi-me logo. – *Ups*, a Sra. Nhàn disse-me para não contar a ninguém.

– É um segredo, então. – O tio Đat riu-se, despejando outra taça pela garganta abaixo. Inclinou-se para mim. – Mas só posso guardar segredo se me ensinarem a fazer isto. – O cheiro pungente da sua boca provocou-me um esgar.

– Come alguma coisa antes que arrefeça demasiado – disse a avó, pondo um pedaço de carne de vaca grelhada na tigela do tio Đat.

Ele mastigou e engoliu.

– *Mmm*, isto sabe divinamente. Havia tanto tempo que não comia carne...

– Temos muita. Come a que quiseses. – A avó reorganizou os pratos de modo que a carne de vaca ficasse diante do tio Đat. Ele tirou outro pedaço, mergulhando-o na mistura de sal com sumo de limão e pimenta moída.

– Pareces estar a sair-te muito bem, mamã. – Olhou em volta. – Esta casa grande, as bicicletas, os porcos, os leitões...

– A avó trabalha muito – disse eu.

– Não imaginava que o trabalho de professora pagasse tão bem – observou ele, esvaziando outra taça.

– É claro que não pagava. Estaríamos agora em dificuldades se tivesse continuado a ensinar. – A avó pegou na garrafa, enchendo a taça. – Já chega por hoje, filho. – Levantou-se.

– *Quê?* – O tio Đat estava tão chocado com a ideia de a avó se ter despedido do emprego que não pareceu reparar em como ela se afastava com a garrafa.

– Tornei-me *con buôn* – anunciou a avó, erguendo os braços e depositando a garrafa no armário da cozinha. Fechou a porta.

– Ei, preciso disso – protestou o meu tio, mas a avó estava já a regressar à mesa. Deitou-lhe vegetais para a tigela.

– Lembras-te de como costumavas adorar isto? Espinafres cozidos com camarão seco? – A sua voz soava embargada.

– Sim, lembro-me. É delicioso, obrigado. – Baixou a cabeça. – Quer dizer então que te tornaste comerciante, hã? É corajoso da tua parte.

– Tem sido a nossa salvação. – A avó deitou-lhe arroz para a tigela.

– O comércio da avó mantém-me na escola, tio. Muitos dos meus amigos tiveram de desistir e ir antes trabalhar.

O meu tio assentiu.

– Onde negoceias então, mamã?

– No centro histórico. Há já alguns anos que o faço.

– És uma profissional, então – disse ele, esvaziando a taça. – Achas que poderias contratar um inválido como teu assistente?

– Đat!

– Estou a falar a sério, mamã. Preciso de um emprego. Eu menos duas pernas. – A voz do tio Đat tremeu. Mas ele pigarreou e rapidamente recuperou a compostura.

– Também eu falo a sério, filho – disse a avó, acariciando-lhe a mão. – Tu és a minha vida. Tomarei conta de ti. Vais arranjar um emprego, prometo.

– Obrigado. – O meu tio pegou nos seus pauzinhos.

A avó deitou mais comida na minha tigela.

– Agora diz-me porque demoraste tanto tempo a voltar para casa. Estamos em outubro. Já podias estar em casa há seis meses.

– É uma longa história. Não quero falar nisso agora. Por favor, posso beber um pouco mais daquele vinho?

A avó suspirou. Pensei que ia dizer não, mas levantou-se.

Pousou a garrafa.

– Acaba só a tua comida e podes beber.

A avó dormia profundamente ao meu lado. A minha mente estava cheia de imagens: do meu pai a correr pelas selvas sob as bombas, de borboletas e aves a cair numa chuva de Agente Laranja, do meu pai acorado e a esculpir a ave de madeira, da sua mão a gravar na base da ave a sua mensagem para mim: «Filha, és o sangue quente do meu coração.»

A Reforma Agrária

NGHÊ AN, 1955

N uma tarde, Goiaba, em março de 1955, o teu avô chegou a casa com ar de estar bêbedo. Encostou-se ao caixilho da porta, tentando tirar os sapatos.

– Quantas taças de vinho de arroz é que os teus amigos te impingiram, *anh* Hùng? – perguntei eu, desatando-lhe os sapatos. Alguns dos amigos de Hùng faziam o seu próprio vinho, mas ele não era do tipo de beber. De todo.

– Amigos nenhuns... Fui chamado a uma reunião. – Hùng cambaleou em direção ao quarto. Pela forma como falava, soube que a reunião não dizia respeito à escola onde trabalhava. Tinha que ver com as suas atividades políticas. Dez anos antes, depois de os Việt Minh nos terem salvado da Grande Fome, Hùng tinha-se tornado um dos seus membros clandestinos, escrevendo folhetos e documentos, apelando aos nossos concidadãos para que se unissem no apoio às tropas Việt Minh.

Segui Hùng para o interior do quarto e ajudei-o a instalar-se na cama. Tremia sob o cobertor; a sua testa ardia em febre. Se não tinha bebido, talvez tivesse sido apanhado por algum vento funesto.

– Sobre o que foi a reunião, *anh*? – Enfiei-lhe uma almofada mais fofa debaixo da cabeça.

– Desafiaram-me sobre o que eu tinha dito. Por isso, tive de explicar porque precisamos de democracia. Porque devem ser permitidos múltiplos partidos políticos para que possamos ter verdadeiras eleições.

Hùng não tinha escondido a sua opinião de ninguém. Estava decidido a ajudar a ressuscitar a nossa pátria dos resquícios da guerra. Os Việt Minh tinham-se popularizado ao libertar o Norte e forçar o imperador Bảo Đại a abdicar, triunfando depois sobre os franceses em 1954, na batalha de Điện Biên Phủ. Mas não agradava a Hùng que os Việt Minh tivessem seguido o

caminho dos comunistas chineses e russos ao governar o nosso Norte com um só partido político. Por essa altura, o líder comunista russo, Estaline, tinha enviado milhões de russos para campos de trabalho. E matado milhões de outros para consolidar o seu poder.

– Aposto que não gostaram do que lhes disseste. – Franzí o sobrolho.

– Chamaram-me traidor – disse ele, agarrando-se à barriga e enroscando-se como um camarão.

– Quem?

Fechou os olhos.

– Não importa.

Estendi a mão para o seu estômago.

– O que comeste ou bebeste, *anh*?

– Serviram-nos sumo caseiro – respondeu ele, estremecendo. – Não consegui perceber o que era.

Desejei que o meu irmão estivesse em casa, mas tinha levado as crianças a visitar os nossos parentes. Enquanto corria para a cozinha para fazer chá de gengibre para Hùng, sentia-me como se os meus pés estivessem presos a rochas. Ainda na noite anterior, Công tinha lembrado a Hùng para ter cuidado, mas Hùng tinha batido com o punho na mesa.

– Irmão – dissera –, só com democracia podemos garantir que não haverá abusos de poder.

Quando regressei ao quarto com o chá e uma toalha fria para a sua cabeça, a respiração de Hùng estava acelerada e entrecortada. Bebeu o chá, mas pediu água. Levei-lhe uma taça grande. Ele esvaziou-a.

– Queres mais? – perguntei eu, alarmada.

Abanou a cabeça, a febre aquecendo a toalha na minha mão.

– Deixa-me ir buscar o Sr. Nguyễn. – Levantei-me, pronta para sair a correr em busca do curandeiro.

– Não é preciso. – Hùng ergueu os olhos para mim. Estavam estranhos. As pupilas estavam pequenas, demasiado pequenas. – Vou... vou ficar bem. Só preciso de uma boa sesta. – Os músculos do seu rosto começaram a contorcer-se.

– Precisamos do Sr. Nguyễn – disse eu, saindo do quarto aos gritos.

A Sra. Tú cambaleou na minha direção.

– O que se passa, Diêu Lan?

– *Anh* Hùng está muito doente. Por favor, olhe por ele, tia. Volto em

breve. – Teria gostado de ficar com o meu marido, mas a Sra. Tú tinha torcido o tornozelo no dia anterior.

Saí para a estrada da aldeia, rezando enquanto corria. Quando cheguei a casa do curandeiro, ele não estava lá.

– Está bem? – perguntou-me o seu filho, Việt. – O meu pai foi sair com os amigos.

Contei a Việt sobre Hùng.

– Vamos procurá-lo. – Việt agarrou na caixa de madeira que o pai levava sempre consigo ao visitar pacientes. Corremos para a aldeia, indo apressadamente de casa em casa.

Demorámos muito tempo a encontrar o Sr. Nguyễn e a levá-lo até minha casa.

Ao entrar no pátio da frente, ouvi a voz da Sra. Tú.

– *Hùng ơi, con ơi!* – gritava ela. Os meus pés começaram a ceder debaixo de mim.

Việt agarrou-me no braço, puxando-me consigo. Irrompemos no quarto. Hùng convulsionava violentamente sob o aperto da Sra. Tú. Os seus olhos reviravam-se nas órbitas. Espuma borbulhava na sua boca.

– Mantenham a calma, mulheres! Parem de gritar. – O Sr. Nguyễn ordenou a Việt que afrouxasse as roupas de Hùng. Segurámo-lo para que não se magoasse nem caísse da cama.

O curandeiro verificou a respiração de Hùng, os seus olhos e o peito. Agarrou-lhe na mão, virando-lhe a palma para cima, ouvindo a pulsação. Por entre as lágrimas, vi-o arregalar os olhos.

– Veneno. Não toquem na espuma – gritou ele. – Façam-no vomitar. Virem-no! – Apressou-se a embrulhar as mãos num pano. – Sra. Tú, vá lavar as mãos com sabão. Traga-me um pouco de água quente.

Việt e eu virámos Hùng de barriga para baixo, inclinando-lhe a cabeça para o chão. O curandeiro abriu-lhe a boca à força, tentando induzir o vómito. Não saiu grande coisa.

A Sra. Tú entrou a correr no quarto com um jarro de água. Voltámos a deitar Hùng de costas. Limpei-lhe a boca e acariciei-o com a minha voz. Por essa altura, os seus tremores estavam a abrandar, mas parecia lânguido nas minhas mãos. Os seus olhos tinham parado de se revirar, e captei-lhe um lampejo de desespero no olhar.

– Aguenta-te, *anh* Hùng. Olha para mim. Fala comigo! – ordenei, mas

ele não respondeu.

Os seus olhos estavam a fechar-se.

– Sr. Nguyễn, por favor... – implorei. O curandeiro tinha aberto a caixa de madeira, vertendo pós numa taça e misturando-os com água.

Endireitámos Hùng. O Sr. Nguyễn deu-lhe a mistura, mas voltou a sair. Hùng já não conseguia engolir. Já não conseguia reagir.

Embrulhando as mãos em panos, abrimos-lhe a boca, tentando forçar o remédio a descer, mas não resultou. O Sr. Nguyễn abanou a cabeça.

– Diệu Lan. Lamento. Temo que seja demasiado tarde.

Pus-me de joelhos.

– Por favor, salve-o, Sr. Nguyễn. Imploro-lhe!

O curandeiro puxou-me para cima com um olhar pesaroso.

– É demasiado forte o veneno que o Hùng tomou.

– Não! Por favor, salve-o. Salve-o!

Encostei o rosto ao coração de Hùng. Mas estava silencioso. Silencioso como uma folha de papel da qual tinham apagado todas as palavras.

Công ficou desolado e furioso quando regressou. Bateu com os punhos no peito, falando em vingança. Localizou as pessoas que tinham estado com Hùng na sua reunião. Negaram qualquer responsabilidade e ameaçaram mandá-lo para a prisão se não parasse de fazer acusações.

Devia ter insistido mais, Goiaba. Devia ter tentado descobrir quem matou o teu avô e levá-lo à justiça, mas fui uma cobarde. Temia pela segurança de Công, bem como pela dos meus filhos.

Ainda assim, Công era teimoso. Foi às autoridades. Tive de ir com ele para me certificar de que não o prendiam.

– Ninguém matou o seu cunhado – disse um oficial a Công, olhando para mim. – Talvez tenha posto termo à própria vida.

– Esse curandeiro, Nguyễn, é louco – rosnou outro oficial. – Que provas tem? Se persistir, enviá-lo-emos para a prisão juntamente com esse seu curandeiro maluco. A difamação contra o Partido é um crime grave.

Implorei a Công que fosse comigo para casa. Sabia que não era verdade que Hùng tinha cometido suicídio. Ele amava-nos, Goiaba, e amava a sua vida.

Não tardámos a ouvir rumores em abundância de que os Việt Minh se andavam a livrar dos seus membros anticomunistas, bem como dos intelectuais e dos ricos. O Partido tinha de pertencer aos agricultores e aos

trabalhadores, não a um membro da burguesia como Hùng.

Não sei se esses rumores eram verdadeiros, mas sei que a política é suja como um esgoto. Nunca mais quero voltar a pôr os pés perto dela.

Não te consigo dizer o quanto a morte do teu avô nos devastou. O teu tio Minh, então com dezassete anos, era muito chegado a ele. Tal como a tua mãe, o teu tio Đạt, o teu tio Thuận e a tua tia Hạnh. Sáng era o único que não percebia o que se passava. Tinha apenas quatro meses.

Tive de me manter forte pelos meus filhos, mas, durante muito tempo depois do sucedido, senti-me como uma concha quebrada. Sei agora que o verdadeiro amor é raro e que, quando o encontramos, temos de nos agarrar a ele. Só gostaria de, quando Hùng era vivo, lhe ter dito mais vezes que o amava.

Công jurou manter-se fora da política e nunca mais apoiar o governo. Verteu a sua energia no nosso negócio de família, que tinha vindo a prosperar sob a sua liderança. Transmitiu as suas competências a Minh, sendo que os dois passavam muito tempo juntos. Todos trabalhávamos arduamente e conseguimos contratar mais trabalhadores. Os nossos campos mantinham-se luxuriantes e os nossos estábulos cheios de gado.

Pensava que estávamos a recuperar. Tinha a certeza de que tínhamos já recebido azar suficiente e de que o Céu nos pouparia a mais turbulências.

Mas estava errada.

Em outubro de 1955, apenas sete meses após o funeral do teu avô, algo mais caiu sobre as nossas cabeças.

– Diêu Lan, podes guardar um segredo? – perguntou-me a Sra. Tú na cozinha enquanto eu deitava miolo de caranguejo desfiado numa panela de barro cheia de papas de arroz. Comida para Sáng. Tinha acabado de regressar do campo e queria alimentá-lo antes de sair para almoçar. Uma das amigas da minha mãe fazia setenta anos e tinha-me convidado para ir lá.

– Que segredo, tia?

– Lembras-te da Thương? – sussurrou a Sra. Tú. – Trabalhava como cozinheira para a família Đình. Cruzei-me com ela esta manhã no mercado. Disse-me que os Đình partiram. Vão tentar atravessar a fronteira, ir para o Sul.

Que estranho, pensei. O Sul tinha sido separado de nós mais de um ano antes, em junho de 1954, por algo chamado Acordos de Genebra. Os

comunistas governavam o Norte, mas, no Sul, era Ngô Đình Diệm quem estava no comando, apoiado pelos franceses e pelos americanos. A maioria dos que trabalhavam para os franceses eram católicos que se tinham mudado para o Sul. Tanto quanto sabia, os Đình odiavam os franceses. Não eram católicos. Desde a Grande Fome, tinham prosperado, tornando-se o clã mais rico da aldeia de Vĩnh Phúc. Além do mais, a fronteira Norte-Sul já tinha sido fechada. Como podiam sequer chegar ao Sul?

A Sra. Tú chegou-se para junto de mim. Baixou mais a voz.

– Diêu Lan, acho que devias ouvir isto. A Thương disse que a Sra. Đình lhe contou que os comunistas iniciaram uma coisa absurda chamada Reforma Agrária. Os agricultores sem terras são encorajados a insurgir-se contra os proprietários ricos. Foi por isso que os Đình partiram.

Semicerrei os olhos por entre uma cortina de fumo de lenha, deitando as papas numa tigela.

– Já ouvi falar na Reforma Agrária, tia, mas não temos nada com que nos preocupar. Lembra-se de quanto arroz, prata e ouro doámos aos Việt Minh?

– Fechei os olhos, tentando fazer-me acreditar no que estava prestes a dizer.

– O Partido proteger-nos-á contra qualquer insurreição. Afinal, juntamente com os outros proprietários, financiámos a sua tropa.

– Eu sei, Diêu Lan. Mas estou preocupada.

– Vamos ficar bem, tia. Trabalhamos tanto como todos os outros. Damos emprego às pessoas. Não fizemos nada de mal. O Công e eu já falámos sobre isto... E, tia, não podemos simplesmente partir. Os trabalhadores e as suas famílias dependem de nós. Os túmulos dos meus pais estão aqui para serem cuidados. Além do mais, como podemos simplesmente abandonar tudo? Os meus pais e avós construíram tudo isto com as suas vidas. Não podemos limitar-nos a fugir por causa de alguns rumores.

A Sra. Tú assentiu.

Segurando a tigela, saí da cozinha. No pátio, a longaneira estava em flor, as suas flores espalhando uma cúpula de pérolas sobre a sua copa verde. Em vez de encher de alegria o meu coração, a visão lembrou-me que os momentos tranquilos da vida podiam ser tão efémeros como flores – desaparecendo com uma forte rajada de vento. A notícia da partida dos Đình podia ser um sinal de aviso.

– Mãe, olha.

Virei-me para ver Đát, a luz do sol no seu ombro, a correr na minha

direção. Então com catorze anos, era mais alto do que eu e bem-constituído. Thuận, de oito anos, e Hạnh, de sete, corriam atrás dele. Segurando mochilas nas mãos, voltavam a casa da escola.

Đạt abriu a palma e mostrou-me uma ave trémula. Não tinha penas, e as asas descaíam-lhe ao longo do corpo.

– Uma ave *sẻ*, mamã. Encontrei-a debaixo de uma árvore.

– Eu vi-a primeiro. – Hạnh abanou a cabeça.

– Não, eu é que vi. – O rosto de Thuận enrubesceu.

– E que tal terem-na encontrado todos ao mesmo tempo? – Não pude deixar de rir. – Levem a pobre criatura de volta para a árvore. A mãe deve andar à sua procura. Se não conseguirem encontrar a mãe, deem-lhe água e insetos.

– Deixem-me ver, deixem-me ver. – Uma voz voou vinda do portão. A tua mamã Ngọc, Goiaba. Era então uma bonita rapariga de quinze anos. Pele brilhante, fundas covinhas nas faces, a mochila da escola na mão.

As crianças acocoraram-se, estudando a ave e discutindo o que fazer a seguir. Apressei-me a entrar, direta ao meu quarto. Sáng estava já de pé no seu berço, a chorar.

– A mamã está aqui – arrulhei eu, pousando a tigela e pegando-lhe ao colo. Era tão fofo, o meu bebé, com aqueles olhos grandes e o rosto rechonchudo. Os aldeões que nos iam visitar beliscavam-lhe frequentemente as bochechas, dizendo quão se parecia com o pai.

– *Mẹ, mẹ* – balbuciou Sáng, erguendo-me a blusa. Tinha quase um ano, mas não o tinha desmamado. Sabia que seria o meu último bebé.

Mal saciou a sua sede, apontou para as papas.

– Estás mesmo com fome, não estás? – perguntei eu, rindo.

Assim que Sáng acabou de comer, vesti a minha blusa de seda verde favorita. Công tinha-a encomendado para mim à famosa Aldeia da Seda de Vạn Phúc, onde as pessoas teciam seda havia mais de mil anos. O tecido era extraordinário, composto por várias camadas, com a antiga palavra vietnamita *Phúc* – Bênçãos – tecida muitas vezes nele. Era uma blusa grossa, perfeita para o tempo fresco de outono.

Quando estava a apertar o último botão, inclinei a cabeça. Ouvi vozes e o som de pés a correr.

– *Đả đảo địa chủ cường hào!* – Gritos jorraram pela minha janela entreaberta. *Para o inferno com os proprietários perversos!*

Correndo para a janela, empurrei com as mãos as portadas de madeira, escancarando-as.

Um grupo de homens armados com tijolos, facas, paus grandes e rostos zangados arrastava Minh e Công pelo pátio. Nas suas roupas castanhas de agricultores, o meu irmão e o meu filho estavam descalços, os pés cobertos de lama e sangue, as camisas e as calças rasgadas, as mãos amarradas atrás das costas. Puxavam-nos pelos cabelos e pelos braços. Havia menos de uma hora que tinha estado com eles no campo de arroz.

– Minh, irmão Công! – gritei.

A turba voltou a sua atenção para mim.

– Apanhem-na. É a cabra rica. A proprietária perversa! – gritou uma mulher, apontando para o meu rosto. Tinha uma grande testa saliente e uns dentes que pareciam os de um coelho. Reconheci-a como a açougueira do mercado da nossa aldeia. Tinha fama de enganar os clientes. Mais tarde, muito mais tarde, soube que os Việt Minh tinham escolhido deliberadamente *bần cố nông* – agricultores sem terras que estavam fartos ou zangados com a vida – para liderar o movimento da Reforma Agrária.

– Matem-nos a todos, aos proprietários perversos! – entoava a multidão. Muitos apontavam-me o dedo.

Virei-me e peguei em Sáng, procurando freneticamente algum lugar onde me esconder. Rastejei para um canto, apertando Sáng contra o meu peito. O meu bebé. Tinha de proteger o meu bebé.

A porta abriu-se com estrondo. Dois homens e a açougueira investiram. Raiva e excitação fulguravam-lhes nos olhos.

– Ali está ela, a cabra! – gritou a mulher, mostrando os dentes. – Agarrem-na. Levem-na lá para fora.

Alguém me agarrou pelos cabelos, levantando-me. Enquanto gritava, a mulher arrancou-me Sáng dos braços. Os homens torceram-me e amarraram-me as mãos atrás das costas.

– Lá para fora, cabra! – rugiu um deles.

– Vejam como está gorda. Gorda do sangue dos agricultores – disse o outro homem.

Puxaram-me e empurraram-me ao longo do corredor, pela sala de estar. Uivei pelos meus filhos enquanto alguém me atirava dos cinco degraus. Forcei-me a abrir os olhos e vi Minh a contorcer-se no chão.

– *Mẹ ơi* – chamou ele. Atrás dele, o rosto de Công estava branco de

medo.

– Para o inferno com os proprietários perversos! – A multidão de gente cercava-nos, entoando as suas palavras cruéis, os rostos torcidos de raiva.

Os gritos dos meus filhos ergueram-se acima do ruído. Pelos intervalos entre as pernas em movimento, vi Ngọc, Đạt, Thuận e Hạnh amontoados nos braços da Sra. Tú.

– Onde está o meu bebé Sáng, onde está ele? – gritei.

– Matem-nos a todos, aos proprietários perversos! – A fúria da multidão engoliu a minha voz.

– Imploro-vos, por favor, libertem-nos. – Công curvou-se para a frente, batendo com a cabeça no pátio de tijolo. – Sou eu o responsável por esta casa. Esta mulher e o filho dela são inocentes. Por favor... libertem-nos.

Solucei. Angustiava-me ver o meu irmão tremer. Os pedaços rasgados da camisa e das calças revelavam áreas de carne a sangrar.

Da estrada da aldeia, começaram a afluir para o pátio os sons de batidas de tambores. A multidão agitou-se, abrindo caminho às crianças que marchavam na nossa direção, batendo com as mãos em tambores vermelhos apertados contra as suas barrigas. Algumas dessas crianças tinham sido alunas do teu avô, Goiaba. Algu-mas eram amigas dos teus tios e da tua mãe. De certeza que iam ajudar a nossa família. De certeza que algumas das pessoas à minha volta nos ajudariam.

A multidão aclamou, e as crianças ficaram mais empolgadas. O bater dos seus pés contra o pátio fez-me tremer os ossos. Via o brilho cruel nos olhos de todos. Via os seus sorrisos satisfeitos. Os tambores avançaram e alinharam-se à nossa frente. No momento em que as batidas paravam, um rapaz ergueu o pé e pontapeou Công em cheio no rosto.

Gritei.

Uma mulher precipitou-se para a frente, erguendo um tijolo bem alto na mão.

– Cala a boca, proprietária perversa, ou esmago-te essa estúpida cabeça com isto!

Baixei a cabeça. Quando ergui o olhar, cadeiras estavam a ser retiradas da nossa casa e dispostas em fila entre os tambores e nós. Algumas pessoas foram conduzidas às cadeiras. Eram a Sra. Tú, o Sr. Hải e os seis agricultores que trabalhavam para nós. Com o olhar, implorei ao Sr. Hải. Tinha-me salvado do Fantasma Perverso, poderia salvar-nos hoje?

Um homem de rosto magro emergiu. Vestido como um agricultor, mas com uma pele tão clara como aqueles que tinham passado a maior parte da vida longe do sol. Apresentou-se como diretor do Tribunal Popular da Reforma Agrária. Disse que era agricultor, mas o seu aspeto e a forma como agia diziam-me o contrário.

O homem pigarreou.

– Hoje é um dia importante para todos nós. A Reforma Agrária chegou à aldeia de Vĩnh Phúc. Durante centenas de anos, os proprietários ricos exploraram os pobres agricultores. Hoje, erguemo-nos contra a sua exploração. Hoje, estamos aqui para tomar de volta os nossos direitos!

Os tambores soaram, e as pessoas bradaram:

– Para o inferno com os proprietários perversos!

– Durante gerações, estes burgueses ricos *ngồi mát ăn bát vàng*. Sentaram-se à sombra fresca e comeram das suas tigelas douradas enquanto nós, os pobres, tínhamos de vergar as costas debaixo do sol a trabalhar para eles e a servi-los – gritou o oficial.

Tambores. Gritos coléricos.

– Agora é a vossa vez de procurar justiça. – O homem virou-se para encarar a Sra. Tú, o Sr. Hải e os trabalhadores. – Condenem-nos. Digam-nos como vos exploraram.

Tambores. Brados furiosos.

– Nunca me exploraram. Tratavam-me como família – disse a Sra. Tú, chorando.

– Sua tola! Fizeram-te uma lavagem ao cérebro. – A açougueira saltou para a frente. Fora ela quem me tinha arrancado Sâng dos braços. Onde estava ele? O que lhe tinha feito?

– É verdade – disse o Sr. Thanh, um dos nossos empregados mais antigos.

– Pagam-nos bem. Mandam os nossos filhos para a escola.

– Nunca nos insultaram – acrescentou o Sr. Hải.

– Temos sorte em trabalhar para eles. Mais do que a maioria das pessoas – disse o Sr. Hà, outro dos trabalhadores.

– Calem-se! São ingénuos e estúpidos – vociferou um homem, chegando-se à frente. Ergueu um grande pau nas mãos e mostrou os dentes amarelos. – Não veem que enriqueceram à custa do vosso suor e sangue? Exploraram-vos e fizeram-vos uma lavagem ao cérebro.

– Envenenaram as vossas mentes – gritou mais alguém.

– Noutras aldeias à nossa volta, foram revelados crimes terríveis da parte dos proprietários. Exploração, espancamentos, até violações – ladrrou o homem dos dentes amarelos. – Pensem bem. Violaram-vos, bateram-vos, fizeram-vos passar fome? – Ergueu mais o pau e fê-lo cair sobre a cabeça de Minh, derrubando-o.

Retorci-me em direção ao meu filho, mas alguém me pontapeou e puxou para trás.

O oficial andava de um lado para o outro.

– Estes proprietários já nascem maléficos. Na vossa aldeia vizinha, Vĩnh Tiến, uma mulher denunciou o próprio pai. Disse que ele a tinha violado cento e cinquenta e nove vezes. Cento e cinquenta e nove vezes! À própria filha.

O homem parou, olhando para nós.

– Esse proprietário perverso foi executado com um tiro na cabeça. A filha recebeu uma grande parte das suas terras para a compensar pelo seu sofrimento. – Virou-se para a Sra. Tú e para os trabalhadores, cuspidando cada palavra por entre dentes cerrados. – Ora, não tenham medo. Estes Trần não podem ter enriquecido a partir do ar. Vejam a sua grande casa, o seu grande jardim, os campos, o gado. Devem ter andado a receber às custas do sangue e do suor de alguém.

– Sei o quanto trabalham – uivou a Sra. Tú. Ao seu lado, o Sr. Lộc, o trabalhador mais velho, tinha urinado nas calças. – O meu marido e os meus filhos morreram num incêndio – disse a Sra. Tú. – Os Trần cuidaram de mim. Salvaram-me a vida. São a minha família agora.

– Levem-na daqui. É inútil. – O oficial abanou a cabeça. A Sra. Tú foi posta de pé à força e empurrada dali. Correu para as crianças.

Em seguida, o oficial virou-se para os sete homens que estavam sentados nas cadeiras.

– Façam agora a vossa escolha, irmãos. Continuem aí sentados como idiotas ou condenem-nos e recebam uma parte das suas propriedades. Estamos aqui para ajudar, não percebem? Estamos aqui para desfazer as injustiças que eles exerceram contra vós.

Um dos nossos trabalhadores mais novos, Thông, ergueu a cabeça e perscrutou os nossos rostos. Fez um esgar.

– Exploraram-nos! – disse, levantando-se de um salto. – Somos pobres, e eles são ricos.

A multidão aclamou e ergueu os punhos.

– Faziam-nos trabalhar longas horas. Não nos pagavam o suficiente. Certificavam-se de que nos mantínhamos pobres para que continuássemos a servi-los – gritou Thông.

A turba rugiu.

– Toda esta riqueza é nossa, irmãos – disse Thông, olhando para os restantes homens. – Temos o direito a tomar de volta os frutos do nosso trabalho.

– Não, isso não é verdade! – O Sr. Thanh levantou-se. – Os Trần deram comida à minha família durante a Grande Fome. Ajudaram tanta gente quando estavam todos famintos. – Virou-se para a turba. – Tu, tu e tu. – Apontou o dedo aos rostos à sua frente. – Vi-vos aqui a receber o seu arroz. Ouvi-vos dizer à Sra. Trần que lhe ficariam gratos para o resto das vossas vidas. – A sua voz transformou-se num grito. – Todos os que aqui estão que falem se esta família não vos tentou salvar durante a Grande Fome.

A multidão calou-se. Até os meus filhos pararam de chorar.

O Sr. Thanh virou-se para Thông.

– *Đừng ăn cháo đãi bát.* – Não comas as papas para depois urinar na tigela.

– Basta! – berrou o oficial para o rosto do Sr. Thanh. – Fizeram-te uma lavagem cerebral maior do que a qualquer outro.

– Para o inferno com os proprietários perversos. – Desta vez, os gritos e tambores soaram mais fracos.

– Como são astutos estes proprietários ricos. – O oficial tossiu e cuspiu para o pátio. – Bem, não vão sair impunes disto. Vamos fazer um tribunal aberto contra eles.

Os tambores soaram mais alto.

– Vamos dividir as suas propriedades. Os agricultores sem terra receberão uma parte! – rugiu o oficial, e a multidão rugiu com ele.

– Por favor, levem tudo o que quiserem – rogou Công. – Condenem-me, se têm de o fazer, mas libertem a minha irmã e o filho dela. Por favor, libertem-nos. Imploro-vos. Deixem-nos ir.

Outro homem, também de pele clara, sussurrou ao oficial, que assentiu.

– Levem estes dois. – Apontou para Công e Minh. – Fiquem de olho nesta mulher perversa. – Gesticulou na minha direção. – Voltaremos por ela. Não a deixem escapar.

– Não! – gritou Côm. – O Minh é apenas uma criança. Não sabe de nada.

– Por favor, imploro-vos. Não levem o meu irmão e o meu filho, por favor. – Prosternei-me ante a multidão.

O oficial sacudiu a mão. Vários homens baixaram-se, levantando Côm e Minh. O meu irmão virou-se para olhar para mim, lágrimas e sangue a escorrer-lhe pelo rosto.

– Não te preocupes, irmã, voltaremos em breve. Não fizemos nada de mal. Cuida só de ti e dos meninos...

– Mãe! – Minh tentou libertar-se.

Tentei levantar-me e correr atrás deles, mas mãos fortes impediram-me. Num piscar de olhos, o meu filho e o meu irmão desapareceram atrás da cerca do pátio.

Pirilampos rondavam. Pareciam os olhos ardentes dos demónios que se tinham apoderado do nosso mundo. Pestanejei, mas as trevas eram demasiado profundas para conseguir ver. Retorci-me, mas as cordas que me amarravam as mãos e as pernas eram demasiado fortes. Solucei, mas as minhas lágrimas tinham secado.

Há quantas horas tinha a multidão regressado, assustando-me com os seus gritos? Mas ignoraram-me, a mulher indefesa que estava amarrada ao grosso tronco da árvore *na*. Invadiram os estábulos, levando as nossas vacas, búfalos, porcos e galinhas. Assaltaram a casa, levando o sofá, as cadeiras, as camas e os armários. O meu irmão e eu tínhamo-los comprado com o suor do nosso trabalho. Perscrutei os rostos da multidão. Conhecia-os a todos: os agricultores da minha aldeia. Dos nossos sete trabalhadores, só Thôm – a pessoa que nos tinha condenado – regressou. Evitou-me o olhar.

Há quantas horas tinham acendido uma fogueira no nosso pátio da frente? A turba aplaudia, carregando os nossos livros para o exterior, rasgando-os, alimentando com eles as chamas ardentes. Resquícios do sistema feudal, chamaram aos meus tesouros literários. Também o pagode da nossa aldeia foi incendiado, colunas de fumo a erguer-se para o céu. Desaparecera o nosso local de culto sagrado.

Há quantas horas ouvira pela última vez o choro dos meus filhos? Estavam encafuados dentro de casa como animais. A Sra. Tú estava com eles. Abandonar-nos-ia como todos os outros?

Passei toda a tarde e toda a noite amarrada ao tronco da árvore. Para garantir que as crianças e eu não podíamos escapar, um guarda armado tinha sido colocado ao nosso portão e outro à nossa porta da frente. Inicialmente, tinha-os visto fumar e ouvira as suas pragas. Mas agora as coisas tinham-se aquietado. Talvez tivessem adormecido.

– *Mẹ ơi, cha ơi, anh Hùng ơi, chị Trinh ơi.* – Silenciosamente, rezei aos espíritos da minha mãe, do meu pai, do meu marido e da minha cunhada para que regressassem e ajudassem a salvar Công e Minh.

Estava assustada, mas também muito zangada comigo mesma. Se não tivesse sido tão ingênua, talvez tivéssemos tido tempo para escapar. Se não tivesse estado tão absorta na nova época do plantio, talvez tivesse sabido uma ou duas coisas sobre o plano secreto para nos castigar.

Algo estalou. Forcei os ouvidos. O crepitar de folhas secas a serem esmagadas por pés. O meu coração palpitava.

– Diêu Lan. – A voz suave da Sra. Tú.

– Estou aqui, tia.

Senti a minha salvadora esgueirar-se em direção a mim no escuro, depois o seu hálito quente contra o meu ouvido.

– Leva os teus filhos. Vai, agora. – Mãos ternas agarraram nas minhas. Metal frio roçou contra a minha pele. Uma tesoura libertou-me do aperto das cordas.

A Sra. Tú puxou-me para si. Trememos nos braços uma da outra.

– Não posso partir, tia. O Minh e o irmão Công...

– Diêu Lan... – Lágrimas quentes escorreram-lhe dos olhos para o meu rosto. – O Sr. Hải mandou-nos uma mensagem. Mataram o Công. Tens de partir já. Virão por ti.

– Não!

A mão da Sra. Tú fechou-se sobre a minha boca. Abanei a cabeça. O meu irmão não podia estar morto. Ainda nessa manhã estava mesmo ao meu lado, a conversar e a rir. Nunca tinha feito mal a ninguém. Ninguém lhe devia fazer mal a ele.

– Diêu Lan, foge antes que saibam do Minh. Ele escapou.

Arquejei. Mesmo no meio da minha dor, senti um momento de júbilo.

A Sra. Tú puxou-me o braço. Rastejámos sobre folhas caídas, terra molhada e vegetais ensopados de orvalho. Bati contra os ramos baixos das árvores, mas continuei a avançar.

– A mamã vem aí.

– És tu, mamã?

Exultei ante o som daqueles sussurros. A minha mão sentiu uma porta entreaberta. Entrei na cozinha e, tateando nas trevas, toquei os rostos lacrimosos de Ngọc, Đạt, Thuận e Hạnh. Abracei-os, desejando poder fundi-los com o meu corpo para nunca mais nos voltarmos a separar.

– O bebé Ság, onde está?

– Aqui. Está a dormir, mamã – disse Ngọc, e eu estendi os braços para o calor do meu filho.

– Tens de ir – exortou a Sra. Tú.

– Mas o Minh pode voltar à nossa procura, tia – protestei eu.

– Fugiu para longe, Diêu Lan – sussurrou-me a Sra. Tú ao ouvido. – Se ficares aqui, morrerás. Imploro-te. – Virou-me costas. – Crianças, lembrem-se do que combinámos? Rastejar em fila indiana. Agarrem-se ao tornozelo da pessoa à frente.

– Sim, avó.

– Os guardas estão lá fora. Quando saírem, não falem. – As mãos da Sra. Tú estenderam-se para mim. Prendeu Ság ao meu peito com o seu pano de transporte. – Diêu Lan, leva as crianças pelo buraco secreto na cerca de trás para chegarem ao meu terreno. Fugam a partir de lá.

– Não vem connosco, tia? – Senti um aperto na garganta.

Os seus dedos eram suaves contra as minhas lágrimas.

– Sem ninguém aqui, pegarão fogo a esta casa. Esmagarão o altar familiar. Tenho de ficar. Para guardar os túmulos dos teus pais.

– Avó Tú, avó Tú. – As crianças começaram a chorar.

– *Shhh*, vão ouvir-nos – disse a Sra. Tú, fungando. – A avó voltará a ver-vos a todos em breve. Sejam fortes e ajudem a vossa mamã. Voltem para mim quando for seguro.

– Mas, tia, como vou encontrar o Minh? – perguntei eu.

A minha salvadora acariciou-me o rosto.

– O Céu iluminará o caminho para se encontrarem, Diêu Lan. Tenta suportar o teu destino, minha filha. – As suas mãos deixaram-me. – Đạt, és agora o rapaz mais velho. Toma conta dos teus irmãos. Mantém este saco de comida seguro.

– Sim, avó – assentiu Đạt, soluçando.

A escuridão foi nossa aliada enquanto serpenteávamos pelo jardim das

traseiras e pela cerca. A escuridão susteve-nos na sua boca enquanto corríamos pelos campos de arroz, atravessando vários riachos para chegar ao vilarejo seguinte.

Aterrorizados, fugimos.

A Viagem para Sul

HANOÍ, 1975

Estava escuro como breu quando acordei. A avó ressonava ao meu lado. Tateei à minha volta, encontrei o *Sơn ca* e apertei-o com força na minha mão. Fiquei ali deitada durante muito tempo, a pensar nas provações que cada um dos membros da minha família tinha tido de atravessar. Se tivesse um desejo, não queria nada de extravagante, apenas um dia normal em que pudéssemos estar todos juntos em família; um dia em que pudéssemos apenas cozinhar, comer, conversar e rir. Perguntei-me quantas pessoas no mundo estariam a ter um desses dias normais, sem saber quão era especial e sagrado.

Sabendo que não ia conseguir dormir mais, ergui a rede mosquiteira, dirigi-me à porta do quarto em bicos de pés e fechei-a atrás de mim. Na cozinha, uma sombra sobressaltou-me.

– Tio Đạt – sussurrei. – Não conseguia dormir?

– Não – respondeu-me, sussurrando.

Pus a ave em cima da mesa, acendi uma lâmpada a óleo e servi um copo de água para cada um de nós. Na sua cadeira de rodas, o meu tio parecia um velho mirrado. Mas tinha apenas trinta e quatro anos.

– Quer voltar para a cama, tio? Posso ajudá-lo.

Ele abanou a cabeça.

– Não consigo dormir grande coisa hoje em dia.

– Porquê? – Sentei-me ao seu lado, enfiando-lhe o copo na mão.

– Pesadelos e assim, sabes? – Bebeu um gole. – Mas não te preocupes comigo. Volta para a cama.

– Também não consigo dormir... Tio Đạt... obrigada por me salvar ontem à noite.

O guarda rechonchudo tinha aparecido. Tão arrogante, que estava à

espera que eu saísse com ele. Não teve hipótese, visto que o meu tio estava lá para o enfrentar por mim.

– Acho que lhe preguei um susto dos diabos, hã? – disse o tio Đạt, rindo.

– Aposto que não volta.

– Ainda bem. – Sorri. – Mas, tio, tenha cuidado, por favor. A avó disse que quem se atreve a desafiar as autoridades é encarcerado...

– Aquele tipo e as autoridades? Nem pensar. É só um imbecil a tentar assustar as pessoas. Desculpa a linguagem. – O meu tio abanou a cabeça. – Mas não se atreveriam a tocar-me. Nós, os veteranos, e as nossas grandes bocas.

Lentamente, bebi a minha água, tentando ordenar a confusão na minha mente.

– Tio, depois de o meu pai lhe ter dado a ave, não voltou a vê-lo? Não teve notícias dele?

– Não. Lamento, Hương. Os campos de batalha eram vastos, sabes? Também não me cruzei com o Thuận, o Sáng ou a tua mãe.

– De certeza que a mamã e o tio Sáng o virão ver amanhã. Vão ficar tão felizes por estar finalmente em casa.

– Felizes? Achas que vão ficar felizes ao ver-me assim?

– As coisas vão melhorar, tio.

Ele riu-se, o seu riso um dos sons mais tristes que alguma vez ouvira.

– Passei meses a pensar... que não devia regressar a casa de todo. Que não podia encarar os meus amigos e a minha família assim, que não podia sobrecarregar aqueles que amo. – Olhou para a janela, sobre a qual uma fatia de Lua pendia do céu negro.

– Por favor, tio. – Lutei contra as lágrimas. – Nós tomaremos conta de si. Ele deixou-se descair na sua cadeira de rodas.

– Tio, tinha esperança... de que me pudesse falar da sua viagem para sul e de como se encontrou com o meu pai.

– Agora? – perguntou ele, olhando para o relógio, que marcava duas da manhã. – É uma longa história. Não tens aulas amanhã?

– Tio, por favor. Esperei tanto tempo por notícias do meu pai. Preciso de imaginar como foi para ele.

– Preciso de uma bebida a sério. – O tio Đạt lançou um olhar ao armário.

– Pena que despachei a garrafa toda ontem à noite.

– Ah, espere um segundo. – Levantei-me de um salto. Vasculhando o

armário, ergui a garrafa, agora cheia. – A avó comprou-a ontem à noite... depois de ter ido para a cama. – Soltei uma risadinha. – Ela sabia que podia precisar.

– A minha velha mamã – riu-se o meu tio. – É uma pessoa especial.

O tio Đạt ignorou a taça que eu lhe levei e bebeu diretamente da garrafa. Baixou a cabeça durante um longo momento. E em seguida começou a falar. Agora, ao olhar para trás, apercebo-me de como deve ter sido difícil para ele desenterrar estas memórias, tentar ajudar a sobrinha que procurava o pai na viagem do seu tio para sul.

– Sim, eras só uma menina quando tudo começou – disse ele. – Em 1968, chegou uma ordem urgente para que todos os homens se alistassem. A avó tentou tudo o que podia para nos impedir de ir, mas não tivemos alternativa. O Sâng tinha apenas catorze anos à data, pelo que não teve de ir logo, mas o teu pai, o Thuận e eu fomos convocados.

» Fomos levados para um campo de treino no monte Ba Vì. Cada um de nós tinha uma mochila para encher de pedras. Cada mochila tinha de pesar pelo menos vinte quilos. Passámos semanas a subir a montanha com a mochila. Para cima e para baixo, para baixo e para cima, todos os dias. Também de noite praticávamos escalada. Mal sabíamos nós que nos estávamos a preparar para a caminhada mais dura das nossas vidas.

O tio Đạt abanou a cabeça.

– Tínhamos de ir a pé até aos campos de batalha, a mais de mil quilómetros de distância. A nossa missão era erradicar os americanos e o seu aliado, o Exército do Vietname do Sul. Eu não sabia, mas outros países, como a Austrália, Coreia do Sul, Nova Zelândia e Tailândia, também tinham enviado soldados para lutar com os americanos.

Estremeci.

– Deve ter tido medo, não, tio?

– Nem por isso, o nosso ânimo era elevado. Se não resistíssemos, seríamos reduzidos a pó pelas bombas e o nosso Norte seria tomado. Antes de iniciarmos a nossa viagem, o teu pai, o Thuận e eu fomos divididos por diferentes companhias. O Thuận disse-me que, tendo sobrevivido à Reforma Agrária, nada nos podia matar. Éramos invencíveis. O teu pai gracejou que, quando regressássemos, organizaria um casamento conjunto para o Thuận e para mim. Tinha visto como as nossas namoradas, Thu e Nhung, choravam

ao despedir-se de nós.

» Abraçámo-nos com tanta força ao despedirmo-nos. Não nos disseram ao certo para onde íamos.

O tio Đạt parou de falar. Temi que fosse demasiado difícil para ele prosseguir, mas ele pigarreou.

– O Exército do Vietname do Norte não tinha muitos carros, camiões ou comboios, sabes, e as bombas inimigas visavam as estradas. Assim, era melhor caminhar por selvas e florestas, atravessando a cordilheira Trường Sơn. Na verdade, centenas de milhares de soldados do Norte foram para sul por essa via, forçando uma rede pelas selvas, hoje chamada de Trilha Hồ Chí Minh.

» Disseram-me que seriam seis meses a pé, e cada um de nós tinha de levar muitas coisas: roupas para todo o tipo de tempo, medicamentos, ligaduras, uma rede, uma pá desdobrável, sandálias, utensílios para cozinhar e para comer... Ao meu ombro esquerdo, carregava cinco quilos de arroz no meu *ruột tượng*, um saco comprido feito de pano. Ao direito, levava uma AK-47, uma espingarda de assalto fornecida pelos russos. À cintura, tinha duzentas munições e um cantil de água.

O tio Đạt fechou os olhos.

– O inverno tinha-se instalado quando eu e os meus camaradas iniciámos a nossa caminhada. Estava húmido e frio. O exército tinha um lema para nós: *Đi không dấu, nấu không khói, nói không tiếng*. Avançar sem rasto, cozinhar sem fumo, falar sem som.

» Os aviões inimigos andavam à nossa procura, por isso, tínhamos de manter os nossos movimentos secretos. Caminhávamos durante a noite e escondíamo-nos durante o dia. Camuflávamo-nos com folhas verdes e pequenos ramos para nos misturarmos com o ambiente circundante. Os nossos fogões eram buracos fundos que tinham de ser cobertos e ligados a longos respiradouros para dissipar o fumo.

– Parece terrivelmente perigoso, tio.

– Sim, era. Caminhar completamente às escuras era um grande desafio. Seria fatal se nos perdêssemos. Quando um novo dia chegava, montávamos acampamento e descansávamos. Sempre que me sentava, encontrava sanguessugas agarradas à pele.

Estremeci. Tinha lido sobre esses parasitas que sugavam tanto sangue, que inchavam e se tornavam bolas redondas.

– Os bombardeamentos eram frequentes, pelo que, cada vez que parávamos, tínhamos de procurar ou escavar abrigos antes de podermos pendurar as nossas redes entre as árvores. Cada rede era um pedaço de lona para nos proteger caso chovesse, o que era frequente. A lona era importante, deixa que te diga. Envolveria o corpo de um soldado depois de ele morrer; seria a nossa mortalha.

» No início, por cada cinco dias de caminhada, tínhamos um para descansar. Os dias de descanso eram algo por que ansiar. Se não estivesse de serviço, podia dormir, caçar, pescar ou recolher plantas comestíveis. Nos dias de descanso, o nosso capitão enviava um pelotão de doze soldados a um acampamento do exército nas imediações para ir buscar provisões alimentares para os cinco dias de caminhada seguintes. Juntamente com os russos, os comunistas chineses apoiavam a nossa luta contra os americanos, pelo que também recebíamos comida dos chineses.

Fechei os olhos e tentei visualizar o meu pai a pescar num córrego nas profundezas da selva.

– Mas os nossos corpos não foram feitos para as duras condições da selva, Hường – continuou o meu tio. – Ao fim de um mês de caminhada, muitos dos meus camaradas começaram a ficar doentes. Eu estava exausto. Felizmente, a primavera chegou para me salvar. As flores irromperam nas suas cores brilhantes. O Sol era dourado como mel. O ar cheirava a vida, em vez de a morte e explosivos. Aves, do mesmo tipo que a que o teu pai esculpiu como presente para ti, cantavam.

– Foi então que se encontrou com o meu pai?

– Não, primeiro encontrei *sốt rét*. Malária. Surtos de febre atingiram-me, mas tinha tanto frio, que tremia descontroladamente. Os meus ossos pareciam esboroar-se debaixo de mim. Nunca tinha sentido tal dor. Não conseguia andar e tive de me deitar na minha rede à beira da estrada, esperando e esperando até ficar melhor.

» De início, quando alguém adoecia, os soldados da sua companhia carregavam-no em frente. Mas os meus camaradas estavam também tão fracos, os que restavam. Havia uma clínica a que os homens da minha unidade me queriam levar, mas eu recusei, porque era demasiado longe. Disse-lhes que não tardaria a recuperar e a alcançá-los. Assim, os meus camaradas deixaram-me comida, água e medicamentos e despediram-se de mim.

– Tio, se os tivesse deixado levá-lo à clínica, talvez a minha mãe estivesse lá.

– Ainda não se tinha juntado ao exército nessa altura, Hương. Sabes para onde foi destacada?

Abanei a cabeça.

– Não nos disse grande coisa. Apenas que tinha passado por coisas terríveis. Coisas que não desejaria que acontecessem a ninguém.

– Os médicos tinham um dos trabalhos mais perigosos nos campos de batalha, Hương. Tinham de arranjar maneiras de ocultar as suas clínicas aos aviões inimigos. A sua missão era não só salvar vidas, mas também proteger os pacientes. Sempre que o inimigo atacava, tinham de transferir os pacientes para abrigos ou pelas montanhas para montar novas clínicas. Às vezes, tinham até de pegar nas suas armas para lutar.

Isso fez-me parar. Não tinha pensado em tal coisa. Engoli em seco.

– Tio, acha que a minha mãe pode ter feito partos nos campos de batalha?

– Porque perguntas?

– Estou só... curiosa.

– Com certeza que a tua mãe pode ter feito partos, Hương. Os médicos do Norte tinham de ajudar os civis que tinham fugido das suas aldeias.

Assenti, sentindo um pesado fardo sair-me do peito.

– Agora que está aqui, tio, espero que ela volte para casa.

Dirigi-me à cozinha, regressando com uma taça de amendoins torrados. O tio Đạt deitou alguns para a boca, mastigando ruidosamente.

– A avó disse-me que a tua mãe se mudou para casa da Duyên porque lá era mais tranquilo. Qual é a verdadeira razão?

– Teve uma grande discussão com a avó – respondi eu, revirando a taça na mão.

– Sobre o quê?

– Disse que, se a avó não tivesse fugido da sua aldeia, talvez não tivessem tido de ir todos para os campos de batalha e talvez o tio Thuận não tivesse morrido.

– Quê? – O tio Đạt ergueu os olhos para o altar, abanando a cabeça. – A avó salvou-nos ao fugir. Além do mais, se tivéssemos ficado na aldeia, teríamos sido recrutados na mesma.

– Então não culpa a avó pelo que aconteceu?

– Culpar? Nem pensar nisso. Pelo contrário, sinto que não sou suficientemente bom para a merecer. Não sei porque haveria a tua mãe de dizer coisas tão cruéis.

– Tio, por favor... não se zangue quando vir a minha mãe. Quero que ela volte a viver connosco.

– Também eu quero que ela venha para casa, Hương. Não te preocupes.

Peguei no *Sơn ca*, encostando-o ao rosto.

– Que aconteceu então a seguir, tio?

O tio Đạt suspirou e bebeu um gole da sua garrafa.

– A malária é algo terrível de se ter. Deixa-nos tão fracos. Fiquei apenas ali deitado, na minha rede, a tremer e a arder de febre enquanto bandos de pessoas passavam silenciosamente por mim. Os dias e as noites arrastavam-se e, mesmo assim, não me conseguia levantar. Sempre que uma companhia montava acampamento onde eu estava, ajudavam-me a cozinhar o meu arroz e davam-me algumas verduras. Também estavam cansados, famintos e doentes, e eu sentia-me tão inútil.

» Certa manhã, um homem sacudi-me do meu torpor. Pensei que era apenas um sonho, mas o Hoàng estava ali, à minha frente.

– O meu pai?

– Sim, era ele. Tinha um sorriso de orelha a orelha. «Ah, não posso acreditar que este tronco morto se transformou no meu cunhado», disse-me ele.

– Como estava ele, tio? Muito magro?

– Estava mais magro, mas parecia bem. E estava a deixar crescer a barba. Disse que a tua mãe costumava barbeá-lo, por isso, estava a guardar a barba para ela, como presente.

Não pude deixar de sorrir.

– Ainda conseguia gracejar?

– É um espírito raro, eu sei.

– Conte-me mais sobre ele, tio.

– Mostrou-me o *Sơn ca* que tinha esculpido para ti. Não parava de falar em como tinha saudades de ti e da tua mãe. Disse que se arrependia de nunca te ter dito o quanto te amava e que significavas o mundo para ele.

– Porque não regressou, tio? Acha que lhe aconteceu alguma coisa?

– Eu demorei algum tempo, não vê? Pode voltar para casa a qualquer momento.

Assenti. O regresso do tio Đạt dava-me esperança.

– Nesse dia, o teu pai preparou e deu-me a comer o pequeno-almoço, o almoço e o jantar. Pela primeira vez em semanas, pude comer carne fresca. Consegui também arranjar medicamentos para mim. Manteve-se ao meu lado, sussurrando sobre ti e a tua mãe e sobre os nossos tempos felizes em Hanói. Quando o Sol se começava a pôr, tirou o *Sơn ca* do bolso do peito, pedindo-me para to dar se chegasse a casa primeiro.

Apertei a ave com força, uma lágrima a escorrer-me pela face.

– Eu não queria ver a escuridão, mas chegou. Tempo de dizer adeus. O teu pai verteu todo o arroz do seu saco de pano para o meu. Foi a um riacho ali perto e encheu o meu cantil, desinfetando-o com um dos nossos comprimidos. Deu-me o seu grande abraço fraternal. Gracejou dizendo que o primeiro a chegar a casa teria de pagar ao outro uma rodada de cerveja.

» Cerca de meia hora... – O meu tio olhou rapidamente para mim. Pigarreou. – Hum... como disse, gostaria que o teu pai pudesse ficar. Tentei levantar-me da minha rede, julgando que estava suficientemente forte para me juntar à sua tropa, mas os meus pés colapsaram debaixo de mim. Não podia ser um fardo para ele, por isso, fiquei ali deitado, a vê-lo partir. Duas semanas... duas semanas após a sua partida, chegaram os aviões americanos. Bombas enegreceram o céu. Explosões viraram o mundo do avesso. Selvas foram desenraizadas e arderam como erva do campo.

Olhei para o nosso altar familiar e rezei.

– Os medicamentos do teu pai deram-me forças para rastejar até uma gruta e me esconder lá dentro. A sua comida ajudou-me a sobreviver aos dias do bombardeamento.

» Assim que melhorei, cambaleei para fora da gruta. Os aviões inimigos tinham desaparecido, e não podia acreditar no que os meus olhos viam: centenas de soldados passavam silenciosamente por mim, pelo mesmo trilho que as bombas tinham destruído. Grupos de voluntários da Brigada Juvenil, na sua maioria mulheres, reparavam o trilho; a sua primeira tarefa era encontrar bombas que não tivessem explodido e desativá-las.

» Juntei-me a outra unidade, e agora caminhávamos tanto de dia como de noite. Foi por puro acaso que Thành, o colega de escola da tua tia Hạnh, se tornou um dos meus novos camaradas.

» Ao longo do nosso caminho para sul, vi crateras de bombas, tantas, que parecia que bandos de gigantescos animais tinham passado apressadamente

por ali, deixando as suas pegadas gravadas na terra. Às vezes, enquanto caminhávamos, sentia uma ligeira chuva ser lançada de aviões sobre as nossas cabeças. As plantas à nossa volta mirravam instantaneamente. As grandes árvores deixavam cair as suas folhas. Tudo à nossa volta simplesmente definhava. Para nos protegemos, o nosso comandante ordenou-nos que pegássemos nos nossos lenços, urinássemos neles e os encostássemos ao nosso nariz. Continuámos a andar.

O meu tio segurava a garrafa com as duas mãos, olhando-a fixamente.

– Era deprimente sempre que passávamos por uma zona destruída. Nada de aves, borboletas, flores ou árvores verdes. O vento uivante soava como as gargalhadas de fantasmas coléricos.

» Era também mais perigoso, pois o inimigo podia ver-nos mais facilmente de cima. Antes da guerra, nunca tinha tocado num morto, com exceção do meu pai, mas agora estava constantemente a abrir sepulturas, a enterrar os meus camaradas.

Agarrei no braço do meu tio.

– O Thành e eu tornámo-nos os melhores amigos. Dissemos um ao outro que tínhamos de sobreviver, de voltar para as nossas famílias. O Thành mostrou-me a sua pulseira feita de minúsculas contas de madeira. A sua mãe tinha subido os milhares de degraus do monte Yên Tử para chegar ao sagrado pagode Yên Tử, onde recebeu a pulseira do monge superior cuja bênção acreditava que protegeria o seu filho do mal. Eu mostrei ao Thành o meu amuleto da sorte: a ave *Sơn ca*.

O meu tio bebeu outro gole da bebida.

– Ao fim de muitas semanas, chegámos a Quảng Bình, uma província central. Enquanto estávamos na margem de um rio, fiquei de queixo caído. Diante de mim, centenas de sampanas deslizavam sobre a água esmeralda. Estavam ali para nos recolher, levando-nos para as famosas grutas Phong Nha. Remámos sob milhares de formações rochosas de aspeto mágico que pendiam sobre as nossas cabeças, cintilando como cúpulas de estrelas sobre a luz tremeluzente das tochas.

– As grutas parecem deslumbrantes, tio.

Ele assentiu.

– Sim... Por algum tempo, foi como se tivéssemos deixado a guerra para entrar no mundo da paz. Não havia mais bombas e balas, não havia mais morte. Só água a lamber os nossos barcos. Cheirei a doçura da paz naquelas

grutas, Hương. Inalei-a e ansiei por ela.

» Quando chegámos ao coração de Phong Nha, encontrei milhares de soldados a descansar em praias arenosas ao longo das margens do rio. Tentei procurar o Thuận e o teu pai, mas eles não estavam lá.

» Phong Nha não é uma gruta. É um gigantesco sistema de grutas. Onde descansei, o sol entrava pelas brechas entre altas montanhas, cintilando nas formações rochosas. As montanhas protegiam-nos. À noite, artistas que tinham viajado de Hanói cantavam, dançavam e liam-nos poesia. Pela primeira vez em meses, podíamos falar e rir livremente. Já não tínhamos de ter medo das nossas próprias vozes.

» Passei uma das melhores noites da minha vida nessa gruta. Pude pegar nas mãos de uma artista, inalar o perfume dos seus cabelos. Quando adormeci na margem do rio, entre os suaves sons do bater da água, sonhei com a Nhung. – O tio Đạt engoliu o seu álcool.

A menina Nhung? Na noite anterior, a namorada do meu tio tinha aparecido pouco depois do nosso jantar. Esperara por ele sete longos anos, e eu julgava que ele ficaria feliz por a ver. Mas evitou-lhe o olhar e limitou-se a responder ao que ela lhe perguntava. A avó ainda estava a ferver água para o seu chá quando o meu tio disse que estava exausto e precisava de dormir. Depois de ele ter ido para a cama, a avó tentou consolar a menina Nhung, mas ela partiu a chorar. Teria a artista feito o tio Đạt mudar de ideias em relação à menina Nhung?

– A gruta era tão pacífica, Hương, que queria ficar ali para sempre. Imaginei-me a casar e a criar os meus filhos ali. Mas, quando a manhã chegou, tivemos de partir.

» Para nos ajudar a chegar ao sul, o Trilho Hồ Chí Minh atalhava por Laos e pelo Camboja. Mas as bombas americanas encontraram-nos lá. Levámos a guerra às casas dos nossos vizinhos.

Vi-me nas raparigas e rapazes dos nossos países vizinhos que tinham tido de fugir para abrigos durante os bombardeamentos. Anos depois, viria a saber que centenas de milhares de laocianos e cambojanos tinham perecido na guerra internacionalmente conhecida como «Guerra do Vietname», mas chamada pelo atual governo vietnamita de «Guerra de Resistência Contra a América para Salvar a Nação». Independentemente do nome, ainda hoje a guerra continua a matar crianças no Vietname, em Laos e no Camboja, com milhões de toneladas de artilharia por explodir ainda

enterradas no ventre da terra.

O meu tio engoliu em seco.

– Não tardámos a regressar a solo vietnamita, a zonas do Sul controladas pelo inimigo. O Thành e eu mantínhamo-nos próximos. Eu agarrava-me ao meu amuleto da sorte e, noite após noite, pegava na pequena ave, sussurrando-lhe. Por essa altura, a guerra tinha dizimado mais de metade da minha companhia. Restávamos apenas uns cinquenta.

» Tinha de estar constantemente em alerta e de ter cuidado. Numa guerra, o mais pequeno erro ou negligência pode custar a vida a um homem, Hương.

» Uma vez, parámos num riacho para nos abastecer de água potável. Um dos meus camaradas fez um sinal. Apontou na direção do riacho e depois para o nariz. Recolhi um pouco de água nas mãos, farejando-a. Cheirava a sabão. O nosso capitão enviou um pequeno grupo rio acima. Esgueirámo-nos pela selva, mantendo-nos a uma distância segura da margem do riacho. Ao fim de algum tempo, ouvimos risos abafados. Aproximando-me, vi um grupo de soldados por entre os intervalos na folhagem.

O meu tio parou de falar. A lâmpada a óleo tremulou.

– Estavam cerca de dez homens sem camisa a lavar-se na outra margem. Eram jovens, aqueles estrangeiros, talvez de apenas dezoito ou dezanove anos. Alguns eram brancos e tinham cabelos louros, enquanto os outros eram tão negros, que parecia que a sua pele tinha sido alisada com carvão. Dois dos rapazes estavam simplesmente no meio do riacho, a atirar água um ao outro e a rir-se. Manchas de luz solar brilhavam nos seus corpos, reluzindo na superfície do riacho. O ar tinha um cheiro fresco e feliz. Era uma visão tão pacífica, que fiquei simplesmente a observar, fascinado.

» Rajadas de tiros abalaram-me. Num piscar de olhos, os rapazes estrangeiros tinham caído para trás no riacho. Uivaram, projetando água para o ar. Os seus belos rostos distorcidos em retratos de horror. Fiquei paralisado enquanto mais balas os trespassavam, fazendo-lhes explodir a carne.

» Ao ver o sangue desses homens descer pelo riacho, Hương, pensei subitamente nas suas mães e irmãs. Pensei em lágrimas e tristeza. Pensei em ti, na avó, na tua mãe e na Hạnh.

» Odiava tanto os americanos e os seus aliados, antes desse dia. Odiava-os por largarem bombas sobre o nosso povo, matando civis inocentes. Mas, a

partir desse dia, passei a odiar a guerra.

O que o meu tio dizia fez-me pensar. Também eu odiara a América. Mas, ao ler os seus livros, vira o outro lado – a humanidade. De alguma forma, tinha a certeza de que, se as pessoas estivessem dispostas a ler-se umas às outras e a ver a luz de outras culturas, não haveria guerra no mundo.

– Talvez tenha sido a minha simpatia pelo inimigo que mais tarde me salvou. – O tio Đạt abanou a cabeça. – Uma vez, ia a viajar sozinho por uma floresta para entregar uma mensagem importante num acampamento vizinho. Ouvi então os sons de um helicóptero a aproximar-se.

» Corri, tentando encontrar um esconderijo, mas não havia onde me esconder, por isso, deitei-me e cobri o meu corpo com folhas apodrecidas.

» O helicóptero tornou-se visível e, junto à sua porta aberta, estava um homem branco, alto e de ombros largos. Perscrutava a floresta em baixo, apertando nas mãos uma metralhadora M-60.

Arquejei.

– O estrangeiro apontou-me a arma. Tinha a certeza de que me tinha visto. As hélices do helicóptero tinham afastado as folhas que me cobriam. Sustive a respiração, à espera dos sons de tiros, à espera que uma dor aterradora me cauterizasse a carne, à espera que a morte me levasse. Mas o homem limitou-se a fitar-me. Depois, abanou a cabeça e sacudiu a mão. Lentamente, o helicóptero afastou-se e, por cima de mim, ficou apenas o céu brilhante.

» Ainda me interrogo sobre quem era aquele homem e porque não me alvejou. Talvez não tenha visto que eu tinha uma arma, pois tinha escondido a minha AK-47 atrás das costas. Talvez estivesse farto de matar ou se tivesse virado contra a guerra. Ou talvez pensasse simplesmente que eu estava morto, mas sei que isso não é verdade. Nesse instante, olhámos para os olhos um do outro como para um espelho.

» Mas a guerra não é bondade ou compaixão, Hương. A guerra é morte, tristeza e miséria. Sei-o porque acabei num dos piores campos de batalha, perto de Núi Bà Đen, a montanha da Virgem Negra, a sudoeste de Sài Gòn. Pensávamos que estávamos seguros nos abrigos escavados sob grandes florestas de bambus, junto ao sopé da montanha, mas o inimigo rapidamente nos localizou. Bombardeou-nos com artilharia antes de enviar a tropa terrestre. A batalha só acabou quando abatemos dois dos seus helicópteros. Depois de o inimigo retirar, pensei que o nosso capitão nos

mandaria partir, procurar outro esconderijo, mas, por alguma razão, ele decidiu que íamos passar lá a noite. Enviou alguns soldados para formar um círculo de proteção à nossa volta e uma equipa à fronteira com o Camboja para comprar um porco. Tínhamos de celebrar a nossa vitória, decidiu ele. Havia dias que estávamos famintos, por isso, queria que ganhássemos forças para outra viagem difícil.

» Quando a refeição ficou pronta, acorámo-nos no chão, prestes a desfrutar do nosso banquete. Mal pegámos nos nossos pauzinhos, um ruído estrondeou, vindo do céu. Pensei que era trovoadas.

» «Bombardeiros B-52!», gritou alguém. Levantámo-nos de um salto, correndo pelas nossas vidas. Puxei o Thành comigo, precipitando-me para um abrigo antiaéreo ali perto. Era grande, escavado para uso comum.

» Mergulhei, seguido pelo Thành, juntamente com outros seis homens. Explosões levantaram-nos do chão, atirando-nos de um lado para o outro como seixos. Os meus ouvidos ensurdeceram, a minha visão ficou negra. Pedras e terra choviam sobre nós. Ouviram-se mais explosões. Pensei que o abrigo ia ceder e desabar-nos em cima, mas, de repente, o bombardeamento parou.

» Tudo ficou em silêncio. Conseguia ouvir o bater frenético do meu coração e o crepitar de um fogo. Cheirava-me a pó e a queimado.

O meu tio olhou para a lâmpada a óleo. O seu rosto contraiu-se.

– Mas sabia que ainda não tinha acabado. Os americanos gostavam de fazer bombardeamentos de saturação com os seus B-52. O segundo ataque chegaria em breve. Ansiava pela segurança do meu abrigo na rocha alveolada, onde tinha estado antes. «Vou voltar para o meu lugar», gritei eu. «Camarada Thành, vem comigo!»

» «Não, vai tu.» A voz do Thành tremia. Não queria arriscar-se a ser atingido ao correr pelo exterior.

» Dois dos meus camaradas seguiram-me, mas não o Thành. O terreno estava pejado de pedras, ramos de bambu e pedaços do delicioso porco que tínhamos preparado, mas não tivéramos tempo de comer. Mal conseguia ver por onde ia. Finalmente, encontrei o meu abrigo e saltei lá para dentro. Os outros dois homens correram para os seus. Não tardou a que a segunda ronda de bombardeamentos nos atingisse.

» Mais tarde, quando o silêncio regressou à floresta de bambu, a minha companhia reuniu-se. As bombas dos B-52 tinham matado mais de metade

de nós. Trinta e seis jovens morreram nessa noite, incluindo quatro pessoas com quem tinha partilhado o abrigo comum. Algumas foram esmagadas a ponto de ficarem irreconhecíveis. Outras foram despedaçadas pelas explosões. Só consegui reconhecer o Thành pela sua pulseira de contas.

» Tinha já enterrado muitos camaradas pelo caminho, mas essa noite foi a mais difícil. Corpos desfigurados e partes de corpos irreconhecíveis... Trinta e seis homens numa vala comum não identificada... Agonizei pela família do meu melhor amigo, um homem tão tímido, que ainda nem tinha pegado na mão de uma rapariga. Não houve lágrimas de despedida. Era-nos proibido mostrar tristeza. Se expressássemos emoção, só podia ser ódio contra o inimigo.

O meu tio cerrou os punhos. Eu agarrei-me ao *Sơn ca*.

Ao fim de algum tempo, o tio Đạt voltou a falar.

– Enquanto partíamos, um trovão explodiu sobre as nossas cabeças. Relâmpagos fenderam o céu negro. A chuva castigou-me com as suas chicotadas frias. Pela primeira vez em anos, permiti-me chorar, pois a chuva podia esconder a minha tristeza. Com o explodir da trovoada, pude bater com os punhos no peito e gritar. Odiava-me por não ter puxado o Thành comigo ao fugir do abrigo comum. Podia tê-lo salvado.

Quis dizer ao meu tio para não se culpar, mas temia interromper os seus pensamentos. Talvez tivesse de desenredar os seus sentimentos sozinho, falando em voz alta, para poder compreender como era estar vivo e estar morto ao mesmo tempo.

– Tenho pensado na família do Thành, agora que estou de novo aqui, em Hanói, Hường... Tenho de os ir visitar. Quero falar-lhes sobre a pessoa singular que ele era, mas temo que me perguntem onde está enterrado o seu corpo.

» Não me consigo lembrar, raios... A floresta de bambu era enorme e não fizemos nenhuma lápide. Não havia chapas de identificação nos soldados do Norte que vi a apodrecer em florestas, estradas, caminhos de terra, a flutuar em córregos e rios.

» Facilmente me podia ter tornado um desses cadáveres desconhecidos, juro. Uma vez, escrevi o meu nome, data de nascimento e a nossa morada num papel e enfié-o no pequeno frasco de vidro da minha penicilina, guardando-o no bolso das calças. Estava decidido a não me tornar mais um corpo desconhecido, sabes? Mas, ao atravessar um rio, a corrente forte levou

o frasco.

» A ave *Sơn ca* manteve-se no meu bolso do peito, ainda assim. Deu-me uma sorte incrível. Até que, num dos últimos dias da guerra, pisei uma mina. Todo o mundo ficou em branco.

» Acordei numa clínica médica. Quando olhei para baixo e vi os cotos das minhas pernas, desejei ter morrido. Para que serve um homem sem pernas? Para que serve um homem que tem de depender dos outros para o alimentarem?

O tio Đạt pegou na garrafa de vinho de arroz e esvaziou-a. Limpou a boca às costas da mão, batendo com a garrafa vazia na mesa.

– Lamento, tio. Lamento tanto.

O tio Đạt virou-se para mim, o rosto molhado de lágrimas.

– Também eu lamento, Hương. Não sei o que aconteceu ao teu pai, mas sei que, onde quer que esteja, ama-te muito, muito.

A Caminhada

NGHỆ AN-THANH HÓA, 1955

Preciso que compreendas, Goiaba, porque não te falei do teu avô, do teu tio-avô Công e do teu tio Minh até agora. Nos teus manuais escolares, não encontrarás nada sobre a Reforma Agrária nem sobre as lutas internas dos Việt Minh. Parte da história do nosso país foi apagada, juntamente com as vidas de inúmeras pessoas. Estamos proibidos de falar sobre os acontecimentos relacionados com os erros passados ou as transgressões daqueles que estão no poder, pois concedem-se o direito de reescrever a História. Mas tu tens idade suficiente para saber que a História se escreverá nas memórias das pessoas, e, enquanto essas memórias perdurarem, podemos ter fé em como podemos fazer melhor.

O que aconteceu então nesse dia, depois de fugirmos da aldeia dos nossos antepassados...?

Uma gota fria caiu-me na testa. Abri os olhos e dei por mim prostrada na erva encharcada de orvalho. Os meus cinco filhos jaziam à minha volta, aninhados uns contra os outros. Ao ver os seus rostos inocentes, senti um aperto no estômago. O meu irmão estava morto. Os seus assassinos queriam desenraizar e apagar a nossa família. Não podia permitir que isso acontecesse. Tinha de continuar a levar adiante a tocha da vida do meu irmão e de obter justiça pela sua morte, um dia.

Perscrutei as nossas imediações, ansiando por um vislumbre de Minh, mas nada. Jovens plantas de arroz estendiam os seus tapetes verdes. Aglomerados de árvores e aldeias distantes pontilhavam o horizonte. Ali perto, um riacho jorrava.

Não parecia certo. Os agricultores da minha região eram conhecidos por serem diligentes, chegando sempre aos seus campos antes do nascer do Sol.

Nessa manhã, apesar de o Sol estar alto, os campos estavam vazios. Devia ter sido a Reforma Agrária que obrigara as pessoas a abandonarem o seu trabalho.

Na noite anterior, tínhamos fugido pelas nossas vidas. Ouvíramos gritos e brados irromper das aldeias por onde passávamos. As tochas e chamas que iluminavam o horizonte assemelhavam-se a línguas de demónios. Corremos, tropeçámos, levantámo-nos e continuámos até as nossas pernas cederem e colapsarmos naquele troço de erva.

Agora, a fome puxava-me em direção ao som da água. Ajoelhei-me, enfiei o rosto no riacho e bebi. Os meus pés latejavam de dor. Tinha sido puxada tão de repente e não tinha uns sapatos calçados. Espinhos tinham-se cravado profundamente nas solas dos meus pés. Felizmente, todas as crianças com exceção de Sánh tinham sandálias.

Uma bananeira silvestre erguia-se na margem do riacho, mas não tinha frutos. Procurei, mas não havia nenhuma batata-doce, mandioca ou outro vegetal por perto. Lembrava-me, porém, dos tempos da Grande Fome, de como a bananeira nos podia manter vivos: descascando as camadas exteriores, encontrei o seu núcleo branco. Comida para os meus filhos.

Algo se mexeu. Um caranguejo dos mangais com metade do tamanho da minha mão. Subiu para uma rocha, refastelando-se ao sol. Silenciosa como um gato, aproximei-me, apanhei-o e parti-o em pedaços.

Enquanto Sánh mamava avidamente, abri o saco de pano que a Sra. Tú nos tinha dado. Um cacho de bananas, três frutos *na* maduros e um punhado de doces de sementes de sésamo. O seu perfume desabrochava, tal como o amor da Sra. Tú por nós. Tínhamos de sobreviver para voltar para ela.

Toquei nas crianças. Thuận e Hạnh viraram-se para o outro lado. Ngọc e Đạt sentaram-se, esfregando o sono dos olhos. Conduzi-os ao riacho.

– Lavem-se e bebam primeiro.

De volta ao troço de erva, ofereci-lhes o caule de bananeira.

– Mas isso é comida para porcos – protestou Đạt.

– Se os porcos podem comê-la, então nós também. – Sorri e dei uma dentada no caule. Sumarento e crocante, aliviou-me a sede.

Ngọc deu uma dentada e assentiu.

– Delicioso.

Đạt abanou a cabeça, mas cedeu, mordendo. O seu rosto suavizou-se

enquanto comia.

Peguei numa pata de caranguejo, enfiando-a na boca.

– Experimentem – disse aos meus filhos, que estremeceram. – Vai ser uma longa caminhada.

– Para onde vamos, mamã? – perguntou Đạt.

– Para Hanói. – Tinha pensado longa e intensamente no assunto. Na capital, procuraria o professor da minha infância. O mestre Thịnh e a sua família ajudar-nos-iam de certeza. Talvez pudesse arranjar um emprego.

– Mas isso é longe – disse Ngọc.

– Sim, a trezentos quilómetros. – Esmaguei o caranguejo entre os meus dentes, triturando-o com força, esquecendo-me de engolir.

– Como vamos lá chegar? – Đạt parou de mastigar.

– Seguiremos a estrada nacional.

– Mas como ao certo? – As sobranceiras de Đạt tinham-se transformado em dois pontos de interrogação.

– A pé. – Seria demasiado arriscado pedir boleia, e não tinha dinheiro comigo. Desaparecera tudo, roubado pela multidão. Vira, em desespero, como levavam a minha arca do dinheiro. Pareciam lobos a lutar por ela.

– A pé? Trezentos quilómetros? – exclamaram ambas as crianças em uníssono.

– *Shhh*. Vamos afastar-nos mais e logo veremos.

– Encontraremos o irmão Minh em breve, mamã? O que vai acontecer se aquelas pessoas malvadas o apanharem? – Đạt olhava para mim com lágrimas nos olhos. Era tão chegado a Minh. Partilhavam a mesma cama, subiam às mesmas árvores, corriam atrás da mesma bola de futebol.

– Voltaremos a vê-lo, filho. Ele é rápido. Ninguém o consegue apanhar.

Ngọc estendeu-me um papel amarrotado.

– O bilhete do Sr. Hải. Encontrámo-lo junto à nossa janela aberta, embrulhado em torno de uma pequena pedra. Li-o para a Sra. Tú.

Tremiam-me os dedos.

Urgente! Diệu Lan, leva os meninos, foge. O Côg foi morto diante dos meus olhos. O Minh escapou. Tens de ir depressa, não esperes por ele. Têm uma quota de quantas pessoas executar. Por favor, vai. Despacha-te!

As minhas lágrimas caíram sobre as palavras apressadas, borratando-as.

Que tínhamos nós feito de mal? Porque estava eu sob uma sentença de morte?

Os sons de tambores e brados distantes sobressaltaram-nos. A Reforma Agrária despertava do seu sono noturno.

Thuận e Hạnh sentaram-se no preciso momento em que outra salva de tambores estrondeava. Agarrando-nos uns aos outros, fugimos precipitadamente.

Ao meio-dia, parámos debaixo de uma árvore, colapsando sob a sua sombra. Parecia seguro fazer uma pausa ali. Atrás de nós, estava uma fila de densos arbustos que orlava a margem de outro riacho.

Sáng ergueu-me a blusa, procurando leite. Ngọc partilhou o resto do caule de bananeira com Đạt. Thuận e Hạnh discutiram por um fruto *na* maior. Tínhamos fome, mas mais de metade da comida desaparecera.

Expliquei às crianças que tínhamos de fugir para longe, que não podíamos recorrer aos nossos parentes, porque os nossos aldeões os conheciam bem a todos. Ngọc assentiu, estudando os pontos negros nas solas dos meus pés. Usando um longo espinho, conseguiu tirar os espinhos mais pequenos que lá se tinham alojado.

– A irmã Ngọc vai dar uma boa médica – aplaudiram Hạnh e Thuận.

– Espera, mamã. – Đạt tirou o resto da comida do saco de pano, rasgando-o depois em longas tiras e enrolando-as em torno dos meus pés. Agora, tinha uns sapatos feitos de amor.

Ao olhar para as crianças, o desejo não só de viver mas também de *prosperar* insuflou-me o coração. Se aquelas pessoas perversas queriam que eu me rendesse, não podiam estar mais enganadas. Enquanto fosse mãe, nunca desistiria. Jamais.

Caminhámos durante horas, encharcados pela chuva de uma súbita tempestade, queimados por um sol escaldante, famintos, cansados, as crianças a choramingar, até que Đạt disse:

– Olha, mamã.

Um homem. No arrozal ao lado do nosso caminho, debruçado, o rosto escondido debaixo de um *nón lá*, o corpo protegido por um *áo tời* – um casaco tecido a partir de folhas de *tời* secas e fios de bambu.

Parei de andar, tal como as crianças.

– Será melhor escondermo-nos? – sussurrou Ngọc.

O agricultor endireitou as costas, atirando um punhado de ervas

daninhas para o riacho. Ao vê-lo mover o braço, dei-me conta de que «ele» era uma mulher.

Os seus olhos encontraram os meus.

– Mantenham-se calados, meninos. Deixem que seja a mamã a falar. – Arrastei-me para a frente. – Olá, irmã.

A mulher assentiu, inclinando o chapéu para trás.

– De onde vieram? – perguntou, estudando as nossas roupas.

– Nós... acabamos de regressar de uma visita aos nossos parentes além. – Apontei na direção de uma aldeia do nosso lado direito.

– Na aldeia de Thiên Sơn? Vivo lá. Quem foram visitar?

– Quem? Oh... o meu tio. Está a ficar velho e fraco.

– O seu tio é o Sr. Trương ou o Sr. Thảo?

Que estúpido da minha parte escolher a aldeia mais próxima. Agora, a mulher ia perceber que andávamos fugidos.

Fiquei petrificada enquanto ela subia para o nosso caminho, avançando em direção a nós.

– Não é boa altura para andarem a vaguear por aí.

Tirou o seu casaco rígido, depondo-o na erva. Em seguida, despiu a sua camisa exterior castanha de manga comprida. Sempre usara o mesmo tipo de camisa nos campos, para me proteger do sol.

– As suas roupas e as dos seus filhos... – A mulher abanou a cabeça. – Parecem demasiado caras para ser seguro. – Olhou em redor.

Baixei o olhar para a minha blusa verde. Apesar de alguns pequenos rasgões e salpicos de lama, a seda cintilava. A mulher tinha razão, não parecia uma agricultora pobre.

– Vista isto. Vivem-se tempos loucos. – A mulher deu-me a sua camisa exterior e ajudou-me a vesti-la. – Faça os seus filhos parecerem pobres também. – Mergulhou as mãos numa bolsa de lama e limpou-as às crianças.

Thuận e Hạnh retraíram-se, mas Đạt e Ngọc acalmaram-nos.

– Vá para uma cidade grande. Procure algum lugar onde se esconder – sussurrou a mulher. – Desejo-lhe sorte.

– Irmã... como chegamos à estrada nacional?

Ela apontou para a frente.

– Mas não se aproximem daquela aldeia além. Tem muitos cães ferozes.

Ngọc e Đạt curvaram-se numa vénia de agradecimento à mulher, que lhes tomou os rostos nas mãos.

– Cuidem-se. – Afastou-os e ficou ali, a observar-nos. Depois de percorrermos uma curta distância, olhei para trás e vi-a no mesmo lugar, o seu *nón lá* uma reluzente flor branca num vasto verde.

– Mamã, tenho medo. – Hạch apertou-me a mão enquanto nos enroscávamos num troço de erva. Sobre as nossas cabeças, aglomerados de estrelas e uma fatia laranja de Lua iluminavam o céu. Mas a luz celeste estava demasiado longe para nos alcançar. Onde jazíamos, a escuridão prendia-nos no seu casulo.

– Não tenhas, meu amor. Estou aqui. – Beijei as faces molhadas de Hạch.

– Tenho fome, mamã – disse Thuận.

– Encontraremos algo para comer amanhã. Tenta dormir um pouco.

Havia três dias que estávamos em fuga. Não havia mais comida. Tinha encontrado alguns caranguejos dos mangais e caracóis, mas já não os podia dar crus às crianças. Đạt e Hạch tinham sido atingidos por acessos de diarreia. Ngọc tinha algum tipo de febre.

– Dói-te a barriga? – Estendi a mão para Đạt.

– Já está melhor, mamã. – A sua voz soava cansada como a de um velho. Estava enroscado como um camarão, com Sáng no meio de nós. O meu bebé chorara durante muito tempo antes de adormecer. Já não conseguia produzir leite suficiente para ele.

Angustiava-me pensar no longo caminho que tínhamos pela frente. Tínhamos encontrado a estrada nacional e seguíamos por um trilho paralelo a ela, mas a fome e a exaustão abrandavam-nos.

– Mamã, tenho fome. – Mais uma vez, a voz de Thuận ergueu-se na escuridão.

– Cala-te, estou a tentar dormir – repreendeu-o Hạch.

– *Shhh*. Deixem-me cantar. Deixem-me cantar-vos uma canção de embalar...

– A do grou, mamã.

– *À à oi... con cò mà đi ăn đêm, đầu phải cành mêm lộn cổ xuống ao...* – Oh, ah, o grou procura comida à noite, empoleira-se num ramo demasiado fraco e mergulha de cabeça no lago...

Também conheces esta canção? Sim, claro. A tua mãe costumava cantá-la para ti.

Nessa noite, cantei baixinho até a respiração das crianças se tornar

regular. Estava tudo em silêncio, talvez o Céu me pudesse ouvir. Erguendo as mãos para o peito, rezei para que Minh estivesse em segurança, para que a alma de Công chegasse ao Céu, para que a tia Tú não sofresse nenhum mal, para que o Sr. Hải e a sua família não corressem risco nenhum. Rezei pela mulher que tínhamos encontrado na estrada; a sua camisa estava quente contra a minha pele, dando-me conforto e força.

Perguntei-me se alguma vez conseguiria encontrar Minh. Na sua mensagem, o Sr. Hải não dizia em que direção o meu filho seguia nem como o encontrar. Desejei poder voltar à nossa aldeia e perguntar.

A febre de Ngọc não tinha descido. O seu corpo ardia como um carvão em brasa. Tateei caminho até à vala entre o nosso trilho e os arrozais. Estava cheia de água da chuva, água essa que puxei para a boca e dei a Ngọc, água que usei para lhe arrefecer o corpo.

Mais tarde, os soluços de Đát acordaram-me.

Beijei-lhe o rosto, provando o sal da sua tristeza.

– Sonhei com o irmão Minh, mamã, que o tinham apanhado.

– O teu irmão é rápido como um gato. Está bem, confia em mim.

– Tenho saudades dele, mamã.

– Vamos encontrá-lo, prometo.

– Tenho saudades do tio Công e do papá. – As lágrimas de Đát queimavam-me o rosto. – Porque estão sempre a acontecer coisas más à nossa família?

– Não sei, mas não fomos os únicos a sofrer. *Trời có mắt*. O Céu tem olhos, querido. O Céu castigará as pessoas que fazem coisas más.

– Tens a certeza de que estaremos seguros em Hanói, mamã?

– Espero que sim. – Acariciei os cabelos de Đát. – Lembras-te de quando tu e o Minh encontraram um ninho de aves no beiral de nossa casa? Juntos, viram os ovos eclodir.

– Alimentámos os pássaros bebés com insetos até ficarem suficientemente grandes para voar dali.

– Um dia, regressaremos a nossa casa, filho. Regressaremos, e aves de todo o mundo poderão ir fazer ninho connosco...

Depois de Đát ter voltado a adormecer, fiquei às voltas, agitada. A escuridão começava a dissipar-se, e as sombras das aldeias que bordejavam o horizonte pareciam mulheres cujas costas tinham sido vergadas pelos fardos

da vida. A minha mãe tivera de carregar os seus, e era agora a minha vez.

Enquanto o céu adquiria um brilho róseo, lavei o rosto junto à vala. A água só fazia o meu estômago parecer mais vazio. Procurei, mas não encontrei nada para comer. Acorrendo-me junto a um arrozal, passei as mãos pelas plantas, na esperança de encontrar uma flor de arroz. Mas as plantas ali eram demasiado jovens.

Fora o meu pai quem me tinha levado ao arrozal quando eu era pequena. Apanhara um grosso caule de arroz, descascara-o e dera-me uma leitosa flor de arroz. Lembrava-me da doçura aromática na minha boca e de quanto tempo rira enquanto ele me carregava às suas costas, galopando como um cavalo pela beira do arrozal.

Voltei o olhar para a estrada nacional. Fora nessa estrada que o meu pai tinha sido decapitado, o seu sangue pisado por pessoas e animais, atropelado por veículos, lavado por tempestades e chuva. Fora ele quem me deixara guiar o carro de búfalos, como forma de me dizer que as mulheres podiam assumir o comando. Acreditara em mim, e por isso eu tinha fé: podia salvar-me, bem como aos meus filhos. Ouvia a sua voz exortar-me a continuar.

Debrucei-me e arranquei algumas plantas de arroz. Arrancando-lhes as raízes e as folhas, enfiar os finos caules na boca. Não sabiam tão mal como eu pensava. As minhas mãos trabalhavam furiosamente.

Quando acordei as crianças, dando-lhes os caules, Ngoc recusou-se a comer. A sua febre tinha subido ainda mais. Tinha os olhos inchados, o rosto vermelho-vivo.

– Precisamos de ajuda. – Olhei para a aldeia mais perto de nós. Não podíamos continuar a fugir dos humanos.

– Não é perigoso? – Đat olhou na direção dos aglomerados de árvores, onde brados e tambores se erguiam para os primeiros raios de sol.

– Precisamos de comida e água potável, filho.

– Estarão lá pessoas zangadas. – Os lábios de Ngoc tremiam.

– Vão voltar a amarrar-te – disse Hạng.

– Vão gritar connosco. – O rosto de Thuận torceu-se.

– Teremos cuidado. – Estudei as nossas roupas, que pareciam farrapos desde que as tínhamos rasgado. Sob a minha camisa exterior castanha, contudo, a minha blusa de seda continuava intacta. Tinha de me agarrar ao presente do meu irmão, à minha última memória dele.

– Tenho uma ideia – disse Đat. – Porque não esperam todos aqui?

Deixa-me ir sozinho. É mais seguro. Posso...

– Não! Não posso perder outro filho de vista.

– Terei cuidado, mamã.

Abanei a cabeça.

– Vamos manter-nos juntos. Somos uma equipa.

Dirigimo-nos à aldeia como um grupo de animais maltratados. As minhas pernas enfraqueceram ante o som de tambores e gritos violentos que se ia tornando mais alto à medida que nos aproximávamos.

– Tenho medo, mamã – disse Ngoc, agarrando-me no braço.

Descemos um caminho de terra. Densos aglomerados de bambu erguiam-se sobre nós, as folhas a rumorejar ao vento. Um par de torres de tijolo cobertas de musgo verde emoldurava o portão da aldeia.

Os meus olhos avistaram a primeira casa, murada e coberta de palha de arroz. Levei um dedo aos lábios. As crianças estavam caladas como ostras. Felizmente, Sâng dormia às minhas costas. Em bicos de pés, aproximámo-nos mais da vedação da casa. Atrás dela, erguia-se uma papaieira carregada de frutos verdes e dourados.

A minha boca começou a salivar, pronta para receber um pedaço de suave e doce papaia. Vi-me a trepar à vedação, atravessando o jardim a correr.

Latidos violentos. Um cão saiu disparado da casa. De repente, saltou, atirando-se ao meu rosto. A vedação tremeu. Saltámos para trás.

– Cão mau, cão mau. – Um grito irrompeu de uma casa vizinha. Uma senhora idosa emergiu, agitando a sua vassoura na direção do cão. O tempo tinha-lhe esculpido rugas profundas no rosto e tingido o cabelo de um branco argênteo. Parecia bondosa. Devia ser bondosa.

Guiando as crianças, aproximei-me dela.

– Obrigada, tia. – Sorri. – Pode dispensar-nos alguns restos de arroz? Os meus filhos estão doentes. Por favor, tia...

Ela olhou-nos de cima a baixo e fez um esgar.

– Os mendigos trazem má sorte. Ainda nem comecei o meu dia. Vão-se embora. – Apressou-se a entrar pelo seu portão.

Em vez de me sentir miserável, comecei a rir-me.

– Isto é bom, não é? Ninguém nos pode reconhecer agora.

– Para o inferno com os proprietários perversos! – Os gritos, ecoando a curta distância, fizeram-me calar a boca.

– Ela vai para o mercado, mamã? – perguntou Hân, apontando para a frente. Uma mulher tinha acabado de surgir de uma viela que dava para o nosso caminho, avançando rapidamente com uma vara de bambu atravessada ao ombro. De cada extremo da vara pendia um cesto de bambu cheio de verduras.

– Mercado, muita comida. Mercado – sussurrou Đạt. – Vamos segui-la.

Passámos por jardins luxuriantes, mas não nos atrevemos a aproximar de nenhum deles. Sem que lhes mandasse, as crianças baixaram a cabeça, escondendo os rostos.

A mulher desapareceu por uma ruela. Alcançámo-la e demos por nós num espaço aberto, transbordante de ruído e de cor. O mercado matinal da aldeia.

Filas de vendedores sentavam-se atrás de cestos cheios de todo o tipo de alimentos crus: vegetais, arroz, feijão, peixe e carne. O ar já não cheirava a medo, mas a felicidade e entusiasmo.

Dạt puxou-me o braço, e eu olhei para a esquerda. Fios de fumo erguiam-se de uma enorme panela montada num fogão a carvão. Atrás da panela, erguia-se uma mulher a mexer o conteúdo. O apetitoso aroma a *phở* flutuou até mim.

– Sopa de *noodles* com carne de vaca, sopa de *noodles* com carne de vaca acabada de fazer – apregoava a mulher.

Chegámo-nos mais perto. As crianças lamberam os lábios, olhando fixamente para as grandes tigelas colocadas em mesas dispostas num espaço aberto onde homens, mulheres e crianças se sentavam, de rostos submersos em cortinas de vapor ascendente, os seus sorvos irresistíveis.

– Mendigos – gritou de repente a vendedora. – Vão-se embora. – Sacudiu os seus pauzinhos na nossa direção. – É demasiado cedo. Não se atrevam a trazer-me má sorte.

Puxei as crianças para trás.

– Mendigos preguiçosos, vão trabalhar para ganhar a vida. Vão trabalhar como nós!

Arrastámo-nos dali para fora.

Passámos por uma lixeira onde nuvens de moscas se espalhavam. Procurámos algo comestível, mas o fedor disse-me que tudo quanto ali havia albergaria doenças. As crianças encontraram algo útil, ainda assim: um esfarrapado *nón lá*, que pus na cabeça para esconder o rosto.

Chegámos à entrada do mercado por onde as pessoas fluíam. Precisávamos de comida.

Só nos restava uma coisa a fazer.

Pedi às crianças que se ajoelhassem.

Protestaram, mas eu estava já de joelhos, a estender as mãos abertas.

– Senhor, senhora, imploramos. Tenham piedade de nós. Temos fome – apelei, temendo a minha própria voz.

Sáng acordou. Os seus gritos latejaram contra as minhas têmporas.

As crianças baixaram-se ao meu lado.

– Senhor, senhora, imploramos. Tenham piedade de nós. Temos fome – repetiram depois de mim.

Ergui a blusa. Já não tinha mais leite. Sáng continuou a alvoroçar-se.

À nossa volta, as pessoas conversavam, riam, regateavam, discutiam. Sentia o cheiro da sopa. Vi pés passarem diante de nós. Pensei nas refeições felizes que a nossa família tinha partilhado, nos pratos cheios de comida, nos campos repletos de arroz e de mandioca.

– Senhor, senhora, por favor, ajudem-nos, temos fome. – As vozes das crianças tremiam. Mas parecia que nos tínhamos tornado invisíveis. Ninguém parou. Ninguém.

Ficámos ali muito tempo, a mendigar. Sáng estava exausto; só conseguia soltar um soluço ocasional.

Finalmente, alguém parou. Moedas tilintaram alegremente ao serem largadas nas mãos de Hạng.

– Aqui têm – disse uma voz de mulher.

– Obrigada, avó – responderam as crianças, em voz estridente.

Virei-me para ver uma mulher esguia, de longos cabelos negros e rosto sorridente. Os meus olhos seguiram-na enquanto se dirigia a uma banca de vegetais e erguia um molho de espinafres de água. Vi a minha mãe na sua graça.

– Senhor, senhora, olhem para os vossos corações, mostrem a vossa compaixão. – As crianças pareciam ter adquirido nova energia, as suas vozes mais determinadas, as palmas estendendo-se para o fluxo de pessoas que passavam por nós.

No momento em que o meu desespero crescia, Thuận ergueu a voz. Um homem tinha-se curvado, depositando algumas moedas nas suas mãos. As

nossas palavras de gratidão seguiram-no até desaparecer no mercado.

O som de uma chibatada fendeu o ar. Dei um salto, puxando os meus filhos para mim.

Um homem confrontou-nos, com uma vara de bambu na mão, a cólera a enrubescer-lhe o rosto.

– Não são permitidos mendigos nesta aldeia. Partam imediatamente.

– Perdão, senhor, não sabíamos. – Curvei-me, escondendo-me debaixo do chapéu. As crianças agarraram-se à bainha da minha camisa. Apressadamente, afastámo-nos.

– Não voltem cá, estão a ouvir? Não se atrevam a voltar. – A sua voz furiosa perseguiu-nos. Chegámos a uma grande árvore a pouca distância da loja de *phở*. A sua sombra fresca acalmou-me os nervos.

Ngọc encostou-se à árvore enquanto as crianças contavam as moedas juntas.

– Doze cêntimos, mamã. – Đat mostrou-me o seu grande sorriso.

Entreguei-lhe Sâng e peguei nas moedas.

A loja de *phở* estava repleta de clientes. A vendedora estava ocupada a verter fios brancos de *noodles* para tigelas, coroando-os com fatias de carne de vaca, cebolinhas e coentros. Gritou a um rapaz que tentava abrir caminho entre as mesas, segurando tigelas fumegantes nas mãos.

– Senhora, quanto é cada uma? – perguntei eu, enquanto a mulher começava a verter sopa a ferver para as tigelas.

– Cinco cêntimos – respondeu ela, fitando-me, uma ruga profunda a sulcar-lhe o espaço entre as sobrancelhas.

– Uma tigela, por favor. – Hesitei, as moedas a humedecer nas minhas mãos. – Não... quero duas.

– Mostre-me o seu dinheiro. – Ao olhar para as moedas, o seu olhar suavizou-se. – Sente-se.

As crianças desataram aos saltos quando eu lhes disse que a nossa comida estava a caminho.

Sentámo-nos a uma mesa, de estômagos a gemer. Depois de esvaziarmos um grande jarro de água, pedimos mais. O ajudante era demasiado lento. As queixas da vendedora só o faziam ficar mais confuso e entregar a comida nas mesas erradas.

Levantei-me. Đat empurrou a sua cadeira para o lado, juntando-se a mim.

– Dinheiro para duas tigelas. – Depositei uma pilha de moedas junto à

vendedora. – Por favor, pode dar-nos a nossa sopa agora? Os meus filhos estão famintos.

– A sua fome comeu-lhe a paciência? – O olhar da mulher demorou-se em Đat. – Ah, o seu rapaz parece forte. Porquê mendigar quando ele pode trabalhar?

– Trabalhar onde, senhora? – O rosto de Đat iluminou-se.

– Preciso de outro ajudante. Aquela lesma lenta tem de ir – disse ela, erguendo o queixo na direção do outro rapaz.

– Posso trabalhar antes eu para si? – apressei-me a sugerir. – Posso ajudá-la a cozinhar...

– Acha que sou estúpida? Quantos filhos tem? Cinco? Agora desapareça.

– Empurrou duas tigelas fumegantes na nossa direção.

As crianças atiraram-se à comida. Eu alimentei Sâng, que bateu palmas, abrindo a boca como uma ave. Não me lembrava de a comida alguma vez ter sido tão deliciosa.

– Mamã, posso trabalhar aqui? – perguntou Đat, erguendo o olhar da sua colher.

– Não. Partimos hoje para Hanói. O nosso destino, lembrás-te?

– Mamã. – Ngọc implorou-me com o olhar. – É horrível caminhar até tão longe. Pensei que ia morrer. Vamos ficar aqui. Vamos procurar um emprego.

– Não ouves os tambores? – Baixei a voz. – Não é seguro para nós aqui.

– Ninguém sabe quem somos – protestou Đat, rindo. – Acham todos que somos uns mendigos miseráveis.

– Não tenhas medo, mamã – acrescentou Ngọc.

– Não, é perigoso...

– Tenho de ir fazer chichi. – Đat levantou-se, dirigindo-se à lixeira. A meio do caminho, porém, virou-se e acelerou o passo em direção à vendedora de *phở*.

– Đat, não... – Levantei-me.

– Deixa-o ir – disse Ngọc, fazendo-me sentar.

Đat estava agora a falar com a vendedora. Ela disse-lhe qualquer coisa e sacudi o braço, apontando para a barraca com telhado de latão nas suas costas. Đat desapareceu na sua boca negra e saiu uma pessoa nova. Tinha o cabelo penteado e uma camisa lavada vestida. As crianças riram-se, vendo-o recolher tigelas fumegantes e levá-las aos clientes.

– Olhem para o irmão Đạt, é tão rápido – observou Ngọc.

– Aqueles clientes estão a sorrir-lhe – sussurrou Hạnh.

Acredita, Goiaba, o teu tio Đạt era um rapaz encantador.

Thuận pegou na minha tigela, sorvendo as últimas gotas de sopa. Fez estalar os lábios tão alto, que todos tivemos de rir.

Voltámos para a sombra da árvore. Aí sentados, esperei que não tivéssemos problemas. O homem da vara de bambu andava a percorrer o mercado. Tinha afugentado um par de outros mendigos, e não só com as suas palavras; a sua vara tinha feito chover golpes sobre eles.

Segurando Sâng, encostei-me à árvore, as minhas pernas a servir de almofada às crianças, que se tinham deitado. Olhei para o tronco da árvore, para as suas centenas de raízes suspensas, e dei-me conta de que era uma figueira-dos-pagodes. Buda tinha meditado e atingido a iluminação debaixo de uma dessas árvores. Senti a sua bênção no vento fresco que me acariciou o rosto.

Os meus olhos estavam pesados como chumbo. Disse a mim mesma para me manter acordada de modo que velasse pelas crianças, mas o sono levou-me.

Um cheiro delicioso acordou-me. Đạt tinha-se agachado, com uma tigela na mão. Enquanto os seus irmãos partilhavam a sopa, disse-me que tinha conseguido o emprego.

– Quanto te vai ela pagar, filho? – perguntei eu.

– Dez cêntimos por dia.

– Isso são só duas tigelas de *phở*. É pura exploração!

– Mas dá para comprarmos comida – disse Đạt, puxando pedaços de folhas secas dos cabelos de Thuận e Hạnh. – Mamã, precisamos de descansar um pouco. Deixa-me tentar. Daqui a uns dias, veremos.

As crianças imploravam-me com o olhar. Também o meu corpo dorido implorava. Anuí.

– Mas tenho más notícias – acrescentou Đạt. – Apesar de eu ter tentado, ela só me quer aceitar a mim. E só me deixa dormir a mim na sua loja.

– Então e nós? – Ngọc olhou para mim. Encolheu os ombros. – Suponho que há muitos arbustos por aqui.

– Đạt, vens ou quê? – vociferou uma voz colérica. A vendedora de *phở* chegou debaixo da árvore, olhando para nós, de mãos nas ancas, os lábios manchados com o sumo vermelho da noz-de-areca que estava a mascar.

– Senhora. – Levantei-me. – Por favor... Posso ajudá-la melhor do que o meu filho. Os meninos podem tomar conta de si mesmos...

– Mulher estúpida. – A vendedora revirou os olhos, cuspidando um bocado de líquido vermelho para o chão. – Não ouviu falar na Reforma Agrária? Acha que sou assim tão idiota? – Chegou-se mais perto de mim, o seu hálito pungente. – Posso ser tola, mas não sou suficientemente insensata para empregar uma adulta. Executar-me-iam por ser rica, uma exploradora, um membro da burguesia. – Riu-se. – Não estou a contratar o seu filho, compreende? É o filho do meu irmão distante e está apenas a dar-me uma ajuda.

Puxou Đat para cima.

– Vamos. Traz essa tigela contigo. Há muita loiça para lavar. – Virou-se para mim. – Leve os seus filhos e vá. Não pode ficar aqui. Ele é perigoso. – Olhou de relance para o homem com a vara de bambu enquanto se afastava.

– Mamã. – Đat inclinou-se para mim, sussurrando. – Onde nos encontramos esta noite? Levo-vos alguma comida e água.

– Junto ao portão da aldeia. Atrás do bambuzal. – Os meus olhos marejaram-se de lágrimas. – Tem cuidado, não deixes que as pessoas te reconheçam, filho.

– Há muita fuligem além. – Đat sorriu, apontando na direção da panela de *phở*. – Um bigode preto assentar-me-ia bem, não te parece? – Piscou-me o olho e partiu apressadamente.

A noite estava quente e abafada, cheia de insetos a zumbir. Sâng dormia como um anjo nos meus braços. O *phở* tinha trazido de volta algum do meu leite. Ngọc enxotava os mosquitos abanando o meu chapéu. Tinha acabado de acordar de outro sono profundo, e a sua febre baixara.

Um ponto tremulante surgiu ao fundo da estrada escura. Gradualmente, o ponto transformou-se numa chama que flutuava em pleno ar.

– É ele. O irmão Đat.

– Cala-te, pode ser outra pessoa.

– É ele, eu sei. – A voz de Thuận afastou-se de nós.

– Thuận, volta – silvei eu.

– Aqui, irmão Đat, aqui – bradou Thuận.

A chama tremulou e desapareceu. Mergulhámos de novo nas trevas.

Ouvi o bater do meu próprio coração, depois passos nas folhas secas e o

riso de Thuận.

– Sabia que eras tu, irmão Đạt.

Envolvi Đạt nos meus braços. O meu amado filho. Beijei-lhe os cabelos. Cheirava a casa.

– Irmão Đạt, irmão Đạt. – Ngọc e Hạnh bateram palmas.

– *Shhh* – disse Đạt, rindo-se. – Têm fome? Trouxe-vos algo.

– Onde? Onde?

Atrapalhadamente, acororámo-nos no chão. Đạt depositou-me um embrulho nas mãos. Senti a suavidade das folhas de bananeira frescas e inalei a fragrância das batatas-doces e mandiocas cozidas.

Distribuí a comida pelas crianças.

– Água, mamã. – Đạt deu-me uma garrafa. Estendeu a mão para o meu rosto. – Não chores. Não é mau trabalhar lá. É muito melhor do que nos campos de arroz.

– Como te trata a mulher?

– É boa, mamã.

– Estou tão feliz por te ver, irmão Đạt – disse Hạnh.

– Não, eu tenho mais saudades dele – protestou Thuận.

– *Shhh*, calados – admoestou-os Đạt, rindo.

Oh, Goiaba, foi uma noite especial. Estava demasiado escuro para conseguirmos ver os rostos uns dos outros. Mosquitos picavam-nos a pele. Tambores ameaçadores e gritos de palavras de ordem cruéis ecoavam ao longe, mas eu sentia-me como se o rumorejante bambu tivesse construído uma fortaleza à nossa volta.

Quando chegou a hora de partir, Đạt prometeu-me regressar na noite seguinte. Caminhei com ele até à loja de *phở*. Depois de se despedir de mim com um abraço, fiquei escondida no manto da noite, a dizer a mim mesma que tinha de o amar mais.

As crianças dormiam profundamente quando regresssei. Deitei-me e deixei que o rumorejar do bambu me levasse.

Acordei com o som de pessoas a falar. Uma luz suave espalhava-se vinda do céu. O orvalho matinal tinha-me humedecido as roupas, ensopando a camada de folhas caídas em que dormíamos.

Por entre pequenas frestas entre os grandes troncos de bambu, vi três homens do outro lado do caminho de terra, de costas voltadas para mim,

com um carro de bois ao lado. Ouvi sons de fechos a serem abertos. Ruídos de água a bater no chão.

– Aquela cabra e o filho, onde demónios poderão estar? – disse um dos homens, cuspiendo as palavras.

A voz do homem apavorou-me. Conhecia-o. Apertei-me contra o chão, de olhos fixos em Sáng. Que faria se ele chorasse?

– Maldição. O julgamento será em breve. Pareceremos um bando de idiotas – disse outra voz.

– Não podem estar muito longe. Varreremos todas as aldeias até os encontrarmos – retorquiu o primeiro homem.

Outra voz riu-se.

– Não pode ir longe, aquela cabra. Não pode ir longe com tantos filhos agarrados às saias.

Sustive a respiração enquanto os homens regressavam à sua carroça. Assim que desapareceram atrás do portão musgoso da aldeia, sacudi Ngoc, Thuận e Hạnh para os acordar.

– Temos de ir. Aquelas pessoas cruéis estão aqui, à minha procura.

– Então e o irmão Đạt? – perguntou Thuận, esfregando o cansaço dos olhos.

– Encontramo-nos com ele na próxima aldeia. Despachem-se! – A mentira tinha um sabor amargo na minha boca. Đạt era esperto. Podia ganhar a sua comida e manter-se seguro.

Com Sáng às costas, fugimos apressadamente. Se deixasse que aquelas pessoas me apanhassem, enfrentaria certamente uma sentença de morte.

O meu coração doía a cada passo que me afastava de Đạt. Que tipo de mãe era eu, para abandonar o meu filho com uma estranha? Mas seria melhor para ele ficar onde estava e esperar que eu regressasse. Sabia como se disfarçar. Tinha comida e um teto sobre a cabeça. Tinha assumido uma nova identidade como sobrinho da vendedora de *phở*. Ainda assim, temia o momento em que Đạt regressaria ao bambuzal à nossa procura e não encontraria ninguém. Consegues imaginar o desespero que deve ter sentido?

Passaram anos desde o dia em que deixei Đạt para trás, mas ainda questiono a minha decisão e as que viria a tomar a seguir. Falámos muitas vezes sobre isto em família, mas a minha culpa continua a ser demasiado avassaladora para sentir que sou suficientemente boa como mãe. É por

isso que continuo a tentar todos os dias, Goiaba. Mas ser mãe nunca é fácil. É falhar, aprender e depois voltar a falhar.

A tua mãe gritou ao perceber que Đạt não ia estar na próxima aldeia. Implorou-me que voltasse para trás e o fosse buscar, mas não podia. Teria sido demasiado perigoso, compreendes?

Ao ver como Ngọc arrastava os pés atrás de mim e ouvir os seus soluços, temi que jamais me fosse perdoar.

Foi Đạt quem nos salvou durante os dias seguintes da nossa caminhada. Os inhames e batatas-doces, a água e uma caixa de fósforos mantiveram-nos vivos. Podíamos fazer uma pequena fogueira aqui e além, grelhando um caracol ou um caranguejo.

Fizemos bons progressos em direção a Hanói, até que Hạnh apanhou uma intoxicação alimentar. Vomitou violentamente e depois teve diarreia. Ficou gravemente desidratada, curvando-se como uma folha murcha. Já não me atrevia a dar-lhe a água que encontrava pelo caminho, sabendo que só a faria ficar pior.

– Espera aqui com o Thuận e o Sáng – disse eu a Ngọc. – Se entrarmos ali em grupo, correremos perigo. – Tínhamos parado debaixo de um arbusto frondoso voltado para córregos de correntes rápidas e manchas de arrozais esmeralda que se estendiam em direção a uma aldeia.

– Para onde a levas? – Ngọc apertou Hạnh com mais força nos seus braços.

– Precisa de medicamentos.

Com Hạnh às costas, caminhei, os pés rígidos de terror enquanto me aproximava da aldeia. Evitando a entrada principal, virei para uma pequena ruela. Avistando uma casa isolada, aproximei-me do seu portão. Vi-a imediatamente – uma mulher mais ou menos da minha idade. Estava a lavar algum tipo de vegetal junto à margem do lago de sua casa. Flores *múóp* amarelas iluminavam-se como um bando de borboletas sobre a sua cabeça.

– Irmã, ajude-nos – pedi baixinho.

A mulher ergueu o olhar, arquejando ao ver a cabeça de Hạnh descaída sobre o meu ombro. Abrindo o portão, tomou Hạnh nos braços e repreendeu-me por não ter procurado ajuda mais cedo. Dentro da sua casa fresca, depositámos Hạnh numa cama de bambu.

Hạnh abriu a boca para receber água, mas os seus olhos mantiveram-se

fechados.

Usando panos húmidos, baixámos a febre de Hạnh. A mulher chupou os dentes, como se ela mesma estivesse em sofrimento. Acariciou o rosto de Hạnh.

– Onde te dói, querida?

Hạnh levou as mãos à barriga, abriu os olhos e sorriu debilmente.

– A minha filha tem uma intoxicação alimentar, irmã.

– Gengibre. Chá de gengibre. – A mulher correu para o exterior.

– Tivemos sorte hoje, e vais ficar bem em breve. – Beijei a testa a Hạnh.

A mulher podia ter-nos enxotado, com os nossos cabelos por pentear e roupas esfarrapadas, com os nossos olhos famintos e corpos que tresandavam como peixe podre.

Dei um pouco mais de água a Hạnh.

– Dorme, bebé. – Uma canção de embalar aqueceu-me os lábios.

Na parede do quarto, reparei numa desbotada fotografia do casamento da mulher com o seu marido; ao lado, estava um retrato mais recente de ambos. Vários certificados diziam-me que o nome da mulher era Thảo, que era professora num jardim de infância e que o seu marido era um funcionário do governo.

A Sra. Thảo regressou com um punhado de gengibre fresco. Segui-a para o interior de uma cozinha acolhedora. Tachos e panelas enegrecidos pela fuligem pendiam da parede de barro, por cima de uma pilha de palha de arroz e de fogões feitos de barro seco. Tudo dizia que a sua proprietária era arrumada e sabia como tomar conta da casa.

Descascámos e fatiámos o gengibre. A Sra. Thảo acendeu um fogão, deitou palha de arroz para a fogueira e pôs uma panela de água a ferver, onde deitou alguns restos de arroz.

– Papas... é disso que a Hạnh precisa. – Abanou a cabeça. – Vocês, mendigos, só querem saber do dinheiro.

Acendeu o segundo fogão para eu assar o gengibre.

– Algumas mães não sabem a sorte que têm. – Os olhos da Sra. Thảo estavam fixos nas chamas resplandecentes. – Durante anos, visitei pagodes e templos, cheguei mesmo a ir ao célebre Pagode dos Perfumes, perto de Hanói... Ainda estou à espera da minha bênção.

Pensamentos rodopiavam na minha mente. Sabia que não ia conseguir levar os meus quatro filhos para Hanói. A Sra. Thảo parecia bondosa. Mas

como podia eu deixar outro filho a outra desconhecida?

O gengibre deslizava para a frente e para trás na frigideira, o cheiro intenso a fazer os meus olhos lacrimejar.

– Irmã – murmurei. – Deixei o nosso saco de roupa no mercado. Não está ninguém a tomar conta dele. Estava com tanta pressa...

– Vá buscá-lo, então.

Foi terrível mentir a uma mulher tão bondosa. Mas como podia eu dizer-lhe a verdade? Afinal, o marido era funcionário do governo.

– Irmã, por favor, tome conta da minha filha na minha ausência.

– Sua tola – replicou a Sra. Thão, rindo. – A Hạnh não pode ir a lado nenhum enquanto não tiver bebido o meu chá e comido as minhas papas.

Na sala da frente, Hạnh dormia. Era o meu anjo de oito anos. Gravei as suas feições na minha memória: o belo rosto oval, as longas pestanas, as faces coradas. Puxei o seu fôlego para os meus pulmões.

– Adeus, meu amor. Voltarei para te vir buscar.

O portão bateu atrás de mim, fechando-se. Parando atrás de um arbusto, estudei a casa para a poder recordar. Tinha de voltar para vir buscar a minha filha. Não sabia quando, e essa era a pior parte.

Oh, Goiaba, a tua mãe estava a soluçar quando regresssei. Conseguira pôr Sánh e Thuận a dormir à sombra.

– Quer dizer então que vais mesmo fazer isto! – silvou ela. – Vais abandonar-nos, um a um.

A verdade das suas palavras cravou-se em mim como facas afiadas.

– Voltarei para recolher o Đat e a Hạnh quando for mais seguro. Viste como a Hạnh estava doente. Precisa de ajuda. Era impossível que aguentasse até Hanói.

– Onde a abandonaste?

– Abandonar? – Estremeci. – Está em boas mãos, Ngọc. Uma professora sem filhos...

– Quanto tempo disseste à Hạnh que ias estar ausente?

Não pude responder a essa pergunta.

– Vês? Estás a livrar-te de nós. Estás a entregar-nos a desconhecidos. – Ngọc baixou a cabeça, de ombros a tremer.

Quando olhou para mim, a raiva tinha-lhe enchido o olhar.

– Nunca te perdoarei, mamã. Nunca te perdoarei por nos fazeres isto. Nunca, jamais.

Ngọc não falou comigo durante dias e noites a fio. Agora, éramos apenas quatro, mas as coisas não se tornaram mais fáceis. Acabaram-se os fósforos e já não podíamos acender uma fogueira. A fome e a exaustão eram nossas companheiras constantes.

Uma noite, deixei as crianças a dormir e arrisquei-me a aproximar-me de uma aldeia. A lua cheia tinha nascido para iluminar o meu caminho. A Lua assistiu ao meu roubo. Encontrei fileiras de plantas de amendoim e apressei-me a arrancá-las.

Acordei as crianças e partimos precipitadamente ao primeiro canto de um galo. O Sol erguia-se já bem alto sobre as nossas cabeças quando aceitei parar. Thuận e Ngọc ficaram espantados ao ver-me tirar cascas de amendoim dos bolsos.

– Onde arranjaste isso? – perguntou Ngọc. A sua voz era como música para o novo dia.

– Roubei-os ontem à noite. – Sorri.

Ela virou-me costas, quebrando as cascas e dando os amendoins a Thuận.

– Mamã, onde estão o irmão Đạt e a irmã Hạnh? – perguntou Thuận.

– Vê-los-emos em breve. Estão hospedados com os meus amigos.

– Quero ficar com eles! – exclamou Thuận.

– Chiu. Vê-los-emos em breve – disse eu, puxando-o para a frente.

Estava a tornar-me uma má mãe e uma boa mentirosa, Goiaba. Vi a ferocidade no olhar da tua mãe. Absorvi-a. Merecia toda a culpa pelo que estava a fazer aos meus filhos. Mas tinha de os salvar.

Parámos para passar a noite. Ngọc comeu os seus amendoins em silêncio, sentada longe de nós. Não podia implorar mais pelo seu perdão. Sabia que não ia mudar de ideias.

Noutra aldeia, roubei alguma mandioca, mas, sem fogueira, tivemos de a comer crua, o que nos fez adoecer.

Daí em diante, tentámos sobreviver à base de água e minúsculos frutos silvestres que encontrávamos de vez em quando pelo caminho. Comíamos plantas de arroz jovens e erva. Podíamos chegar juntos a Hanói, disse a mim mesma. Estava tão determinada como sempre, sabes?

Tudo mudou quando Thuận adoeceu.

Não era diarreia, desta vez, mas alguma outra doença. Um manto de pintas vermelhas cobria-o da cabeça aos pés.

– Mamã, estou tonto – disse ele. – Irmã Ngọc, ajuda-me. As minhas

pernas, oh, como doem!

Tentei aliviar-lhe a febre com água. Não ajudou.

Lembro-me de estar ali sentada, no meio do nada, com Thuận nos meus braços. Tremia, o seu corpo a arder em febre.

Quando pedi à tua mãe que tomasse conta de Sánh e esperasse que eu regressasse, ela não protestou. Em vez disso, dirigiu-se a mim, tirou Thuận dos meus braços, abraçou-o e disse-lhe que o amava. Deixou-me ir.

Thuận estava leve como uma pena enquanto eu o carregava, correndo para a aldeia mais próxima. Conseguiria encontrar um curandeiro? Estaria este disposto a ajudá-lo em troca dos dois cêntimos que eu ainda tinha?

A aldeia estava despida de árvores e arbustos. Não havia nenhum sítio onde me esconder. Entrando por um caminho de terra, deparei com uma cena caótica, repleta de fortes gritos, tambores e brados ameaçadores. As pessoas corriam de um lado para o outro. A Reforma Agrária estava bem viva ali.

Escondi o rosto sob o devastado *nón lá*, embrenhando-me apressadamente na aldeia. O meu coração desatou a palpitar ao ver-me confrontada com uma multidão que se aproximava. Captando um vislumbre dos grandes paus nas suas mãos, acocorei-me na beira da estrada. Deixando Thuận encostar-se a mim, abri as palmas.

– Senhor, senhora, tenham piedade de nós. Temos fome.

Erguendo o olhar sob a orla do meu chapéu, vi uma mulher com uma grande testa saliente e dentes que pareciam os de um coelho. A açougueira! Não podia acreditar que ainda andava à minha procura. Muito mais tarde, vim a saber que a nossa aldeia tinha sido escolhida como modelo para a implementação da Reforma Agrária. Oficiais importantes iam viajar de Hanói até à nossa aldeia para presidir ao tribunal. As autoridades locais ficariam em apuros se não conseguissem dar comigo e com Minh. Assim, tinham enviado muitos grupos de pessoas para nós caçar.

Juntamente com homens e mulheres furiosos, a açougueira marchava, estudando os rostos dos que passavam. Não contava que eu – uma proprietária rica que se costumava sentar a sombras frescas e comer de tigelas douradas – me tivesse visto reduzida a um patético mendigar, agachada com um rapaz muito doente, em vez de seis filhos saudáveis.

Mal a multidão passou, levantei-me. Virando para uma ruela para evitar os bandos de pessoas, encontrei uma velha derreada. Tinha as costas tão

vergadas, que a parte superior do seu corpo estava paralela à estrada. Avançava lentamente, com o auxílio de uma bengala de bambu.

– Avó – chamei eu. – Por favor, o meu filho está doente. Sabe de algum curandeiro?

A senhora virou o rosto para o lado e olhou para mim.

– Que se passa com o seu rapaz? – perguntou.

– Não sei, avó. Febre alta e uma irritação terrível.

Baixei Thuận. A mão enrugada da senhora demorou-se algum tempo na sua testa.

– Está realmente doente. – Fez um esgar. – Mas temo que a nossa aldeia já não tenha um curandeiro. Foi condenado como proprietário rico e executado. Com um tiro na cabeça. Era um bom homem, coitado. – Suspirou e virou-se de novo para a estrada, a bengala a matraquear à medida que avançava.

Sentindo compaixão na sua voz, segui-a. Finalmente, ela parou e olhou-me outra vez de soslaio.

– Vá até ao fim desta viela, vire à esquerda e depois à direita. O pagode da aldeia, atrás da figueira-dos-pagodes... A freira de lá é bondosa.

Agradei-lhe e afastei-me apressadamente.

O pagode também parecia um velho derreado. Com o telhado coberto de musgo, estava quase escondido atrás das centenas de raízes suspensas de uma gigantesca figueira-dos-pagodes. Aproximando-me, vi-me envolvida por uma aromática voluta de fumo de incenso.

O tagarelar de crianças pequenas acorreu ao meu encontro. Algumas estavam sentadas no chão, a brincar com paus e pedras; outras comiam goiabas verdes; outras ainda pontapeavam uma bola de penas.

Pela porta aberta, vi uma freira ajoelhada diante de um grande Buda. Os seus murmúrios e os sons rítmicos do seu sino de madeira lançavam calma para o ar. Olhei para os lóbulos das orelhas do Buda, tão compridos, que lhe tocavam nos ombros. A minha mãe tinha-me ensinado que, com aquelas orelhas, Buda podia ouvir os nossos gritos de sofrimento. Talvez nesse dia ouvisse os meus. Com Thuận nos braços, ajoelhei.

As crianças tinham largado o que estavam a fazer. Erguiam-se atrás de mim, a sussurrar. Dentro do pagode, a freira ergueu um braço para tocar um sino de metal. Fez uma vénia a Buda, encostando a testa ao chão.

– Irmã Hiên, está aqui alguém à sua procura – disse uma das crianças,

assim que ela se levantou.

A freira dirigiu-se a nós.

– *Nam Mô A Di Đà Phật* – saudou, uma prece budista a servir de cumprimento.

– *Nam Mô A Di Đà Phật* – respondi eu, enquanto ela estudava o meu rosto e o de Thuận.

Virou-se para as crianças.

– Voltem para as vossas brincadeiras, meus queridos.

Puxou-me pelo braço e dirigiu-se apressadamente à lateral do edifício.

– Venha, venha comigo. – Passando por um jardim cheio de flores e vegetais, conduziu-me a um quarto. Fechou a porta e indicou-me uma cama. Deitei Thuận, que se contorcia de dor.

A irmã Hiên ouviu o que eu tinha a dizer sobre como Thuận tinha adoecido. Examinou-o.

– É dengue – declarou. – Perigoso se o paciente não beber o suficiente. Muito repouso e uma boa alimentação far-lhe-ão bem.

Lembrei-me de um surto de dengue na minha aldeia, muitos anos antes. Algumas crianças tinham morrido. Mas eu não tinha experiência nenhuma com esse tipo de doença. Sempre tínhamos tido cuidado com os mosquitos.

– Vou buscar algo para ele beber – disse a freira, levantando-se e fechando a porta atrás de si.

Eu massajei as pernas e os braços de Thuận, apaziguando-o com a minha voz.

A irmã Hiên voltou, mas não estava sozinha. Trazia consigo um rapaz. Apontou para a taça de líquido castanho que ele segurava.

– Caldo de grãos de arroz tostados – disse-me ela. – Juntei-lhe um pouco de sal. O Lôi vai alimentar o seu rapaz.

Enquanto murmurava os meus agradecimentos, a irmã Hiên puxou-me para o canto mais escuro do quarto.

– É a Diêu Lan, não é? – perguntou.

Subiu-me o coração à boca.

– Estiveram cá umas pessoas à sua procura. Disseram que tinha explorado agricultores pobres e que tinha de pagar por isso com o seu sangue.

– Mas, senhora... como soube que era eu? – As palavras saíram-me de forma espontânea.

– Ah! – Os olhos da freira fulguraram. – Não foi difícil. Sotaque da

região do meio. Cabelo comprido. Dentes brancos. A fugir com os filhos.

O que disse a seguir deixou-me ainda com mais medo.

– Onde estão os seus outros filhos, Diêu Lan? Onde estão?

Uma voz respondeu, sobressaltando-me.

– Estou aqui. Sou filha dela.

Virei-me e vi a tua mãe, Goiaba. Com Sáng nos braços, estava à porta, a sua figura magra recortada contra o sol da tarde.

– Ngọc, que fazes aqui? – perguntei, dirigindo-me a ela.

– Tinha de encontrar o meu irmão. – Dirigiu-se à cama. – Estou aqui, Thuận. Não te abandonarei.

Sáng gritou por mim. Estendi os braços para ele, apertando-o contra o meu peito. O que iria a freira fazer? Mandar-nos-ia prender?

– Lộc, és maravilhoso, obrigada – disse a irmã Hiền ao rapaz. – Vai sentar-te debaixo da figueira-dos-pagodes. Se aquelas pessoas zangadas voltarem a aparecer, corre depressa para cá e diz-me, está bem?

Lộc fez uma vénia e saiu do quarto.

Sáng agarrou-se ao meu peito. Estremeci ante a agudeza dos seus novos dentes.

Fechando a porta, a freira virou-se para mim.

– Escute. Lamento, mas têm de partir.

– Senhora, o que aquelas pessoas disseram é mentira. Sofremos uma injustiça, acredite em mim, por favor. O meu irmão e eu trabalhávamos tanto. Dávamos emprego aos agricultores, empregos bem pagos. Não compreendo porque estamos a ser castigados.

A freira suspirou.

– Também nesta aldeia aconteceram coisas terríveis, mas não vos posso ajudar. Trariam mal às crianças daqui.

– Sim, senhora, eu sei...

Ngọc tinha pegado na taça, dando o líquido a Thuận.

– Irmã – disse Thuận. – Tens alguma coisa para comer? Tenho fome.

– Desculpa, irmão – respondeu Ngọc.

A freira olhou fixamente para mim.

– Senhora – implorei-lhe eu. – Passaram vinte e um dias desde que a Reforma Agrária se abateu sobre a nossa família. O meu irmão foi morto, o meu filho mais velho capturado. Não tivemos alternativa a não ser fugir. Não temos dinheiro nem comida.

A freira fechou os olhos. Voltou a suspirar.

– Talvez tenha alguns restos de sopa.

Na verdade, a irmã Hiên tinha mais do que sopa. Deu-nos também arroz e molho de peixe. Enquanto Ngọc, Thuận e Sáng devoravam a refeição, pus-me com ela a observar a estrada que conduzia ao pagode pela fresta da porta.

– Senhora, posso fazer-lhe uma pergunta antes de partir? – sussurrei.

– Força.

– Tudo o que me aconteceu... é destino? Não acreditava nessas coisas, mas em tempos um adivinho previu que eu seria uma mendiga a vaguear por uma cidade longínqua.

A irmã Hiên pegou-me nas mãos, perscrutando-me as palmas. Anuiu.

– Tem de ir para uma grande cidade para mudar o seu destino. Mas a estrela que prevê a sua sorte moveu-se um pouco, pelo que encontrará uma forma de ganhar a vida. Já não precisará de mendigar, mas... mas não sei como pode ir longe com estes três. – Olhou para as crianças. – Todas as grandes cidades ficam longe daqui. Além disso, tem ainda muitos mais desafios pela frente, Diêu Lan. Tem de ter cuidado.

– Senhora... a dengue do Thuận. Acha que ele vai ficar bem?

– Com repouso e uma alimentação adequada, estará de pé em poucos dias.

Fechei os olhos, respirando fundo. As palavras custavam a sair.

– As crianças no pátio da frente... toma conta delas, senhora?

– Sim, são órfãs ou foram abandonadas pelos pais. Graças a elas, o nosso pagode foi poupado a ser incendiado.

– Senhora, será que o Thuận podia...

– Oh, não, já tenho demasiadas bocas para alimentar. Devia ir andando, antes que... – A freira baixou a cabeça. Quando ergueu o olhar, tinha uma pergunta para mim. – Imagino que o Thuận tenha menos de dez anos?

– Faz oito este ano, senhora.

– Muito bem, pode ficar, então. Afinal, é para ajudar os desamparados que nós, os budistas, cá estamos.

– Senhora, posso ficar também? – perguntou Ngọc, levantando-se. – Posso fazer tudo o que me pedir. Posso ajudá-la a tomar conta dos pequenos.

– Oh, não, não podes – disse a irmã Hiên, erguendo as mãos para o alto.

– Não são permitidos ajudantes. Nenhuma criança com mais de dez anos.

Fechariam este lugar...

Dirigi-me a Thuận. Tinha os olhos muito abertos. Escorriam-lhe lágrimas pelas faces descarnadas.

– Mamã, foi isto que fizeste aos irmãos Đạt e Hạnh? Deixaste-os para trás? – Finalmente compreendia.

Abracei-o contra mim.

– Filho, o mundo é turbulento lá fora. Ficarás seguro aqui. Tenho de ir procurar uma casa para nós. Voltarei assim que puder e levar-te-ei comigo, prometo.

– Thuận, sê um bom menino e deixa a tua mamã ir. Terás comida e muitos amigos com quem brincar aqui – disse a irmã Hiên.

– Irmã, voltarás para mim? – Thuận agarrou-se às mãos de Ngọc.

– Sim, juro – assentiu ela, baixando-se para o abraçar.

Com Sáng nos braços, fiz uma vénia à irmã Hiên.

– Devo-lhe a vida.

– Cuide de si. Volte quando for seguro.

– Assim farei, senhora. Assim farei.

Estávamos de novo na estrada, Sáng adormecido nos meus braços, Ngọc a arrastar os pés atrás de mim.

– Vai em frente. Não precisas de mim – disse-me Ngọc, enquanto eu parava para esperar por ela.

– Por favor, filha. Podemos chegar a Hanói juntas.

– Porque haveria eu de confiar em ti? Disseste que não nos perderias de vista, mas tens vindo a fazer o oposto.

– Lamento – sussurrei. – Não tive escolha.

– Tiveste, sim – disse ela, batendo o pé. – Todas as mães têm escolha. Todas as mães têm de cuidar dos seus filhos.

As lágrimas toldaram-me a visão.

– Sim, falhei. Mas vou compensar-vos a todos. Em Hanói, serei uma entre dezenas de milhares. Lá, poderemos começar uma nova vida.

– Então vai simplesmente. – Ngọc contornou-me, cambaleando em frente.

– Espera. Diz-me o que fazer.

– Tu és esperta. Sabes sempre o que fazer, mamã.

E, com estas palavras, deixou-me.

Segui-a de ruela em ruela. Entre os meus pensamentos enredados, procurei palavras com que pedir desculpa à minha filha, mas não encontrei nenhuma. Nos meus ossos, tinha-se cravado bem fundo a verdade de que, ao abandonar os meus filhos um a um, me tinha deveras tornado a pior das mães. Não sabia o que nos ia acontecer, mas havia algo que sabia: era possível que os meus filhos jamais me perdoassem.

Ao fim de algum tempo, Ngoc virou e desapareceu atrás de uma densa sebe de frondosas plantas. Espreitando, vi-a ajoelhar na superfície de terra de um pátio frontal. Aí, cinco ou seis crianças brincavam, lançando e apanhando seixos enquanto seguravam um par de pauzinhos na mesma mão. Lembra-te, Goiaba, de como a tua mãe tinha jeito para esse jogo? Desde muito nova que era uma especialista. Agora, estava a encantar as crianças com as suas capacidades.

Atrás de Ngoc, erguia-se uma casa, com paredes de finas lâminas de bambu e telhado de caules de arroz secos. Era a típica casa de um agricultor, de alguém que não era rico, mas também não era demasiado pobre. Uma mulher surgiu junto à porta aberta, com um bebé agarrado à cintura.

Baixei-me para que ela não me visse.

– Mamã – chamaram as crianças. – Temos uma nova amiga. Tem tanto jeito para isto.

Ouvi o cumprimento educado de Ngoc e os estalidos dos seixos a serem lançados e apanhados em pleno ar. As crianças gritaram e bateram palmas.

– De onde vens? – perguntou a mulher.

– Os meus pais morreram no ano passado, tia. Tenho andado a vaguear, em busca de emprego.

– Pobrezinha. Quer dizer que não tens casa? – indagou a voz de uma rapariga.

– Por enquanto, não.

– Mamã, pode ficar connosco? Por favor, mamã – pediu um rapaz.

– Nem sugiras tal coisa, filho – respondeu a mulher. – Já temos demasiado pouco para comer. Não podemos contratar ninguém.

– Eu posso partilhar o meu arroz com ela – disse uma rapariga.

– Eu também. Eu também. – Seguiram-se outras vozes.

– Podia ser a sua parente distante que veio de visita – sugeriu Ngoc. – Por favor, tia. Sou honesta e trabalhadora. Deixe-me ajudar a tomar conta dos seus filhos. Posso cozinhar e manter a casa limpa. Sou boa a plantar arroz.

Faço tudo o que me pedir. Só preciso de comida e de um sítio para dormir.

– Hum, não sei bem... Tenho de perguntar primeiro ao meu marido.

– O papá vai concordar. Queixa-se sempre de ter trabalho a mais – disse um rapaz.

– Posso ensinar os seus filhos a ler e a escrever – acrescentou Ngoc. – Os meus pais costumavam mandar-me para a melhor escola. Até tive um professor particular. – Essa parte era verdade, e, ao dizê-lo, Ngoc desatou a chorar.

– Mamã, mamã, por favor, deixe-a ficar – imploraram as crianças.

Quando ergui a cabeça e espreitei pela sebe, já não vi a minha filha. Tinham todos partido, deixando para trás apenas um pátio vazio.

O Segredo da Minha Mãe

HANOÍ, 1975–1976

Nessa noite, ao sentar-me junto ao tio Đạt e ouvir a sua história, compreendi que a guerra era monstruosa. Se não matasse aqueles que tocava, tirava-lhes parte das suas almas, pelo que nunca mais podiam voltar a ser inteiros.

Um soluço. A avó emergiu das trevas, as lágrimas a brilhar-lhe no rosto. Abriu os braços, fechando-os sobre o tio Đạt.

- Que viagem tiveste de fazer. Lamento, meu filho.
- Também eu lamento, mamã... por ter demorado tanto a regressar.
- Já não importa. Estás aqui agora.

A árvore *bàng* agitou-se, os seus ramos a rumorejar contra o nosso telhado. Tinha visto um casal de aves castanhas fazer o seu ninho num ramo alto. Agora, ouvia-as chamar uma pela outra. O Sol ainda não tinha nascido, mas via luz à minha frente: com o tio Đạt em casa, seguramente que a minha mãe regressaria.

- Chá? – perguntei.

A avó vestiu o seu casaco.

– Voltem os dois para a cama. – Estendeu a mão para o guiador da bicicleta, mas depois virou-se, sorrindo ao tio Đạt. – A Ngọc e o Sáng vão ficar tão felizes por te ver.

Estava a deitar água na chaleira quando o tio Đạt pigarreou.

- Hương, preciso de um favor.
- Claro – assenti eu, à espera que ele me pedisse para lhe ir comprar mais álcool.
- Espero que a Nhung não volte. Se o fizer, diz-lhe que não estou em casa.
- Mas porquê, tio?

– Bem... as coisas mudam. As pessoas mudam.

Mordi o lábio. A menina Nhung parecia tão desolada na noite anterior.

– Lamento, tio, mas não posso mentir. A menina Nhung foi mais generosa com a avó do que a mulher do tio Sâng. É uma das poucas pessoas que ainda visitam a nossa casa, apesar do trabalho da avó.

– Está tudo acabado entre nós, Hường.

– Ensinou-me a andar de bicicleta...

– Não quero saber e não quero falar mais sobre ela. Está bem?

Virei costas ante a aspereza na sua voz.

Depois de acabar o pequeno-almoço, estava prestes a ir dar de comer aos porcos que guinchavam quando a minha mãe bateu à porta. Abrindo-a, deparei com o seu rosto, banhado em lágrimas.

– Hường, onde está o teu tio?

O tio Đạt estava sentado de costas para nós. Estava tão imóvel como uma estátua petrificada pelo tempo.

– Đạt! – A minha mãe cambaleou na sua direção.

O meu tio permaneceu inerte até que os seus ombros estremeceram. Agarrou nas rodas da sua cadeira, virando-se. O seu corpo estava banhado pela luz matinal, o peito encovado sob a sua camisa, o rosto descarnado sob a barba incipiente. Os cotos das suas pernas. As suas horrendas cicatrizes.

– Irmã Ngọc. – O seu rosto torceu-se num sorriso.

A minha mãe abraçou-se ao meu tio, os seus gritos abafados.

– Voltaste para casa. – Ajoelhou, tocando nos cotos. – As tuas pernas... Lamento.

– A mamã disse-me que foste para os campos de batalha. Alegro-me por teres saído de lá viva.

– Irmão, oxalá me tivessem levado antes os braços e as pernas.

– Porque dizes isso, irmã? O que aconteceu?

A minha mãe não respondeu. Vergou as costas, como se tivesse de carregar um fardo maior do que ela.

– Irmã, aconteceu-te algum mal? Diz-me. – O tio Đạt limpou-lhe as lágrimas. – Não há segredos entre nós, lembras-te?

A expressão no rosto da minha mãe disse-me que ela queria alguns momentos em privado. Tinha um segredo que não queria que eu conhecesse.

O guinchar dos porcos tinha-se transformado em gritos agudos.

– Estes animais horríveis – resmunguei. – Deixem-me ir dar-lhes de comer.

Dirigindo-me apressadamente aos animais, preparei-lhes a comida, vertendo-a na gamela. Na sala de estar, a minha mãe servia chá em taças. Limpando as mãos às calças, esgueirei-me para o meu quarto. Deixando a porta ligeiramente entreaberta, fiquei a ouvir a conversa. Por uma vez, sentia-me grata por a nossa casa ser pequena e a distância entre mim e a cozinha ser curta.

– A mamã disse-me que viste o Hoàng – observou a minha mãe.

– Fizemos o mesmo treino em Ba Vì com o Thuận, irmã. Infelizmente, fomos todos separados antes de partirmos para sul. Vi-o semanas depois, quando fui atingido pela malária e tive de acampar à beira da estrada.

– Como estava ele? Quanto tempo tiveram juntos?

– Estava animado e de boa saúde. Durante o único dia que tivemos juntos, ri-me mais do que nos muitos meses anteriores. O Hoàng não parava de falar em ti. Contou-me como tinha rasgado a sua camisa exterior para conquistar o teu coração...

– Sabes para onde ia? Voltaste a vê-lo?

As perguntas da minha mãe disseram-me que não queria falar sobre as memórias felizes com o meu pai.

– Não voltei a ver o Hoàng, não... – disse o meu tio. – Ia para sul, mas não sabia ao certo para onde. Disse-me que faria tudo o que pudesse para sobreviver, para voltar para ti.

– Não o mereço, irmão. – As palavras da minha mãe não eram facas, mas deixar-me-iam a sangrar durante muitos anos.

– Porque dizes isso, irmã? O que aconteceu?

– Não te posso dizer.

– Porque não?

– Porque sinto vergonha de mim mesma. Fiz algo muito mau. Sou uma pessoa muito má.

Sentia as palmas das mãos suadas. A minha suspeita era, portanto, verdadeira. A minha mãe tinha matado pessoas no campo de batalha. Pessoas inocentes.

– Escuta, irmã Ngọc. Olha para mim. Não te vou julgar. Confia em mim. Silêncio. O arrastar dos pés da minha mãe. Estaria de partida? Agarrei no

puxador da porta, pronta a sair a correr para a travar.

– Irmã Ngoc, todos tivemos de combater o inimigo para conseguirmos sobreviver. Não te sintas culpada...

– Não tem que ver com isso, irmão. É pior.

– Diz-me. Vi horror suficiente para entender.

Silêncio.

– Irmã, se não podes falar comigo, desabafa com a mamã. Ela pode ajudar-te.

– Não, irmão... Não posso sobrecarregar a mamã. Além do mais, sinto-me imunda. Não a mereço. Também não mereço a Hương.

Cobri a boca com as mãos.

– Não sei o que te aconteceu, irmã, mas o facto de teres arriscado a vida à procura do Hoàng é muito nobre. E debes ter salvado muitos pacientes pelo caminho.

Silêncio.

– Irmã, porque não voltas para casa? A Hương precisa de ti. Vi a tristeza nos seus olhos.

– Não tenho nada para lhe oferecer. A minha miséria só a arrastará para o fundo. Ainda não estou preparada.

– Quando estarás preparada? Olha para mim, irmã... Não consigo lidar com isto sem ti aqui. Até há duas camas no meu quarto. Vem para casa e sê as minhas pernas. Faz isso por mim, por favor.

Apesar dos melhores esforços do tio Đạt, tardou ainda mais de uma semana a que a minha mãe voltasse para casa. A avó agiu como se não tivessem discutido; preparou uma grande refeição de boas-vindas. Mas a minha mãe mal comeu; não falou de todo. Enquanto ainda estávamos à mesa, retirou-se para o quarto.

No dia seguinte, levantei-me cedo, entusiasmada por partilhar o pequeno-almoço com a minha mãe, mas ela já tinha saído para a fábrica. Ao regressar a casa, jantou em silêncio. E em silêncio ajudou o tio Đạt a lavar-se. Ao vê-los, um nó de inveja encheu-me a garganta. Talvez tivesse de me ferir para que ela me tocasse?

– O que se passa com ela? – perguntei eu ao tio Đạt no dia seguinte, depois de a minha mãe e a avó terem saído para o trabalho. Estava sentado à mesa, a examinar a pilha de livros que a avó tinha escolhido da nossa estante.

– Não faço ideia – disse ele, folheando as páginas de um livro. – Ainda não quer falar. Dá-lhe tempo.

– Todos me dizem para lhe dar tempo. De quanto mais tempo precisa?

– Não sei. – Largou o livro, pegando noutro. – Muitos dos meus amigos também não conseguem falar. Todos tentam lidar com a situação à sua maneira.

Abanei a cabeça. O que mais podia eu ter feito para merecer a confiança da minha mãe?

O meu tio afastou os livros.

– São todos tão aborrecidos, não tens nenhum interessante?

– Acho que a minha mãe matou alguém. Um bebé. É por isso que não quer que saibamos. – As palavras fugiram-me da boca.

O tio Đạt olhou fixamente para mim.

– Ouvi-a dizê-lo. Durante o sono.

– Não digas tal coisa! O que quer que tenha acontecido, sei que a tua mãe não matou intencionalmente uma pessoa inocente.

Peguei na minha mochila da escola, dirigindo-me à porta. Não me despedi do meu tio. Esperava que me ajudasse, mas ali estava ele, a repreender-me.

Passaram vários dias. Tentei ouvir o que a minha mãe dizia ao tio Đạt, mas não ouvi nada de novo. Continuava fria e distante. Uma estranha entre nós.

E porque não fazia mais a minha avó? Sempre que estava em casa, enterrava o nariz nos seus cozinhados, limpezas e lavagens. Como se todas essas tarefas pudessem curar a minha mãe.

Sonhava partir, abandonar o ambiente opressivo da nossa casa, os segredos, a história sombria. Sabia onde a avó escondia o seu dinheiro e podia levar algum para comprar um bilhete de autocarro ou de comboio e comida para a viagem. Partiria do Norte para o Sul sozinha e procuraria o meu pai pelo caminho. Podia encontrá-lo e, se não, *đi một ngày đường học một sàng khôn* – cada dia de viagem vale um cesto de sabedoria. Uma vez cansada de viajar, ficaria em Sài Gòn com a tia Hạnh. Talvez, sob a luz da estrela da sorte da minha tia, pudesse libertar-me dos maus augúrios que pareciam agarrar-se à nossa família.

Mas as ideias de partir dissiparam-se mal vi como eram profundas as

rugos no rosto da minha avó. Era como se o regresso de cada um dos seus filhos não lhe tivesse dado mais nada a não ser essas rugas. Fora ela quem me protegera das bombas e talvez fosse agora a minha vez de a ajudar a sobreviver ao impacto dessas armas, anos após os momentos em que tinham sido largadas nas nossas vidas.

Assim, não parti. E tentei encontrar formas de voltar a conhecer a minha mãe. Ainda assim, ela tinha fechado todas as portas para o seu mundo e recusava-se a ouvir-me bater.

Na semana a seguir ao regresso da minha mãe, dirigi-me ao seu quarto para lhe dizer que o jantar estava pronto. Empurrando a porta, vi-a na cama, a cabeça curvada sobre um caderno, a caneta na sua mão a escrevinhar na página.

Ao erguer o olhar, abriu a boca. Escondeu o caderno atrás de si.

– Devias ter batido.

– Vem comer. – Virei-lhe costas.

Daí em diante, sempre que a minha mãe saía de casa, ateava-se um fogo no meu estômago. Dei por mim a passar frequentemente pelo seu quarto, mas o tio Đạt estava sempre lá. Tentei parecer prestável. Enquanto lhe levava outro copo de água, um pouco mais de álcool, uma taça de amendoins ou outro livro, olhava em volta. A mochila da minha mãe estava no chão. Um armário de bambu erguia-se, os lábios da sua boca – as suas duas portas – bem cerrados.

Desejei que o tio Đạt saísse. Era estudante de engenharia antes de ser recrutado. Sem nenhuma experiência de trabalho, sem curso e sem as suas pernas, ninguém o queria contratar. A avó tinha falado a inúmeras pessoas sobre ele, mas fora tudo em vão.

– Vou limpar o seu quarto, está demasiado poeirento – disse eu ao tio Đạt dois dias depois, quando ele estava junto à mesa de jantar, a ouvir o seu rádio portátil.

Dentro do quarto, peguei na mochila da minha mãe. Não tinha desembalado as suas roupas, como se precisasse de estar pronta para partir a qualquer momento. Nada de caderno. Abri o armário, as minhas mãos a vasculhar freneticamente entre os pertences do tio Đạt. Procurei debaixo das duas camas. Nada.

Que estúpido da minha parte ter tido esperanças. O caderno era pequeno, a minha mãe podia tê-lo levado com ela.

Passaram dias, causando-me apenas frustração.

Uma tarde, regressei a casa para deparar com a mensagem do tio Đạt em cima da mesa. Os seus amigos tinham passado por lá para o levar ao funeral de um antigo professor. Corri para a porta da frente. Estava trancada, mas não tinha nenhum ferrolho interior. A minha mãe e a avó podiam entrar em qualquer altura com as suas chaves. Encostei uma cadeira à porta, colocando outra por cima. Se alguém entrasse, o estrondo seria o meu alarme.

Vasculhei a mochila da minha mãe. Desta vez, continha um caderno desgastado. Sustive a respiração enquanto os meus dedos abriam as páginas. Linhas e linhas da caligrafia da minha mãe, não tão elegante como eu me lembrava, mas inclinada, como se as palavras fossem plantas de arroz tombadas por uma tempestade.

Nomes de árvores e ervas e notas detalhadas sobre as suas propriedades medicinais. Páginas e páginas delas. Receitas para tratar diferentes enfermidades. Muitas das plantas tinham nomes estranhos, e a minha mãe tinha até desenhado os seus troncos, ramos e folhas.

Saltei para a última página, que continha mais notas sobre medicina herbácea. Algumas das palavras tinham sido borratadas por gotas de água. Tinham sido escritas havia algum tempo, talvez na selva. Mas com quem tinha ela aprendido esses tratamentos herbáceos? Não me lembrava de que tivesse algo que ver com a nossa medicina tradicional.

Fechei o caderno. Era seguramente algo diferente que estava a registar na outra noite, algo que me queria esconder. Noutro caderno, mais pequeno do que aquele.

Estava farta de não saber. Talvez a minha mãe tivesse encontrado o meu pai no campo de batalha e algo terrível tivesse acontecido entre eles.

Deitando-me de barriga no chão, procurei debaixo das camas. Tinha-se formado uma fina camada de pó. Espirrando, levantei-me. Afastando a almofada da minha mãe, puxei a sua esteira de palha para trás, procurando entre as lâminas de bambu que formavam a estrutura da cama. Nada.

Olhei para a almofada. Parecia um pouco torta. Peguei-lhe, apertando-a. Caiu-me o coração aos pés quando as minhas mãos distinguiram algo duro. Ali estava o caderno mais pequeno, escondido dentro do algodão macio. Era relativamente novo, preso com um elástico. Abri a primeira página. A caligrafia da minha mãe. Tão inclinada como a que tinha visto no outro caderno.

16/5/1975

Meu filho,

Alguma vez me perdoarás? Foram inúmeras as noites em que sonhei contigo. Sonhei com o teu rosto azul. O rosto azul que está agora enterrado debaixo da terra. Oh, meu bebé, por favor, perdoa-me. Perdoa-me...

O diário fugiu-me da mão, caindo na cama. A minha mãe tinha um filho. Com quem? Levantei-me, deambulando de um lado para o outro. Queria continuar a ler, mas temia que o que ia descobrir fosse destruir a minha família. A minha mãe tinha começado a escrever os seus pensamentos havia pouco tempo, depois de se ter mudado para casa da tia Duyệt.

Quase me ri de mim mesma. Ali estava eu, a pensar que tinha descoberto a chave para o segredo da minha mãe, mas, assim que abri a sua porta, quis trancá-la e deitar fora a chave. Às vezes, há coisas tão terríveis que temos de fingir que não existem.

O relógio de parede deu as cinco. A minha mãe, a avó e o tio Đạt podiam chegar a qualquer momento. Olhei para a capa do diário. Tinha captado um vislumbre da dor da minha mãe. Tinha de ver que tipo de monstro era. Além do mais, o meu mundo já tinha sido estilhaçado, a ignorância já não o podia salvar.

Virei para a segunda página.

18/5/1975

Hoàng, meu querido marido, onde estás? Agora que a guerra acabou, muitos soldados estão a regressar a casa. Porque não tivemos notícias tuas?

Oh, meu querido, costumava acreditar que o meu amor por ti seria forte o suficiente para me ajudar a superar as bombas e as balas para te poder encontrar, para te dizer o quanto lamento. Lamento tanto. Fui uma cobarde ao pressionar-te para ires para a guerra. Só quando partiste entendi que eras a minha vida. As selvas por que passei, os rios que atravessei, alguma vez lá puseste os pés? Procurei desesperadamente notícias tuas. Oh, meu amor, não fiques longe de mim. Por favor, volta para casa. Por favor, perdoa-me. Imploro-te que me perdoes. Ontem à noite, no meu sonho, fitavas-me com severidade. Os teus olhos diziam-me que já não sou digna de ser tua mulher. Lamento... Lamento tanto.

21/5/1975

Ontem à noite, a Duyệt sacudiu-me para me acordar. A noite estava fria, mas todo o meu corpo estava encharcado em suor. Ardia-me a garganta. A Duyệt disse-me que tinha estado a gritar. Assenti, dizendo que fora apenas um pesadelo. Quando ela voltou a adormecer, fiquei ali sentada, enroscada contra a escuridão. Temia o sono. Temia as trevas. Sempre que o sono ou as trevas se aproximavam, eles investiam contra mim. Imobilizavam-me contra o chão da selva, apertando-me a garganta com as mãos. Outros pares de mãos empurravam-me contra a terra, contra rochas e raízes de árvores. As suas bocas eram vermelhas como fogo enquanto riam. Dor, ardente como carvões em brasa, trespassava-me o corpo. Estavam a dilacerar-me num milhão de pedaços. Onde estão agora, esses monstros? Espero que apodreçam nas selvas e nos vales, que as suas almas nunca possam regressar a casa.

Li novamente a entrada. Sobre o que era tudo aquilo? Quem eram eles?

30/5/1975

Não me devia ter aventurado a sair, mas a Duyệt disse que um passeio me faria bem, que o ar fresco do rio me faria sentir melhor. Não nos tínhamos afastado muito de casa da Duyệt quando avistámos uma choupana. Ao contrário das outras casas, tinha o telhado coberto de folhas e galhos, como os nossos postos médicos na selva. Sem pensar, agachei-me. Ao meu lado, não estavam já a Duyệt nem Hanói ou o pacífico Rio Vermelho. Estava de volta à minha choupana em Trường Sơn, um jovem soldado, com a cabeça branca de ligaduras, a gemer sob as minhas mãos. Sons distantes de tiros, sons de granadas a explodir. A enfermeira Hòa entrou a correr. «Irmã, vem aí o inimigo!», disse ela. A Hòa e eu apressámo-nos a transportar os soldados para fora pela entrada dos fundos da choupana, para a selva e para o abrigo secreto. Os que podiam andar ajudaram-nos. Corremos, ofegámos e corremos. As explosões aproximaram-se, forçando-nos a cobrir o nosso rasto. Regressei à choupana para ver soldados feridos ainda presos às ripas de bambu que lhes serviam de cama.

«Posição de combate», gritei eu à Hòa, correndo em seguida para um canto da choupana e agarrando na minha espingarda. Uma explosão sacudiu o terreno. Gritos na choupana ao lado. Gritos no dialeto sul-

vietnamita.

Um homem passou a correr pela nossa porta aberta, atirando algo para o interior. Não me lembro de premir o gatilho, só da coronha da minha AK a bater repetidamente contra o meu ombro. O homem parou de correr. Agarrou-se ao peito e caiu de joelhos, desabando no chão. A granada de mão que tinha atirado rolava pelo chão de terra. Baixei-me. Uma poderosa explosão. O meu mundo ficou em branco.

A voz da Duyệt chamou-me. Pestanejando, dei por mim na margem do Rio Vermelho, rodeada por homens, mulheres e crianças. Olhavam-me fixamente, sussurrando. Quis desaparecer, rastejar para uma brecha na terra. Aos olhos das pessoas, enlouqueci, possuída por fantasmas. Uma das mulheres estava a dizer à Duyệt que devia procurar um xamã e fazer uma oferenda, para afugentar os espíritos dos mortos que me tinham roubado a alma.

3/6/1975

Ultimamente, tenho passado o meu tempo dentro de casa, sem me atrever a sair. Esta manhã, passou um jovem junto à minha janela. Tinha perdido ambos os braços. Um homem tão bem-parecido. Os homens com quem viajei para sul também eram bem-parecidos. Tinham esperança nos olhos, canções nos lábios, riso nos corações. Nas clínicas para onde fui destacada, porém, os homens que recorriam a mim já não cantavam. Alguns tinham as entranhas a jorrar de ventres rasgados, outros tinham braços ou pernas suspensos, outros ainda tinham metade do rosto rebentada. Odiar-me-iam quando tinha de os operar sem o auxílio de anestesia? Enquanto estavam amarrados a mesas cirúrgicas improvisadas. Cortei-os. Deveria ter-me esforçado mais por lhes preservar os membros?

E os dois homens que tinham sido queimados vivos pelo napalm, as minhas lágrimas não puderam extinguir o fumo que se erguia das suas carnes. Poderia ter feito mais para os salvar?

15/6/1975

Estava a cozinhar quando sons aterradores jorraram da casa de um vizinho. Um homem estava aos gritos e aos pontapés ao seu cão. Ouvi os uivos do cão e vi-me estendida no chão da selva, de mãos amarradas atrás das costas. Brotava-me dor das pernas, que estavam a sangrar.

«Putá que pariu!» Um homem desferiu-me um violento pontapé na barriga. «Mataste o meu amigo.»

Depois do pontapé, enrosquei-me numa bola, dizendo a mim mesma para não gritar. Se o fizesse, estaria a dar satisfação ao inimigo. Olhei em volta. A choupana da minha clínica estava a uma curta distância dali, com colunas de fumo negro a erguer-se sobre o seu telhado. Senti um aperto no estômago. Que teria acontecido aos que ainda estavam na choupana?

Outro homem agarrou-me pelos cabelos. «Mostra-nos o lugar onde escondeste os teus camaradas!» Puxou-me a cabeça para cima e virou-me de modo que eu pudesse ver em todas as direções. «Onde raio está?», gritou ele. «Mostra-nos e poupamos-te a vida.»

Fechei os olhos, sem acreditar na promessa do inimigo. Seria uma tola se confiasse neles. Felizmente, o abrigo ficava longe, do outro lado da choupana. Entre os pacientes escondidos, estava um oficial de alta patente de quem o inimigo devia andar à procura. A sua guarda pessoal estava encarregada de proteger o abrigo, mas, se o inimigo o encontrasse, a luta da guarda seria um ovo arremessado contra rochedos.

«Diz-nos, sua cabra comunista de cona grossa!» Um pontapé aterrou-me nas costelas. Outro no rosto. Não pude deixar de uivar.

Os filhos da Duyen apareceram, perguntando-me o que se passava. Passa-se tudo comigo. Talvez seja verdade que os fantasmas me possuíram. Talvez me tenham levado a alma, pelo que sou apenas uma concha vazia.

Apertei o diário contra o peito, cada célula do meu corpo a sofrer pela minha mãe. Tinha tentado imaginar o horror que tivera de enfrentar, mas era ainda pior. Que sorte que a minha mãe tivesse escapado às garras da morte para voltar para mim. Que corajoso da sua parte ter defendido os seus camaradas. Mal podia esperar para lhe dizer o quanto me orgulhava de ser sua filha.

Inclinei a cabeça. Não se ouviam barulhos à porta. Olhei outra vez para o relógio. O tempo fugia-me. Ergui o diário com as duas mãos, virando a página o mais suavemente possível.

17/6/1975

Ontem à noite, os aviões do inimigo entraram a rugir nos meus sonhos. Explosões sacudiam a selva. O fumo fazia-me arder os olhos. O ar

tresandava a carne queimada. Um dos pilares da nossa clínica tinha desabado sobre a barriga de Dương, a barriga que eu tinha suturado no dia anterior. Ao lado de Dương, jaziam as partes dispersas do corpo da enfermeira Sánh. Sabia que devia estar a levar pacientes para o nosso abrigo, mas dei por mim a correr para fora da clínica, para o ar livre. Ergui o rosto para o céu, gritando ao inimigo covarde que se sentava no alto daqueles aviões.

Voltei a acordar com os meus gritos a estrangular-me a garganta. Acontece todas as noites. Tinha a cabeça a latejar. Precisava de água, mas não me conseguia levantar. Tinha as mãos pegajosas, tão pegajosas como o sangue da enfermeira Sánh.

Quero conhecer o piloto que lançou o míssil que matou a Sánh. Quero esfregar-lhe o seu sangue no rosto para que possa provar o seu sofrimento.

20/6/1975

A Duyệt disse-me que havia uma vaga para um emprego na sua fábrica e que tinha falado de mim ao seu supervisor. Podia ficar com o emprego, se quisesse. Não exige grandes competências, disse ela. Teria de passar a ferro as roupas acabadas de fazer, dobrá-las e pô-las em caixas. Primeiro, abanei a cabeça, mas ela disse que o trabalho manual me faria bem; impediria a minha mente de correr à solta. «Além disso, não podes viver do trabalho da tua mãe para sempre», acrescentou. Deixei essas palavras entranharem-se em mim. Estava certa. Tinha-me tornado um fardo para a mamã, para a Hương, para ela, para todos.

Perguntei-lhe se podia pensar no assunto por alguns dias. Sei que tenho de trabalhar. Mas temo encontrar-me com as pessoas. Temo as suas perguntas. A Duyệt, pelo menos, não me fez muitas perguntas. Conte-lhe tudo sobre a minha viagem para sul, mas não sobre o facto de o meu corpo ter sido conspurcado. Não sobre o bebé.

Não pode saber, caso contrário contará ao Hoàng quando ele regressar. E, se ele souber, nunca mais me tocará. Quem quereria tocar numa mulher que foi pisada por outros homens?

Hoje, esfreguei o meu corpo até sangrar. Quero lavar a imundície da minha pele, mas é demasiado tarde.

21/6/1975

A Hương veio visitar-me. Está agora mais alta do que eu, mais bela do que alguma vez imaginei que a minha filha pudesse ser. A sua pele brilha de juventude, os seus olhos iluminados com a luz da inocência. Ao vê-la, vi o melhor do Hoàng e de mim. Vi determinação e amor pela vida.

Parecia muito feliz hoje. Assimilei a sua voz suave enquanto me lia a carta do seu admirador. Oxalá pudesse dizer-lhe que também eu sou sua admiradora, que a amo tanto. Como é possível não lhe poder dizer que a amo, à minha própria filha? Na nossa família, o amor é algo que demonstramos, não algo de que falamos. A mamã nunca disse que me ama, mas demonstra-o cuidando de mim e cozinhando para mim. Agora que sou incapaz de cuidar da Hương e de cozinhar para ela, oxalá tivesse a coragem de lhe dizer o quanto a amo.

Mas a Hương deve odiar-me agora. Deve odiar-me por ser estúpida. Sou estúpida por lhe ter dito a verdade sobre como encorajei o pai dela a ir para a guerra. Sou estúpida, estúpida, estúpida!

1/7/1975

A mamã passou por cá. Ao ver os ossos que sobressaíam dos seus ombros, lembrei-me dos versos de um velho poema popular: «A minha velha mãe é uma banana madura agarrada à árvore, o vento podia sacudi-la e fazê-la cair, deixando-me órfã.»

A mamã ainda não é velha, faz apenas cinquenta e cinco anos este ano, mas não parece jovem. Temo que possa cair a qualquer momento, com o meu pesado fardo às costas. Sou uma filha terrível por me ter enfurecido com ela, por a ter culpado. Oxalá pudesse retirar as palavras que lhe atirei, mas as palavras são como água: quando nos escapam da boca, derramam-se no chão. As palavras são como facas, deixando feridas invisíveis que continuam a sangrar.

Mas a mamã não me visitou para falar sobre a nossa discussão. Insistiu em que fosse à cidade com ela. Disse que tinha pedido a um conhecido curandeiro para me ajudar. Sentada no selim de trás da sua bicicleta, encostei o rosto à sua camisa. Tinha um cheiro tão limpo, tão fresco. Fresco como os campos de arroz da nossa aldeia na minha longínqua infância. Fresco como o riso dos meus irmãos e da minha irmã. De olhos fechados, vi os rostos sorridentes de Thuận, Đạt e Minh. Não podem estar mortos. Têm de voltar para mim.

Ergui a cabeça ao entrarmos no centro histórico. A nossa bicicleta passou por pequenas vielas. Vuelas que estavam cobertas dos meus passos com Hoàng. Além, sob o teto curvo do Templo Bạch Mã, Hoàng tinha-me dito que se queria casar comigo, o seu beijo ainda quente nos meus lábios. Quando voltará? Alguma vez me voltará a beijar?

Terei alguma vez um só dia em que me consiga perdoar?

Quando a bicicleta se aproximou da rua da Medicina Tradicional, o cheiro a plantas medicinais invadiu-me o nariz. Estremeci. Estava de novo em Trùng Sơn, e, diante dos meus olhos, a Sra. Ninô preparava remédios da selva na sua panela de barro. Verteu o líquido condensado numa taça e pô-la diante de mim. Perguntou-me se tinha a certeza. Em vez de lhe responder, olhei para a minha barriga. Um pequeno corpo aninhava-se dentro de mim. A minha carne e sangue, o meu próprio filho. Lágrimas cegaram-me enquanto engolia o líquido amargo. Estava a matar o meu bebé. O meu próprio bebé.

– Hương, que estás a fazer? – Sobressaltei-me e ergui o olhar, deparando com a minha mãe. Arrancou-me o diário das mãos. – Como te atreves?

– Mãã...

Levou o diário ao rosto e gritou tão alto, que me fez afastar-me de um salto.

Pensava no que lhe dizer quando ela agarrou nas suas sandálias, atirando-as contra mim. Baixei-me, e as sandálias atingiram a parede atrás de mim com um forte baque.

– Os meus pensamentos são privados, meus para guardar! – bradou ela.

Olhei para a mulher à minha frente, de rosto vermelho e cabelo desgrenhado. Procurara a mãe que conhecia e julgava ter captado um vislumbre dela no diário, só para acabar confrontada com uma estranha. Só uma estranha queria bater-me. Só uma estranha teria um filho com outro homem e abortaria a sua gravidez para ocultar os seus pecados.

– És uma assassina de bebés – ouvi-me dizer. – Traíste o papá! Espera só até eu lhe dizer.

– Pois muito bem. Vai procurá-lo. Diz-lhe. Diz-lhe!

Batendo com a porta da frente atrás de mim, fugi. Não sabia para onde ir, mas tinha de me afastar da minha mãe. Já não queria olhar para a sua cara.

Gritos embargavam-me a respiração e abrandei. Tinha corrido

incessantemente até à Ponte Long Biên, cujo corpo se arqueava como um esqueleto sobre o rio Vermelho. Talvez o meu pai tivesse morrido. Talvez o rio me pudesse levar até ele.

Fechando os olhos, vi a avó em criança, a ser amaldiçoada pelo adivinho. Vi a minha mãe na selva, a beber remédios herbáceos para abortar o seu bebé. Tínhamos todos sido amaldiçoados, todas as gerações da família Trần. Tinha de acabar com isso agora. Impeli-me para a frente.

O rio enroscava o seu rubor diante de mim. Olhei para a sua corrente acelerada. A Thủy e eu tínhamos estado ali, a molhar os pés na água, o nosso riso ainda a cantar nos meus ouvidos. Já não me restavam mais amigos. Não tinha mais família que se importasse comigo.

– Hương. – Alguém me agarrou na mão, puxando-me para trás. – Lamento tanto.

Empurrei a minha mãe e continuei a andar. Palavra alguma podia retirar o que ela me tinha feito.

Ela correu, bloqueando-me o caminho.

– Descobriste a raiz da minha mágoa, mas é só metade da verdade. Por favor... dá-me a oportunidade de explicar.

Sentámo-nos a um canto de uma casa de chá. A minha mãe tinha pedido um copo de leite de soja para mim, mas eu deixei-o lá, intacto.

– Responderás a todas as minhas perguntas? – indaguei.

Ela assentiu, olhando em volta, apesar de a loja estar vazia; a proprietária estava na rua, a falar com os vizinhos.

– Quem é o pai do bebé?

Apertou a sua taça de chá, os nós dos dedos brancos.

– Eu... não sei.

– Como assim, não sabes? – Algo semelhante a vômito subiu-me à garganta.

A minha mãe baixou a cabeça. Tinha a boca fechada, cerrada como uma ostra.

– Vês? Disseste que me dirias tudo, mas não podes. Não podes porque traíste o pa...

– Por favor... – pediu a minha mãe, erguendo as mãos. – A verdade só te magoaria mais.

– Magoar? Nada é pior do que saber que tiveste um filho com outro

homem.

O rosto da minha mãe franziu-se. Abriu a boca, mas, em vez de palavras, um riso delirante jorrou-lhe dos lábios.

– Seria pior se o pai do meu filho fosse o inimigo?

Olhei para ela. Não podia estar lúcida.

– Tens razão. – Anuii. – Traí o teu pai, pois não fui suficientemente forte para lhes resistir.

– O que queres dizer? Quem são eles?

Agarrando na gola da minha blusa, ela puxou-me para si.

– O inimigo... um grupo de homens... capturaram-me... fizeram-me coisas horríveis. Um deles... é o pai do bebé.

Abanei a cabeça. Não podia aceitar o que ela acabava de dizer.

A minha mãe libertou-me. Cobriu o rosto com as mãos.

– Se tens de saber, os homens eram vietnamitas. Falavam o dialeto do Sul.

Fechei os olhos. Desejei que tudo escurecesse, encolhesse e desaparecesse. Desaparecesse e me levasse também.

Ainda hoje, desejo que fosse possível regressar ao momento em que a minha mãe me encontrou com o seu diário. Devia ter sido capaz de perceber as suas razões para abortar o bebé a partir do que tinha lido. Por outro lado, era apenas uma rapariga de quinze anos que ainda não tinha tido o seu primeiro beijo, que não fazia a menor ideia, na verdade, de como se faziam os bebés.

– Hương, lamento que tenhas tido de descobrir desta maneira – sussurrou a minha mãe.

– Eu é que lamento, mamã. Sou terrível... por ter duvidado de ti... – Apertei-lhe a mão. – Mamã, no teu diário, disseste que me amavas. Eu também te amo. E preciso de ti.

– Oh, minha querida. És tudo para mim.

Abraçámo-nos, as nossas lágrimas a fluir para o rosto uma da outra.

– Mamã, preciso de compreender. Quero que melhores para voltarmos a ser uma família. Durante quanto tempo foste capturada? E como escapaste?

– Aqueles monstros... tiveram-me um par de dias. Pensei que me iam matar, mas um soldado do lado deles apiedou-se de mim e ajudou-me a fugir.

– Um soldado do lado deles?

– Sim... um soldado sul-vietnamita. Durante a noite, desamarrou-me e conduziu-me à selva. Disse que tinha visto o meu diário com a tua fotografia

entre as páginas. Tinha uma filha da mesma idade.

– Que aconteceu depois de te libertar?

– Vagueei entre as árvores, perdida. Queria pôr termo à minha própria vida, mas a tua voz e a da avó impediram-me. Não me lembro de onde desmaiei, mas, quando recuperei os sentidos, estava numa gruta, rodeada de gente local, que tinha trocado a sua aldeia pela gruta devido aos bombardeamentos. Uma dessas pessoas era uma curandeira tradicional. Curou os meus ferimentos com plantas medicinais. Durante o mês que lá passei, ensinou-me muitas coisas sobre os remédios da selva. Uma vez curada dos meus ferimentos físicos, deixei a gruta para me juntar a outra unidade médica.

– A tua gravidez... quando descobriste?

– Depois de passar algumas semanas numa nova clínica... De início, não dei importância quando o meu sangramento não veio. Quando me apercebi das mudanças no meu corpo...

Rodei o copo na mão.

– Quando tive a certeza de que estava grávida, tive de encontrar o caminho de volta para a curandeira. Não podia trazer o bebé para cá. Não podia criar o filho do nosso inimigo. Não queria que tu, o teu pai ou a avó descobrissem.

Baixei a cabeça, o rosto azul do bebé a encher-me a visão, os seus gritos ténues a palpar-me no peito. Como teria sido pegar-lhe ao colo?

A minha mãe engoliu em seco.

– A decisão de pôr termo à gravidez... foi a mais difícil que alguma vez tinha tomado. Quando saí da gruta, a cambalear, queria continuar com a minha missão, procurar o teu pai, Hương... mas já não tinha forças. Dei-me conta de que tinha sido uma tola ao pensar que podia enfrentar a guerra e encontrá-lo. Durante a minha longa caminhada de regresso a Hanói, não tinha medo das bombas, mas temia que ele descobrisse que o meu corpo tinha sido conspurcado e que tinha matado uma alma inocente...

Abracei os ombros da minha mãe, incapaz de encontrar uma única palavra para a consolar.

– Às vezes, penso que o teu pai não volta porque sabe – suspirou ela.

Ao chegarmos a casa, deparámos com uma multidão na nossa sala de estar. A avó pranteava. Tinha regressado do trabalho para encontrar a porta

da frente escancarada e cadeiras espalhadas pelo chão.

Ao ver-nos, a mim e à mamã, riu e chorou. Abraçou-me com tanta força, que me custava a respirar.

Na noite seguinte, fiz a avó e a minha mãe saírem juntas. Regressaram de rostos vermelhos e olhos inchados. A avó segurava uma grande lâmpada a óleo que tinha acabado de comprar. Encheu a lâmpada de óleo, acendeu-a e pô-la numa cadeira ao lado da cama da minha mãe. Nessa noite, e durante anos depois disso, a minha mãe dormiria com a lâmpada a arder vivamente ao seu lado.

Mas agora já não estava sozinha. Começou a falar também com o tio Đạt. Ouvia os seus murmúrios sempre que passava pelo quarto de ambos à noite.

Dava muitas vezes por mim a interrogar-me sobre o bebé. Teria eu sido capaz de o amar da forma como uma irmã devia amar o seu irmão, ou odiá-lo por metade do seu sangue ter vindo do homem que tentara matar a alma da minha mãe?

Os pesadelos continuavam a atormentá-la, mas a minha mãe já não se isolava de nós. Depois de chegar a casa da sua fábrica, cozinhava. Perguntava-me pela escola e à avó pela vida no centro histórico. Levava o meu tio a passear na sua cadeira e ajudava-o a fazer exercício. Um dia, chegou a casa com pacotes de plantas secas. Enquanto infundia um bule dessas raízes fatiadas, caules, flores e sementes, as suas lágrimas caíram. Mas disse-me que tinha de vencer os seus demónios: o remédio era para o tio Đạt, que lhe tinha dito que a sua incapacidade ia além do que os olhos viam, que já não podia fazer uma mulher feliz. A minha mãe esperava que a infusão o ajudasse; a receita para o seu tratamento estava entre as muitas que tinha aprendido com a curandeira e registado no seu caderno.

Duas semanas depois de a minha mãe me ter exposto a sua alma, a árvore *bàng* dava-nos sombra para lavarmos os nossos cabelos, e a lâmpada a óleo dava-nos luz para a minha mãe me ajudar com os meus trabalhos de casa. Mostrou-me diferentes formas de responder aos mais difíceis problemas de matemática, e eu fiquei espantada.

Pouco a pouco, a menina Nhung encontrou pequenas formas de regressar à vida do meu tio. Visitava-nos de vez em quando, fazendo-se acompanhar uma vez de uma cassete cheia de canções que o tio Đạt acabou por ouvir todos os dias e outra de um livro que ele ficou a noite inteira a ler. A minha mãe disse-me que, quando regressou, o tio Đạt continuava a amar a menina

Nhung, mas acreditava que ela ficaria melhor com outro homem.

O único que não tinha mudado de atitude era o tio Sáng, por isso, um dia, quando a minha mãe me disse que precisava de lhe fazer uma visita, juntei-me a ela. O meu tio não tinha ido uma só vez a nossa casa, mas ele e a mulher continuavam a comer a comida da avó. Duas vezes por semana, a avó preparava pratos diferentes, e eu tinha de lhes levar.

Era noite quando arrastámos a bicicleta até ao apartamento do tio Sáng. O meu tio pôs a cabeça de fora pela fresta da porta.

– Irmã Ngọc... Hương. – Olhou para as minhas mãos vazias. Uma expressão de decepção cruzou-lhe o rosto magro.

– Como estás, irmão? – A minha mãe empurrou a bicicleta para o interior.

O tio Sáng fechou a porta atrás de nós.

– Bem, irmã.

– Pensava que estavas doente, terrivelmente doente! Demasiado doente para ir ver o teu irmão Đạt.

– *Shhh*. Fala baixo, sim? A Hoa já está a dormir. – O tio Sáng agarrou na mão da minha mãe, puxando-a mais para o interior do apartamento sombrio. – Senta-te, irmã. Tu também, Hương. – Apontou para a esteira de junco no chão.

– Não precisamos de nos sentar. – A voz da minha mãe era gélida. – Porque não foste a casa ver o Đạt?

– É complicado – respondeu o meu tio, franzindo a testa. – Estou a liderar uma campanha para erradicar os capitalistas, a burguesia e os comerciantes. E a mamã... como sabes, é uma *con buôn*.

– É então assim que vocês os dois tratam a mamã? Desprezam-na diante dos outros, mas usam-na como escrava?

– Não, não. Estás a entender tudo mal aqui.

– Diz-me de que forma estou errada.

– Baixa a voz – pediu o tio Sáng, franzindo as sobrancelhas. – Estou grato à mamã, mas tenho de cumprir as regras do Partido. Precisamos de reconstruir o nosso país com o trabalho árduo de operários e agricultores. Sem associações a capitalistas, burgueses e comerciantes.

– Capitalistas, burgueses, comerciantes? Sáng, a mamã trabalha tanto lá fora para ganhar cada cêntimo. É uma trabalhadora, não uma burguesa.

– Tenho de cumprir as regras do Partido. Sem associações a capitalistas,

burgueses e comerciantes – repetiu o meu tio.

– Então o Partido é o teu Deus, é isso?

– Irmã, lutámos tanto para devolver a paz ao nosso país. Sacrificámos as nossas vidas para expulsar os capitalistas, a classe exploradora...

– Classe exploradora? Não deixes que te lavem o cérebro, Sâng. Sabes o que nos aconteceu durante a Reforma Agrária. Condenaram injustamente a nossa família. Chamaram-nos exploradores. Mataram...

– Cala-te – silvou o tio Sâng. – Não tenho nenhuma ligação a proprietários.

– Eu sei. Forjaste os teus documentos. Apagaste as tuas raízes familiares para te poderes tornar membro do Partido. Que tristeza. Mas não te esqueças, Sâng, de como o nosso pai morreu.

– Não te atrevas a inventar coisas. Sai da minha casa.

– Sâng, não vim aqui para discutir contigo. Por favor, vai a casa ver o teu irmão Đạt.

– Já te disse que não posso, mas ele pode vir visitar-me.

– Perdeu as pernas, Sâng. Perdeu as malditas pernas e não pode andar.

– Tem uma cadeira de rodas e...

Zás. O som de um estalo. A minha mãe tinha esbofeteadado o tio Sâng.

– Que tipo de irmão és tu? – gritou ela. – Não vendas a tua família tão barata por uma ideologia política qualquer!

O meu tio ergueu a mão para a face. O seu rosto torceu-se num esgar de repulsa.

– Sua louca! – vociferou ele. – Sai daqui, ou mando-te prender.

– Prende-me, então. Prende-me! – desafiou a minha mãe, batendo com os punhos no peito.

– *Mẹ ơi!* – Estendi os braços para ela. – Vamos embora.

A minha mãe olhou para mim, os olhos a encherem-se de lágrimas.

– Só um minuto, Hương. – Endireitou as costas e enfrentou o meu tio. – Sei que subiste na hierarquia, Sâng, mas não penses que estás demasiado alto. Continuas a ser o meu irmão mais novo. Sem o irmão Minh aqui, sou a mais velha da família. Tenho a responsabilidade de te ensinar.

– Não preciso dos ensinamentos de ninguém. Sai da minha casa.

A minha mãe tossiu e cuspiu para o chão.

– De agora em diante, já não és da minha família. Espero que os teus filhos sejam melhores do que tu e se lembrem das suas raízes.

Sáímos.

Sentia-me orgulhosa por a minha mãe ter defendido a avó, mas, de alguma forma, dei também por mim a chorar o tio mais novo da minha infância – alguém que se tinha rido comigo enquanto cortava bambu, criando lanternas coloridas que ganhavam vida ao luar do Festival de Meio do Outono.

A correr, subi a escadaria que dava para a minha sala de aulas, de estômago vazio, visto que não tinha tido tempo de tomar o pequeno-almoço. Tudo estava em silêncio à minha volta.

No terceiro andar, virei para um longo corredor.

Os professores tinham já começado as suas aulas dentro das salas por onde passava. Alguns rapazes lançavam-me olhares furtivos pelas janelas abertas. Tentei tornar-me mais pequena, embaraçada pelos sons que as minhas sandálias faziam.

O ruído explosivo da minha sala recebeu-me. Nem sinal de um professor. Ótimo. Apressadamente, dirigi-me ao meu lugar.

– O que aconteceu? Porque estás atrasada? – perguntou Trân, apressando-se na minha direção.

– Adormeci. – Sorri-lhe. Era uma das raparigas mais amistosas comigo. Perguntei-me se visitaria a minha casa um dia.

– Cuidado. – Ecoaram vozes nas minhas costas, seguidas de risos ribombantes. Não precisei de me virar para saber que os rapazes estavam outra vez a fazer alguma das suas brincadeiras estúpidas.

Trân tirou-me algo do cabelo. Um avião de papel com o meu nome rabiscado nas asas.

– Do Nam. Gosta realmente de ti.

– Bem, eu não gosto dele. – Abri a mochila, tirando o meu caderno.

– Estou a ver o professor Định – gritou alguém. Os meus colegas empurraram-se uns aos outros, dirigindo-se apressadamente às suas carteiras. O nosso professor de História apareceu, mas não estava sozinho. Ao seu lado, vinha um rapaz alto; ao contrário dos rapazes da minha turma, tinha a pele tão morena como a de um agricultor.

Em uníssono, levantámo-nos para cumprimentar o nosso professor, que sorriu e acenou para que nos sentássemos.

– Tâm, o vosso novo colega – disse o professor Định, apontando para o

rapaz. – Ajudem-no a ambientar-se e não lhe causem dificuldades, entendido?

– Sim, professor – respondemos em coro.

– Vem ver-me se tiveres algum problema – disse o professor Định a Tâm.

– E, para te ajudar a familiarizares-te com as coisas, o nosso delegado de turma, Thiết, levar-te-á numa visita guiada quando as aulas terminarem por hoje.

– O Thiết está doente, professor – disse alguém.

O professor Định olhou à volta da sala.

– Então outro colega far-te-á a visita guiada. – Os seus olhos encontraram-me. – Hương, pode ser?

– Sim, professor – murmurei eu, ainda que a única coisa em que conseguia pensar fosse em como desejava poder faltar o dia inteiro, estar em casa, ter uma longa conversa com o tio Đạt. Precisava de lhe pedir desculpa. Momentos houvera em que o tinha considerado um fardo, apesar de ter prometido ajudá-lo quando inicialmente regressara.

Ao soar dos tambores, os meus colegas saíram da sala como abelhas a fugir da sua colmeia.

– Precisas de ajuda para guiar o novo giraço? – perguntou Trăn, dirigindo-se a mim, aos risinhos.

– Obrigada, mas será uma visita rápida. – Enfie o meu caderno na mochila. Como podia Trăn achar sequer que o rapaz novo era bonito? Qual era mesmo o nome dele?

Trăn olhou para o fundo da nossa sala de aulas. Segui-lhe o olhar. O rapaz novo estava na sua carteira, de cabeça debruçada sobre um livro. Perguntei-me o que estaria a ler.

– Olá, Hương – disse alguém. Nam. Sorriu-me nervosamente. – Posso convidar-te para...

Larguei o avião de papel na sua mochila semiaberta.

– Estou de serviço hoje, a visita de apresentação.

– Oh. – Vi-o coçar a cabeça.

– Queres convidar-me antes a mim? – perguntou Trăn, puxando o braço de Nam. Quando estavam quase a sair da sala, ela virou a cabeça. – Diverte-te – disse-me em surdina.

Esvaziei a minha carteira. Lembrava-me agora do nome do rapaz. Tâm.

O seu nome significava «Consciência Tranquila».

Tâm ainda estava a ler quando cheguei junto dele.

– Pronto para ir?

Ele ergueu o rosto. Os seus olhos eram de um castanho profundo, emoldurados por umas longas pestanas.

– Ir onde?

O seu carregado sotaque da região do meio apanhou-me de surpresa. A avó falava com esse sotaque, mas só em casa. Porque deixara Tâm a região do meio para ir para ali?

– A visita guiada, lembras-te? – murmurei eu. Desejei ter pedido a Trân para me substituir naquele dever, mas nenhum aluno se atrevia a desobedecer aos professores. Se quíssemos passar de ano, a nossa nota na matéria de «Bom Comportamento» tinha de ser adequada.

– Oh. – Tâm levantou-se. – Obrigado por fazeres isto.

Sáímos da sala. O corredor estava vazio. Nuvens cinzentas tinham-se reunido no céu, borrifando o pátio com um chuvisco. Parámos na varanda, a olhar para a humidade lá em baixo.

– Temos cerca de quinhentos alunos aqui. – Apertei o meu casaco. – As aulas começam às sete e meia todas as manhãs exceto à segunda-feira, em que chegamos uma hora mais cedo para cantar o hino nacional e saudar a bandeira. Atrás daquela árvore, está a cantina, e o campo de futebol fica nas traseiras daquele edifício.

– Há uma biblioteca?

– Sim, mas não tem muitos títulos interessantes, para ser sincera. O livro que estás a ler é bom?

– É muito bom. Não consigo parar. – Tâm mostrou-me a capa. *O Corcunda de Notre-Dame*.

– Ah, Victor Hugo é um escritor incrível. – Sorri. – Adoro a sua poesia. Li esse livro no ano passado e sonhei visitar França para ver essa magnífica catedral.

– Eu sei. – Tâm devolveu o livro à sua mochila. – Também adoraria visitar Paris, um dia... E esperava que a nossa biblioteca tivesse uma boa coleção. Deixei a maior parte dos meus livros na aldeia, para a minha irmã.

– É simpático da tua parte... Tenho alguns livros que te posso emprestar.

– A sério? – Os olhos de Tâm iluminaram-se. – Isso seria ótimo. Obrigado. – Puxou a gola do seu casaco para cima. – Vives longe daqui?

– Estou na rua Khâm Thiên. Onde é a tua aldeia natal?

– Na província de Hà Tĩnh. Hã... o teu bairro, Khâm Thiên, foi fortemente bombardeado, não foi? Lamento.

Assenti e olhei para os ramos de uma árvore *phượng*. Estavam despidos, a tremer ao vento, como eu e a avó durante a nossa caminhada até Hòa Bình. Apontei para as tampas castanhas espalhadas pelo recreio.

– Abrigos antiaéreos. O maior fica em frente à cantina. Deves saber para onde fugir se as bombas regressarem.

– Espero que nunca voltem. Na verdade, oxalá nunca mais houvesse outra guerra à face desta terra.

Virei-me para Tâm. Nunca tinha ouvido nenhum rapaz falar assim.

– Tiveste algum familiar que combateu?

– O meu pai... voltou miserável. Mas tivemos sorte. Muitos dos homens da minha aldeia nunca regressaram. Então e os teus familiares?

– O meu tio Thuận morreu. O tio Đạt perdeu as duas pernas. Ainda estamos à espera do meu pai. – Senti o calor atrás das minhas pálpebras e mordi o lábio com força para me impedir de chorar diante de um rapaz que mal conhecia.

– Lamento... Há quanto tempo partiu o teu pai? Tiveste notícias dele?

– Sete anos, nove meses e vinte e cinco dias. – Tirei o *Sơn ca* do bolso. – O meu papá esculpiu isto para mim na selva. – Já não conseguia conter as lágrimas.

– *Shhh*. – Tâm levou um dedo aos lábios. Aproximou a ave do ouvido. – Ahã. – Assentiu. – Ahã, obrigado, passarinho. – Arqueou uma sobrancelha. – Oh, queres falar com ela agora, passarinho? Está bem, aqui está.

Encostou o *Sơn ca* ao meu ouvido.

– Ouve-lo?

Abanei a cabeça, sorri e limpei as lágrimas.

– Disse que és uma rapariga especial, uma princesa, e que não devias confraternizar comigo.

– Oh. Porque não?

– Porque sou um *nhà quê* – disse Tâm, referindo-se a si mesmo como um campónio. Largou a mochila, afastando-se de mim. Vergou-se, fingindo cavar o seu campo. Bateu com o punho nas costas, limpando as gotas invisíveis de suor do seu rosto e recomeçando a cavar. Parecia tão engraçado, que tive de me rir.

Ao regressar a casa de bicicleta, não conseguia tirar Tâm da cabeça. Os seus olhos sorridentes e a sua voz cálida deixavam-me eufórica. Disse a mim mesma para parar de pensar nele. Os homens podiam ser perversos, como os que tinham feito mal à minha mãe. Não fazia ideia de que tipo de pessoa era Tâm. Não devia confiar nele tão facilmente.

Cheguei a casa para deparar com o tio Đạt no chão, a assobiar. Estava a fazer uma pia nova para os porcos.

A minha mãe afadigava-se na cozinha, cheiros deliciosos a erguer-se em volutas das suas mãos.

Olhou-me por cima do ombro.

– Vai dar de comer aos animais, estão a dar comigo em doida.

– Claro – assenti eu, rindo. – O que estás a cozinhar?

– Tofu com molho de tomate e coentros.

O meu estômago deu vivas. Havia tanto tempo que não comia isso. A minha mãe era a melhor a preparar esse prato.

– O almoço estará pronto em breve? – O tio Đạt olhou para o relógio. – A Nhung chega daqui a nada.

– Também estou empolgada por a ver. – A minha mãe deitou um punhado de espinafres verdes para uma frigideira a esquentar.

Quando acabei de dar de comer aos porcos, a comida estava na mesa. A menina Nhung distribuía os pauzinhos. Estava tão magra, que conseguia ver as veias azuis nas costas das suas mãos. Esperava que o tio Đạt tomasse conta dela, mas como podia, sem um emprego?

– O que estás a achar da tua escola nova, Hương? – perguntou a menina Nhung, sorrindo-me.

– Já não é assim tão nova, tia, mas é ótima. – Pensei novamente em Tâm.

– O que queres estudar mais tarde, quando fores para a universidade?

A universidade parecia-me algo magnífico. Esperava conseguir entrar. Inspirei fundo.

– Ainda não sei, tia.

Achava as palavras belas, mas não sabia se teria coragem suficiente para ser escritora. Tinha andado a ler livros de Phùng Quán, Trần Dần, Hoàng Cầm e Lê Đạt – autores que tinham sido encarcerados no movimento *Nhân Văn Giai Phẩm*. As suas obras em meados dos anos 1950 apelavam à liberdade de expressão e aos direitos humanos, aproximando-me do meu avô, que vivera na mesma altura e defendia as mesmas ideias liberais. Mas

essas obras salientavam-me também os riscos que os escritores enfrentavam, com um governo que tudo censurava. «Um funâmbulo de circo equilibra dificuldades de cortar a respiração», escreveu o poeta Phùng Quán. «Mas mais duro ainda é ser um escritor suportando uma vida no caminho da verdade.»

Sabia que, tal como Phùng Quán, se escrevesse, só podia ser a verdade tal como a via. Não podia distorcer as minhas palavras para agradar aos ouvidos dos que estavam no poder.

– Espero que te tornes médica, Hương – disse o tio Đạt. – A tua mãe pode ensinar-te umas coisas sobre medicina herbácea. Tem poderes mágicos. – Piscou o olho à menina Nhung, que corou.

A minha mãe sorriu, deitando tofu na tigela do tio Đạt.

– Quando precisamos de partir?

– Daqui a meia hora.

– Tenho laranjas e incenso para o altar do Thành – disse a menina Nhung.

A minha mãe assentiu.

– E eu preparei um pequeno saco de arroz para os pais dele.

– São ambas maravilhosas – sussurrou o tio Đạt, e eu senti-me grata por a minha mãe e a menina Nhung terem tirado a tarde de folga para o acompanhar. Fazia nesse dia três anos que o seu amigo tinha morrido na floresta de bambu, e o tio Đạt precisava de queimar incenso por ele. Mas seria difícil para o meu tio falar à família enlutada dos últimos momentos do seu filho enquanto a sua vida era extinta pelas bombas dos B-52.

O tio Đạt remexeu-se na cadeira. Tinha-se virado várias vezes para olhar para o armário da cozinha. Tinha um copo de água à sua frente e não parava de o olhar fixamente.

– Estás bem? – A menina Nhung pegou-lhe na mão.

Vi-o abanar a cabeça.

– Irmã Ngọc... importas-te de me trazer um pouco de álcool?

Virou-se para a menina Nhung.

– Caso ainda não tenhas sabido, *em*, tenho tido problemas.

Ela pousou os pauzinhos.

– Sim, a tua mãe disse-me, *anh*. Não será fácil desistir do álcool, mas espero que tentes.

A minha mãe dirigiu-se à cozinha e foi buscar a garrafa.

– Não a ponhas toda à minha frente, irmã – disse o meu tio. – Um pequeno copo bastará, por agora.

Recebendo o copo da minha mãe, o tio Đạt cheirou-o. Esvaziou-o de uma penada e fechou os olhos.

Destino

THANH HÓA – HANOÍ, 1955-1956

Nesse dia, Goiaba, à porta da casa com a densa sebe de plantas frondosas, esperei pela tua mãe, com Sáng a dormir no meu braço. Para me disfarçar, acocorei-me debaixo de uma árvore em frente à casa, estendendo a mão aberta. Era uma mendiga, a mendigar esperança.

Tardou muito tempo a que Ngọc emergisse, de mão dada com uma menina. Vinham ambas a correr e agachadas.

– Irmã mais velha, não é suposto escondermo-nos lá dentro? – perguntou a menina, rindo-se enquanto se aproximavam de mim.

– Ninguém disse isso.

Ngọc lançou-me um olhar de relance. Os seus cabelos tinham sido lavados e fluíam numa torrente suave pelas suas costas. O seu rosto, agora limpo do pó e das lágrimas, resplandecia. Com umas calças e uma blusa lavadas, parecia tão fresca e bonita como uma flor de jasmim.

– Rápido, irmã mais nova. Atrás daquela árvore. – Ngọc apontou para lá de mim.

Enquanto a rapariga corria em frente, Ngọc deixou-se ficar para trás, levando as mãos à cintura. Algo branco brilhava-lhe nos dedos.

– Arranjei um emprego, mamã. – Largou duas bolas compactas de arroz cozido na minha mão aberta. – Podes ir. Eu fico bem. Irei ver como está o Thuận quando puder.

– Tens a certeza, Ngọc? – Não obtive resposta. Ngọc tinha-se já afastado de mim a correr para se ir juntar à sua nova irmã.

Assim, com Sáng à cintura, prossegui na minha longa viagem em direção a Hanói. Agora que tinha deixado quatro filhos pelo caminho, era uma borboleta que tinha perdido as asas, uma árvore que abandonara todas as

suas folhas e ramos. A minha mente estava entorpecida de culpa, mas as minhas pernas tinham de continuar. Castigava-me caminhando dia e noite. Para me manter viva, comia erva, plantas de arroz e as coisas que conseguia roubar dos campos. Sáng sobrevivia à base do meu leite e da pouca comida que eu lhe dava. O ar estava a ficar mais frio, pelo que o embrulhei no pano de transporte da Sra. Tú; o seu cheiro fez-me chorar. Mas sabia que não podia desperdiçar a minha energia nem numa única lágrima: tinha de me apressar se queria voltar a ver Minh, Ngọc, Đạt, Hạnh e Thuận.

Movíamo-nos mais depressa, mas não o suficiente. A estrada nacional era o caminho mais curto até Hanói. Um dia, de manhã cedo, arrisquei-me a sair de novo para a estrada e a pedir boleia. Não havia muitos veículos a essa hora, só o ocasional automóvel ou carro de búfalos. Muito poucas pessoas paravam quando eu chamava e acenava, mas todas recusavam o meu pedido de ajuda. Havia postos de controlo ao longo da estrada, e ninguém se atrevia a ajudar uma mulher sem autorização para viajar.

Recomecei a andar pelo caminho de terra paralelo à estrada. Então, lembrei-me de algo. Podes acreditar? Na minha mente insana, tinha-me esquecido de que envergava algo bastante valioso.

Fui para trás de um arbusto e tirei a camisa exterior castanha. Sustendo a respiração, descasquei a blusa de seda da minha pele. Estava suada e suja, mas não estragada. O meu irmão tinha escolhido o melhor material, e a camisa exterior tinha-a protegido.

Encostei o rosto à blusa; o rosto terno de Công e o seu sorriso estavam vivos na minha mente. Esperava que o Sr. Hải tivesse conseguido recuperar o seu corpo e sepultá-lo. Imaginei a morte do meu irmão e senti a sua dor. Jamais poderia ter imaginado que tanta violência se iria abater sobre a nossa família. Por outro lado, todos quantos conhecia tinham perdido familiares para mortes violentas. Perguntei-me quando iria o círculo da violência terminar.

Encontrei um riacho e mergulhei a blusa na corrente agitada, lavando-a. O sol brilhava sobre o maravilhoso tecido verde, iluminando as inúmeras palavras antigas de *Phúc* – Bênçãos. Segurando a blusa num braço, caminhei com Sáng no outro. *Cái khó ló cái khôn* – a dificuldade dá luz à sabedoria. A blusa podia ser um bilhete para nos ajudar a chegar a Hanói.

O teu tio Sáng era tão bom menino. Balbuciava e apontava para as flores e para as borboletas, para os carros e carroças que se arrastavam como insetos

pela estrada nacional. Então, apontou para uma árvore junto à beira da estrada. Ao aproximarmo-nos, apontou para um par de cestos de bambu lá depositados. Dentro dos cestos, estavam pequenas pilhas de goiabas e laranjas, algumas nozes-de-areca e folhas de bétete. Junto aos cestos, estavam cordas que os ligavam a uma vara de bambu. A proprietária dos cestos estava acorada no chão, encostada ao tronco da árvore, a abanar-se com o seu chapéu.

– Olá, irmã. – Baixei-me junto dela.

Sáng rastejou-me das mãos em direção à fruta.

– Não toques – disse eu, segurando-o.

– Pode comer uma. – A mulher pegou numa goiaba dourada. Verificou a sua maciez e deu-a a Sáng.

– *Ói, òi* – balbuciou o meu filho, batendo palmas. Cravou os seus dentes de bebé no fruto.

– Oh, és tão giro – exclamou a mulher, beliscando-lhe a bochecha.

– Acaba de regressar do mercado, irmã? – perguntei eu.

– Era um mercado, sim... mas ninguém queria comprar. Todos tentavam vender o que tinham obtido dos seus próprios campos e jardins.

– Irmã, posso fazer uma oferta? – Estendi a blusa. – Isto é seda, tecida na aldeia de Vạn Phúc. – Esfreguei-lhe o tecido contra a face.

– Tão suave – disse ela, sorrindo. – Tinha ouvido falar sobre a seda e sempre me perguntei.

– É o precioso presente do meu irmão para mim. – Engasguei-me, não querendo separar-me da minha última memória de Côm, mas sabendo que não tinha alternativa. Enfiei a blusa na mão da mulher. – Ficar-lhe-ia maravilhosamente. Experimente-a.

– Não – retorquiu ela, empurrando-a para trás e olhando-me de cima a baixo.

– Irmã... Eu não roubei isto, juro. O meu irmão pagou um elevado preço por ela.

– Porque haveria de ma querer dar, então?

– Aceitaria isto em troca dos seus cestos e da sua vara de transporte?

A mulher olhou fixamente para mim.

Sustive-lhe o olhar.

– Irmã, preciso de um emprego. Quero ganhar a vida com estes cestos e esta vara. – Dei-lhe os dois cêntimos. – Isto é a blusa?

Puxei-a para cima e fi-la vesti-la.

– *Đẹp quá.* – Sâng bateu palmas, elogiando o quanto a mulher estava bonita.

A mulher rodopiou, rindo. Ao ver a forma como os seus olhos se iluminavam, soube que o negócio estava feito.

– Ah, *vui, vui.* – Sâng balbuciava sobre estar feliz enquanto ia sentado no cesto da frente, balançando para cima e para baixo ao ritmo dos meus passos. Atrás de mim, outro cesto balançava para cima e para baixo, meio cheio de goiabas e laranjas.

– Fica quieto – disse-lhe eu, avançando primeiro devagar e depois mais depressa enquanto Sâng se agarrava às cordas com as duas mãos, sentado como um Buda. Ergueu a cabeça, rindo, para olhar para um bando de aves que se espalhava num veloz e grande V pelo profundo azul do céu. – És um bom menino, Sâng. Fica quieto e chegaremos a Hanói em menos de nada.

Acelerei o passo em direção à estrada nacional. Agora, com os cestos e a vara de bambu, tinha uma razão para viajar pela estrada: chegar ao mercado da vila ao lado. Esperava que ninguém criasse dificuldades a uma pobre vendedora com um bebé, a viajar em pleno inverno.

– *Ai mua ổi dầy, cam dầy?* – entoei em voz alta, com sucos vermelhos a escorrer-me da boca. Estava a mascar uma nozes-de-areca para descolorar os meus dentes brancos. Em troca da blusa e do dinheiro, a mulher tinha-me dado todo o conteúdo dos seus cestos. A venda dessas laranjas e goiabas geraria o capital para o meu negócio.

– *Ai mua ổi ậy, cam ậy* – balbuciou Sâng, desfrutando da sua nova forma de viajar. Ainda não conseguia pronunciar o *đ* e soava hilariante.

– Saia do caminho! – Gritos ecoaram nas minhas costas. Virei-me e vi um homem e várias mulheres num carro de búfalos.

– Irmãs, irmão... as minhas goiabas são caseiras... doces como açúcar – apregoei-lhes eu.

– *Ai mua ổi ậy, cam ậy* – entoou Sâng, batendo palmas.

– Oh, que bebé tão giro – disse uma das mulheres, e as outras desataram a rir.

A carroça parou. As mulheres desceram, aproximando-se de nós.

Mas eu já não as conseguia ver. Os búfalos ofegantes tinham-me prendido o olhar. O meu pai estava junto à carroça, a sorrir-me. *Papá!*

– Irmã, quanto custa cada uma? Não me ouviu? – Uma mulher puxava-me a manga da camisa.

Pestanejei, e a imagem do meu pai desapareceu.

Enquanto a mulher me puxava novamente o braço, virei-me para ela.

– Desculpe. São dois cêntimos cada.

– É caro! – atirou outra mulher.

– É um longo caminho para as trazer até cá, irmã. São tenras e sumarentas.

As mulheres abanaram a cabeça. Foi Sâng quem me salvou.

– *Ai mua ôi 'ây, cam 'ây.* – Bateu palmas, as covinhas a desabrochar nas suas bochechas.

As mulheres desataram outra vez a rir.

– Está bem, dê-nos três laranjas e duas goiabas. Só vamos comprar por causa desse fofinho. – Uma das mulheres riu-se, abrindo o alfinete que lhe fechava o bolso. Tirou uma pilha de moedas.

– Conseguiu! – Enquanto a carroça se arrastava para fora do alcance da nossa voz, deixei-me cair de joelhos, abraçando Sâng. – Ganhámos duas tigelas de *phở* em apenas alguns minutos.

Sâng e eu vendemos tudo o que tínhamos nessa tarde. O dinheiro que ganhámos nesse dia, Goiaba, seria suficiente para comprarmos vinte tigelas de *phở*.

Durante semanas, viajei, tentando ganhar o máximo de dinheiro possível. Nos postos de controlo da estrada, os guardas paravam-nos sempre. Eu subornava-os com dinheiro ou fruta e conseguia convencê-los de que ia realmente a caminho do mercado da vila ao lado. E Sâng fazia um trabalho tão bom a encantar esses guardas. Sim, Goiaba... Sei que o teu tio se tornou um jovem muito sério, mas nesse tempo era o meu ajudante alegre e fofo.

Para obter novas provisões, tínhamos de ir às aldeias vizinhas. Se chegássemos a um mercado antes do nascer do Sol, podíamos comprar os melhores frutos ao preço mais barato. Por essa altura, os meus dentes estavam tingidos de vermelho pelas nozes-de-areca e a minha pele estava escura. Tinha também emagrecido muito. Sabia que os meus perseguidores já não me reconheceriam tão facilmente. Ainda assim, os perigos eram espinhos afiados que me cercavam. Ao aproximarmo-nos de Hanói, o meu sotaque da região do meio fazia-me sobressair de entre todos os outros.

Tentei imitar o sotaque do Norte e falar o mínimo possível. Com os nossos lucros, comprei-nos sandálias, algumas roupas mais quentes e um *nón lá* para Sâng. Agora que o teu tio passava o dia inteiro sentado ao sol ou à chuva, precisava de um chapéu. Mas inclinava-o quase sempre para trás para seduzir os clientes. Era ele quem fazia com que toda a gente quisesse comprar os nossos frutos. Quanto ao meu chapéu, tinha de o manter. Tinham sido as crianças a encontrá-lo para mim, e, ao usá-lo, ouvia-as exortar-me a continuar. Por essa altura, tivera tempo suficiente para pensar e continuava a acreditar que o único que nos podia ajudar era o mestre Thịnh. O meu pai era tão chegado ao meu antigo professor, que costumava hospedar-se em casa dele, da mulher e dos seus dois filhos em Hanói.

Com a esperança como minha luz guia, segui viagem. Às vezes, quando me permitia uma boa noite de sono, entrava numa aldeia e pedia às pessoas para nos deixarem passar a noite. Pagava para o fazer. Havia muitos ladrões a rondar, era certo, mas foram muitas as pessoas do campo que nos abriram as suas portas. Dormíamos no chão de terra ou, se tivéssemos sorte, num ninho feito de palha. Ao lembrar esses dias, sinto a falta do cheiro a palha de arroz seca. Era como perfume, o perfume do meu sono.

Assim, andei e andei e andei. Procurava Minh onde quer que estivesse, mas nunca encontrei nenhum sinal dele.

Ao final de cada dia, estava exausta. Vivi muitos momentos de desespero. Ainda hoje, nos meus sonhos, há alturas em que dou por mim a marchar com a vara de bambu ao ombro, os meus cestos pesados, a estrada diante de mim a estender-se até à eternidade. Acordo com o suor a humedecer-me as costas.

Uma vez, a caminho de uma aldeia, desatei a chorar. À minha volta, as plantas de arroz começaram a rumorejar com as suas minúsculas mãos verdes. Ofereciam-me a sua mais tranquilizadora canção de embalar. Apercebi-me de que, quando os seres humanos nos falhavam, era a natureza que podia ajudar a salvar-nos.

Queria ser como a natureza, por isso, dei por mim a cantar, tal como as plantas de arroz. Cantei para Sâng e para mim. Cantei em voz alta e em silêncio. Estava decidida a continuar a cantar. Apreendi então que, enquanto tiver a minha voz, ainda estou viva.

Foi em dezembro de 1955, dois meses após ter fugido da minha aldeia,

que levei Sánh para o inverno de Hanói. Um chuveiro cobria a cidade. Tudo estava envolto numa misteriosa neblina. Tinha comprado um grosso casaco de inverno e um cachecol de lã para cada um de nós, mas tremia, mesmo assim.

Embrulhando o pano da Sra. Tú à volta da minha cabeça, senti o calor do seu amor. Esperava que a nossa fuga não lhe tivesse causado problemas.

Entardecia quando chegámos a uma rua pavimentada margeada por árvores altas. Algumas casas erguiam-se, desoladas. Não se via vivalma. Como podia eu pedir indicações para a rua da Prata, onde o mestre Thịnh vivia?

Ergui o olhar para o céu escuro. Tinha coberto o cesto de Sánh. Levava-o sentado no interior, embrulhado em roupas quentes, com a sua cabecinha a espreitar.

– *Lừa* – balbuciou Sánh, apontando para uma esquina da rua que acabava de surgir à nossa vista. Atrás de uma árvore, um círculo de pessoas aglomerava-se em torno de uma grande fogueira. O fogo crepitava, grassando contra o vento e a chuva. Tinha de ser como aquele fogo, grassando contra todas as probabilidades.

Avancei, gritando a minha saudação ao grupo. Quando eles se viraram, detive bruscamente os meus passos. Eram todos homens, todos de aspeto cruel. Raiva e fome fulguravam nos seus olhos.

Apertando as cordas que prendiam os cestos, afastei-me apressadamente, de olhos fixos na rua escorregadia.

– Fica quieto – disse a Sánh. Sentia que tinha *tránh vỏ dừa gặp vỏ dừa*, evitado a pele do melão só para tropeçar na casca de um coco.

– Ei, porque nos deixas tão depressa, irmã? – gritou alguém. Um coro de risadas explodiu. E não do tipo amistoso.

Vários homens saltaram para a estrada, bloqueando-me o caminho.

– Perguntei porque nos deixas – grunhiu uma voz.

Um homem encarou-me. Tinha os olhos vazios, as faces encovadas, o cabelo fino colado ao crânio. O fedor a álcool erguia-se das suas roupas imundas. Arrancou-me o *nón lá* da cabeça.

– Mostra-me esse teu belo rosto. – O pano de transporte da Sra. Tú esvoaçou para a rua.

Recuei, apertando mais as cordas, lançando um olhar a Sánh. Tinha de proteger o meu bebé, acontecesse o que acontecesse.

– Por favor... deixe-me ir. O meu marido e os amigos estão à nossa espera.

– Oh, que bonito sotaque da região do meio.

Um homem de dentes amarelos debruçou-se para mim. Os seus olhos raiados de sangue cravaram-se nos meus.

– Marido? Onde? Onde está esse sacana sortudo?

Apoi-tei para a frente. Tremia-me a mão. Não conseguia evitar.

Os homens atiraram as cabeças para trás, rindo.

– Tem medo de ti, irmão – disse um homem de bigode, dando uma cotovelada ao homem dos dentes amarelos.

– Está a mentir. Dá-lhe uma lição – acrescentou outro homem. Vivas sucederam à sua voz.

Sáng começou a chorar. Alguém lhe tinha tirado o chapéu. Peguei no meu bebé, apertando-o contra o peito. Embalei-o e cantarolei para ele, mas estava tão assustado, que continuou a gritar.

– Irmãos, por favor. – Lágrimas toldavam-me a visão. – Estão a assustar o meu filho. Por favor, deixem-nos ir.

– Diz-lhe para se calar – cuspiu alguém.

Esfreguei as costas a Sámg. Tentei apoiar o seu rosto contra o meu ombro, mas ele virou a cara. Os seus gritos receosos subiram de tom.

Zás. O som de um estalo. O homem de dentes amarelos tinha esbofetado Sámg.

– Cala-te, seu monstinho! – silvou.

Protegi o meu filho com a minha mão nua.

– Monstro é o irmão por bater numa criança! – gritei.

– Ah, uma tigresa – riu-se um dos homens. Algo reluziu na mão dele. Uma faca. A sua ponta deslizou por baixo do meu cachecol, encostando-se ao meu pescoço.

– Para de armar uma cena, senão... – rosnou o homem, cobrindo-me a boca com a mão.

Sámg tremia nos meus braços. Abracei-o com força. Enquanto os homens me revistavam as roupas, cerrei os dentes. Se me mexesse, podiam fazer mal ao meu bebé.

– Caraças, esta cabra é rica. – Ouvi-os rir.

– Deita tudo nestes chapéus, idiota. Não é só para ti – ladrrou uma voz.

Moedas e notas foram-me tiradas dos bolsos. As moedas e notas encharcadas com o suor do meu trabalho árduo e da minha tristeza, as

moedas e notas que me levariam de volta aos meus filhos.

– Este dinheiro é a minha vida – bradei, mas a minha voz era um gorgolejo dentro da minha garganta.

– Fica quieta, cabra. – A faca apertou-se com força contra o meu pescoço. Uma dor aguda trespassou-me. – Fica quieta ou corto-te a garganta.

– Vem aí alguém – sussurrou uma voz. – Despachem-se, seus idiotas.

A turba agarrou na minha vara de bambu e nos cestos. Desataram a fugir.

– Ladrões. Socorro. Alguém me ajude! – gritei eu, mas os homens desapareciam já na neblina. Até o pano da Sra. Tú levaram com eles.

Sáng estava abalado, mas ileso. Abracei-o, soluçando contra o seu peito.

Sons de passos apressados. Um grupo de mulheres corria na nossa direção, cada uma delas carregando um par de cestos numa vara de bambu.

– Está bem, irmã?

– O que aconteceu?

Revistei o meu corpo, mas os meus dedos só encontraram vazio.

– Os ladrões levaram todo o meu dinheiro.

– Eu sabia. – Uma das mulheres bateu com a ponta da sua vara de transporte na rua.

– Hanói pode ser um lugar perigoso, irmã – disse outra mulher. – Não ande por aí sozinha quando começa a escurecer.

Paralisei, com Sáng à cintura, sentindo-me como uma árvore sem as suas raízes. Era incredivelmente estúpida. Tinha desperdiçado todo aquele tempo a comprar e a vender para todos os rendimentos me serem roubados. Que ia eu fazer naquela cidade sem dinheiro nenhum?

Alguém descascou uma batata-doce e deu-a a Sáng. Ele parou de chorar, mastigando-a. Meu pobre rapaz, estava outra vez com fome.

Devia haver agora umas quinze mulheres à nossa volta. Lençóis cobriam os seus cestos, de onde se erguia o doce aroma de inhames, batatas e mandiocas cozidas.

– Estava a vender fruta – disse eu às mulheres. – A turba levou os meus cestos e a minha vara.

– Que terrível! O que vai fazer?

– Tenho de chegar ao centro histórico, irmãs, de encontrar a rua da Prata.

– Mas é uma longa caminhada, e está a ficar escuro.

Tinha-se juntado mais neblina em nosso redor, ocultando a rua em frente. A chuva ligeira trespassava o ar frio.

– Irmãs, tenho de lá chegar esta noite – insisti eu. – Por favor, podem mostrar-nos o caminho?

As mulheres chegaram-se para o lado, juntando as cabeças. Uma delas dirigiu-se a mim.

– Decidimos mudar a nossa rota. Vamos levá-la à rua da Prata.

– Têm... têm a certeza?

– Não é má ideia tentarmos vender por lá.

A vida é boa, Goiaba, porque, de cada vez que eu era derrubada, havia sempre pessoas bondosas para me levantar.

Estava escuro quando chegámos ao centro histórico, um labirinto de vielas trançadas entre velhas casas inclinadas. Olhei para os brilhantes candeeiros de rua no alto de postes de metal. Era tudo muito mais movimentado ali. Jorrava vida para o passeio. Pessoas cozinhavam, lavavam e bebiam chá à porta das suas casas, as suas vozes sussurros suaves contra o vento.

– Aqui está. Rua da Prata. Boa sorte. – Uma das mulheres enfiou-me um saca nas mãos. – Algo de todas nós. São só umas batatas-doces baratas.

Um nó expandiu-se na minha garganta. A bondade humana nunca deixava de me espantar.

Sáng agitou as suas mãozinhas.

– Obrigada, tias – disse eu, em seu nome.

– Obrigado, tias – repetiu Sáng. As mulheres acenaram-lhe também, rindo-se.

Respirei fundo. Diante de mim, estava a rua da Prata, com as suas centenas de casas. Onde poderia ficar a do mestre Thỉnh?

Não sabia o endereço da casa do meu professor. Os seus pais costumavam ser prateiros, pelo que a sua casa tinha de ter uma loja de pratas. Parei no meio da estrada, olhei para os dois lados e decidi seguir na direção onde brilhavam mais luzes.

– *Đẹp quá.* Oh, bonito. – Sáng apontava para as portas e janelas magnificamente iluminadas. Lojas margeavam o nosso caminho. Joias de ouro e prata resplandeciam sob longas bancadas de vidro. Algumas pessoas davam uma vista de olhos, os seus corpos agasalhados dentro de grossos casacos de inverno.

Entrei numa loja onde estava um homem sentado atrás de um balcão, a

trabalhar numa pulseira de ouro. Baixou os óculos, olhando para mim.

– *Chào chú* – disse eu, curvando-me em saudação. – Procuro o meu professor de infância. O mestre Thịnh. Conhece-o? A família dele vive aqui, na rua da Prata.

– O mestre Thịnh? – O ourives franziu a testa já enrugada. – Não foi ele que deixou Hanói por uns tempos para ir ensinar em Nghệ An?

– Sim, foi ele! Eu sou a sua aluna de Nghệ An, tio.

– Costumava ser colega do meu irmão mais velho. – O ourives tirou os óculos do rosto. – Mas o mestre Thịnh... morreu há muitos anos.

Escapou-me um grito das profundezas do peito. Nunca teria então a oportunidade de voltar a ver o meu professor. Aquando da sua partida, tinha-nos dado metade dos seus livros, a mim e a Công.

– Têm uma vontade feroz de aprender. Mantenham-na acesa no vosso interior – dissera-nos ele.

Implorei ao ourives com o olhar.

– Tio, gostaria de falar com a família do mestre Thịnh.

– Já não estão cá. A mulher e os filhos dele mudaram-se para sul. Seguiram os franceses. – Perscrutou o rosto de Sáng. – Anda à procura dele para dizer olá ou passa-se algo mais?

– Tem parentes que ainda vivam por cá, tio?

– Não sei – disse ele. Baixou a voz. – Não é suposto mantermos o contacto com aqueles que migraram para sul, sabe? São nossos inimigos agora. – Voltou a pôr os óculos e retomou o seu trabalho.

A notícia esvaziou o meu corpo de esperança e pensei que ia desmoronar. Não tinha feito planos alternativos. Que estúpida. Nesse momento, a voz da minha mãe ecoou na minha mente: *Còn nước còn tát*. Enquanto ainda houver água, escavaremos.

– Tio... acha que posso falar com as pessoas que vivem em casa dele? – perguntei.

– Bem, boa sorte. Fica a quatro casas daqui, deste lado da rua. É a loja que tem a árvore *bàng* na frente.

Na rua, o inverno voltou a infiltrar-se nos meus ossos. Apertei mais o cachecol de Sáng à volta do seu pescoço. Quaisquer que fossem os obstáculos que tinha pela frente, tinha de os enfrentar para voltar a ver os meus filhos.

Ali estava ela, a loja que ocupava o piso térreo da casa do mestre Thịnh. Parei à porta, ofuscada pelo seu brilho intenso.

No interior, uma mulher de meia-idade surgiu de uma escadaria de madeira.

– Olá, irmã – disse ela alegremente. – Entre. O que procura? Um anel, uma pulseira ou um colar?

Avancei, ciente das minhas sandálias quebradas e dos meus pés com bolhas no chão imaculado. Atrás do balcão, a mulher sorriu. Joias de ouro pendiam-lhe das orelhas e tinham nos seus pulsos.

– Senhora. – Respirei fundo. – Costumava ser aluna do mestre Thịnh...

O sorriso no rosto da mulher esmoreceu. Perscrutou-me da cabeça aos pés.

– O mestre Thịnh morreu há muitos anos. Porque o procura?

– É familiar dele, senhora?

– Não tem nada que ver com isso!

– Desculpe, não era minha intenção intrometer-me. É só que... só posso discutir isto com os familiares do meu mestre.

– Desembuche, então. Sou sobrinha dele. – A mulher pegou num pano, sacudindo-o contra o balcão de vidro, como que querendo afugentar o azar.

– Senhora, o mestre Thịnh foi meu professor. Ensinou-me e ao meu irmão durante cinco anos. Era o melhor amigo do meu pai. Viveu com a minha família na aldeia de Vĩnh Phúc...

– E então? Que quer? – A mulher franziu o sobrolho. O seu olhar desviou-se para Sáng, que estava agarrado a mim, a observar um grande relógio em forma de gato com uma cauda a balançar na parede.

– Imploro-lhe um emprego, senhora. Tivemos problemas com o nosso negócio e perdemos a nossa casa. O mestre Thịnh queria que a sua família ajudasse. Era como um tio para nós...

– Tio? Ajudar? – A mulher riu-se. – Que ridículo! Nem sequer tenho a certeza de que o conhecesse.

– Há algum problema, Châu? – perguntou um homem, descendo as escadas. As suas bastas sobranceiras e os seus olhos brilhantes faziam-me lembrar o meu mestre.

– Olá, senhor. – Curvei a cabeça. – Costumava ser aluna do mestre Thịnh em Nghệ An...

– Não confies em ninguém hoje em dia, *anh* Toàn – disse a mulher, sacudindo o seu pano. – Andam demasiados ladrões por aí.

– Mas tem o sotaque da região do meio. – O homem aproximou-se. – O

tio Thịnh costumava falar-me de Nghệ An. Como se chama?

– Diệu Lan. – Estava esbaforida. – O meu irmão era Trần Minh Công e os meus pais Trần Văn Lương e Lê Thị Mận. O mestre Thịnh ensinou-nos entre 1930 e 1935. Ficou hospedado com a nossa família durante esse tempo. Sabia falar e escrever em chinês e em francês. Ensinou-me a língua *Nôm*. O seu nome completo era Đinh Văn Thịnh, e nasceu no Ano do Dragão. Era um especialista a tocar o instrumento musical *đàn nhị*.

– Sim, assim era o meu tio, o estudioso – assentiu o homem, sorrindo.

Lembrei-me do que o meu mestre tinha dito e de que o seu nome, quando ligado ao do seu irmão mais novo, significava prosperidade.

– O mestre Thịnh disse-nos que tinha um irmão mais novo chamado Vượng que deu continuidade à tradição familiar de produzir prata para que ele pudesse ensinar.

– É o meu pai. É verdadeiramente a Diệu Lan, então. – O homem juntou as mãos. – Quando chegou a Hanói, irmã?

– Irmã isto e irmã aquilo – resmungou a mulher. – Não nos podemos dar ao luxo de fazer caridade com todas as pessoas que o tio Thịnh conheceu.

O homem ignorou a mulher. Puxou uma cadeira para eu me sentar.

– Diệu Lan, o seu pai costumava vir cá com o seu carro de búfalos. Não foi em 1942 que deixou de vir? O meu tio ficou muito triste.

– Sim, foi em 1942... O meu pai vinha a caminho de Hanói e planeava ver o mestre Thịnh, mas... mas um acidente matou-o. Desde então, aconteceram-nos coisas terríveis. Perdi a minha mãe, o meu irmão e o meu marido. – Odiava chorar, mas as minhas lágrimas fluíram, aquecendo-me as faces. – Por favor, imploro-lhe um emprego. Posso limpar, cozinhar, lavar, ajudar com qualquer tarefa doméstica.

O homem fechou os olhos por um momento, virando-se depois para a mulher.

– Châu... tens andado tão enervada com as crianças. Seria bom ter alguma ajuda.

– Ajuda? Como pode ela ajudar com um filho tão pequeno agarrado às saias? Contrata-a, e teremos fardos adicionais.

– Senhora, arranjaréi alguém para tomar conta do meu filho. – Não sabia quem, mas devia haver uma maneira. – Posso fazer todo o tipo de tarefas domésticas. Sou boa com crianças.

– Não confio em estranhos – retorquiu a mulher.

O homem abanou a cabeça.

– Diêu Lan, as minhas desculpas. Preciso de falar sobre isto com a minha mulher. Volte amanhã à tarde, e dir-lhe-ei.

– Não há nada para falar – silvou a mulher. – Não ouviste falar na Reforma Agrária? Ela pode ser uma proprietária rica em fuga. Ajuda-a, e teremos problemas.

– Cala-te – explodiu o homem. – Não deixes que gente perversa te envenene a mente.

Levantei-me para sair, mas não sabia para onde ir. Do outro lado da porta, a escuridão parecia albergar os homens que ainda há pouco me tinham assaltado. Na esperança de que o sobrinho do mestre Thỉnh me perguntasse onde ia eu dormir, voltei a sentar-me, pondo Sảng no meu colo. Tirei o meu cachecol, enrolando-lho à volta da cabeça. Se íamos escolher o passeio como nosso lar, o meu bebé tinha de se manter quente.

– Espere – exclamou o homem. – O que aconteceu ao seu pescoço, Diêu Lan? Está a sangrar.

Levei a mão ao pescoço. Tinha ficado demasiado atordoada com o assalto para me aperceber da dor, que agora despertava sob o meu toque. Os meus dedos tatearam um líquido viscoso. Sangue. Em grande quantidade. O meu cachecol tinha-o escondido às vendedoras e à Sra. Châu, mas agora devia ser uma visão impressionante.

– Que *nojo* – disse a mulher. – Não acreditaste em mim, mas não vês, *anh* Toàn? Está realmente a trazer-nos azar.

– Tem de ir ver o Sr. Vãn, o curandeiro. Eu levo-a – disse-me o homem.

– Não levas, não – contestou a mulher. – A Sra. Chinh vem buscar os brincos dela, e ainda não estão prontos.

– A senhora tem razão, posso encontrar o meu próprio caminho até ao Sr. Vãn, senhor – disse eu, fazendo uma vénia ao homem.

– Está a algumas centenas de metros daqui. – Com um suspiro, o homem apontou para a sua direita. – Se perguntar aos nossos vizinhos, eles indicam-lhe o caminho para o Templo Kim Ngân. É o guardião de lá.

Zonza, dirigi-me à porta. Mesmo que encontrasse o curandeiro, tratar-me-ia ele sem nenhum dinheiro?

Vagueei pela rua da Prata, passando por casas e lojas cheias de pessoas e da sua felicidade. O meu coração soluçava pelos meus filhos. Que erro terrível tinha cometido ao caminhar até Hanói para me tornar uma ave sem

ninho, uma árvore sem raiz.

Quando encontrei o templo, passei pelas antigas portas de madeira da sua entrada, atravessando um pátio espaçoso, e vi um homem de longos cabelos brancos. Também a sua barba era branca, chegando-lhe ao peito. Sentado de pernas cruzadas no alpendre, estava imóvel; tinha os olhos fechados, as costas direitas, as mãos no colo.

Sáng manteve-se nos meus braços, a observar. Ao fim de longos momentos, o homem respirou fundo algumas vezes e abriu os olhos. Dirigiu-me a ele, curvando profundamente a cabeça. Ele cumprimentou-me com um aceno. A sua calma fazia-me lembrar os sábios que sempre apareciam nos nossos contos de fadas para levar bênçãos aos desafortunados. Os meus instintos disseram-me que devia ser o Sr. Vãn.

– Tio, disseram-me que é curandeiro, mas não tenho dinheiro nenhum. – Quando as palavras me fugiram da boca, a vergonha fez-me sentir do tamanho de uma formiga.

– Como te posso ajudar, minha filha?

Ajoelhei-me, mostrando-lhe o meu pescoço.

– É uma ferida profunda – observou o Sr. Vãn, retraindo-se. Foi buscar a sua caixa de remédios e tratou do meu ferimento. – Alguém te cortou com uma faca? O que aconteceu?

– Assaltantes, tio, hoje mesmo.

– Tens sorte em não te terem causado outros danos. – Abanou a cabeça.

– Uma jovem como tu devia saber como se proteger nestes tempos caóticos.

Passámos a noite na rua. O ar estava frio, mas eu estava quente. O Sr. Vãn não me tinha cobrado pelo tratamento. Perguntara-lhe se conhecia alguém que pudesse tomar conta do meu bebé, e ele tinha-me levado a casa da Sra. Thự, uma das suas vizinhas. Era uma artesã, hábil a fazer animais de papel. Aceitou tomar conta de Sáng em troca de eu lhe limpar a casa e lavar a roupa. O nosso acordo tinha de ser mantido em segredo, como é evidente.

Mal passava da hora de almoço quando regresssei à loja, que parecia ainda maior e mais luminosa do que na noite anterior. O sobrinho do mestre Thỉnh estava atrás do balcão.

– Olá, senhor – cumprimentei-o eu.

Ele ergueu o olhar.

– Trate-me por Toàn, por favor. – Olhou para a entrada e baixou a voz. –

A minha mulher aceitou que nos ajudasse, mas, por favor, mantenha-se longe da vista quando aqui estiver. Não saia a menos que tenha de o fazer. Se alguém perguntar, finja que é a minha prima que nos veio visitar por alguns dias. E se houver algum sinal de problemas...

– Então parto.

Nessa tarde, sob o olhar atento da Sra. Châu, limpei a casa, lavei baldes de roupa, fiz o jantar e dei banho às crianças quando chegaram da escola. Tentei manter um rosto alegre, mas, Goiaba, a escuridão avassalava cada célula do meu corpo. Ali estava eu, a tomar conta dos filhos dos outros quando tinha abandonado os meus.

Trabalhava doze horas por dia, todos os dias da semana, exceto metade do dia ao domingo. A Sra. Châu podia ter aceitado contratar-me a pedido do marido, mas parecia gostar de me ter como *nô lệ* – uma escrava a quem dar ordens. E o meu salário era tão baixo, que não sobrava nada depois de pagar por um sítio para dormir nas traseiras da casa da artesã e de comprar escassos alimentos para mim e para Sâng.

Como poderia alguma vez conseguir uma casa e levar os meus filhos para Hanói?

Procurei um emprego melhor, mas havia muitos desempregados sentados nas esquinas das ruas, a oferecer o seu trabalho por quase nada. Tentei agradar aos meus empregadores, na esperança de um aumento salarial, mas tudo o que recebia da Sra. Châu eram queixas. Queria pedir ajuda ao Sr. Toàn, mas não me atrevia. Notícias do castigo dos proprietários estavam a chegar a Hanói. Cada aldeia, povoação e vila tinha recebido uma quota de quantos proprietários ricos condenar, espancar ou executar. Nas aldeias mais pobres, até agricultores com terrenos minúsculos tinham sido mortos, e a sua propriedade confiscada.

Perguntei-me se o Sr. Toàn sabia. Nunca me fez perguntas. Acho que tinha medo de saber a verdade. Não o culpava.

Assim, os dias passavam. Enquanto fazia as tarefas, cantava e ria com os filhos dos meus patrões, sofria. O sono já não vinha quando a noite chegava. Ficava apenas deitada no escuro, a pensar em Minh, Ngọc, Đạt, Thuận e Hạnh, rezando para que estivessem bem e a sobreviver. Temendo não conseguir voltar a encontrar os meus filhos, mapeei os locais onde os tinha deixado numa folha de papel. Aprendi o mapa de cor e todas as noites falava a Sâng sobre ele, para que talvez um dia ele pudesse encontrar os seus irmãos

e irmãs, caso algo me acontecesse.

Sempre que podia, vagueava por Hanói, em busca de Minh. Foram muitas as vezes em que corri atrás de homens na rua, porque, vistos de trás, se pareciam com ele. Mas a minha busca só me trazia tristeza. Se Minh não estava ali, em Hanói, como poderia eu alguma vez voltar a encontrá-lo?

– Mantém a calma. O teu destino mudará. Sê paciente – dizia a mim mesma, lembrando o que a irmã Hiên tinha dito. A estrela que previa a minha sorte tinha vindo a mover-se e em breve encontraria uma forma.

Quando regressei ao Templo Kim Ngân para agradecer ao Sr. Vãn, descobri que ele dava aulas de autodefesa gratuitas.

Devo dizer-te, Goiaba, que detesto a violência. Mas a vida ensinou-me que devo desenvolver a minha força interior e as minhas capacidades físicas, não só para me defender a mim mas também aqueles que me rodeiam.

Assim, todos os domingos à tarde, ia com Sâng ao templo, o meu bebé a praticar os seus passos pelo caminho. Ao chegar ao pátio do templo, onde o perfume das flores de frangipani se demorava, dedicava toda a minha atenção a ser aluna. Sâng brincava alegremente no terraço, com os filhos dos meus colegas, ou sob a sombra dos altos frangipanis.

A minha aula de autodefesa revelou-se uma grande bênção. Tendo vencido muitas competições de artes marciais, o mestre Vãn tinha desenvolvido um método de defesa pessoal chamado Kick-Poke-Chop. A ideia principal é, quando um homem nos tenta esmurrar e magoar com gravidade, recuar, bloquear os murros com os braços, ganhar impulso e pontapeá-lo em cheio na virilha. Enquanto ele se agacha de dor, agarramos-lhe nos cabelos, damos-lhe uma joelhada no rosto e depois usamos o braço para lhe desferir um retumbante golpe no pescoço.

Assim, Goiaba, deixa-me mostrar-te. Sim, pontapeia assim, mas tem de ser com força. Com mais força. A direito. Usa a planta dos pés. Isso, ótimo. Não te rias. Faz outra vez. Muito bem! Agora que estou encolhida de dor, que fazes? Sim, sim, agarras-me no cabelo, puxas-me a cabeça para baixo e bates-me no pescoço. Assim. Sim, mas tem de ser com força. Mais tarde, ensino-te como deve ser, está bem?

A aula do mestre Vãn ajudou-nos, a mim e aos meus colegas, a endurecer os músculos dos braços. Batíamos repetidamente com eles nos braços uns dos outros e contra troncos de árvores. Meditávamos para melhorar a nossa capacidade de concentração e de manter a calma durante emergências.

Aprendemos a pensar e a agir com rapidez.

O mestre Vãn ensinou-nos ainda formas de lidar com situações em que os nossos atacantes tinham armas. Mostrou-nos como desarmar esses atacantes e derrubá-los. Fazia-nos treinar tanto, que suávamos furiosamente, os nossos músculos a gritar de dor. Quando se sentiu confiante de que eu era suficientemente boa, pediu aos homens da minha turma para me atacarem com facas verdadeiras e armas a fingir.

A minha mãe costumava dizer que «a sorte se esconde dentro do azar». É bem verdade. Os ladrões tinham roubado o meu dinheiro todo, mas foi o ferimento que me causaram que me levou ao mestre Vãn, e seria o mestre Vãn quem ajudaria a mudar o meu destino.

Aconteceu em finais de fevereiro de 1956, quase três meses após a minha chegada a Hanói. Estava a limpar a casa do Sr. Toàn e da Sra. Châu. Era hora do almoço, e a rua estava tranquila. Ao sair para a loja para varrer o chão, vi um homem corpulento de costas para mim. Segurava a Sra. Châu com uma mão, encostando-lhe uma faca ao pescoço com a outra.

– Todo o vosso ouro e prata. Para o saco. Depressa! Nem um som, ou corto-lhe a garganta.

Atrás do balcão, o Sr. Toàn parecia pálido como um fantasma.

– Enche o saco, depressa. – O homem apertou mais a faca contra o pescoço da Sra. Châu. Ela guinchou, mas ele tapou-lhe a boca com a mão. – Queres morrer, cabra?

Um saco castanho tinha sido depositado em cima do balcão. O Sr. Toàn começou a atirar joias lá para dentro.

Silenciosa como um gato, aproximei-me do ladrão. Os meus dedos tornaram-se poderosas garras que agarraram no pulso do assaltante, afastando-o do pescoço da Sra. Châu e torcendo-o violentamente. As minhas horas de treino tinham-me dado um poder tremendo. Com um tinido, a faca caiu ao chão.

O assaltante virou-se para me enfrentar, mesmo a tempo de eu lhe espetar os dedos nos olhos. Uivando, libertou a Sra. Châu, que correu para o seu marido. Enquanto o ladrão levava as mãos ao rosto, pontapeei-o em cheio na virilha, agarrei-o pelos cabelos e desferi-lhe um golpe retumbante no pescoço, fazendo-o cair ao chão.

A Sra. Châu estava histérica enquanto eu segurava as mãos do assaltante

atrás das suas costas, prendendo-o com o joelho. Gritei ao Sr. Toàn que fosse buscar uma corda. O sangue tinha-se esvaído do rosto do ladrão. Tinha sorte em eu não ter usado toda a minha força para lhe atacar os olhos. Sabia que doíam, mas não os perderia.

Os vizinhos chamaram a polícia, que levou o assaltante. O Sr. Toàn e a Sra. Châu estavam tão chocados, que fecharam a loja pelo resto do dia. Na manhã seguinte, quando regressei ao trabalho, a Sra. Châu chamou-me ao seu quarto.

– Feche a porta – disse-me ela. – Onde aprendeu a lutar assim?

– Com o mestre Vãn, o guardião do templo, senhora.

– Compreendo. – Perscrutou-me o rosto. – É uma grande lutadora, Diêu Lan. É impossível saber do que alguém com as suas capacidades poderia ser capaz. Se consegue derrubar um matulão daquela maneira, quem sabe se não poderia pensar em me subjugar da mesma forma? Se virasse para aí a cabeça, podia provavelmente espancar-me até à inconsciência.

Fiquei estarrecida.

– Mas eu... salvei-a. Salvei a sua fortuna.

– Sim, mas salvou-a para quê? Quem sabe se não a planeia tomar para si mesma? O meu marido é um homem muito bem-sucedido. Seria um belo partido para qualquer mulher. Sobretudo para uma pobre e desamparada, a passar por dificuldades.

– Isso não é verdade, senhora. – Mantive-me educada, mas estava muito zangada.

– Oh, vá lá, acha que sou estúpida? Vi a forma como ele olha para si... e quem o pode culpar? Esses seus grandes olhos, a pele suave e as pernas longas, esses grandes seios. Também vi a forma como se pavoneia para ele.

– Isso é ridículo!

– Oh, sim, claro. Pobre e inocente Diêu Lan. Não faria mal a uma mosca. Mas vi a forma como ele olha para si. Estou certa de que conhece o velho ditado. *Nuôi ong tay áo*. Não posso criar abelhas na manga da minha camisa. Portanto, Diêu Lan, vou ter de a dispensar.

– Está a despedir-me?

– Digamos apenas que estou a tomar conta da minha família. Aqui tem o seu último salário. Leve-o e não volte, caso contrário tornarei a sua vida miserável.

Atirou um pequeno saco de pano para cima da cama. Baixei-me para o

apanhar. Era leve. O que ia eu fazer com as poucas moedas que ela me tinha dado?

O Sr. Toàn estava no andar de baixo, a atender um cliente, quando eu passei silenciosamente por ele. Não me despedi, para evitar mais problemas com a Sra. Châu. Era uma leoa Hà Đông, uma mulher irracionalmente ciumenta.

De regresso aos meus aposentos, sentei-me com Sánh na nossa esteira de palha. Que ia eu fazer agora, sem emprego? Quando poderia reunir os meus filhos nos meus braços?

Sánh afastou-se, gatinhando em direção ao saco de pano, que eu tinha atirado para cima da esteira sem pensar. Ao abri-lo, algumas reluzentes moedas de metal caíram.

Peguei-lhes, arquejando.

O Sr. Giáp, o ourives, fitou-me com o rosto cheio de perguntas depois de eu lhe mostrar as moedas.

– Onde arranjou isto?

– Deram-mas os parentes do mestre Thịnh, tio. São verdadeiras?

Ele semicerrou-me os olhos. Depois de pedir à mulher para tomar conta da loja, disse-me para esperar na rua, pegou no saco e partiu apressadamente. Não fazia ideia de onde ia, mas a expressão furiosa no seu rosto impediu-me de fazer qualquer pergunta.

No passeio, sentia-me como se me estivessem a assar as entranhas. Se as moedas fossem realmente de ouro e prata, o meu destino mudaria. Mas e se a Sra. Châu estivesse a brincar comigo? Olhei em volta. Nem sinal do Sr. Giáp. Era uma hora movimentada do dia, com pessoas a circular apressadamente.

Sánh estendeu a mão para o meu rosto.

– Mamã, mamã – balbuciou.

O Rapaz do Campo

HANOÍ, 1976

O canto estridente das cigarras atravessava o céu. O ar dilatava-se com o calor do verão. Escorria-me suor pelo rosto. A minha mochila da escola era um rochedo às minhas costas. Inclinei-me para a frente, pedalando. Tinha de chegar a casa depressa, para evitar o calor do meio-dia.

Sons de rangidos brotaram debaixo dos meus pés. Fiz força contra os pedais. Um estalido ominoso.

Guiei a bicicleta para o passeio, encostando-a a uma árvore. A corrente tinha-se soltado de ambas as engrenagens, expondo os recortados dentes de metal.

Enfiei as mãos pelo quadro, estendendo-as para a corrente, tentando erguê-la. Recusava-se a ceder. Óleo negro colava-se à minha pele. O sol batia implacavelmente sobre mim. Puxei com mais força. Nada aconteceu.

– Precisas de ajuda? – Ao erguer o olhar, vi Tâm, o seu rosto emoldurado por uma copa vermelha de exuberantes flores *phượng* acima dele. Não falava com ele havia meses. O meu coração começou a palpitar.

Escondi as mãos negras atrás das costas e murmurei um olá.

– Oh, estou a ver. A corrente. – Tâm agachou-se ao meu lado e estudou a bicicleta.

Os homens são maus, disse uma voz na minha cabeça. *Não te deixes apaixonar pelo Tâm.*

Podes gostar dele, argumentou outra voz. *É tão amável e generoso como o teu pai, o tio Đạt e o tio Thuận.*

Fiquei colada ao passeio enquanto Tâm se levantava, afastava e regressava com um galho. Partiu-o ao meio.

– Tenta não usar os dedos da próxima vez. – Um sorriso persistia-lhe no olhar. – Este óleo é difícil de limpar.

Arregaçou as mangas da sua camisa. Dei por mim a olhar para os músculos dos seus braços. Perguntei-me se tinha adquirido esses músculos a cavar nos campos de arroz. Com um movimento veloz, Tâm virou a bicicleta ao contrário e ergueu a corrente com as duas metades do galho. Soltou a parte que estava presa, enfiando a corrente de novo nas suas engrenagens.

– Arranjo bicicletas com o meu tio durante a tarde. – Tâm fez rodar o pedal. – Esta corrente está demasiado solta. Vai voltar a dar-te problemas.

– Já aconteceu duas vezes esta semana. – Subiu-me um calor ao rosto. As raparigas da minha turma andavam a sussurrar sobre Tâm. Eram várias as que tinham um fraquinho por ele. Perguntei-me se ele sabia.

Tâm pôs novamente a bicicleta de pé.

– Vamos arranjá-la, então. – Olhou diretamente em frente, o rosto subitamente animado. – Estás a ver, além?

Semicerrando os olhos, vi um homem a alguma distância de nós. Estava agachado no passeio, debruçado sobre algo que parecia uma bacia de latão.

– Um mecânico de bicicletas?

Tâm sorriu e acenou. Empurrou a minha bicicleta. Caminhámos lado a lado. Uma brisa fresca soprava sobre nós, desfraldando uma doce fragrância. Do outro lado da estrada, folhas gigantescas e flores cor-de-rosa enchiam um lago. Lótus. Porque não tinha reparado nelas antes?

– Pareces ter-te adaptado bem. – Enfie uma madeixa de cabelo atrás da orelha, odiando-me por tentar encantar Tâm.

– Gosto realmente disto aqui. Nem acredito que já passaram cinco meses.

Cinco meses. Passara todo esse tempo desde que lhe tinha feito uma visita guiada à nossa escola. Podíamos não ter falado, mas tinha-o visto a observar-me.

– Ainda bem que a tua mãe regressou ao seu emprego como médica em Bạch Mai e que o teu tio Đạt está a melhorar – disse Tâm.

– Mas como... como sabes?

– Perguntei por ti, claro. Tiveste notícias do teu pai?

Abanei a cabeça.

– Sabes... tinha esperanças de me cruzar contigo, para podermos conversar.

– Sobre o quê?

– Bem, não te lembras das muitas coisas de que falámos?

Desviei o rosto, escondendo o meu sorriso. Não lhe podia dizer que tudo

o que tínhamos dito um ao outro era como uma canção que não parava de tocar na minha cabeça.

O mecânico era um homem idoso cujo cabelo parecia um tufo de nuvem que tinha caído do céu. Segurava a câmara de ar insuflada de um pneu de bicicleta, mergulhando-a numa bacia com água. Uma senhora sentava-se ao seu lado, a assistir. Arquejou quando uma torrente de bolhas brotou da câmara de ar, subindo à superfície.

– É um grande buraco, não admira que tivesse o pneu vazio – disse o homem à senhora. Empurrou um palito contra as bolhas e para o interior da câmara de ar. – Estou só a marcar o buraco para o arranjar mais tarde. Vejamos se há mais algum.

Esperava ter de aguardar pelo mecânico, mas Tâm perguntou-lhe se lhe podia emprestar algumas das suas ferramentas.

– Serve-te à vontade – disse o homem, apontando para uma caixa de metal.

Tâm largou a sua mochila escolar no passeio. Corria-lhe suor pelo rosto enquanto soltava a corrente, a encurtava e voltava a colocá-la. Rodou o pedal, ouvindo o som suave que a bicicleta agora produzia e acenando com a cabeça. Apertou os travões, verificou os pneus e deu-lhes algum ar com uma bomba manual.

– Parece um especialista. Onde o encontraste? – perguntou-me o mecânico. Tinha acendido uma fogueira e estava a usar um par de pauzinhos de metal para aquecer um pedaço de borracha.

– O Tâm é meu colega de escola. – Senti o meu rosto enrubescer.

– Parecem um belo casal. – A senhora piscou-me o olho.

– Não podia concordar mais – disse o mecânico, enquanto punha a câmara de ar, agora esvaziada, numa tábua de madeira. Retirou o palito, selando o buraco com o remendo de borracha aquecido. Pondo uma placa de metal liso por cima, bateu-lhe algumas vezes antes de mergulhar a câmara de ar na bacia. A água chiou, projetando uma voluta de fumo e vapor para o alto.

Fingi observá-lo, esperando que Tâm não tivesse ouvido o que a senhora tinha dito sobre sermos um casal.

– Feito. – Tâm deixou a minha bicicleta apoiada no suporte. Devolveu as ferramentas ao mecânico e ajudou-o a recolocar o pneu na bicicleta da senhora.

– Obrigado, meu jovem. – O mecânico parecia impressionado.

– Que rapaz simpático. – A senhora inclinou-se para mim. – Não o percas de vista.

O mecânico ergueu a sua lata de água, mas parecia estar vazia.

– Além. – Apontou na direção do lago dos lótus. – Têm lá muita água para lavar as mãos.

Desejei poder pegar na mochila de Tâm. Com as minhas mãos negras, fiquei ali parada, como uma idiota, enquanto a senhora lhe punha a alça da mochila ao ombro. Ele agradeceu-lhe e virou-se para mim.

– Vamos?

Com Tâm a guiar a minha bicicleta, atravessámos a estrada rumo à margem do lago. A alguma distância de nós, atrás de um anel de água ondulante, os lótus estendiam-se, as suas flores a abrir-se ao vento.

Tâm encostou a minha bicicleta a uma árvore antiga. Largando a mochila na relva, acorcorou-se na margem, que se erguia muito acima da superfície do lago. Inclinou-se para a frente, recolhendo alguma água para lavar as mãos.

Larguei também a minha mochila, desejando poder seguir Tâm, mas temendo cair ao lago. Parecia fundo, e eu não sabia nadar.

– Anda, vem lavar as mãos – disse Tâm. Antes que eu pudesse responder, atirou um punhado de água contra mim.

Dei alguns passos atrás.

– Não...

Tâm riu-se, baixou-se e recolheu mais um punhado. Fugi – e tropecei numa grande e saliente raiz de árvore.

– Hươg! – exclamou Tâm. Correu para mim. – Magoaste-te?

Ri-me, tentando voltar a levantar-me. Tâm estendeu as mãos e puxou-me para cima. A sua força quase me fez colidir contra ele. O seu cheiro fez o meu coração saltar-me no peito. Estávamos agora tão perto. Podia sentir a sua respiração no meu rosto.

– É a minha vez – disse eu. Os olhos de Tâm arregalaram-se de repente enquanto as minhas mãos lhe espalhavam óleo pelas faces. Virei-me e desatei a fugir. Tâm agarrou-me pela cintura, detendo-me.

Ri-me. Tâm puxou-me na sua direção, o seu peito a roçar contra as minhas costas.

Encarámo-nos. Baixei o olhar para evitar o seu. Uma nova e poderosa

sensação inundava-me. Ficámos em silêncio, o vento a soprar sobre as nossas cabeças.

– Eu... tenho de ir. – Afastei-me dele, todo o meu corpo a formigar. – Deve ser tarde e tenho de...

– Vem lavar as mãos. – Tâm agarrou-me no braço, guiando-me de regresso ao lago. Aí, recolheu água e esfregou-me o óleo da pele. Depois de terminar, baixei-me, molhando o meu lenço na água. Com Tâm ao meu lado, já não tinha medo de cair.

Tâm fechou os olhos enquanto eu levava o lenço ao seu rosto. Ternamente, limpei as marcas negras.

Ele abriu um olho para me fitar, a sua boca elevando-se num sorriso radiante.

– Ajudas-me com uma coisa?

– Quê? – perguntei eu, tentando evitar olhar fixamente para as suas longas pestanas e para os seus lábios cheios.

– Seguras-me na mão?

– Hã?

Apontou para uma flor de lótus mesmo no limiar do nosso alcance. Em seguida, indicou a raiz saliente da árvore antiga.

– E agarras-te a isso?

– Mas... tens a certeza de que é permitido?

Ele encolheu os ombros, sorriu e deu-me a mão.

Agarrei-me à raiz. A minha outra mão apertava a mão de Tâm.

– Tem cuidado.

Agarrando-se bem a mim, Tâm estendeu o corpo para a água. Fechei os olhos, não querendo vê-lo cair. Não pensei que conseguisse chegar à flor, mas, quando arrisquei um olhar, as pétalas róseas tremulavam contra o seu peito.

Ofereceu-me a flor.

– Para a rapariga mais encantadora e inteligente.

Escondi o sorriso atrás do lótus, a sua fragrância a cortar-me a respiração.

– Ei. Seus ladrões! – Gritos coléricos brotaram de algures na água. Virei-me para ver um homem a gesticular freneticamente. Remava uma sampana na nossa direção. – As minhas flores!

– Ups. – Tâm puxou-me para cima. Enquanto eu me apressava a agarrar nas nossas mochilas, pondo-as ao ombro, apanhou o meu lenço.

Apressadamente, empurrou a minha bicicleta pela relva e para a estrada.

– Desculpe-me, tio – gritou Tâm ao barqueiro. – Esta flor é a primeira que alguma vez apanhei para uma rapariga. Por favor, perdoe-me.

Não estava certa de que o barqueiro tivesse ouvido Tâm. Continuava a remar furiosamente, gritando pelo caminho. Tâm saltou para a minha bicicleta. Eu saltei para trás dele.

Agarrada à sua cintura, os meus dedos ardiam ao sentir os músculos através da sua camisa. Tâm acelerou pelas ruas, navegando por entre o trânsito.

– Estás bem?

– Claro – respondi eu, rindo, a flor aninhada contra o meu peito.

O nosso riso elevou-se em conjunto. À minha volta, o verão estava em pleno vigor. Algo desabrochou também dentro de mim.

– Então... para onde agora? – perguntou Tâm.

– Oh, não! *Que* horas são? – Como podia ter-me esquecido de que o tio Đạt estava sozinho e precisava da minha ajuda? – Devia despachar-me a ir para casa.

– Eu levo-te lá.

Tâm já conhecia o labirinto que compunha as ruas de Hanói. Encontrou um atalho que nos levou a Khâm Thiên.

Havia muito tempo que nenhum amigo visitava a minha casa. Querendo exhibir Tâm a Thủy, olhei atentamente ao passarmos por sua casa. Nem sinal dela. Tinha desistido da escola e arranjado um emprego a encordoar cortinas de bambu para uma cooperativa.

Abri a nossa porta e deparei com a avó.

– Por onde andaste? – As rugas no seu rosto aprofundaram-se.

– *Chào bà.* – Tâm curvou-se em saudação.

Ela assentiu, fitando-o, sem que uma só palavra lhe fugisse dos lábios.

Tâm virou-se para mim.

– Até amanhã.

– Quem é aquele? – perguntou a avó, enquanto eu empurrava a minha bicicleta para dentro.

– Gostaria que fosses mais simpática, avó. Não o podias ter convidado a entrar?

– Não sei quem ele é. E onde foste?

– Não posso ter amigos? – Atirei a minha mochila para o chão,

agarrando-me ao lótus. De certeza que agora Tâm já não gostava de mim.

– A Hương tem razão, mamã – disse o tio Đạt, da sua cadeira de rodas. – Já é uma rapariga crescida. Dá-lhe alguma liberdade. – Sorriu-me. – Tens aí uma bela flor.

– Ainda bem que alguém reparou. – Estendi-lha.

Ele apontou para a mesa.

– Come, a comida está a arrefecer.

Atirei-me aos pratos e tigelas, sabendo que devia lavar as mãos primeiro. Mas ainda sentia o toque de Tâm, suave na minha pele; queria conservá-lo.

A avó vasculhou o armário em busca de um vaso.

– Uma rapariga seria uma amiga melhor para a tua idade, Hương.

– É um colega da escola, avó. – Revirei os olhos.

– Como é possível nunca o ter visto antes? E aquele sotaque da região do meio...

– Mudou-se para cá há um par de meses, da província de Hà Tĩnh.

– Não é muito longe da nossa aldeia natal – comentou o tio Đạt, inalando o perfume do lótus. – Os homens de Hà Tĩnh são conhecidos por serem honestos e trabalhadores.

Sorri ao meu tio, grata por ele estar do meu lado.

– Isso veremos – disse a avó, depositando o vaso e o lótus na mesa. Serviu-me um copo de água. – Como estava a dizer, Đạt, pedi à Hạnh que republicasse o aviso de busca nos jornais. Com sorte, o teu irmão Minh vê-lo-á.

– Achas que ele está no Sul, mamã?

– Tenho a certeza. – A avó virou-se para mim. – A tua tia também publicou avisos de busca para o teu pai. Dir-nos-á assim que tiver alguma notícia.

Assenti, lembrando-me de que devia escrever mais vezes à minha tia. O nosso provérbio dizia *Xa mặt cách lòng* – longe da vista, longe do coração, mas a tia Hạnh tinha-se mantido próxima apesar dos mais de mil quilómetros que nos separavam.

Depois de eu ter arrumado os pratos e tigelas, a avó pôs um grande cesto na mesa, descarregando pedaços de pneus de borracha espalmados.

O tio Đạt debateu-se, mas conseguiu mudar-se para uma das cadeiras de jantar. Há meses que andava a treinar os braços, levantando pesos pesados. Desejei que as pernas artificiais chegassem em breve. A avó tinha vendido os

leitões e juntado todas as suas poupanças, assim como dinheiro da tia Hạng e da minha mãe. O meu tio tinha ido medir os cotos, mas estava a demorar mais tempo do que esperávamos até as pernas estarem prontas. Com tantos soldados feridos, a procura por membros artificiais era demasiado alta.

Empurrámos a cadeira para mais perto da mesa. O tio Đạt inclinou a parte superior do corpo para a frente, estendendo a mão para o cesto. Ergueu uma grande tesoura. A avó pegou num pedaço de cartão com a forma da base de uma sandália, colocando-o em cima de um pedaço de borracha.

– Oh, sim. – O tio Đạt começou a cortar.

– O que é tudo isto? – perguntei eu.

– O teu velho tio arranjou um emprego – respondeu o tio Đạt, sorrindo.

– A fazer sandálias. Fantástico, não é?

– Para a Cooperativa Thuận Việt – acrescentou a avó, e eu compreendi. O único par de sandálias de borracha do tio Đạt tinha sobrevivido à sua dura marcha de seis meses pelas selvas. Eram sandálias robustas, baratas e estavam a tornar-se cada vez mais populares.

– Fácil como comer papas – disse ele. – Costumava arranjá-las constantemente.

O hálito do tio Đạt já não tresandava a álcool. Mas não tinha sido fácil para ele deixá-lo. Mandava-nos deitar o álcool todo fora só para depois esquadrihar a cozinha, desatando aos gritos quando não encontrava nenhum. Dias houvera em que ficava na cama, recusando-se a falar. Felizmente, a menina Nhung tinha estado lá sempre que ele mais precisara. Passavam muito tempo juntos no quarto do meu tio, e a avó dizia-me para não os incomodar. Às vezes, ouvia gemidos suaves vindos da porta fechada e sentia-me corar. Imaginava o tio Đạt e a menina Nhung a beijarem-se, da forma como eu queria beijar Tâm.

Ao pensar em Tâm, senti o meu corpo aquecer. Quando poderia voltar a falar com ele? Tivera dúvidas a seu respeito, mas o tio Đạt tinha dito que os homens de Hà Tĩnh eram honestos. Honestidade era o que eu mais precisava num amigo.

– Tenho de voltar para o trabalho – disse a avó. – Se te enganares, Đạt, não te preocupes. Estes pneus são baratos.

– As minhas sandálias vão ser melhores do que as deles, garanto-te. – Os olhos do tio Đạt mantiveram-se fixos na tesoura.

– Tem cuidado na estrada, avó. – Empurrei a sua bicicleta para a viela. Não me agradava o quanto era mandona, mas sabia que estava a velar por mim.

– Volto tarde. Não resta muita comida, mas ainda temos algum peixe seco.

Testei o travão da bicicleta.

– Peixe seco é perfeito, avó. Cozinho eu esta noite.

Um aguaceiro cobriu a tarde. A minha mãe chegou a casa como uma folha trémula. Puxei-a para o nosso quarto, onde a sua cama jazia ao lado da que eu partilhava com a avó. Ajudei-a a secar-se e exortei-a a mudar de roupa; senti um aperto na garganta ao ver como as suas costelas se projetavam. Os seus pesadelos tinham regressado em força. Durante a noite, a avó e eu revezávamo-nos a ocupar o seu lado, abraçando-a enquanto tremia violentamente, aos gritos.

E eu desejava poder abraçá-la com tanta força, que pudesse espremer dela todas as memórias terríveis.

Mas a minha mãe não me deixava compadecer dela. Assim que acabou de se vestir, pegou no meu pente, desemaranhando-me o cabelo. Perguntou-me pela escola e falou-me do seu dia. Alegrava-se por se sentir novamente útil. O seu hospital debatia-se com demasiados pacientes, poucos médicos e ainda menos medicamentos. Havia muito a fazer, e arrependia-se de todos os meses que tinha desperdiçado ao ficar em casa, enfurecer-se com todos e culpar-se.

Ao entardecer, a menina Nhung apareceu e sentou-se com o tio Đạt à mesa de jantar. Ele convenceu-a a juntar-se-lhe no fabrico de sandálias de borracha, para conseguir também um rendimento extra. Quando fiz uma pausa nos meus estudos e me dirigi à cozinha, vi um par de sandálias novinho em folha diante deles. Estavam agora a trabalhar noutro par, ele a falar e ela a ouvir, rindo baixinho.

Regressei aos meus livros, à flor de lótus, cujas pétalas brilhavam como o rosto de Tâm.

A minha mãe estava na cama, a organizar diferentes tipos de raízes, frutos, cascas, flores e caules secos. Guardava-os em sacos, rotulando-os.

Levei-lhe um copo de água.

– Acabo de receber isto do Instituto de Medicina Tradicional. –

Apontou para os sacos. – Tenho andado a estudar estas coisas e preciso de obter uma licença.

– Licença para quê, mamã?

– Para praticar medicina herbácea – disse ela, bebendo a água.

– Já és uma médica brilhante. De certeza que os teus conhecimentos de medicina ocidental ajudarão.

– Sim, quando sabemos como os órgãos humanos funcionam, é mais fácil para nós curá-los com plantas medicinais.

Assentindo, peguei numa raiz e cheirei-a. Um doce aroma perdurou nas minhas narinas, mas sabia que teria um sabor desagradável. Algumas semanas antes, tinha apanhado uma gripe má, e a minha mãe preparou-me um bule do seu remédio herbáceo. Recuperei depressa, mas nunca mais queria voltar a beber um gole daquele líquido negro. Estremeci ante a memória do seu sabor.

– Pareces diferente hoje, de alguma forma. – A minha mãe sorriu, as suas covinhas a aprofundar-se nas suas faces. – O teu rosto brilha... Há algo que gostarias de me dizer?

– Oh, mamã. – Gemi de embaraço.

– Não tens de me contar nada. – Ergueu uma pequena balança, pesando uma casca castanha e guardando-a num saco. – É só que pareces tão feliz. Achei que devia perguntar.

Anuí.

– Estou muito feliz. Como não me sentia havia muito tempo, mamã.

– Ótimo.

– Estou feliz, porque estás em casa e o tio Đạt está a melhorar.

– E por causa de algum rapaz? – A minha mãe continuava a sorrir.

Bati-lhe com o punho nas costas, escondendo o rosto nas mãos.

– Está escrito na minha cara?

– Sim, está – disse ela, rindo. – Já tive a tua idade, lembras-te?

– Ele... – Hesitei. – Foi ele quem me deu a flor de lótus.

– Ah, foi?

– Reparou a minha bicicleta, mamã.

– Ah. Um habilidoso, como o teu pai.

– É por isso que gosto dele, acho eu. Como o papá, sabe como me fazer rir.

– Fala-me mais dele, então.

– Bem... tem a mesma idade que eu. Dezasseis anos. Chama-se Tâm. – Gostava de como o nome de Tâm soava nos meus lábios. – Mamã, por favor, não digas a ninguém.

– Claro, prometo. – A minha mãe puxou-me para os seus braços. – É um segredo maravilhoso. Estou tão feliz por me teres contado.

Quando fui para a escola no dia seguinte, tinha esperanças de falar com Tâm, mas alguns dos meus colegas tinham-no visto a ajudar-me com a bicicleta e andavam todos a gozar connosco.

– O Tâm e a Hương são um casal. A Hương e o Tâm são um casal – entoavam. Sussurravam e riam-se. Sentia-me desconfortável. Também Tâm se deve ter sentido embaraçado. Depois das aulas, ia a pé para casa com um grupo de rapazes. Durante vários dias, passei por eles de bicicleta, ansiando por parar e falar com ele, mas sem me atrever.

Tentei concentrar-me nos meus exames de fim de ano. Fizesse o que fizesse, o rosto de Tâm continuava a surgir na minha mente; tal como a sua voz grave e o seu riso. Dei-me conta de que tinha saudades dele. À medida que os dias se arrastavam, comecei a ficar ressentida com ele, por fazer a minha mente vaguear, por criar um grande buraco de vazio dentro de mim, buraco esse que eu não sabia como preencher.

O tempo arrastou-se. Passou uma semana. A flor de lótus tinha mirrado; recolhi as pétalas caídas, deitando-as ao lixo. Mudei o meu caminho para casa, para evitar ver Tâm e os amigos.

Certa noite, à minha escrivaninha, abri o meu caderno. Diante de mim, estava um difícil problema de matemática que tinha de resolver.

Bateram à porta. A menina Nhung entrou.

– Hương, está cá um rapaz para te ver. Disse que se chama Tâm.

– Oh. – Levantei-me de um salto. – Diga-lhe que espere, tia.

Encostei-me à porta, zozza. Correndo para o meu roupeiro, tirei as minhas blusas favoritas. Escolhi uma, pu-la de parte e escolhi outra. Vesti-a, mas depois mudei de ideias.

Saí para a sala de estar. Tâm não estava lá. Talvez tivesse demorado tanto tempo, que ele tinha partido? O tio Đạt e a menina Nhung estavam sentados à luz da nossa lâmpada a óleo, a conversar e a trabalhar nas sandálias, como pombinhos.

A avó dirigiu-se a mim.

- Está lá fora.
- Intimidaste-o? – Olhei-a fixamente.
- Não, mas, por favor...

Ergui a mão e dirigi-me à porta.

Tâm estava debaixo da árvore *bàng*, de mãos atrás das costas. Era alto, mais alto do que eu me lembrava. O luar dispersava-se à sua volta, brilhando-lhe no rosto.

– Olá, Hương – disse ele.

– Olá. – Avancei na sua direção, os meus braços e pernas demasiado desajeitados. Não sabia muito bem o que fazer com eles.

– É teu. – Na sua mão aberta, estava o meu lenço, lavado e dobrado num retângulo. – Ainda cheira ao lótus...

– Podes ficar com ele, se quiseres – disse eu, surpreendida com a minha oferta.

– Um presente? – Tâm sorriu. – Nesse caso, tenho de te dar algo em troca. – Tirou a outra mão de trás das costas. Flores de lótus. Um ramo delas, magníficas e semiabertas. – Tive de voltar ao barqueiro. Comprei-lhe estas em troca do seu perdão.

– És incrível – disse eu, rindo. Os lótus aninhavam as suas promessas em botão contra mim. Também eu perdoei Tâm, por não ter falado comigo toda a semana.

Ficámos em silêncio. Olhei para as flores, admirando-as.

– Disseste que me podias emprestar uns livros – observou Tâm, sorrindo-me.

Assenti, feliz por ele se lembrar. Quantos mais lhe emprestasse, mais razões teria para voltar a falar com ele.

– Entra, tenho bastantes por onde escolheres.

– Se não te importas, vou esperar antes aqui fora... Que tal se me emprestasses três dos teus favoritos?

– E se já os tiveres lido antes?

– Então leio-os outra vez.

Dentro de casa, entreguei os lótus à avó.

– Deu-me estas flores para eu lhe emprestar alguns livros. Podes não o conhecer, mas é um leitor ávido.

Ela arqueou as sobrancelhas.

Eu corri para a estante.

– *Guerra e Paz*, de Lev Tolstói? – disse Tâm, quando eu lhe entreguei o primeiro livro. – Ouvi falar tanto nisto.

– Diz-me o que achas quando acabares de ler. É longo. – Mostrei-lhe os outros dois. – Não sei se vais gostar destes, ainda assim.

– Oh, poemas de amor de Xuân Quỳnh e Nguyễn Bính? São os meus poetas favoritos.

– Ora... não te esforces tanto por ser simpático. Nem toda a gente gosta de poesia, eu sei. Posso trocá-los por ficção, se quiseres.

– Não, não. – O olhar de Tâm era sincero. – Gosto de poesia, a sério. Poemas de amor ajustam-se ao meu estado de espírito, por agora.

– Oh. – Subiu-me o calor ao rosto, e tive de desviar o olhar.

– Desculpa, Hương – sussurrou Tâm. – Os nossos colegas... Quero falar contigo todos os dias na escola, mas não te quero embaraçar.

– Não me embaraças. – Olhei para ele, aturdida. – Alegro-me por seres meu amigo.

– Eu também. – Tâm sorriu.

– Acho que há algo que devias saber. – Mordi o lábio. – A minha avó é comerciante.

– Foi o que os nossos colegas disseram.

– Também te avisaram para não me vires visitar? – A amargura subiu-me à garganta.

– Bem, não quero saber – replicou ele, com firmeza. – As pessoas têm o direito a comerciar.

Nunca tinha ouvido ninguém falar como Tâm. Durante as aulas, os meus professores tinham vindo a condenar os comerciantes e os capitalistas, dizendo que eram *cặn bã của xã hội* – escória da sociedade que tinha de ser eliminada.

Caminhámos lado a lado pela viela do bairro, ele levando o romance e eu os dois livros de poesia. O céu tinha absorvido o calor do sol e libertado as suas estrelas. Uma lua cheia derramava luz sobre o nosso caminho.

– Onde vives, Tâm?

– No bairro Đồng Đa.

– É longe.

– Não muito, e andar faz-me bem.

Vários miúdos correram para nós, precipitando-se pelo estreito intervalo entre Tâm e eu. Afastaram-se a toda a pressa, arrastando o seu riso com eles.

Sorri, abanando a cabeça. Costumava fazer o mesmo, gozar com os casais.

– Tenho pensado no teu pai – disse Tâm – e na ave que esculpiu para ti. Deve ser uma pessoa muito especial.

Anuí e disse a Tâm o quanto o meu pai me era querido. Falei da viagem do tio Đạt durante a guerra e de como ele me tinha trazido o *Sơn ca* de volta. Falei da morte do tio Thuận, do regresso da minha mãe da guerra, do emprego da avó e do estranho comportamento do tio Sáng.

– Lamento – disse-me Tâm. – É ainda mais incrível para mim agora o quanto és boa na escola, apesar de tudo isso.

– Não sou assim tão boa. Devia estudar mais.

– Não acredites nisso. – Na brincadeira, Tâm bateu com o ombro no meu. – Foste a única a ter uma nota perfeita no teste de Matemática de ontem.

– Também não te saíste nada mal. Tiveste noventa e oito por cento.

– Oxalá os nossos professores parassem de ler as nossas notas em voz alta – suspirou Tâm. – Envergonha os que não se saem tão bem.

– Eu sei.

– Queres saber outra coisa, Hương?

– O quê?

– Os rapazes da nossa turma dizem que os intimidas com as tuas boas notas.

– Isso não pode ser verdade.

– Sim, é o que eles dizem. Mas eu acho que estão enganados. Não és minimamente intimidante, muito pelo contrário... – Tâm deixou as suas palavras suspensas no ar.

Tínhamos virado para trás, e dei-me conta de que estávamos agora debaixo da árvore *bàng*. Passaram alguns minutos de silêncio.

– Devias ir para dentro – disse Tâm. – Não queremos que a tua avó se preocupe.

Assenti e entreguei-lhe os livros. Os seus dedos roçaram contra os meus.

– Boa noite – sussurrou ele. – Bons sonhos.

A expressão no seu rosto era tão terna, que me fez virar e fugir.

A avó fez-me inúmeras perguntas sobre Tâm e, quando lhe disse que ele era muito bom em Matemática, amoleceu um pouco. Ainda assim, disse-me para não ir a nenhum lado onde pudéssemos estar os dois sozinhos.

– Achas que vou deixar que me aconteçam coisas más, como

aconteceram à minha mãe, avó? – perguntei eu, furiosa.

– Oh, Hương, és jovem, e o mundo é complicado. Tem apenas cuidado, por favor.

– Eu *tenho* cuidado. E tu precisas de confiar em mim, avó.

– Querida, eu confio em ti, mas as outras pessoas têm de conquistar a minha confiança.

A avó tinha sabido da discussão da minha mãe com o tio Sáng. Por algum tempo, parara de mandar comida, mas, à medida que a gravidez da tia Hoa avançava, não queria que o bebé passasse fome.

Duas noites por semana, enquanto a minha mãe estava no seu turno da noite, eu estava de serviço, indo levar comida ao apartamento do tio Sáng. Embora o meu tio soubesse que às vezes a avó estava à espera em baixo, nunca a convidava a subir. Agia como se fosse responsabilidade nossa fornecer-lhe comida. Nunca perguntava pelo tio Đạt, a quem só tinha visto uma vez, numa banca de chá. A menina Nhung tinha organizado o encontro, do qual o tio Đạt regressou furioso. Disse que o tio Sáng estava cheio de lixo propagandístico.

Parecia que, de entre os irmãos, era o tio Sáng o mais sortudo. Tinha saído bem da guerra. Quando a avó fugira da sua aldeia, não tivera de o deixar para trás.

– A mamã estragou o Sáng com mimos – disse o tio Đạt à minha mãe. – Se pensares bem, sempre teve um fraquinho por ele, o seu filho mais novo.

O tio Đạt tinha razão. O tio Sáng tinha tido muito tempo para se ligar à avó durante a sua longa caminhada até Hanói e usava esse laço para a manipular.

Não gostava de ver o tio Sáng e senti-me aliviada quando Tâm começou a acompanhar-me nas viagens de entrega de comida. O seu tio tinha-lhe comprado uma velha bicicleta, e ele renovara-a, prendendo uma almofada macia à parte de trás. Podia sentar-me atrás dele enquanto ele pedalava na sua bicicleta ao entardecer. Íamos conversando pelo caminho, e fiquei a saber coisas sobre a sua família. Os seus pais eram agricultores. Trabalhavam muito para o poderem mandar viver com o tio em Hanói, de modo que se pudesse preparar melhor para a universidade. Tâm tinha uma irmã mais nova que o queria superar em tudo. Dos seus avós, só o pai da sua mãe ainda era vivo. Era um homem difícil, que estava doente e preferia estar sozinho no

seu quarto. Tâm perguntava-se se o avô era louco. Às vezes, ouvia o velho chorar e murmurar consigo.

– Talvez lhe tenha acontecido algum mal? Tentaste falar com ele? – perguntei eu, pensando na minha mãe depois do seu regresso.

– Tentei, mas ele chamou-me todo o tipo de nomes. Até me tentou bater.

– Que horror! Perguntaste à tua mãe porque é ele tão infeliz?

– Não tem muito a dizer. Nunca a deixa aproximar-se dele. É difícil acreditar que ela tenha vindo de tal homem. É completamente o oposto.

Tâm prosseguiu dizendo que tinha saudades dos pais e da irmã, mas que se sentia um sortudo por estar a viver com o tio. A mulher do tio tinha morrido havia vários anos, e o bom homem nunca tinha olhado para outra mulher desde então.

– O meu tio disse-me que o verdadeiro amor só acontece uma vez na vida – disse Tâm.

Pensei no tio Đạt e na menina Nhung e no desabrochar do amor de ambos. As pernas artificiais tinham finalmente chegado. Inicialmente, o tio Đạt odiara-as, mas, com a ajuda da menina Nhung, aprendera a usá-las.

– O tio Đạt já não bebe – disse eu a Tâm. – A menina Nhung visita-o todas as noites para fazer sandálias e conversar.

– Formam uma boa equipa, como nós, não achas?

– Não sei. – Bati-lhe nas costas, corando.

– *Tay em têm trâu, lá trâu cay xứ Nghệ...* – O canto da avó enchia a cozinha de luz. Aquela canção popular, sobre uma rapariga que convidava os seus visitantes a comer nozes-de-areca, costumava ser a favorita da minha mãe. Lancei-lhe um olhar, esperando vê-la ao menos trautear também. Nenhum som lhe escapou dos lábios. A sua voz sedosa parecia ter-lhe sido roubada.

O tio Đạt dirigiu-se à mesa de jantar, com ar alto e viril. O aspeto macilento do seu rosto tinha desaparecido, substituído por um brilho saudável.

– Pareces bem – disse a avó, deitando vegetais fumegantes numa grande tigela pousada em cima da mesa. – Estás a sair-te bem, filho. Mesmo a tempo da festa de noivado.

– Quê? – arquejei eu.

– Não soubeste, Hương? – A minha mãe baixou a panela de arroz para a

mesa. – O Đạt e a Nhung vão ficar noivos.

Corri para o meu tio, abraçando-o.

– Ei, calma, calma. – O meu tio riu-se, pondo-me as mãos nos ombros para manter o equilíbrio. – Estou muito feliz e muito grato.

A minha mãe puxou uma cadeira e ajudou o meu tio a sentar-se.

– Para ser sincera, temia que os pais da Nhung recusassem – admitiu a avó, distribuindo os pauzinhos. – Mas a rapariga tinha feito muito para os convencer. Temos a bênção dos nossos antepassados. – Ergueu o olhar para o nosso altar familiar, onde paus de incenso ardiam lentamente, espalhando fragrância pela sala.

– Ainda não acredito na minha sorte – disse o meu tio. – Durante muito tempo, não me atrevi a pensar que a Nhung quereria voltar a ver a minha cara.

– Subestimaste-a, filho. – A avó começou a deitar arroz nas nossas tigelas.

– Suponho que sim – confirmou o meu tio, assentindo. – Achas que a irmã Hạnh poderá vir à festa, mamã?

– Tenho de lhe escrever. Sei que te quer ver e celebrar connosco.

Perguntei-me quando poderíamos ir visitar a minha tia a Sài Gòn. A sua família estava a sair-se bem; o tio Tuấn tinha-se tornado um oficial superior do exército.

– Espero que o Tuấn não esteja envolvido nesses campos de reeducação ou em castigar os sulistas – suspirou a avó. – Do Norte ou do Sul, somos todos vietnamitas. Oxalá todos pudessem agora viver em paz.

– Achas – sussurrou o tio Đạt – que o irmão Minh pode estar num desses campos? Se tiver ido para o Sul, pode ter lutado do lado dos americanos.

– Tenho a certeza de que não o fez. – A minha mãe depositou espinafres fritos na minha tigela. – Sabia que seríamos mobilizados. Não quereria lutar contra nós.

– E se tiver sido também recrutado? E se não tiver tido alternativa a não ser lutar?

– Não me interessa o que o Minh fez – disse a avó. – Não me interessa, desde que esteja vivo. Mas tenho de o encontrar, caso contrário não conseguirei fechar os olhos quando a morte vier para me levar.

– Vamos encontrá-lo, mamã – disse o tio Đạt. – E, agora que a guerra acabou, ele irá à nossa procura.

– Acabo de enviar outro *telex* ao Sr. Hải. Dir-nos-á assim que o Minh

enviar notícias para a nossa aldeia – respondeu a avó.

O tio Đạt virou-se para mim.

– Alguém parece muito feliz por estes dias. Algo maravilhoso está decididamente a desabrochar.

Engoli o meu arroz, sem saber o que dizer.

– Diz ao Tâm que entre – disse a avó. – Podem conversar aqui, não têm de andar a vaguear pelas ruas.

– A sério, avó? – Agarrei-lhe na mão.

– Que alternativa tenho? – Encolheu os ombros. – Quando a nossa neta é *ngang như cua*, temos de ceder.

Sorri.

– Sim, tens razão, avó. Sou teimosa como um caranguejo a andar de lado, mas aprendi isso com alguém.

A minha mãe desatou a rir.

– Há muitos caranguejos teimosos nesta família – disse o meu tio, com uma risada.

A avó parecia nervosa. Andava de um lado para o outro em frente ao Hospital Nacional de Obstetrícia, o suor a encharcar-lhe as costas da blusa.

– Como está ela? Como está o bebé? – perguntou, assim que me viu.

– A tia Hoa ainda está em trabalho de parto. Ainda não consegui vê-la. – Devolvi-lhe os recipientes de latão vazios. Que cruel que o tio Sánh tivesse proibido a avó de subir. Dissera que os seus colegas o iriam visitar e que corria o risco de perder o emprego. Que ridículo.

– Ainda está em trabalho de parto? Mas já passaram séculos. Achas que está bem?

Encolhi os ombros. Só o tio Sánh podia falar com os médicos. Não o tinha visto. Fora o seu assistente quem devolvera as caixas de latão, dizendo-me para lhe levar mais das papas da avó.

– Isto é de loucos! – O grito da avó sobressaltou-me. Ergueu os recipientes. Os meus olhos arregalaram-se ao vê-la erguer os braços no ar, arremessando as caixas com estrondo contra o passeio. – Não aguento isto nem mais um minuto. – Afastou-se.

– Onde vais, avó?

– Ver a Hoa e dizer ao Sánh que já chega.

O corredor estava cheio de pessoas. Nem sinal do meu tio ou do seu

assistente. A avó parou uma enfermeira apressada.

– A minha nora está a dar à luz. Nguyễn Thị Hoa. Onde está, por favor?

– Nguyễn... Thị... Hoa? – A enfermeira percorreu a sua lista. – No bloco operatório. – Apontou para o fundo do corredor.

– No bloco operatório? Há algum problema? – As palavras da avó saíram-lhe como um grito.

– É uma emergência. – A enfermeira afastou-se apressadamente de nós.

Puxei o braço da avó. Correndo por entre as pessoas que se encontravam deitadas e sentadas no corredor, chegámos diante do bloco operatório no momento em que três homens de bata branca emergiam. Pareciam tensos, sussurrando entre si.

A avó passou a correr pelos homens, em direção à porta que se fechava.

– Ei, onde pensa que vai? – gritou alguém.

– Sou a sogra. – A avó empurrou a porta, entrando de rompante. Eu segui-a.

O intenso fedor a medicamentos atingiu-me as narinas. A tia Hoa estava numa cama, cobrindo o rosto com as mãos. O tio Sánh estava ao seu lado, de costas para nós.

Ao ouvir o som dos nossos passos, o meu tio virou-se. Esperava que escarnecesse da avó, mas o seu rosto torcia-se.

– Oh, mamã! – exclamou.

– O bebé está bem? – A avó correu para a cama.

Ao chegar junto dela, cobri a boca com a mão. Era um bebé aquilo que estava ao lado da tia Hoa? A sua cabeça tinha pelo menos o triplo do tamanho do peito. A testa era saliente. Não tinha braços nem pernas.

– Não. Não. *Não!* – A avó pegou no bebé, apertando-o contra o peito. O bebé não se mexeu nem emitiu nenhum som. Estava inerte.

O tio Sánh envolveu a avó nos seus braços. Enterrou a cabeça nos seus cabelos, os seus gritos abafados a trespassar-me o coração.

Ajoelhei-me junto à tia Hoa. Parecia aterrorizada. Tomei-lhe a mão na minha. Queria abraçá-la, mas ela virou-me silenciosamente a cara.

Mais tarde, num gabinete onde pilhas de documentos se amontoavam sobre uma secretária atafalhada, um velho médico disse à avó e ao tio Sánh que lamentava.

– Onde combateu durante a guerra, camarada? – perguntou ele ao meu

tio.

- Principalmente em Quảng Trị. Porquê, doutor?
- Quảng Trị, compreendo. Foi exposto ao Agente Laranja?

O tio Sáng levantou-se, dirigindo-se a uma parede. Os seus ombros começaram a tremer. A avó correu para ele. Quando o meu tio se virou de novo para o médico, o seu rosto estava branco.

– Agente Laranja? Senti-o muitas vezes no rosto. Encharcava-me as roupas. Não era para destruir as árvores que esse químico servia?

O médico levantou-se da cadeira.

– Ainda não temos a certeza de como o Agente Laranja afeta as pessoas. Mas muitos dos veteranos que lhe foram expostos tiveram filhos mortos ou deformados.

O tio Sáng bateu com os punhos na parede. A avó pegou-lhe nas mãos, puxando-as para trás.

Isto não podia estar a acontecer à nossa família. Então é o tio Đạt e a tia Nhung? Que aconteceria aos filhos deles?

Alguns dias depois, estávamos sentados à mesa de jantar. O tio Sáng parecia abatido, um saco de roupa à sua frente.

– Não posso acreditar que ela te pediu que saíesses – disse o tio Đạt.

– As coisas já não estavam muito bem entre nós. E agora, sempre que olha para mim, vê o Demónio do Agente Laranja, sabes...

A árvore bàng arranhava o nosso telhado com os seus ramos. Ir-nos-iam alguma vez os fantasmas da guerra libertar das suas garras?

– As zonas onde combati foram fortemente pulverizadas. – O tio Đạt parecia estar à beira das lágrimas.

A tia Nhung pegou-lhe nas mãos, levando-as aos lábios. Brilhavam-lhe lágrimas nos olhos.

– Criaremos o nosso filho, aconteça o que acontecer.

– Não te preocupes, Đạt – disse a minha mãe. – As pessoas reagem de formas muito diferentes à exposição química. Muitos veteranos de guerra tiveram filhos normais e saudáveis. – Desviou o olhar para a tia Nhung. – O meu hospital vai importar um aparelho de ultrassonografia. Pode alertar-nos para os problemas antes de o bebé nascer.

A tia Nhung tomou o rosto do tio Đạt nas mãos.

– Ouviste a irmã Ngọc? Vamos ficar bem. Aconteça o que acontecer,

lidaremos com isso juntos, está bem?

Escorreram lágrimas pelas faces do tio Đạt.

A avó assoou o nariz.

– Sánh, alegre-me por te ter em casa.

– Só te incomodo com isto uma noite, mamã. Amanhã, procurarei outro sítio onde ficar.

– Esta é a tua casa, Sánh! É mais quente contigo aqui. Não tens de ir para mais lado nenhum.

O tio Sánh olhou em volta da sala. Parecia *căng như dây đàn* – tenso como cordas de guitarra retesadas.

– Este estilo de vida extravagante... Não posso. – Baixou a voz. – Por favor, não digam a ninguém que vou passar cá esta noite. Partirei amanhã antes do amanhecer.

A minha mãe abanou a cabeça. Tinha-a visto chorar pelo bebé do tio Sánh, mas não falara com ele desde a discussão. Estava tão certa a seu respeito: tinha-nos vendido por uma ideologia política.

– Tudo bem. – A avó suspirou. – Posso só pedir-te uma coisa, Sánh? Tens muitos contactos no Sul. Podes usá-los para procurar o teu irmão Minh?

– Não há provas de que ele tenha ido para sul.

– Se ainda cá estivesse, já teria regressado à nossa aldeia por esta altura. Por favor, faz isso por mim.

– Procurá-lo é como procurar uma agulha no leito do oceano. Não posso prometer nada, mas verei o que posso fazer.

Eu já não confiava no tio Sánh. Se o tio Minh fosse encontrado no Sul, derrubaria a escada profissional que o tio Sánh esperava subir.

Estava a estudar quando a minha mãe apareceu junto à minha escrivaninha, seguida pelo tio Đạt. Penteou-me o cabelo com os dedos.

– Hương, gostaria de te pedir uma coisa.

– Sim, mamã.

– Passou mais de um ano desde que a guerra acabou. Tenho perguntado por aí. Simplesmente, não há notícias do teu pai. Já estaria em casa, por esta altura, se... se ainda estivesse vivo.

Levantei-me.

– Ele está vivo. Sei que está.

– Hương, escuta. O teu pai amava-nos demasiado para não regressar.

Mesmo que estivesse ferido, arrastar-se-ia de volta para cá. Ou escreveria, enviar-nos-ia ao menos uma carta.

– Voltará em breve. A sua ave diz-mo todos os dias.

– Também gostaria de acreditar nisso, querida. Mas não é justo para o teu pai se não chamarmos a sua alma para casa. Se não queirmos incenso por ele, a sua alma não encontrará o caminho de volta.

– O incenso é para os mortos, mamã!

Ela agarrou-me no ombro.

– Precisamos de montar um altar para o teu pai, Hương. Temos de pedir à sua alma que volte para casa.

Empurrei-a.

– O meu pai não está morto.

– Hương – interveio o tio Đạt. – Há algo que preciso de te dizer. – Olhou para a minha mãe e depois de novo para mim. – Quando regresssei, disse-te que me tinha cruzado com o teu pai na selva, que nos despedimos e, duas semanas depois, os bombardeamentos chegaram. A verdade é que... o teu pai partiu pouco antes... talvez apenas meia hora antes de as bombas chegarem. Não sei quão longe pode ter ido, mas...

Enterrei o rosto nas mãos e gritei.

– Desculpa, Hương. Queria ir procurá-lo, mas estava tão doente, que só conseguia rastejar. Os bombardeamentos continuaram durante dias. Assim que recuperei as forças, saí da gruta para ir à sua procura, mas vastas selvas tinham sido arrancadas. Não encontrei ninguém entre as árvores queimadas.

– Mentiu-me este tempo todo, tio? Porquê?

– Porque a esperança ajuda a manter-nos vivos, Hương. Tentei ter esperança de que o teu pai tivesse sobrevivido, mas agora é tempo...

– Sobre o que mais me mentiu? – gritei eu. – Está feliz por ver o quanto sofri?

– Lamento tanto não ter tido coragem para te dizer mais cedo. – Escorriam lágrimas pelo rosto do meu tio, ao dirigir-se a mim.

Contornei-o. Saí de casa a correr.

As ruas passavam por mim num borrão. O ar que me roçava os ouvidos soava como o zumbido de bombas a serem largadas. O bater dos meus passos no chão projetava tremores pelo meu corpo semelhantes a explosões. Vi o meu pai na selva, carbonizado pelas chamas. Ouvi-o chamar o meu nome enquanto línguas de fogo o devoravam, o desfiguravam. Uivei. À minha

volta, pessoas gritavam, desviando-se apressadamente do meu caminho. Veículos buzonavam ao passar por mim.

Gritos embargavam-me o peito quando me deixei cair no passeio.

A minha mãe chegou junto de mim. Ajoelhou-se, abriu os braços e envolveu-me.

– Lamento, minha querida filha – arquejou. – Se não quiseses, não montamos o altar. Lamento. Lamento tanto...

Esfregou-me as costas até os meus soluços acalmarem, afastando-me depois suavemente. Acariciou-me a face.

– Olha para ti. Já és mais alta do que eu. Mais inteligente, mais bonita. O teu pai tem orgulho em ti.

– Tenho saudades dele, mamã.

– Está aqui mesmo, connosco. Nunca está longe. – Levou a mão ao coração.

Mais tarde, nessa mesma noite, Tâm levou-me a andar na sua bicicleta.

– Onde gostarias de ir? – perguntou ele.

– A qualquer lugar. – Encostei o rosto às suas costas.

– A um lago onde esteja fresco, está bem?

Fechei os olhos e vi o rosto do meu pai. Sorria-me à distância de oito anos e sessenta e cinco dias.

Sobre nós, a Lua flutuava numa cúpula de trevas, rodeada de estrelas cintilantes. Se o paraíso fosse lá em cima, talvez o meu pai estivesse livre de toda a dor deste mundo.

O lago Ngoc Khánh estendia-se diante de nós. Lâmpadas a óleo acesas pelos vendedores de chá brilhavam na superfície da água, como lanternas flutuantes. Tâm esperou que eu descesse da bicicleta antes de a guiar para o passeio. Atravessámos um grande troço de relva e chegámos à margem do lago. Minúsculas ondas flutuavam ao luar, agitando-se na nossa direção.

– Obrigada por estares aqui, Tâm. Amo demasiado o meu pai para o deixar ir.

– Continua a viver em ti, Hương. Continuará a viver nos teus filhos e netos.

Abraçou-me. O aroma do seu corpo adoçou o ar à minha volta, o seu coração a bater dentro do meu peito.

Ergui o rosto ao encontro do seu. Beijámo-nos sob o céu mudo.

O Caminho para a Felicidade

HANOÍ – NGHỆ AN – HANOÍ, 1956-1965

Depois de o Sr. Giáp, o ourives, desaparecer na multidão, fiquei com o estômago a arder e às voltas.

Enquanto esperava, ajudei Sáng a praticar os seus primeiros passos no passeio. Quando ele se aborreceu, comprei-lhe um gelado. Só depois de Sáng ter acabado de comer é que o Sr. Giáp regressou. Desculpou-se de ter pensado que eu tinha roubado o ouro e a prata aos meus patrões. O Sr. Toàn tinha-lhe explicado que teriam ido à falência sem a minha ajuda e que o pagamento era apenas um gesto de gratidão.

Ainda hoje, não consigo acreditar em como aquelas moedas mudaram o meu destino. Comprei imediatamente uma pequena choupana nos arredores de Hanói e uma licença para viajar. O mestre Vãn ajudou-me a alugar um carro com motorista – alguém que conhecia e em quem eu podia confiar.

Mas o dia mais feliz da minha vida foi também o mais assustador. Foi no dia 3 de março de 1956 que deixei Hanói para ir em busca de Minh, Đạt, Ngọc, Thuận e Hạnh. Tinham passado quase cinco meses desde a última vez que os vira, e o tempo era uma ave que se debatia para fugir de mim, levando nas suas asas a possibilidade de eu alguma vez voltar a ver os meus filhos.

– *Trâu* – disse Sáng, apontando para um búfalo-da-índia que se erguia como um montículo sobre um troço de erva. Mais além, o Sol espalhava o seu fulgor sobre os campos de arroz.

– Búfalo-da-índia – repeti eu, fazendo eco da voz de Sáng e apertando-o contra mim.

O motorista tinha aberto as janelas, e o cheiro luxuriante do campo enchia-me as narinas. Perscrutava cada rosto que avistava, na esperança de ver Minh.

Era meio-dia quando o nosso carro se aproximou da aldeia de Kỳ Đồng, na província de Thanh Hóa. Pedi ao motorista que aguardasse a alguma distância da aldeia enquanto pegava em Sáng e me aventurava no interior. O carro fazia-me parecer rica, o que significava problemas.

Tinha regressado muitas vezes a esta aldeia no meu pensamento. Agora, a memória guiava-nos por ruelas sinuosas. Ao chegar debaixo de uma árvore, olhei em frente para uma casa com uma densa sebe feita de plantas frondosas. Sabes onde estava, Goiaba?

Sim... estava em frente à casa onde a tua mãe tinha ficado.

Pus-me à escuta, mas não ouvi nenhum som. Esperei, mas ninguém saiu. Parecia ter milhares de formigas a morder-me a pele.

– *Ngọc ơi?* – chamei.

– Ngọc – balbuciou Sáng.

Não obtivemos resposta. Atravessei o portão aberto e entrei no jardim.

Um grunhido insatisfeito fez-me dar um salto. Um homem de aspeto duro surgiu atrás do caixilho da porta. Lembrava-me os ladrões que tinha encontrado em Hanói.

– O que quer? – ladrou ele, erguendo a mão aberta por cima dos olhos.

– A minha filha Ngọc... Está aqui?

– Porque haveria ela de estar em minha casa? – Expôs os dentes tortos. – Saia daqui, sua louca.

Aproximei-me.

– Senhor, há alguns meses, uma rapariga de quinze anos veio aqui, à procura de emprego. Creio que...

Nesse momento, a menina que tinha estado a jogar às escondidas com Ngọc apareceu atrás do homem, dizendo algo sem som e acenando freneticamente com a mão para um dos lados.

O homem virou-se.

– O que fazes aqui, sua estúpida?

Ela afastou-se a correr.

– Mas ela conhece a minha filha – protestei eu.

– Sua louca. Ponha-se a andar daqui.

Estava na rua, com Sáng a chorar nos meus braços, as preocupações com Ngọc, uma bola de fios emaranhados dentro da minha cabeça, quando uma pequena figura irrompeu da densa sebe. A menina correu em direção a nós.

Encontrei-me com ela a meio do caminho.

– A irmã Ngọc fugiu do papá – disse ela, sem fôlego.

Cerrei os dentes.

– Sabes onde está?

Ela desatou a chorar.

– Vi-a a mendigar no mercado da aldeia há alguns dias. Por favor... por favor, encontre a irmã Ngọc. – Precipitou-se de regresso a casa.

Eu apressei-me a avançar.

O mercado estava vazio. Tinham todos ido para casa para evitar o calor do meio-dia. Não restava nada a não ser uma mancha de terra estéril.

E uma trouxa esfarrapada. Estendida sob uma árvore desolada, parecia uma figura humana, envolta num cobertor esfrangalhado. Poderia ser a minha Ngọc?

Corri em direção à árvore, mais veloz que o bater do meu coração. Ajoelhando-me, ergui o cobertor para encontrar o rosto que tinha preenchido os meus sonhos, os lábios que tinham chamado o meu nome, os pés que tinham dado os seus primeiros passos ao som das minhas palmas.

– Ngọc, oh, minha querida filha. – Pousei Sánh e tomei-a nos braços.

– Mamã. Mamã! – Ngọc enterrou o rosto no meu peito, o seu tremor a fazer-me estremecer o coração.

Chorámos e rimos. E depois rimos e chorámos.

Ngọc insistiu em segurar Sánh enquanto nos dirigíamos ao pagode. Eu rodeava-lhe a cintura com o braço, temendo tratar-se apenas de uma ilusão.

– Há quanto tempo estás a viver na rua, minha querida? – perguntei.

– Há um par de semanas, mamã.

– Lamento. Aquele homem fez-te alguma coisa?

– Tentou. Não deixei. Resisti-lhe e fugi.

Cerrei os punhos. Queria magoar o homem e sabia como. Mas isso colocar-nos-ia certamente em perigo. E confiava no Céu para o castigar. *Không ai trốn khỏi lưới trời* – Nenhum ato perverso escapa à rede do Céu.

Abracei Ngọc com mais força, prometendo a mim mesma que tinha de tomar melhor conta dela e de a compensar pelo que tinha passado.

Chegámos ao pagode, que parecia ter envelhecido anos, não meses. O telhado carregado de musgo estava descaído; tinham caído muitas telhas, revelando o seu precário esqueleto.

No pátio da frente, as crianças reuniram-se à nossa volta, os ossos a projetar-se dos corpos, os pés descalços imundos. Estudei-lhes os rostos. Thuận não estava entre elas.

– Além, tia – disse uma das crianças, apontando na direção do jardim, que se tinha tornado uma mancha castanha e esburacada de terra. Dois rapazes estavam agachados a escavar.

– Thuận – chamei, e um dos rapazes virou-se. Tinha o rosto manchado de terra. A sua boca abriu-se e torceu-se. Cambaleei na sua direção.

O corpo de Thuận estava quente contra o meu. A minha carne e o meu sangue, a minha vida. Abracei-o contra o peito. Limpando-lhe as lágrimas com beijos, soube que morreria sem hesitar para que o meu filho continuasse a viver.

A irmã Hiên estava dentro do quarto, sentada ao lado de uma criança doente, a esfregar-lhe as costas e a entoar uma canção de embalar.

Ao ver-me passar pela porta entreaberta, o seu rosto magro iluminou-se à luz da tarde.

– Diêu Lan?

No pátio, desculpou-se do estado das crianças. O governo tinha apertado ainda mais o seu controlo sobre as crenças religiosas. A maioria das pessoas deixara de visitar os pagodes para rezar. Sem os seus donativos, ela e as crianças tinham de sobreviver à base da mendicidade.

Soube então que a tua mãe lhe tinha andado a levar comida para alimentar Thuận e as outras crianças.

– Estou tão grata pela tua ajuda – disse a irmã Hiên, apertando o braço de Ngoc. – Lamento não te ter podido deixar ficar aqui connosco.

Chamei a irmã Hiên à parte, dando-lhe algum dinheiro.

– O meu pequeno contributo, senhora. – Tentou recusar, mas eu insisti em que era para as crianças.

– Então tem de receber algo em troca. – A irmã Hiên conduziu-me ao pagode. Queimou incenso, rezando para que eu fosse abençoada.

Ajoelhei-me ao seu lado.

– Senhora, por favor, leia o meu futuro outra vez.

A irmã Hiên pegou-me nas mãos, mas só para me fechar os dedos sobre as palmas.

– É inútil saber, minha filha. Os nossos desafios servem um propósito. Os que conseguirem superar os desafios e manter a bondade com os outros

poderão juntar-se a Buda no Nirvana. É uma mulher forte, Diêu Lan. Triunfará sobre o que quer que a vida lhe atire. – Sorriu e deu-me o seu sino de madeira. – O meu presente para si. Buda ouvirá as suas preces. Deixe-O vir a si e dar-lhe paz.

Sabes, pois, agora como é precioso o meu sino de oração, Goiaba. É um símbolo sagrado da compaixão entre estranhos.

Oxalá pudesse visitar a irmã Hiên contigo agora. Há alguns anos, regresssei ao seu pagode e vi-me diante do nada. As bombas tinham arrasado todo o edifício. Os aldeões de lá disseram-me que tinham encontrado a irmã Hiên debaixo dos escombros, com os corpos das crianças nos braços. As bombas tinham-nos queimado a ponto de ficarem irreconhecíveis.

Rezo muitas vezes pela irmã Hiên. Não só salvou a minha vida e a vida do Thuận, mas também a minha alma. Inspirada por ela, tornei-me budista. Tenho vindo a praticar o *Nhân*, o princípio da paciência, que me ensina a amar os outros seres humanos. Só por meio do amor podemos expulsar as trevas do mal deste mundo.

Em seguida, deixando o carro fora da aldeia, onde riachos de correntes velozes serpenteavam pelos campos de arroz, Ngọc, Thuận e eu viajámos a pé, com Sảng nos meus braços. Ali estava ela, a casa da Sra. Thảo. A porta estava fechada. A superfície do lago cintilava com as pétalas flutuantes de flores *mướp* amarelas.

Bati ao portão.

– Está alguém em casa?

– *Hạnh, Hạnh ơi!* – Ngọc chamou pela sua irmã.

A porta abriu-se. Um rosto espreitou. Hạnh, Goiaba, a tua tia Hạnh. Chamámos o seu nome. Todos nós.

Hạnh correu, os seus longos cabelos a abanar nas suas costas, as lágrimas a reluzir-lhe no rosto. Estava espantada com o quanto tinha crescido.

– Mamã! – Correu para os meus braços. A minha bebé. A minha linda princesa.

A casa estava fresca e tão acolhedora como da última vez. Parecia mais feliz agora, com quadros coloridos a adornar as paredes.

– Está mais alguém em casa, querida? – perguntei eu.

– A mamã Thảo e o papá Tiến estão no trabalho. – Hạnh referia-se a eles com a mesma naturalidade com que uma criança se referiria aos seus

próprios pais. E então sorriu, apontando para os desenhos. – São todos meus. A mamã Thảo ajudou-me a fazê-los.

Os quadros eram lindos; eram sobre famílias felizes, flores, aves e animais. Sabia que Hạnh tinha talento para o desenho, mas tinha de admitir que a Sra. Thảo tinha feito sobressair o seu melhor. Hạnh parecia estar feliz e bem cuidada ali. Queria ir connosco?

– *Hạnh ơi* – chamou uma voz. Olhei para o portão. Havia um sorriso no rosto da Sra. Thảo ao introduzir o braço por uma fresta, abrindo o trinco.

– *Mẹ Thảo*. – Hạnh correu para a sua nova mãe, que se baixou, erguendo-a e fazendo-a rodopiar.

Hạnh inclinou-se para a frente e sussurrou algo ao ouvido da sua nova mamã, que se virou de novo para a casa. Quando os seus olhos encontraram os meus, puxou Hạnh para mais perto de si.

Saí para o pátio.

– Lamento...

A Sra. Thảo agarrou na mão de Hạnh e passou por mim. Dentro de casa, postou-se sob o seu altar familiar, de costas para nós, com Hạnh ao seu lado.

– Chamo-me Diệu Lan – disse eu. – Lamento ter deixado a minha filha consigo. Consegui arranjar uma nova casa e gostaria que a Hạnh se juntasse a nós.

Silêncio. Hạnh chegou-se mais perto da professora do jardim de infância.

– Mamã, mamã Thảo.

– Oh, minha doce preciosidade. – A Sra. Thảo ajoelhou-se, tomando Hạnh nos seus braços. Quando se levantou, a raiva subiu-lhe à voz. – Não sei o que pensar! Quando não regressou, tive tanta certeza de que não queria mais a sua filha. Passou tanto tempo.

– Lamento, irmã. Oxalá tivesse podido explicar as minhas circunstâncias.

– Explique-as agora!

As crianças fitavam-me com os seus grandes olhos. Já não podia mentir, mas pôr-nos-ia isso em perigo? Afinal, o marido da Sra. Thảo era funcionário do governo. Mas dava para ver que ela amava verdadeiramente Hạnh.

– Costumava ser uma agricultora diligente com seis filhos – expliquei eu. – Quando a Reforma Agrária atingiu a nossa aldeia, fui injustamente acusada de explorar os outros. O meu único irmão foi morto, e o meu filho mais velho levado. Para me manter viva, tive de fugir com os meus filhos.

– São todos seus? – A Sra. Thảo apontou para Ngọc, Sáng e Thuận.

Assenti.

– Ainda temos de encontrar o meu filho Đạt. Quanto ao meu filho mais velho, Minh, não sei onde está.

A Sra. Thảo baixou a cabeça.

– A Reforma Agrária foi longe de mais. Demasiadas pessoas sofreram injustiças. Perguntei à Hạnh pela sua família. Foi egoísta da minha parte, mas esperava que...

Abraçou Hạnh durante longos momentos e deu-lhe um beijo na testa.

– Amar-te-ei para sempre, minha querida. Agora vai e sê uma boa filha para a tua corajosa mãe. – Virou-se para mim. – Leve a Hạnh agora. Parta depressa, ou o meu marido detê-la-á.

Trauteei as minhas canções a Hạnh. Chorava tão intensamente como a chuva quando o carro nos levou velozmente dali.

Ao longo dos anos, Goiaba, levei várias vezes a tua tia a casa da Sra. Thảo. A professora do jardim de infância continua a ser a segunda mãe de Hạnh, o seu amor ainda um solo fértil a enriquecer a vida da minha filha.

Nesse dia, o meu coração acelerou ao ver novamente o bambuzal e as musgosas torres de tijolo. No sinuoso caminho de terra, as crianças deram-me as mãos, puxando-me para o mercado da aldeia. Era fim de tarde e estávamos rodeados de pessoas.

O meu coração rejubilou ao ver a loja de *phở*, repleta de clientes.

Havia algumas pessoas de pé, à espera de mesa. Ao passar por elas, vi um rapaz a transportar tigelas de *phở* fumegante. Era magro e moreno. Era o teu tio Đạt, Goiaba. O teu tio Đạt.

– Đạt! – chamei eu.

– *Anh* Đạt, *anh* Đạt! – exclamaram Ngọc, Thuận e Hạnh, aos saltos.

Đạt ergueu o rosto. Por um momento, ficou paralisado. As tigelas de *phở* fugiram-lhe das mãos, estilhaçando-se no chão.

Chorei ao vê-lo estremecer e arrancar, correndo para nós. Tudo à minha volta ficou desfocado. Recuperou a nitidez quando abracei o teu tio, o meu rosto enterrado nos seus densos cabelos, os meus pulmões cheios do seu riso.

– O que se passa? – gritou alguém.

A vendedora de *phở* tinha chegado. Lançou um olhar fulminante a Đạt.

– Volta ao trabalho, seu idiota!

– Não – disse eu. – Ele vem connosco.

– O que julga que a minha loja é? – rugiu a mulher. – Um sítio onde largar o seu filho quando não precisa dele?

– Por favor, baixe a voz. – Enfiei-lhe um punhado de notas na mão. – Isto deve cobrir as tigelas partidas e ajudá-la a contratar outra pessoa.

A mulher semicerrou os olhos, contando o dinheiro.

– Dê-me o dobro. Este idiota partiu muito mais loiça.

– Nem pensar – disse Đạt. – Não parti mais nada, e obrigou-me a trabalhar horas extra sem salário.

– Nunca mais cá voltem – ladrou a mulher. – Nunca mais...

Mas já estávamos fora do alcance da sua voz.

No carro, os meus filhos riram e choraram enquanto falavam sobre o quanto tinham sentido a falta uns dos outros e o medo que tinham tido. Ao vê-los, cada célula do meu ser se encheu de alegria. Era um tronco de árvore a ganhar novos ramos, uma ave a recuperar algumas penas nas suas asas. Parecia que a estrela da sorte brilhava a meu favor, e tinha a certeza de que em breve me reencontraria com Minh, com a Sra. Tú e com o Sr. Hải.

A escuridão era densa como tinta quando chegámos a Nghệ An, a minha terra natal. Numa hospedaria escondida atrás de um aglomerado de rumorejantes bambus, saí para a varanda depois de as crianças terem adormecido.

A casa do meu coração estava tão perto, mas tão longe. Ansiava por apoiar a testa nas paredes construídas pelos meus antepassados, por me erguer diante do nosso altar familiar e inalar a presença dos meus pais, do meu marido, do meu irmão e da minha cunhada. Eram tantas as tempestades que tinham devastado a nossa casa, mas a família Trần continuaria de pé. Sentia o peso da responsabilidade nos meus ombros e carregava-o com orgulho.

O Sol ainda não tinha nascido quando o carro arrancou, o motorista levando as minhas cartas para o Sr. Hải e a Sra. Tú.

O tempo passava tão lentamente como um caracol. Passou a manhã, e chegou o meio-dia. À medida que a tarde avançava, tornei-me febril. Porque estava o motorista a demorar tanto? Teria algum tipo de problema?

Uma batida à porta. O Sr. Hải! Corri para os seus braços – os braços de um agricultor que toda a sua vida tinha trabalhado nos campos, os mesmos braços que davam abrigo às vítimas de injustiças.

– É tão bom ver-te, Diệu Lan – disse-me ele. Da varanda, olhou para as

crianças, que estavam sentadas na cama, a partilhar os doces que eu tinha levado de Hanói.

– Tio, teve notícias do Minh? Onde está a tia Tú?

– Minh... Esperava que tivesses tido notícias dele.

As suas palavras atingiram-me os ouvidos como um trovão.

– Não te preocupes, filha. A boa notícia é que não foi apanhado... O Minh é inteligente e corajoso. De certeza que o encontrarás em breve.

– Onde está a Sra. Tú, tio? Porque não veio?

– Deixa-me contar-te o que aconteceu.

Depois de fugirmos, disse ele, a aldeia foi lançada no caos. Os oficiais mandaram pessoas à nossa procura, confiando que nos apanhariam e levariam de volta.

A Sra. Tú defendeu ferozmente a nossa família, dizendo aos outros que não explorávamos os trabalhadores. Tentou proteger a nossa casa, mas a turba agrediu-a e expulsou-a. Tiraram-lhe as suas poupanças, dizendo que no-las tinha roubado. Destruíram o nosso altar familiar e saquearam a casa de todos os seus valores. Sete famílias, incluindo a açougueira, foram autorizadas a mudar-se para lá. Desentenderam-se e ergueram paredes dentro das divisões. Discutiram sobre a divisão do pátio e do jardim.

Nos meus cinco meses de ausência, perdemos a casa e todos os terrenos. O Tribunal da Reforma Agrária tinha dividido os nossos campos entre agricultores sem terras, que depois se bateram pela sua parte. A ganância cresceu como uma erva daninha na nossa aldeia.

Minha pobre tia Tú. Sozinha, mudou-se para o seu terreno. O Sr. Hải e o filho ajudaram a construir uma choupana para ela. Vivia dos frutos que cultivava no seu jardim. Plantava vegetais e vendia-os. Estava decidida a continuar.

O Sr. Hải agarrou-me no ombro.

– Diệu Lan, cerca de dois meses após a tua fuga, um agricultor viu a Sra. Tú a caminho do trabalho... O seu corpo estava enforcado num ramo.

Olhei-o fixamente.

– Diga-me que ouvi mal, tio. Diga-me que a tia Tú está à espera que eu regresse!

– *Shh*. – Levando um dedo aos lábios, ele olhou à nossa volta. – Havia um bilhete de suicídio na sua choupana. Dizia que já não aguentava mais.

– A tia Tú era analfabeta, tio.

– Foi assassinada, eu sei. – Vi-o abanar a cabeça. – Lamento não a ter podido ajudar. Aconteceram coisas terríveis na nossa aldeia, e não apenas à tua família, Diêu Lan. Por favor... mantém-te longe, por agora. Aquela gente perversa ainda anda à tua procura. Enviar-te-ei notícias assim que souber algo do Minh.

De regresso a Hanói, montei um altar com uma taça de incenso adicional para a Sra. Tú. Nunca esquecerei o seu amor e a sua generosidade, Goiaba. Sem ela, não estaria certamente viva hoje e também tu não estarias aqui.

Ainda hoje, se ouvires o bater do meu coração, poderás ouvir o canto da minha tia Tú. Alimentou a minha alma com canções para que eu pudesse continuar a cantar.

E essas canções ajudaram Ngọc, Đạt, Thuận e Hạnh, que estavam traumatizados com o que tinham passado. Durante a sua primeira semana no nosso novo lar, imploraram-me que não saísse do seu lado. Quando tinha de sair para ir buscar comida, levava-os a todos comigo. Dormíamos no mesmo quarto, aninhados na mesma cama, e ainda assim eram acordados por pesadelos.

Falávamos sobre o que tinha acontecido e tentávamos ajudar-nos uns aos outros. Paguei ao mestre Văn para que fosse a nossa casa uma vez por semana e desse uma aula só para nós. Os seus exercícios de meditação acalmaram as crianças. O treino de defesa pessoal permitiu-lhes recuperar a confiança.

Já ouviste este ditado, Goiaba? *Lửa thử vàng, gian nan thử sức*. O fogo testa o ouro, a adversidade testa os homens. Os desafios que tinham enfrentado fizeram a tua mãe e os teus tios dar valor à vida. Voltaram para a escola e distinguiram-se nos seus estudos. Trabalhavam arduamente: a limpar as casas das pessoas, a varrer ruas, a vender jornais. Poupávamos cada cêntimo e gastávamos o mínimo em comida e roupa.

Enquanto o fogo da guerra se ateava entre Vietname do Norte e do Sul, dentro do nosso Norte, a revolução socialista estava em plena marcha. Os que viviam nas cidades enfrentavam agora uma campanha do governo chamada *Cải tạo tư sản* – Reforma dos Capitalistas. Em Hanói, casas e propriedades foram tomadas, famílias estilhaçadas. Os bens dos meus antigos patrões – o Sr. Toàn e a Sra. Châu – foram confiscados. Tiveram de viajar para as montanhas a norte para se submeterem a um programa de reeducação, que durou mais de um ano.

Desejei poder ajudá-los, mas baixei a cabeça, em silêncio, e trabalhei; quem questionasse o governo podia ir para a prisão. O meu trabalho, como vendedora de fruta no Mercado Long Biên, não rendia muito, mas estava decidida a não deixar que os meus filhos voltassem a passar fome. Assim que Ngọc, Đạt, Thuận e Hạnh se adaptaram à escola, comecei a ter aulas à noite, aprendendo a ser professora. Cuidávamos uns dos outros, o nosso amor transformando a nossa choupana num ninho acolhedor. Muitos anos depois, vendemos esse ninho e comprámos a nossa casa atual na rua Khâm Thiên.

Em 1957, quase dois anos após a minha chegada a Hanói, o governo anunciou que tinha havido muitos erros durante a Reforma Agrária. Reconheceram que a ideia de redistribuir riqueza estava correta, mas que a sua implementação se tinha descontrolado. Disseram muitas coisas, mas não fizeram quase nada para corrigir esses erros.

Finalmente, porém, podia viajar para a minha aldeia. O Sr. Hài levou-me à floresta de Nam Đàn. Tinha enterrado o meu irmão Công e a minha tia Tú ao lado da campa da minha mãe. Diante deles, derramei lágrimas amargas. Ouvi-os sussurrar-me no vento que cantava entre as copas verdes de folhas.

Tentei recuperar a nossa casa e os nossos campos, mas, Goiaba, foi como bater com a cabeça contra uma parede de tijolo. Já não temos a nossa casa ancestral nem a terra que os nossos antepassados nos deixaram.

Não fomos os únicos a sofrer grandes perdas. Muitos inocentes tinham sido espancados e humilhados em público. Alguns tinham sido executados; outros mataram-se. Outros ainda enlouqueceram depois de terem perdido tudo. Dois anos após a Reforma Agrária, a mulher que tinha acusado o pai de a violar cento e cinquenta e nove vezes cometeu suicídio. Enforcou-se de uma árvore que tinha crescido junto ao túmulo do seu pai.

Continuei a procurar Minh. O mestre Văn disse-me que talvez tivesse ido para sul.

Todos os dias, rezo para que o fogo da guerra se extinga. Então, o teu tio mais velho passará sobre as cinzas das nossas perdas e regressará a casa. Tenho a certeza de que sim.

O Meu Tio Minh

NHA TRANG, JUNHO DE 1979

Segurei na mão da avó enquanto virávamos para uma ruela estreita. Por um momento, tudo o que consegui ouvir foram os seus passos apressados. Os passos de vinte e quatro anos de anseio.

A avó, a minha mãe, o tio Đạt e eu tínhamos apanhado um comboio barulhento e passado dois dias e três noites a ser sacudidos para chegar a Nha Trang, uma província do Sul a centenas de quilómetros de Hanói. A tia Hạnh chegara pouco depois e fora encontrar-se connosco na estação. Os nossos anos de distância tinham-na transformado numa pessoa de Sài Gòn: o cabelo cortado acima dos ombros e arranjado numa permanente, a pele alisada por pó facial, os lábios pintados de uma cor rosada. Cheirava a luxo, a um sonho que eu temia nunca conseguir alcançar.

Procurei o número que tinha aprendido de cor: setenta e dois. Podia estar escrito em qualquer das barracas maltratadas que ladeavam as duas sarjetas abertas ao longo do nosso caminho. Um fedor intenso dilatava-se no ar denso e quente. Uma mulher sentava-se nos degraus de sua casa, a bater com as mãos na roupa ensaboada que enchia um balde. Gritou a alguns miúdos que nos seguiam. Dispersaram como aves.

Um grupo de homens sentava-se junto a uma das sarjetas, partilhando pequenos copos de um líquido transparente, provavelmente vinho de arroz. Os seus sotaques do Sul fluíam indolentemente ao calor. Pararam de falar quando passámos. Erguendo os rostos, seguiram-nos com olhos sonolentos.

Apressadamente, passámos por uma vendedora de *noodles* cuja gigantesca panela preta num fogão de carvões incandescentes se projetava para a via. Gotas de suor corriam pelo pescoço da avó. Os seus cabelos tinham mais fios brancos do que pretos. Erguia um telegrama que continha o endereço que procurávamos. Ao chegar a nossa casa, três dias antes, as duas simples linhas

do telegrama tinham feito a avó desmaiar. Quando recuperou os sentidos, insistiu em que partíssemos imediatamente de Hanói.

A minha mãe ia à frente, transportando uma mochila cheia de plantas medicinais secas. Quatro anos após o seu regresso, continuava tão magra, que eu temia que um vento forte a pudesse levantar e soprar para longe. A busca pelo meu pai continuava, tal como os seus pesadelos. Pelo menos, tínhamos acabado de receber notícias do tio Minh, mas podiam não ser boas.

A avó separou-se de mim, correndo em direção a uma barraca. Placas de latão enferrujado compunham o seu telhado e paredes. Rabiscado na sua precária porta estava o número setenta e dois.

Juntámo-nos a ela para bater à porta, chamando pelo tio Minh.

Não nos respondeu nenhum som, apenas o estalar das folhas de latão sob o calor intenso.

– Está em casa. Entrem só – gritou a vendedora de *noodles*, de pé no meio da ruela com as crianças à sua volta, como pintainhos aglomerando-se junto a uma mãe galinha.

O tio Đạt empurrou a porta, que caiu para um dos lados, como que prestes a desabar, e depois abriu-se. A luz jorrou para dentro de um quarto, desprovido de outros móveis além de uma esfrangalhada cama de bambu. Na sua esteira de palha, jazia o que parecia ser o esqueleto de um homem.

Estava deitado de lado, de costas para nós. Tinha a cabeça calva e enrugada. Pele amarelenta agarrava-se aos ossos das suas costas nuas.

– *Minh con oi!* – uivou a avó.

O homem debateu-se e virou-se para nós. Tinha as faces escavadas, os olhos órbitas encovadas, os lábios gretados inchados de chagas.

– *Mẹ* – exclamou. Estendeu as mãos ossudas. – Mamã. Estás aqui.

A avó cambaleou em direção a ele. Soluçou contra o seu ombro trémulo.

– Irmão, oh, irmão – disse o tio Đạt, abraçando o peito do tio Minh.

A minha mãe ajoelhou-se junto à cama. O telegrama do tio Minh tinha-nos dito que ele estava doente, mas assim tão doente? Parecia ter o dobro dos seus quarenta e um anos. A toalha ao seu lado estava manchada de sangue.

Escorriam-lhe lágrimas pelo rosto macilento.

– Mamã, Ngọc, Hạnh, Đạt. Tive saudades vossas... – A sua voz foi interrompida por uma intensa tosse. Movimentos violentos sacudiram-lhe o

corpo.

Endireitámo-lo. A minha mãe bateu-lhe nas costas. Tremia descontroladamente. Escorria-lhe sangue da boca.

A avó limpou-lhe o rosto com o lenço. Acariciou-o com palavras ternas até a tosse passar. Enquanto o tio Đạt recostava o tio Minh contra a pilha de almofadas e cobertores que tínhamos feito para ele, a tia Hạnh recuou. Virou-se para esconder o rosto, mas vi-a torcer o nariz. Não a culpava por ter esquecido o cheiro da pobreza e da doença; eu só estava habituada a ele desde que começara a visitar frequentemente a minha mãe no seu hospital.

Os olhos cansados do tio Minh reconheceram a minha presença enquanto eu lhe dava um pouco de água. Senti um cordão silencioso a ligar-nos. O cordão das canções de embalar dos nossos antepassados que a avó lhe tinha em tempos cantado, e depois a mim.

– A minha filha, Hường – disse a minha mãe, apresentando-me, e os olhos do meu tio iluminaram-se. Abriu a boca, mas a minha mãe implorou-lhe que não falasse. Disse-nos para não lhe fazermos perguntas ainda. Pegando-lhe na mão e virando a palma para cima, encostou-lhe os dedos ao pulso, procurando a pulsação.

A avó tentava aliviar-nos do calor escaldante com um leque de papel. A manhã ainda só ia a meio, mas o ar pegadiço colava-se à nossa pele. As chapas de latão continuavam a crepitar, como que prestes a explodir.

– Estás em boas mãos, filho – disse a avó, enquanto a minha mãe estendia a mão para a sua mochila. – A Ngọc é uma excelente médica. Vais ficar melhor não tarda.

O meu tio assentiu, erguendo os cantos dos lábios. Agarrou no braço da avó, como se nunca mais a quisesse soltar.

A minha mãe encostou o seu estetoscópio ao peito do tio Minh. Fechou os olhos, escutando como se a sua vida dependesse disso. Examinou-lhe os olhos, o nariz, a boca, a garganta e as costas. Quando terminou, não tinha nenhuma expressão no rosto. Tremiam-lhe ligeiramente os dedos ao dobrar o estetoscópio, devolvendo-o à sua mochila.

– Deves ter dores terríveis – disse ela ao tio Minh. – Que tal uma injeção para as aliviar?

Ele fechou os olhos para aquiescer.

A minha mãe desinfetou as mãos com o álcool que tinha levado consigo e administrou-lhe uma injeção no braço magro.

– Por favor... não fales ainda. Vou preparar um bule de remédio herbáceo. Deve limpar o muco dos teus pulmões. Mas primeiro precisas de uma boa refeição.

O tio Minh assentiu e depois abanou a cabeça.

– Esperem. – Vasculhei a minha mochila, tirando uma caneta e um caderno.

«Onde estão o Thuận e o Sáng?», escreveu o tio Minh.

– A caminho – respondeu a avó. – Filho... a tua irmã é médica e diz que precisas de comer. O *phở* lá fora tem um cheiro delicioso. Podemos trazer-te uma tigela?

– Vou buscá-la – disse a tia Hạnh. Agarrou na sua bolsa e saiu.

O tio Minh estendeu uma nota enrugada ao tio Đạt. «Há um vendedor de gelo ao fundo da rua. Podes ir comprar algum para arrefecer o quarto?», escreveu.

O tio Đạt empurrou o dinheiro de volta.

– Pagas-me depois, quando tu e eu estivermos de regresso a Hanói... com bilhetes para um jogo de futebol.

O tio Minh sorriu e aquiesceu.

Perguntei-me se o meu tio mais velho teria família. Estudei a barraca, mas a única coisa que me falava do seu passado era o altar – uma prateleira de madeira presa à parede ferrugenta. Nela, erguia-se uma estátua de um homem pregado a uma cruz. O meu tio tinha-se tornado cristão?

Segui a avó pela porta das traseiras, que dava para uma área ensombrada por um telhado de colmo e rodeada pelas folhas de latão das casas dos vizinhos. Um fogão de barro repousava no chão de terra, junto a uma pilha de lenha. Um grande jarro castanho erguia-se ao canto, meio cheio de água.

– Há tantas coisas que lhe quero perguntar – disse a avó, chorando contra as mãos. – Não compreendo porque não nos mandou notícias. Podia ter tentado dizer-me que estava vivo. Todos estes anos...

– Deve ter tido as suas razões, avó. Poderá dizer-nos em breve.

Tirando água do jarro, lavámos os rostos. Ensopei a minha toalha, usando-a para arrefecer as costas da avó. Angustiava-me ver os seus ossos e as cicatrizes infligidas pelo Fantasma Perverso.

A avó encheu um balde de água. Ao levá-lo para dentro, vi a minha mãe sentada ao lado do tio Minh, a examinar uma pilha de papéis. Quando a avó entrou, guardou rapidamente os papéis na sua mochila.

– Pronto para um banho de esponja? – perguntou a avó. O tio Minh sorriu. De repente, o seu corpo saltou, sacudido por acessos de tosse. Ao olhar para a minha mãe, li a preocupação nos seus olhos.

A tosse acalmou. A porta da frente abriu-se, mas, em vez da tia Hân, foi um rapaz que entrou, carregando uma tigela fumegante. Agradei-lhe e, com um leque, abanei o *phở*.

A avó lavou o tio Minh. A minha mãe desembrolhou pacotes de ervas. Pesou diferentes ingredientes, vertendo-os na panela de barro que tinha levado consigo.

O tio Đạt voltou com um tabuleiro cheio de gelo, que depositou junto ao tio Minh. Tirou-me o leque, abanando-o, projetando frescura para o quarto.

Nas traseiras da barraca, acendi uma fogueira. A minha mãe deitou água na panela de barro.

– Como está ele, mamã? – perguntei, alimentando o fogo com pedaços de madeira.

Ela puxou-me para si, encostando os lábios ao meu ouvido.

– Não digas já à avó. O teu tio Minh está a morrer. Aqueles papéis que ele me mostrou... é cancro. Espalhou-se para os pulmões e para o fígado. Esteve hospitalizado durante meses, mas os médicos mandaram-no para casa, disseram que já não podiam ajudar.

– Mas e tu, mamã? A tua medicina pode fazer magia.

– Temo que seja tarde demais. O cancro está demasiado avançado. Os resultados dos seus exames... – Mordeu o lábio. – Vou tentar, mas acho que só posso ajudar a aliviar a dor dos seus últimos dias.

Doía-me o peito pela avó. Como poderia ela lidar com uma notícia tão horrível?

Virei-me para a fogueira. As vidas humanas eram curtas e frágeis. O tempo e as doenças consumiam-nos como as chamas a queimar aqueles pedaços de madeira. Mas não importava quanto ou quão pouco tempo vivíamos. Importava mais quanta luz éramos capazes de derramar sobre aqueles que amávamos e quantas pessoas tocávamos com a nossa compaixão.

Pensei em Tâm e em como o seu amor tinha alegrado a minha vida. Sempre que me sentia em baixo devido às saudades do meu pai, ele estava lá para me fazer rir. Desejei tê-lo ali naquele momento, para me abraçar e dizer que ia tudo correr bem.

O remédio borbulhava, o seu denso aroma tecido no ar. A minha mãe

reduziu o lume.

O tio Đạt saiu, ensopando o rosto com água.

– A Hạnh já voltou? – perguntou a minha mãe, semicerrando os olhos contra o fumo.

– Ainda não – sussurrou o meu tio. – Vi-a a conversar lá fora com os vizinhos. Deve estar a fazer-lhes perguntas sobre o irmão Minh.

Dentro da barraca, o tio Minh era uma vez mais o filho da avó, abrindo a boca enquanto ela lhe dava a sopa de *noodles* a comer. Mastigava com dificuldade e estremecia ao engolir, mas os seus olhos brilhavam.

Enquanto comia, a avó falou-lhe sucintamente da sua caminhada até Hanói. Tínhamos uma casa maravilhosa, disse ela, e assim que ele estivesse suficientemente bem, levá-lo-ia para lá.

Falou sobre o tio Đạt, o seu casamento feliz com a tia Nhung e o seu bebé de três meses, que era gorducho como o Buda Sorridente. Não lhe disse quão tínhamos temido que o menino tivesse problemas. A primeira coisa que a avó fez após o nascimento do bebé foi contar-lhe os dedos das mãos e dos pés. Quando os médicos disseram que o bebé era perfeitamente saudável, a avó encostou a testa ao chão do hospital, agradecendo a todos os deuses a quem tinha rezado. O tio Đạt e a tia Nhung deram ao bebé o nome de Thống Nhất, que significava «Unificação», um desejo ardente de muitos vietnamitas, do Norte e do Sul, durante a guerra.

A avó falou ao tio Minh dos respeitados cargos da minha mãe tanto no Hospital Bạch Mai como no Instituto de Medicina Tradicional. Não lhe disse, porém, que a minha mãe nos tinha levado, a mim e à avó, numa viagem. Diante da sepultura do meu irmão bebé, chorou enquanto a avó e eu entoávamos preces, abençoando a sua alma com a paz. Quando chegámos ao Cemitério de Trường Sơn, onde o tio Thuận tinha sido sepultado com milhares de outros soldados, foi a vez de a avó soluçar. Filas de túmulos estendiam-se até ao horizonte, até onde a nossa vista alcançava. Muitos desses túmulos estavam marcados como «Soldado Desconhecido». Nesse dia, perguntei-me se algum deles conteria os ossos do meu pai e o seu amor por mim, o amor que eu sabia que não pararia de arder, nem mesmo enterrado sob a terra fria.

A avó falou ao tio Minh da firme ascensão do tio Sáng na hierarquia do Partido, de como era agora um funcionário importante no Departamento Central de Propaganda. E de como a tia Hạnh e a sua família se estavam a

dar tão bem em Sài Gòn.

O tio Đạt saiu para ir buscar mais *phở* para todos nós, que eu comi sentada numa esteira de palha estendida no chão enquanto ouvia a avó. Falava agora longamente sobre as boas notas que eu tinha tido no meu primeiro ano de universidade e em como alguns dos meus poemas tinham sido publicados em jornais locais. Falou sobre Tâm, que estava a trabalhar no seu curso de agricultura e era meu namorado havia três anos.

– Dificultei-lhe a vida, no início, mas conquistou a minha confiança – disse ela ao tio Minh. – Vais gostar dele, de certeza. Vem da região do meio, como nós.

O tio Minh parecia verdadeiramente feliz por mim. Tinha recuperado alguma cor no rosto. Rabiscou no caderno.

– Então e tu? – A avó riu-se e disse que estava bem, que gostava do seu emprego a negociar no centro histórico. Tinha feito muitos amigos e tinha muitos mais clientes habituais.

O meu tio ergueu o braço, alisando as rugas no rosto da avó. O trabalho árduo tinha-a feito parecer muito mais velha do que os seus cinquenta e nove anos, embora continuasse a ser uma mulher graciosa. Ao longo dos anos, tinha visto homens visitar a nossa casa. A avó tinha-os afugentado a todos com a sua indiferença. Eu sabia que o rio do seu amor pelo meu avô nunca tinha parado de fluir e via como eu ia acabar como ela e a minha mãe, leal a um só homem.

– Estou perfeitamente feliz, agora que te encontrei. – A avó apoiou o rosto na mão do seu filho. Inclinou a tigela, vertendo o resto da sopa para a colher. – Muito bem, meu filho. Acabámos.

O tio Đạt e eu insistimos em que a avó comesse. Juntou-se a nós na esteira de palha. Eu dirigi-me à cama, pegando no leque. A minha mãe saiu da zona de cozinha, pedindo ao tio Minh para dormir uma sesta. Ele abanou a cabeça e ergueu a caneta. «Ngọc, fala-me do pai da Hương.»

A minha mãe sentou-se e massajou as pernas do tio Minh. Era uma história que eu tinha pedido para ouvir muitas vezes.

– Conheci o Hoàng quando tinha dezoito anos, no Festival de Meio do Outono – começou ela.

Estava uma noite mágica, o céu adornado pela lua cheia. À volta do lago da Espada Restituída, milhares de lanternas de papel iluminadas por velas reuniam-se para um cortejo, as suas luzes a balançar como as escamas de um

dragão ao ritmo de canções e tambores. A minha mãe, demasiado velha para carregar uma lanterna, perseguia os amigos, passando a correr pelas figuras iluminadas de estrelas, animais e flores. Ao ver que os amigos desapareciam da sua vista, acelerou e tropeçou numa pedra afiada. Caiu, com sangue a jorrar-lhe do pé.

Gritou de dor, mas a sua voz foi engolida pelos cânticos e tambores. Ninguém parecia reparar nela. Quando o seu desespero crescia, um jovem emergiu da multidão. Ajoelhou-se, tirou a sua camisa exterior, rasgou-a e ligou-lhe o pé. Levou-a a casa e, pelo caminho, fê-la rir tanto, que ela se esqueceu da dor. A partir de então, tornaram-se inseparáveis, até que o homem – o meu pai – se juntou ao exército.

Mostrei o *Sơn ca* ao tio Minh.

– O meu pai esculpiu isto para mim.

O meu tio estudou a ave. «É lindo. Onde combateu o teu pai?», escreveu ele.

– Não sei. Nunca recebemos nenhuma carta dele.

– Desisti de procurar o Hoàng – disse a minha mãe. – Mas recentemente vi um artigo no jornal. Um soldado tinha sido ferido numa explosão e perdido a memória. No início deste ano, pôs-se a ouvir rádio e ouviu um poema sobre o rio que atravessa a sua aldeia. O poema evocou emoções tão poderosas, que se lembrou do caminho para casa. Havia nove anos que a sua família não tinha notícias dele, e então ele apareceu. Consegues imaginar como ficaram felizes?

Pensei nos trabalhos que tinha publicado. Ansiava por que o meu pai os lesse e encontrasse o caminho de volta para nós.

A tia Hạnh apareceu. O tio Đạt encontrou-se com ela à porta. Ela disse-lhe algo, e ele franziu o sobrolho. Eu estava desesperada por saber o que se passava, mas não queria que o tio Minh nos visse a sussurrar.

A avó regressou para junto da cama.

– Dorme um pouco, filho. Falamos mais depois.

O tio Minh anuiu, mas a caneta rabiscou sobre a página. «Mamã, como estão a avó Tú, o Sr. Hải e o seu filho?»

– O Sr. Hải e a família estão bem. Mal podem esperar para te ver. Quanto à minha amada tia Tú... Lamento, filho... já tinha morrido quando consegui regressar à nossa aldeia. As pessoas disseram que tinha cometido suicídio, mas eu não acredito.

O tio Minh apertou a caneta com força. «Achas que alguém a matou?»

– Sim, para se apoderarem das nossas terras. Ela defendia-as com tanta ferocidade.

«Essa gente perversa, vão apodrecer no inferno.» A caneta tremeu na mão do meu tio. «E quanto ao irmão Thuận, mamã?»

A avó estava desolada. Enquanto a minha mãe a abraçava, falei sobre os bombardeamentos e os dois soldados que nos tinham levado a notícia do meu tio.

– Thuận, oh, meu irmãozinho... – uivou o tio Minh. Bateu no peito. Pegou na mão da avó, as lágrimas a escorrer-lhe pelas faces. – Mamã, lamento. Sofreste tanto.

– Mas a minha vida também está cheia de bênçãos – disse a avó, com a voz embargada. – Foi uma grande bênção quando recebi o teu telegrama. Como tinhas a minha morada, filho? E porque não me contactaste mais cedo?

O tio Đạt e a tia Hạnh estavam ao meu lado, ansiosos pelas respostas. O tio Minh escreveu algo, só para o enegrecer com a tinta. Virou para uma nova página, mas ficou apenas a segurar a caneta, de olhos fechados.

Retraí-me quando ele atirou com a caneta e o caderno para cima da cama. Penou para se endireitar e depois rastejou em direção à avó. Prosternou-se diante dela, tocando-lhe com a cabeça nos pés.

– Mamã... perdoa este filho inútil.

– Minh. – Agarrando-lhe nos ombros, a avó puxou-o para cima. – Se alguém tem a culpa, sou eu. Fui incapaz de manter a nossa família unida.

– Mas eu não... – Uma violenta tosse interrompeu o meu tio. Agarrou-se ao peito enquanto a minha mãe lhe dava palmadinhas nas costas. Assim que a tosse passou, ela deu-lhe um pouco de água.

O meu tio acenou-lhe em agradecimento. Afastou um canto da sua esteira de palha. Por baixo, estava um volumoso envelope. Com as duas mãos, entregou-o à avó.

Inclinei-me para a frente, captando um vislumbre. «*Gửi Mẹ Trần Diệu Lan, 173 Phố Khâm Thiên, Hà Nội.*» O envelope estava dirigido à avó. Não tinha remetente.

O tio Minh pegou na caneta. «Quería enviá-lo pelo correio, mas temi que caísse nas mãos erradas. Por favor, leiam-no juntos», escreveu.

– Fá-lo-emos assim que tiveres bebido o teu remédio – respondeu a

minha mãe, olhando para o seu relógio.

Enquanto o tio Đạt ajeitava as almofadas atrás das costas do tio Minh para o ajudar a sentar-se mais direito, a avó ficou a olhar fixamente para o envelope, sem o abrir.

A minha mãe regressou com uma taça de líquido negro nas mãos. Retraí-me ante o cheiro. Ela abanou o líquido para o arrefecer e levou-o aos lábios do tio Minh.

– É amargo, mas vai ajudar.

Ele bebeu um gole e estremeceu. Inclinou a cabeça para trás, deitando a língua de fora e abanando a cabeça.

– Irmão, por favor, tens de beber tudo – pediu o tio Đạt. – Os tratamentos da Ngọc fizeram maravilhas por mim. Bebi pelo menos cinquenta bules da sua infusão e vê como estou forte. – Fletiu os braços, cujos músculos sobressaíam.

O tio Minh riu-se, tossiu e respirou fundo. Apertou o nariz, engolindo o remédio em pequenos goles. Finalmente, esvaziou a taça. Aplaudimos.

– Agora, tens de repousar – disse a minha mãe, ajudando o meu tio a deitar-se. – Dorme. Falaremos quando te sentires melhor.

Sentámo-nos em círculo no chão, longe da cama.

– Falem baixo – disse a minha mãe.

O envelope permanecia imóvel nas mãos da avó. A tia Hạnh pegou-lhe. Ao abrir a aba, retirando as páginas, um envelope de aspeto antigo caiu.

Uma carta mais pequena. Também estava dirigida à avó, mas tinha o nome do remetente: Nguyễn Hoàng Thuận – o meu falecido tio.

Os olhos da avó abriram-se de repente.

– É a letra do Thuận. Oh, meu filho, meu filho!

A minha mãe agarrou-se aos ombros da avó enquanto eu ficava tonta.

– Como raio conseguiu ele isto? – perguntou a tia Hạnh, expressando a questão que corria desvairada pela minha mente. O tio Đạt olhou para a cama. O tio Minh tinha-se virado para o outro lado, a pele a descair-lhe dos ossos das costas.

A minha mãe tirou a carta do tio Thuận à avó e leu-a em voz alta para todos nós.

Querida mamã,

No limiar deste novo Ano do Rato, penso em ti. Oh, como anseio por estar contigo e com os meus irmãos e irmãs. Como anseio por me sentar ao lado da borbulhante panela de bánh chưng, o perfume desses bolos de arroz glutinoso a aquecer a nossa casa.

Como estás, minha querida mamã? Como estão a Hương, a irmã Ngọc e a irmã Hạnh? Recebeste notícias do irmão Đạt, do irmão Sáng e do irmão Hoàng? Se não recebeste, não te preocupes. São fortes e hábeis. Em breve, juntar-se-ão a mim no regresso a casa.

Mamã, ouvi dizer que os bombardeamentos em Hanói estão a piorar. Por favor, tem cuidado e mantém-te nos abrigos subterrâneos. Se puderes, parte. Vai para uma aldeia, onde é seguro.

Sonho com o dia em que poderei voltar para casa, para ti, mamã. Por todo o Vietname, centenas de milhares de mães esperam que os seus filhos e filhas regressem da guerra. Esta noite, vejo os olhos dessas mães e os teus a iluminar o Céu sobre a minha cabeça.

Como vão celebrar o Tết este ano, mamã? Conseguiste comprar arroz glutinoso e carne de porco para fazer bánh chưng? As pessoas ainda vendem ramos de flores de cerejeira nas ruas? Oh, tenho saudades de ver essas flores cor-de-rosa e vermelhas a irromper de cestos de bambu ou nas traseiras das bicicletas dos vendedores ambulantes.

Terias adorado a nossa festa de Ano Novo aqui na selva, mamã. Fizemos um banquete hoje, com peixe fresco apanhado num riacho. Terias gostado do tàu bay, o vegetal selvagem que eu cozinhei. E adivinhas o que encontrei ontem no meu caminho? Um ramo de mai amarelas. As suas flores em botão dizem-me que esta guerra acabará, que em breve voltarei para ti. Voltarei para ti e voltarei a ser o teu filho.

Tenho saudades de ti, mamã.

O teu filho,

Thuận

P. S. O meu camarada vai partir para o Norte em missão, por isso, vou entregar-lhe isto. Por favor, diz à Hương, à Ngọc e à Hạnh que vou a meio da minha carta para elas. Espero conseguir enviá-la em breve.

As lágrimas faziam-me arder os olhos. O tio Thuận gostava tanto de

bolos *bánh chưng*, que insistia sempre em que a avó os fizesse para o Tết. Com ele morto, a avó nunca mais os tinha voltado a fazer.

– Meu pobre irmão mais novo. Amava-nos e amava a sua vida – disse a tia Hạnh. Vergou-se para a frente como se alguém lhe tivesse dado um murro no estômago. – Foram pessoas como ele que mataram o Thuận. – Apontou para o tio Minh.

– Hạnh! – O tio Đạt agarrou-lhe no braço, puxando-o para baixo. Olhou para a avó, que segurava a carta do tio Thuận contra o rosto.

– Lutou pelo Exército do Sul – silvou a minha tia. – Soube pelos vizinhos. Por isso, só há uma explicação para como a carta lhe foi parar às mãos.

– Não julgues antes de saberes todos os factos – disse a avó, endireitando os ombros. Pegou no envelope maior e nas suas páginas por ler, entregando-mas. – Hương, lê com clareza. Não pares até chegares ao fim.

Cidade de Nha Trang, 16/12/1978

Meus queridos mamã, Ngọc, Đạt, Thuận, Hạnh e Sáng,

É o Minh que vos escreve. Escrevo isto vinte e três anos depois do dia em que nos vimos pela última vez. Acreditem, foram muitas as vezes em que comecei esta carta só para a rasgar. Há tantas coisas que vos quero dizer, mas não sabia como começar. Como podia embrulhar toda a minha saudade de vós na pequenez das palavras? Seria melhor para mim falar-vos pessoalmente, mas e se nunca mais tiver oportunidade de vos voltar a ver?

Thuận, recebi a tua carta em 1972, alguns meses depois de a teres escrito. Ao segurar as tuas palavras na minha mão, ri, visto que tinham todos sobrevivido à Reforma Agrária, e chorei por teres de combater no banho de sangue que é esta guerra. Oh, meu irmãozinho, como estás agora? Đạt, Sáng, Ngọc e Hạnh, tiveram de ir para os campos de batalha? Foram feridos?

Mamã, como conseguiste escapar àqueles assassinos? Lamento tanto não ter podido esperar por ti e levar-te comigo ao viajar para o Sul. Se o tivesse feito, talvez todos nós estivéssemos agora na América, a viver em liberdade, como uma família. Oh, que egoísta e covarde da minha parte ter fugido sem esperar por ti depois da minha fuga. Enquanto filho mais velho da família, devia ter cuidado de ti. Falhei na minha responsabilidade. Lamento tanto.

Minha amada família, aconteceram muitas coisas desde o dia que nos separou. Talvez possa começar por recordar o que nos aconteceu, a mim e ao tio Côm, durante aquele dia terrível. É doloroso lembrá-lo, mas tenho de reviver estas experiências, pois não só me mudaram mas também explicam as razões para as minhas ações posteriores.

Estava um dia tranquilo e andávamos a mondar um troço de arrozal, lembrás-te, mamã? Depois de teres ido para casa para dar de comer ao Sâng, eu fiquei a trabalhar ao lado do tio Côm. Subitamente, vozes vociferantes ecoaram.

«Alguém deve ter apanhado um ladrão», comentou o tio Côm, de costas curvadas sobre o arroz. Mas as vozes aproximavam-se. Ao limpar o suor dos meus olhos e levantar a cabeça, vi que um grupo de homens e mulheres investia contra nós, armado com tijolos, facas e grandes varas.

«Para o inferno com os proprietários perversos!», bradava a multidão, de armas em riste nas mãos.

O tio Côm implorou por misericórdia, mas aquela gente subjugou-o. Enquanto eu uivava e pontapeava, imobilizaram-nos, amarraram-nos, bateram-nos e arrastaram-nos em direção à nossa aldeia.

Fiquei aterrorizado ao ver-te, mamã. Estavam a atirar-te dos cinco degraus do pátio da frente.

O medo paralisou-me enquanto me amordaçavam, me arrastavam para longe da nossa casa e me faziam desfilar pela aldeia. O tio Côm e eu tivemos de caminhar sob uma chuva de ovos podres, pedras, lascas de tijolo e palavras iradas. A sangrar, levaram-nos até ao rio da aldeia e amarraram-nos com cordas ásperas a grandes troncos de árvore.

Ajoelhámo-nos, sedentos e num sofrimento insuportável. Enquanto eu lutava para me libertar, o tio Côm inclinou-se para mim. Não podia falar, mas li nos seus olhos a sua tristeza e o seu amor por mim. Ali perto, os que nos tinham capturado tinham acendido uma fogueira. Riam ruidosamente enquanto comiam, esvaziavam garrafas de vinho de arroz, aplaudiam e gritavam palavras de ordem. Desafiavam-se entre si a aplicar o pior dos castigos aos proprietários perversos.

Quando o calor das discussões entre os homens estava intenso, desamarraram o tio Côm. Exigiram-lhe que lhes beijasse os pés. Quando o tio Côm recusou, pontapearam-no, chamando-lhe os nomes mais obscenos. Tentei encolher-me numa bola quando arrastaram para perto um cesto de

bambu com tampa – do tipo usado para transportar porcos.

Ante isto, tive de parar. Diante de mim, a avó mordia o lábio com tanta força, que estava branco. Desejei poder fazer desaparecer as palavras para não lhe infligirem mais dor.

Mas os olhos da avó diziam-me para continuar.

«Admite que és um proprietário perverso que explora os agricultores pobres!», gritou um dos homens ao tio Côm.

O meu querido tio abanou a cabeça, e eles empurraram-no para o cesto, fechando a tampa.

Uivos gorgolejaram-me na boca enquanto o cesto era atirado ao rio. «Diz-nos que és um proprietário perverso e libertamos-te!», entoava a turba enquanto mergulhava repetidamente o cesto.

Tentei libertar-me da árvore. Queria estrangular cada uma das pessoas ali presentes com as minhas próprias mãos, mas a corda impedia-me. Os meus olhos tinham-se já esvaziado de lágrimas quando o corpo sem vida do tio Côm caiu com um baque no chão ao meu lado. Retorci-me, estiquei-me para a frente e consegui alcançá-lo com o pé. Toquei-lhe repetidamente, mas não obtive resposta. Com o passar do tempo, o seu corpo ficou frio e rígido.

Morto – o tio que tinha cuidado de mim como um pai. Morto – o homem que me tinha instruído sobre a bondade e o trabalho árduo. O meu tio tinha sido assassinado diante dos meus olhos, e não houvera nada que eu pudesse fazer por ele.

Os homens continuaram a beber e a gritar as suas palavras de ordem. Tinha a certeza de que me tinham deixado vivo para me castigar nos dias seguintes, para todos os nossos aldeões verem. De vez em quando, levantavam-se, dirigiam-se à árvore e mijavam-me em cima. Pontapeavam-me e riam-se de mim. Mordi o lábio até fazer sangue. Até então, não conhecia o ódio, nem mesmo quando o meu pai me havia sido tirado, mas nesse momento senti-o na minha língua. Jurei exercer vingança pelo meu pai e pelo meu tio enquanto vivesse.

De madrugada, os homens ficaram tão embriagados, que se deixaram cair, amarfanhados, à volta da fogueira elanguescendo, os seus roncos e resfôlegos a fender o silêncio da hora. Debatí-me, mas era impotente contra a corda. Perdi toda a esperança enquanto o fogo esmorecia.

Uma voz suave. O meu coração deu um salto. O Sr. Hãi e o filho tinham ido ali para me resgatar. Apressaram-se a desamarrar-me e conduziram-me a uma estrada. Estava uma escuridão de breu; não sabia onde estava.

«Tens de partir, Minh... de fugir para longe. Se ficares aqui, matam-te», sussurrou o Sr. Hãi.

«Mas e a minha mãe, a minha família? Não devia esperar por eles?», perguntei eu.

«Dir-lhes-ei que escapaste e que também eles devem fugir. Agora vai, caso contrário apanham-te.» As mãos do Sr. Hãi tremiam-me no rosto. «Boa sorte, Minh. Têm uma quota de quantas pessoas executar. O meu filho levar-te-á à estrada nacional. Vou ter com a tua mãe.» Os seus passos desapareceram na noite.

Na estrada nacional, as palavras urgentes do seu filho sussurraram-me aos ouvidos, dizendo-me para tentar apanhar boleia, para fugir depressa.

Depois de receber o seu abraço de despedida, cambaleei estrada fora. Brados e tambores ao longe causavam-me tremores da cabeça aos pés. Disse para comigo que tinha de sobreviver. Tinha quase dezoito anos. Podia tomar conta de mim mesmo. Tinha de o fazer, mas parte de mim implorava-me que regressasse a casa, que te fosse procurar, minha querida mamã, que vos fosse procurar, meus amados irmãos e irmãs.

Enquanto vagueava pela estrada nacional, cruzei-me com uma família católica que ia a fugir – o Sr. Cường, a mulher e as duas filhas. Tinham conseguido obter passes de viagem para a estrada nacional e estavam à espera do seu carro de búfalos. Ao verem as minhas feridas sangrantes, cortadas pela corda, apiedaram-se de mim. Partilharam comigo os seus medicamentos, a sua comida e a sua água. Perguntaram o que tinha acontecido e ofereceram-se para me esconder dentro da carroça. Sabiam que seria perigoso, mas decidiram que Deus tinha providenciado para que me encontrassem, e que era seu dever ajudar.

Virando-me de novo para a nossa aldeia e vendo apenas medo e morte, deixei que aquela gente bondosa me cobrisse com palha. Rodearam-me de sacos de pertences e fixaram uma tábuia de madeira por cima de mim. Enquanto era puxado para longe da minha terra natal, senti-me como se os meus membros me estivessem a ser arrancados do corpo.

Após dias de viagem, a família do Sr. Cường puxou a tábuia para trás. Saí para a luz para dar por mim em Hãi Phòng, uma cidade que o Sr.

Cường disse ficar cerca de 120 quilómetros a leste de Hanói. Olhei para a estrada que tínhamos acabado de percorrer. Estava cheia de pó negro de carvão. Não via futuro para mim ali elanguescente.

O Sr. Cường disse-me que planeava atravessar a fronteira por mar e rumar a sul, e eu decidi ir com ele. Sul significava liberdade dos comunistas. Assim que me instalasse, enviar-vos-ia notícias e talvez vos pudesse ajudar a fugir. A ideia animou-me.

O Sr. Cường era um mercador influente que conhecia muitas pessoas em Hải Phòng. Uma delas acolheu-nos em sua casa. Quando a noite caiu, conduziu-nos a uma parte deserta do rio, onde um pescador e o seu barco aguardavam. Entrámos no barco, espalmando-nos contra o piso húmido, e o pescador cobriu-nos com redes e levou-nos dali.

O dia seguinte ia já avançado quando o pescador tirou a rede. Nas imensas águas, erguia-se um gigantesco navio, com minúsculos barcos de pesca a balançar à sua volta. O navio estava cheio de pessoas e estava prestes a partir para sul. A família do Sr. Cường tinha conseguido bilhetes.

O Sr. Cường disse-me para esperar enquanto ele subia a bordo. Poucos instantes depois, apareceu no alto convés com um homem de uniforme branco. Convenceu o homem de que eu seria um trabalhador forte e bom.

No navio, deitava carvão para as fornalhas incandescentes. Trabalhava furiosamente, tentando esgotar-me para conseguir adormecer durante as pausas. Não havia volta atrás nem terra à vista, só o vento, a água e o Sol.

Demorámos mais de uma semana a chegar a Nha Trang. Deixei o navio, negro do pó de carvão, mas animado por uma nova alegria no meu coração. Tinha encontrado amizade em Linh, a filha mais velha do Sr. Cường. Juntos, chorámos os nossos lares perdidos, mas, ao mesmo tempo, estávamos empolgados com o futuro que tínhamos pela frente – um futuro livre de terror, pensávamos nós.

O governo do Sul estava a tentar encorajar as pessoas a fugirem do Norte. Ofereciam alojamento gratuito e meios de sustento aos recém-chegados de lá. Eu alojei-me com um grupo de jovens rapazes no mesmo bairro que a família do Sr. Cường. Durante o dia, trabalhava como operário num projeto de construção. À noite, frequentava aulas. Queria arranjar um bom emprego, ganhar dinheiro para vos conseguir trazer para o Sul, meus queridos mamã, Ngọc, Đạt, Thuận, Hạnh e Sáng.

Era frequente dar por mim a vaguear pelo porto de Nha Trang, olhando

para as torrentes de pessoas que jorravam dos navios e barcos. Esperava que vocês tivessem conseguido partir para sul, como eu. Escrevi muitas cartas, mas não arranjei maneira de as enviar. Já não havia um serviço de correios entre o Norte e o Sul. Não conhecia ninguém que estivesse disposto a arriscar a vida ao voltar para o Norte. Ainda assim, a esperança no nosso reencontro ardia dentro de mim e dava luz aos meus dias negros.

Terminei o secundário, com Linh ao meu lado. Fui à igreja com ela e encontrei paz ao ouvir as palavras de Deus. Encontrei novas forças na minha fé. Fui batizado e jurei ser um bom católico.

Mas ser um bom católico não é fácil. Deus pede-me que perdoe àqueles que me fizeram mal. Mas como poderia eu alguma vez perdoar àqueles que assassinaram o meu pai e o meu tio e despedaçaram a nossa família?

Estudei muito, entrei para a universidade e licenci-me em direito. Especializei-me em direito penal, decidido a ajudar a desfazer injustiças. No dia da minha formatura, enquanto os meus amigos riam, eu chorei, pois não vos tinha lá para celebrar comigo. No meu primeiro dia de trabalho como advogado, porém, não chorei. Sorri, pois sabia que teriam orgulho em mim.

O meu emprego era bem pago, e pude pedir um empréstimo ao banco para comprar uma pequena casa. A minha primeira casa, conseguem imaginar?

Oxalá pudessem ter estado presentes no meu casamento. A Linh parecia um anjo. O nosso filho, Thiên, nasceu um ano depois, seguido pela nossa filha, Nhân. Terias adorado conhecer os teus netos, mamã. Conhecem-te bem, pois todos os dias lhes contava histórias sobre ti. Não queria que esquecessem as suas raízes.

A guerra intensificou-se. Os combates decorriam nos arredores da nossa cidade, mas às vezes havia explosões de artilharia no nosso bairro. Vivíamos com medo, pois qualquer pessoa podia ser um Việt Cộng disfarçado, com uma granada escondida nas calças ou na camisa.

O governo americano tinha enviado a sua tropa para ajudar, e eu estava convencido de que íamos vencer Hanói. Assim que isso acontecesse, a primeira coisa que faria seria regressar à nossa aldeia e procurar-vos.

Queria que os comunistas calçassem, mas, mesmo assim, quando o aviso de recrutamento chegou, fiquei siderado. Olhei para Jesus e rezei-lhe. Queria salvaguardar as liberdades que tínhamos no Sul, mas, se fosse para os

campos de batalha, iria enfrentar a morte, e a Linh ficaria sozinha com os meus filhos. Se fosse para os campos de batalha, correria o risco de lutar contra os meus irmãos e irmãs.

O meu sogro foi visitar-me. Disse-me que seria difícil fazer-me escapar à conscrição, mas que estava disposto a subornar. Ou então subornaria alguém para me conseguir um emprego de escritório no governo. Infelizmente, o nosso regime no Sul era tão corrupto, que quase tudo se podia comprar com dinheiro. Desprezava essa corrupção e não a queria apoiar.

Nessa noite, enquanto tentava tomar uma decisão, lembrei-me de como eram brancas as faixas fúnebres nas nossas cabeças enquanto chorávamos diante do caixão do meu pai, de como era perverso o riso dos que tinham assassinado o tio Côm e de como era amargo o ódio cujo sabor tinha sentido nos meus lábios. E lembrei-me do meu voto de vingança.

Assim, em 1971, juntei-me ao Exército da República do Vietname, ou ERVN.

Oh, meus irmãos e irmãs, tinha de ser o homem que defende as suas crenças, mas sabia então que vos podia defrontar no campo de batalha. Tinham passado dezasseis anos, mas os vossos rostos estavam gravados na minha mente. Se nos cruzássemos, disparariam contra mim? Eu não. Mas e se um dos meus camaradas tivesse uma arma apontada à vossa testa? Mataria eu o meu irmão de armas para salvar o meu irmão de sangue?

Essas perguntas estiveram sempre vivas na minha mente durante os meus quatro anos no exército. Escapei muitas vezes por entre os dedos da morte. E, apesar de nunca vos ter visto, dei por mim muitas vezes ao lado do inimigo morto. Enquanto lhes olhava para os rostos e inspecionava os seus pertences, temia o pior.

Pensava que encontraria satisfação em ver o meu inimigo morto, mas a visão só me fazia sentir vazio e triste. Dei-me conta de que o sangue derramado não pode fazer o sangue voltar a fluir nas veias de outros.

Esperava que vencêssemos a guerra, mas os americanos retiraram a sua tropa um ano depois do meu juramento de lutar ao lado deles. Engoliram a sua promessa de ajudar a proteger o Sul da invasão comunista. E o nosso ERVN tinha sido enfraquecido pelo gorgulho da corrupção. Quando o Exército do Norte e os Việt Cộng do Sul venceram batalha após batalha, o meu comandante fugiu de helicóptero. Alguns dos meus camaradas suicidaram-se. Os restantes desertaram dos seus postos ou renderam-se.

No dia em que a minha cidade, Nha Trang, foi tomada, chorei. Por essa altura, tinha abandonado as armas e voltado para casa. Escavámos um abrigo nas traseiras da minha casa para eu me esconder, mas, ao fim de várias semanas a viver debaixo da terra como um animal, arrastei-me para o exterior. A rádio dizia-nos que o novo governo estava a trabalhar no sentido da reconciliação. Pediam a todos os antigos soldados do ERVN que se entregassem. Prometiam não castigar ninguém. Enviaram antigos soldados do ERVN a nossa casa para falar com a minha mulher e os meus filhos. Esses soldados disseram que tinham sido bem tratados; do Norte ou do Sul, éramos todos irmãos e irmãs agora.

Linh e o meu sogro acompanharam-me quando me fui entregar. Temíamos que fosse ser preso, mas os oficiais que falaram comigo foram cordiais. Pediram-me que escrevesse um relatório sobre as coisas que tinha feito durante a guerra. Depois, disseram-me para ir para casa e me apresentar todas as semanas durante os três meses seguintes, e que isto era apenas para fins administrativos. Nessa noite, celebrámos. Decidi que, assim que os meus três meses terminassem, tentaria encontrar-vos.

Mas nada é certo na vida. Quando me apresentei às autoridades na semana seguinte, fui imediatamente conduzido a um camião apinhado, que me levou a um campo de reeducação a muitas horas de Nha Trang, no alto das montanhas. Nem tive oportunidade de me despedir dos meus entes queridos.

O campo era uma dura prisão de trabalhos forçados. Tínhamos de remover arbustos e de cavar terra rochosa para a transformar em arrozais. Sem cuidados médicos e comida suficiente, foram muitos os que morreram. A malária quase me matou várias vezes. O que me fazia sentir mais miserável, contudo, era o facto de não saber o que tinha acontecido à Linh e aos meus filhos – e a todos vós.

Os dois anos no campo pareceram séculos. Após ser liberto, regressei a casa para deparar com a minha mulher e os meus filhos em dificuldades. A Linh não conseguia arranjar emprego e tivera de vender as suas joias, roupas e a nossa mobília para conseguir manter o Thiên e a Nhân na escola. Eram rotulados de Ngụy – «Ilegítimos» – e sofriam discriminações extremas. Durante os dois anos seguintes, fui privado dos meus direitos de cidadão. Não podia trabalhar. Não tinha um bilhete de identidade. Não podia votar. Durante muitos meses, tive de me apresentar todas as semanas às

autoridades.

O meu sogro tinha construído um império empresarial em Nha Trang, mas perdeu quase tudo depois da guerra. Enquanto eu estava na prisão, as suas casas, bens e negócios foram nacionalizados. Ele e a mulher tiveram de passar um ano na Nova Zona Económica de Lâm Đồng. As condições montanhosas de lá eram duras, e todas as noites tinham de se reunir e entoar canções em louvor do novo governo. Numa noite, o meu sogro agarrou na mulher e esgueirou-se para fora da sua choupana. Fugiram, foram para casa e desenterraram os lingotes de ouro que tinham escondido no seu jardim. Compraram um barco e, ao longo dos meses seguintes, prepararam-se em segredo para atravessar o mar rumo à América.

Seria uma viagem perigosa. «Mas prefiro morrer a viver a vida dos indesejados», disse-me o meu sogro. A minha mulher e os meus filhos decidiram entrar no barco. Imploraram-me que fosse, e eu queria, mas a minha mente voltou-se para o Norte. Tinha-vos perdido uma vez. Não o podia fazer duas. Tinha de vos ir buscar primeiro.

Ver a minha mulher e os meus filhos partir foi a coisa mais difícil que alguma vez tive de fazer.

Sozinho, regressei a casa. Aluguei um riquexó, com que me plantava nas esquinas das ruas, à espera de clientes. Esperava também pelo momento em que vos poderia contactar. Continuava a acreditar que as coisas mudariam em breve, que em breve poderia regressar à nossa aldeia natal. Infelizmente, as perseguições contra os que eram como eu continuavam. Se vos enviasse cartas ou regressasse para vos ver, causar-vos-ia graves danos.

Ansiava por notícias de Linh, Thiện, Nhân e dos meus sogros, mas só me chegavam histórias terríveis. Histórias de gente nos barcos que tinha sido roubada, violada e assassinada por piratas no mar; histórias de barcos que tinham ficado sem comida, água e gasolina, que tinham sido virados por tempestades. Não podia fazer mais nada a não ser rezar.

Quando adoeci, tentei convencer-me de que não era grave, de que era apenas causado pelas minhas preocupações. Depois, vomitei sangue e deixei de me conseguir levantar. Tive de vender a minha casa para financiar os tratamentos.

Agora, estou nesta barraca, na esperança de melhorar, ansiando por vos ver e por vos dizer o quanto senti a vossa falta.

Tentei, pois, explicar as razões pelas quais não vos pude contactar mais

cedo. Há outra pergunta que vos deve estar a arder no pensamento: como chegou a carta do Thuận à minha posse?

Foi um milagre.

Aconteceu em 1972, depois de um bombardeamento. A minha unidade estava a revistar uma floresta onde o inimigo tinha estado escondido. Junto à cratera de uma bomba, encontrei o cadáver de um soldado cujas farda e chapéu exibiam as estrelas comunistas. Revistei-lhe a mochila. Entre as coisas habituais, estava um monte de cartas manuscritas.

Era suposto entregar as cartas ao meu comandante, mas não resisti a ver as moradas nos envelopes. Moradas de aldeias, bairros, vilas, cidades. Moradas de mães, pais, irmãs, avós. Estudei-as rapidamente.

De repente, o meu coração deu um salto. «Gửi Mẹ Trần Diệu Lan, 173 Phố Khâm Thiên, Hà Nội.» A carta estava dirigida a ti, mamã, e o remetente era Nguyễn Hoàng Thuận – o meu irmão. Rapidamente, escondi a carta e, uma vez a sós, abri-a, devorando cada palavra. Lágrimas molharam-me o rosto. Durante os anos seguintes, a carta permaneceu no meu bolso do peito. Dava-me esperança de outro milagre, de me reencontrar com a minha família.

Gostaria de vos ver em melhores circunstâncias, quando tinha um emprego, quando estava rodeado pela minha amorosa mulher e pelos meus filhos. Mas, mais uma vez, o destino reduziu-me a um falhado, a um homem doente. Um homem sem nada para dar, a não ser o seu fardo de dor e de tristeza.

Mamã, Ngọc, Đạt, Thuận, Hạnh e Sáng, se me virem antes de morrer, por favor, encontrem no vosso interior a força para olhar para lá do meu mísero aspeto e ver um fogo dentro de mim. Arde por vós, pelos nossos antepassados e pela nossa aldeia. Arde, implorando o vosso perdão. Por favor, perdoem-me por não ter estado presente para vós. Por favor, perdoem-me, pois combati na guerra. Mas não lutei contra vós, lutei pelo meu direito à liberdade.

*Sempre e sempre,
Minh*

Pousei a carta, exausta. Não podia acreditar que o tio Minh tinha decidido tornar-se soldado apesar da possibilidade de escapar à conscrição. Por outro lado, tinha sofrido injustiças. E, tal como o tio Đạt, odiava a

guerra.

A avó levantou-se, cambaleando como uma sombra em direção à cama.

– Talvez tenha mentido. – A tia Hạnh olhou para o tio Minh, que chorava agora nos braços da avó. – Talvez tenha matado o irmão Thuận. Foi assim que obteve a carta. Foi por isso que não se atreveu a contactar a mamã.

– O Thuận disse que ia mandar a sua carta por um camarada que ia viajar para o Norte – disse o tio Đạt. – Bate certo com o que o irmão Minh escreveu. Sei que o nosso irmão mais velho jamais nos mentiria.

Os olhos da minha mãe marejaram-se de lágrimas.

– Mas lutou lado a lado com os sanguinários imperialistas americanos e com aqueles monstros...

– Irmã, foi a estúpida guerra – contrapôs o tio Đạt. – Lembras-te do soldado do Sul que te salvou? E do atirador de porta que me poupou a vida? Nem todos os que lutaram pelo outro lado eram maus.

A minha mãe mordeu o lábio.

– Irmãs – continuou o meu tio. – Não se esqueçam de como o irmão Minh era maravilhoso para nós. Era ele quem nos defendia dos rufias. Lembram-se do sujeito que nos costumava atirar pedras a caminho da escola? E de como o irmão Minh o enfrentou por nós?

– Costumava construir jangadas e levar-nos para o lago da aldeia – sussurrou a minha mãe. – Uma vez, queria uma flor *gào* que estava no alto da árvore, e ele trepou para lá ir buscar. O ramo quebrou e ele caiu... caiu com tanta força. Corri para ele e encontrei-o a rir. Disse que tinha recebido uma boa massagem no rabo. Deu-me a flor, perfeitamente intacta. – Começou a chorar mais intensamente.

– É esse o irmão mais velho Minh – disse o tio Đạt. – É nosso irmão. Não deixem que nada mude isso.

– Essas memórias de infância não significam nada. – A tia Hạnh abanou a cabeça. – Mesmo que não tenha sido ele a matar o Thuận, foram os seus camaradas. – Olhou para o relógio. – Não posso ficar. O último comboio para Sài Gòn parte daqui a meia hora.

– Mas ainda agora chegámos – exclamaram a minha mãe e o tio Đạt, em uníssono.

– Não posso carregar nem mais um minuto com o fardo desta família – disse a tia Hạnh. – Durante anos, tentei fazer o melhor para todos, mas ninguém quer saber do que eu passei. Se o irmão Minh é tão bom, digam-lhe

para enfrentar os rufias da escola dos meus filhos. Os rufias que lhes têm vindo a chamar *Bắc Kỳ ngu*, «estúpidos nortenhos». Os rufias que lhes dizem que invadimos o Sul, roubando os empregos aos seus pais.

– Lamento, Hạnh – disse a minha mãe. – Porque nunca nos falaste dessas coisas?

– Estavas tão perdida nos teus problemas, irmã. E o que podias fazer para ajudar, hã? Todos pensam que tenho uma vida perfeita, mas a vida nunca é perfeita. Sabiam que, por causa do meu passado, o meu marido tem de provar a sua lealdade ao Partido uma e outra vez? Está sob olhares vigilantes. Se descobrirem que o meu irmão é um *Nguy*, haverá consequências sérias.

– Hạnh – disse o tio Đạt. – Compreendo como te sentes. Mas *một giọt máu đào hơn ao nước lã*. Uma gota de sangue familiar suplanta um lago de água. É do nosso irmão que estamos a falar, e está a morrer.

A tia Hạnh deixou descair os ombros.

– Como vos disse, o Tuấn pediu-me que partisse se o irmão Minh fosse um *Nguy*. Prometi-lhe que o faria. E não posso quebrar essa promessa.

Deitada na esteira, abracei-me às costas da avó. Chorara até ser vencida pela exaustão. Encostei o rosto à sua blusa. O tremor do seu corpo fazia-me secar a garganta. Esforçara-se tanto por reunir a nossa família só para a ver novamente despedaçada.

A tia Hạnh devia estar no comboio. Estaria ainda a chorar tanto como quando nos deixara? Durante anos, invejara-a e desejara ser como ela, mas sabia agora que não gostaria de estar na sua posição: dividida na sua lealdade entre a família e o marido.

O peito do tio Minh subia e descia ritmicamente. O que lhe teria passado pela cabeça enquanto a tia Hạnh se despedia? Esperava que lhe implorasse que ficasse, mas ele limitou-se a apertar-lhe as mãos, sorrir e agradecer-lhe. Devia ter adivinhado as verdadeiras razões para a sua partida, mas não perguntou.

Temia que o tio Minh tivesse lutado pelo Exército do Sul, pelo que a sua carta não foi um choque assim tão grande para mim. Ainda assim, perguntei-me se teria enfrentado o meu pai nos campos de batalha e se teria montado as minas que rebentaram com as pernas do tio Đạt.

Desejei que Tâm estivesse ali para me dizer que ia ficar tudo bem. Se pudesse apoiar-me no seu ombro forte, ainda que apenas pelo mais fugaz dos

momentos, não me sentiria tão abalada.

Tâm tinha estado sempre presente para mim. Fora impreterivelmente o primeiro a ler os meus poemas e convencera-me a aprender inglês. À luz da nossa lâmpada a óleo, sentara-se ao meu lado, a traduzir comigo a última página de *Uma Casa na Grande Floresta*. E, com o livro novamente inteiro, podia ouvir o pai de Laura cantar; de alguma forma, o pai dela assemelhava-se ao meu.

– Tâm. – Disse o seu nome e acordei. O tio Minh e a avó continuavam a dormir profundamente. Era fim de tarde, mas o ar transbordava de calor.

A minha mãe e o tio Đạt tinham saído e regressavam agora. Nas traseiras da barraca, mostraram-me toda a comida que tinham comprado. A minha mãe desembulhou um saco de papel cheio de medicamentos ocidentais. Tinham ido ao hospital local para tentar persuadir os médicos de lá a internar novamente o tio Minh, mas não havia camas disponíveis.

O tio Minh acordou e vomitou sangue. A minha mãe auscultou-lhe os pulmões e deu-lhe os comprimidos. A avó deu-lhe papas. Apertando o nariz, ele bebeu outra taça de remédio herbáceo. A avó manteve-se ao seu lado, erguendo a voz.

– *À à ơi, làng tôi có lũy tre xanh, có sông Tô Lịch uốn quanh xóm làng... À à ơi...*

Canções de embalar infantis. Tinha-as cantado para mim.

O tio Đạt sentou-se na cama.

– Irmão, que posso fazer?

O tio Minh tocou nas pernas de madeira.

– Lamento – disse, sem emitir nenhum som.

– Também eu lamento, irmão. Devia ter corrido atrás de ti e do tio Công. Talvez vos pudesse ter ajudado quando estavam sozinhos junto ao rio.

O tio Minh abanou a cabeça. Agarrou na mão do tio Đạt, levando-a ao coração.

No dia seguinte, o tio Minh estava particularmente alerta. Insistiu em falar. Não havia nenhuma palavra de angústia nos seus lábios, apenas alegres memórias da sua infância, de ser o filho da avó e o irmão dos seus irmãos. E memórias felizes da sua própria família no Sul. Insistiu em que todos nos sentássemos ao seu lado, lhe pegássemos nas mãos e lhe contássemos o máximo que pudséssemos sobre a vida no Norte.

Quando nos mostrou as fotografias da mulher e dos filhos, chorei. Olhei

para um retrato onde o meu tio tinha um braço a rodear a minha tia Linh, que ria, e o outro em torno dos meus belos primos, Thiện e Nhân. *Thiện Nhân* significava «boa pessoa». O meu tio tinha-se esforçado durante toda a sua vida por manter a bondade com que nascera, e eu esperava que a sua família conseguisse levar as suas esperanças e sonhos por entre o oceano e plantá-los no jardim da sua nova casa.

O tio Minh começou a ficar cansado. O seu padre apareceu e rezou por ele.

– O seu filho ajudou a carregar a cruz de Cristo pelas estações da vida e agora está livre para se juntar a Ele no Céu – disse o homem à avó.

Na manhã seguinte, acordei com o som dos soluços da avó. O tio Minh jazia em silêncio diante dela, o seu corpo inerte.

Com o tio Đạt e a minha mãe, ajoelhei-me junto à cama, com as nossas mãos diante do peito. A avó fechou os olhos, a vara na mão a bater ritmicamente contra o seu sino de oração.

– *Nam Mô A Di Đà Phật, Nam Mô Quan Thế Âm Bồ Tát.* – Juntámo-nos à prece.

Um ruído. Virei-me. As folhas de latão chocalharam enquanto a porta da frente se abria, deixando entrar uma torrente de luz. Semicerrei os olhos a uma sombra alta e magra.

Num instante, estava de pé.

– Tio Sáng, também veio!

A avó envolveu-o nos braços.

– Lamento tanto, mamã – disse o tio Sáng, mas ela puxou-o em direção à cama.

Olhei para a rua, esperando ver a tia Hạnh, mas só o vazio me retribuiu o olhar.

De pé, atrás do tio Sáng, reparei pela primeira vez nos seus cabelos brancos. Perguntei-me quais dos fios tinham encanecido ao chorar a filha morta, quais tinham perdido a juventude devido ao colapso do seu casamento e quais tinham mudado de cor devido ao seu medo do Demónio do Agente Laranja. Dantes, não me importava, mas agora queria saber. E era tempo de conhecer as correntes subterrâneas da vida da tia Hạnh, as correntes subterrâneas que ameaçavam afastá-la de nós.

Quando o tio Minh morreu, saí com o meu caderno para as traseiras da casa. Acocorando-me no chão, escrevi por um tio que me tinha sido

roubado, que era uma folha afastada da sua árvore, mas que, no seu último momento, ainda lutava para regressar às suas raízes. Escrevi pela avó, que esperara que o fogo da guerra se extinguísse só para continuar a ser queimada pelas suas brasas. Escrevi pelos meus tios, pela minha tia e pelos meus pais, impotentes na luta de irmão contra irmão e cuja guerra continuava, independentemente de estarem vivos ou mortos.

Enfrentar o Inimigo

NGHÊ AN, 1980

A fundei-me na suavidade da palha de arroz seca, a palha de arroz da aldeia de Vĩnh Phúc. Desfraldava-se à minha volta. Inalei a sua ténue fragrância e compreendi o porquê de, ao contar-me a história da sua vida, a avó se lhe ter referido como o perfume do seu sono.

A avó, a minha mãe e eu tínhamos chegado à aldeia dos meus antepassados ao início dessa noite. O Sr. Hải, a mulher e os seus filhos e netos estavam a jantar quando o nosso carro de búfalos parou ao seu portão. Rejubilaram e obrigaram-nos a juntarmo-nos à sua refeição simples. Enquanto o Sr. Hải deitava arroz na minha tigela, senti-me transida de emoção. Como lhe poderia alguma vez agradecer o suficiente por ter resgatado a avó das mãos do Fantasma Perverso e por lhe ter salvo a vida ante os aldeões furiosos?

Ficámos a conversar até altas horas da noite. A avó falou ao Sr. Hải da nossa viagem a Nha Trang e do tio Minh.

– Lamento – disse o Sr. Hải, com voz trémula. – Devia ter feito mais... para que o Minh se tivesse podido encontrar convosco algures pelo caminho quando fugiram.

Mordi o lábio. Os turbulentos acontecimentos da nossa história não tinham apenas dilacerado as pessoas, tinham gravado nelas um sentimento de culpa por coisas sobre as quais não tinham nenhum controlo.

– Tio, fez o melhor que podia – disse a avó. – Salvou as nossas vidas. Um dia, a mulher e os filhos do Minh regressarão. Virão aqui para lhe agradecer.

Não tínhamos tido notícias da tia Linh, de Thiện e de Nhân, mas a avó acreditava que tinham sobrevivido à sua dura viagem por mar, que tentariam encontrar-nos. Ainda não tinha dito à avó, mas Tâm e eu andávamos a investigar formas de os procurar pelas suas fotografias. Eu queria ser como a

avó: nunca desistir da esperança.

A avó tivera esperanças de que o tio Sâng mudasse, e ele não a desiludira. Agora, visitava a nossa casa de vez em quando. Juntou-se à avó, à minha mãe e a mim quando fomos visitar a tia Hạnh a Sài Gòn. No último Festival de Meio do Outono, ensinou-me a fazer uma lanterna em forma de estrela para o Cortejo da Luz.

Ergui o *Sơn ca*, ouvindo as suas canções silenciosas. Desejei que o meu pai pudesse estar ali naquele momento, para se juntar a nós na visita à família de Tâm no dia seguinte. Onde quer que estivesse, sabia que o meu pai também adorava Tâm.

Da sala de estar, os murmúrios da avó, da minha mãe e do Sr. Hải fluíam na minha direção.

– O tio do Tâm foi visitar-me há algumas semanas – dizia a avó. – Disse-me que o Tâm gostaria de casar com a Hương na próxima primavera.

Subiu-me o calor ao rosto. Éramos jovens, Tâm e eu. Ainda tínhamos de acabar a nossa formação, mas não queríamos esperar. Sabia que tinha encontrado em Tâm o amor da minha vida.

– É uma excelente notícia – disse o Sr. Hải.

– Ainda não disse que sim, pois temos de saber mais sobre a sua família – sussurrou a avó.

– Não estou preocupada, ainda assim – aditou a minha mãe. – É um bom rapaz, por isso, deve ser de uma boa família.

Tal como a minha mãe, também eu não tinha dúvidas. Mal podia esperar para conhecer os pais e a irmã de Tâm. Sentia-me ansiosa em relação ao avô, ainda assim. Esperava que saísse do seu quarto para me conhecer e que me aprovasse.

– Como poderia ele não gostar de ti? Toda a gente gosta. – Tâm tinha arqueado as sobrancelhas quando eu lhe falara da minha preocupação. – Além disso, se ele tiver algum problema, terá de viver com ele. Seja como for, é um estranho para mim. – Puxou-me para si, encostando os lábios ao meu ouvido. – Amo-te, e em breve serás minha mulher.

Fechando os olhos, vi-me a descer um rio numa sampana com Tâm ao meu lado. O barco sacudia-se e balançava contra a corrente veloz. Havia rochas e remoinhos à nossa frente, mas sentia-me segura. Sabia que, quaisquer que fossem os perigos que nos aguardavam, os enfrentaríamos juntos.

O canto de um galo trespassou as paredes de terra, arrancando-me ao último lampejo do meu sonho. Abri os olhos. Tinha adormecido no ninho de palha, mas agora estava numa cama de bambu, vazia salvo por duas almofadas encovadas. A avó e a minha mãe deviam ter-me levado para ali, mas onde estavam elas?

Erguendo a rede mosquiteira, arrastei-me para fora da cama, mudei de roupa e apressei-me a sair. A noite tinha-se esbatido em cinzentos. O ar, frio e limpo, deslizava contra a minha pele.

Uma camada de neblina demorava-se no pátio da frente. Nos ramos das árvores, aves mexericavam entre si.

A minha mãe, a avó e o Sr. Hài estavam sentados numa esteira de palha no chão do alpendre, com fumegantes taças de chá nas mãos.

– O que estavas a fazer, Hường? Adormeceste no ninho de palha – disse a avó.

– Estava à procura do perfume do teu sono – respondi eu, sorrindo enquanto recebia uma taça do Sr. Hài. O chá tinha um cheiro tão fresco como o ar do campo.

– Do perfume do meu sono? – repetiu a avó, rindo. – Encontraste-o?

– Aposto que os mosquitos a encontraram primeiro. – A minha mãe estudou os muitos pontos vermelhos nas minhas pernas. Pegou noutra taça de chá, soprou-lhe para a arrefecer e esfregou o líquido nas minhas picadas de mosquito. A comichão acalmou. Encostei-me a ela, tornando-me de novo criança no calor do seu corpo.

O Sol ergueu-se de uma cortina de nuvens, pintando o céu de um tom rosado, lançando raios suaves para o pátio.

– Está tudo tão mudado – disse a avó. – Temo que me vá sentir uma estranha aqui.

A minha mãe terminou a sua taça. Agarrou no cotovelo da avó, ajudando-a a levantar-se. O Sr. Hài e eu apressámo-nos a calçar as nossas sandálias.

Os meus pés pareciam leves na estrada da aldeia que tão bem conhecia da história da minha avó. Passámos pelo pagode, com os seus telhados curvos como os dedos de uma sofisticada bailarina, o tanger do seu sino a ondular no ar fresco. Os lagos estendiam-se diante de nós, as suas superfícies calmas como lençóis de seda. Grossas copas de bambus verdes ondulavam, dando sombra às casas baixas que margeavam o nosso caminho.

Vários aldeões saudaram o Sr. Hài. Uma senhora idosa petrificou no seu trajeto.

– Diêu Lan, és tu? – perguntou. As rugas no seu rosto aprofundaram-se quando a avó assentiu.

A senhora pousou os seus cestos.

– Eu... lamento pelas coisas que aconteceram.

– É bom ver-te, irmã – respondeu a avó. – Deixemos o passado para trás. Desejo-te tudo de bom.

Ficámos a ver a senhora afastar-se, cambaleante, a vara de bambu atravessada sobre os seus ombros ossudos.

– Estava a gritar aquelas frases feias e a bater os punhos – disse a minha mãe. – Nunca esquecerei a sua cara de cabra.

– Tenta perdoar e esquecer, Ngọc – respondeu a avó. – Se guardares rancores, serás tu quem terá de carregar o fardo da tristeza.

O Sr. Hài abanou a cabeça.

– Foi medonho, ainda assim. Os teus pais salvaram-na durante a Grande Fome. E depois ela virou os punhos contra ti.

Chegámos a um caminho de terra, crivado de buracos.

– O caminho para nossa casa – arquejou a minha mãe.

– A nossa casa, a nossa casa – repetiu a avó, com ternura. Seguindo-lhe o olhar, vi uma densa vedação a proteger uma grande propriedade.

Chegámos diante de um portão. Espreitei para o interior, esperando ver uma impressionante casa *năm gian* com cinco secções de madeira rodeadas por luxuriantes jardins. Em vez disso, o meu coração esmoreceu ante a visão de incúria e abandono.

– Vivem cá agora sete famílias. – O Sr. Hài guiou-nos pelo portão aberto. Ergueu a voz. – Está alguém em casa?

A avó, a minha mãe e eu agarrámo-nos umas às outras, entrando no escorregadio pátio da frente. Outrora calcetado com ladrilhos de tijolo vermelho, estava agora pontilhado por bolsas de água esverdeada e coberto de lixo. A longaneira já lá não estava. Ervas do campo e musgo verde tinham dominado todos os cantos e espaços possíveis.

E a casa! Onde estavam as portas com magníficas talhas de flores e aves, as negras portadas lacadas que reluziam ao sol, os dragões e fénixes de cerâmica que dançavam nas pontas curvas do telhado?

Pensava que tinha previsto o pior. Mas não aquilo. Não um edifício de

aspeto precário despojado de todas as portas e janelas. Não paredes apodrecidas com cartazes de propaganda sobre planejamento familiar e toxicodependência colados nelas; não divisões improvisadas a espreitar do chão da casa como as espinhas de um peixe.

O cheiro a podridão chegou-me ao nariz. O jardim era agora uma mancha de terra castanha com grandes buracos, sobre os quais nuvens de moscas verdes zumbiam.

– Retretes a céu aberto – explicou o Sr. Hãi, com um suspiro. – Os fertilizantes são caros; o esterco humano agora vale ouro. – Enxotou algumas moscas. – Quando as famílias se mudaram para esta casa, fartaram-se de discutir sobre a divisão do esterco. Finalmente, cada uma escavou a sua própria retrete.

– Costumava ser o paraíso na terra – disse a minha mãe, cerrando os punhos. – Vamos, mamã. Não aguento isto.

A avó, porém, estava a afastar-se de nós, dirigindo-se apressadamente à porta da casa. Aí, uma idosa tinha acabado de aparecer. Tinha os cabelos brancos. Apalpava caminho por entre o grande alpendre com uma bengala. Ao chegar aos cinco degraus que desciam para o pátio, atirou a bengala para o lado, apoiando-se nas mãos e nos joelhos e rastejando como um animal.

– Deixe-me dar-lhe uma mão. – A avó ajudou a mulher a levantar-se.

Aproximando-me, observei o rosto da idosa. Testa saliente. Dentes semelhantes aos de um coelho. A açougueira. Tinha atacado cruelmente a avó e estivera decidida a apanhá-la. Fora ela quem expulsara a minha família da casa dos nossos antepassados para a poder ocupar.

Se detestava a mulher, a avó não o demonstrava. Segurou-lhe na mão, guiando-a pelos degraus.

– Quem é a senhora? – perguntou a açougueira, olhando para a avó com os seus olhos brancos. A sua mão mirrada ergueu-se para tocar no rosto da avó. Farejou-a.

– Vim visitar um amigo na aldeia – respondeu a avó, no seu sotaque de Hanói.

– Não é de admirar que cheire bem, ao contrário das ratazanas que cá vivem. – A mulher estremeceu. – Oh, doem-me os ossos. – Bateu com o punho nas costas. – Leve-me à retrete mais perto da cozinha, pode ser? Tenho de produzir a minha quota diária, ou o sacana do meu filho castiga-me com a sua vara.

A avó guiou a açougueira à sua retrete. Pela dor que tinha sofrido, bem podia ter empurrado a sua antiga inimiga para o buraco cheio de dejetos humanos, mas ajudou a mulher a firmar a sua posição e deixou-a lá.

Ao virarmo-nos para partir, olhei para trás, para a mulher de cabelos brancos agachada no chão, com uma nuvem de moscas a fazer-lhe companhia.

– O Céu tem olhos – disse eu. – Crueldade ministrada, crueldade restituída.

Chegou um carro de búfalos. A avó carregou-o com ramos de flores, sacos de fruta e paus de incenso. O Sr. Hãi subiu para a carroça, puxando-nos para cima. Acenando, despedimo-nos da sua família e partimos em silêncio.

A floresta de Nam Đán abriu os braços verdes para me receber ao descermos da carroça. A avó encontrou um arbusto cujas flores exibiam as suas pétalas.

– Bagas *sim*. – Estendeu-me alguns frutos púrpura. Pus um na língua; a sua doçura derreteu-me na boca.

Quanto mais nos embrenhávamos na floresta, mais leve eu me sentia. O caminho estreitava, rodeado por altas árvores balançantes. Atravessámos uma moita, e dei por mim numa área aberta rodeada por arbustos. Flores silvestres espalhavam as suas pétalas vermelhas, amarelas, brancas e púrpura, conduzindo os meus olhos a cinco montes de terra – os túmulos dos meus bisavós, do avô Hùng, do tio-avô Công e da Sra. Tú. A avó tinha-os mudado a todos para ali para que pudessem estar juntos na morte.

De mãos abertas diante do peito, a avó ajoelhou-se. Baixou a cabeça até tocar no solo e aí ficou durante muito tempo. Segui-a, as lágrimas a aquecer-me os olhos.

A minha mãe e eu dispusemos as flores diante dos túmulos. Desembalámos os sacos, empilhando a fruta em grandes pratos.

O Sr. Hãi acendeu um punhado de incenso. Recebendo os paus ardentes, ergui-os bem alto. O fumo desfraldava-se em direção ao Céu, levando as minhas preces aos meus antepassados. A sua morte e sofrimento ensinavam-me sobre o amor e o sacrifício.

– Por favor, ajudem-nos a encontrar o meu pai – sussurrei. Quer estivesse vivo ou morto, precisava de saber.

Quando chegámos à aldeia de Tâm em Hà Tĩnh, encontrámo-lo à entrada da ruela de sua casa, à nossa espera. Vestia uma camisa que eu tinha feito para ele, usando algumas das competências que tinha aprendido na minha *nữ công gia chánh* – aula de trabalhos domésticos. O seu rosto iluminou-se ao ver-me, e eu soube porque o amava. Ao longo dos anos desde que nos conhecíamos, tinha-se tornado um homem alto. Vê-lo ainda me fazia enfraquecer os joelhos.

Ajudou todos os outros a descer da carroça e depois virou-se para mim e ergueu-me, fazendo-me rodopiar. Enquanto o calor me subia ao rosto, sussurrou:

– Tive saudades de ti.

Implorei-lhe que me pusesse no chão. Tinham-se reunido crianças à nossa volta, com as mãos a cobrir a boca, aos risinhos.

Tâm guiou-nos pela ruela sinuosa.

– Os meus pais estão tão entusiasmados por te ver. – Apertou-me a mão. Um homem e uma mulher surgiram sob as cores transbordantes de uma buganvília à porta de uma casa de tijolo.

– *Chào bà, chào bác* – disseram, cumprimentando a avó e o Sr. Hải.

A mãe de Tâm dirigiu-se à minha e abraçou-a.

– Estou tão feliz por ter podido vir, irmã. A sua filha tem as suas belas feições. – Os seus olhos desviaram-se para o meu rosto, e eu corei.

– Entrem, por favor, entrem – disse-nos o pai de Tâm.

– Obrigada pelos presentes que nos enviaram – disse a avó. – Alegro-me por vos conhecer por fim.

A frescura da casa de Tâm acolheu-me ao entrar. Era uma casa hospitaleira. Plantas floriam junto a janelas iluminadas pelo sol; quadros de bom gosto adornavam as paredes.

– Lành, a *desordeira* – anunciou Tâm, apresentando-me a sua irmã. Gostei imediatamente do seu sorriso. No cabelo, tinha a fita cor-de-rosa que eu tinha feito como presente para Tâm lhe oferecer. Parecia ser do meu tamanho, e talvez pudesse tentar fazer uma saia para ela.

Na cozinha, as panelas fumegavam; as frigideiras crepitavam. A mãe de Tâm regressou ao seu fogão. Arregaçando as mangas, juntei-me a Lành a lavar vegetais. Surpreendentemente, não estava nervosa. Era agradável conversar com a mãe e a irmã de Tâm. Os seus risos descontraíam-me, e dei por mim também a rir.

Uma vez pronta a comida, oferecemo-la primeiro aos antepassados de Tâm. Dispusemos pratos num tabuleiro de cobre, decorando-os com rosas vermelhas e lótus brancos esculpidos a partir de tomates e cebolas. Tâm levou o tabuleiro para a sala de estar, onde o seu pai estava a servir chá à minha mãe, à avó e ao Sr. Hải.

Ajudei Tâm a pôr a comida na mesa diante do seu altar familiar. Ele chegou-se mais perto de mim.

– Hoje, vou pedir aos meus antepassados que te aceitem como minha mulher. Mal posso esperar pela próxima primavera.

Belisquei-o.

– Não sejas tão impaciente.

Ele beliscou-me também.

– Sê uma boa mulher.

Enquanto tentávamos esconder os nossos risinhos, a mãe de Tâm passou por nós, de braço dado com um homem idoso. Estava vergado, de mãos e pernas trémulas. Parecia estar em grande sofrimento.

– O meu pai – disse a mãe de Tâm, apresentando-o à avó, à minha mãe e ao Sr. Hải.

A avó ergueu o olhar. Os seus lábios abriram-se.

– *Ôi trời đất ơi!* – Invocava o Céu e a Terra. Parecia aterrorizada. Mais do que eu alguma vez a vira.

– *Ôi trời đất ơi!* – exclamou o Sr. Hải. E, quando dei por mim, a avó tinha desfalecido no chão.

Na cama de Tâm, a minha mãe massajava a testa da avó.

– Acorda, por favor – implorei.

As pálpebras da avó tremularam. Mas que se passava? Porque estava ela a chorar?

O seu corpo tremia.

– Não, não pode ser verdade – gemeu.

Queria pegar-lhe nas mãos, mas o Sr. Hải afastou-me da cama.

– Dá-lhe algum tempo, Hương.

A tremer, encostei-me à parede, vendo a minha mãe tentar desesperadamente reconfortar a avó.

O Sr. Hải andava de um lado para o outro.

– O que se passa, tio-avô? – perguntei-lhe eu.

- Hương, não tenho a certeza... – Abanou a cabeça.
- O quê? Diga-me. – Agarrei-lhe no braço.
- Lamento.
- Porquê?

O Sr. Hải olhou para mim. Tinha os olhos arregalados. Os cantos da sua boca contraíram-se. Pôs-me as mãos nos ombros e ficou assim durante um longo momento. Depois, puxou-me para si.

– Lamento mesmo muito, Hương... O avô do Tâm... O avô do Tâm é o Fantasma Perverso.

- Não! – Empurrei-o. – Está enganado.
- Quem me dera estar, Hương. Trabalhei para ele. Conhecia-o...

Às arrecuas, saí do quarto. Fugi, passando por Tâm, pelos seus pais e pelo Fantasma Perverso. Dardejei sob as flores e saí para a estrada da aldeia.

– Hương... Hương... – Tâm estava atrás de mim, a sua voz erguendo-se acima do vento. Mas eu corri mais depressa. Não podia voltar para ele. Já não o podia amar. Era da mesma carne e do mesmo sangue que o pior inimigo da avó.

Partimos para Hanói no dia seguinte, muito mais cedo do que o planeado. O autocarro público estava a abarrotar de pessoas. Sentia-me vazia. A minha mãe tentou consolar-me, mas as suas palavras não podiam dar asas à tristeza que pesava no meu coração.

Saberia Tâm sobre o Fantasma Perverso e não me tinha dito? Ter-me-ia mentido?

De regresso a casa, deposei o *Sơn ca* no altar familiar. Ajoelhando, curvei-me, encostando a testa ao chão. Rezei para que a alma do meu pai regressasse a casa. Aceitava agora que nunca mais voltaria a ver o meu papá. Aceitava agora que os que tanto amava me podiam ser retirados tão de repente.

Tâm visitou-me. Virei-lhe costas. Começou a seguir-me no regresso a casa da universidade. Ignorei-o. Nada respondi quando ele me disse que desconhecia o passado do avô. Dei-lhe o meu silêncio em troca do seu pedido de desculpas.

Por mais que me esforçasse, porém, dava por mim a murmurar o nome de Tâm sempre que ele não estava comigo. Tinha saudades das nossas conversas, dos nossos risos, das nossas discussões. Ao mesmo tempo, temia

que, se o aceitasse de volta, tal fosse uma traição à minha avó.

Passou o verão, depois o outono, e chegou o inverno. Tâm enfrentava o frio, pedalando ao meu lado. Falava comigo como se nada tivesse mudado. Falou-me dos resultados da sua investigação; estava a estudar o arroz. Os agricultores da sua província estavam a plantar uma nova variedade que ele tinha desenvolvido. Desejei poder falar-lhe da minha escrita. Sem ele, os meus novos poemas jaziam em silêncio na escuridão.

Num dia frio e chuvoso, Tâm não estava à minha espera à porta da minha sala. Deixei-me ficar, esperando vê-lo aparecer atrasado, o seu sorriso a iluminar a chuva e a sua voz a envolver-me no seu calor. Chegou a noite, mas não o trouxe consigo. As estradas para casa eram longas e sem cor.

O tempo pareceu parar. Conseguia ouvir o bater do meu próprio coração. O mais ligeiro ruído sobressaltava-me. Para onde quer que olhasse, via o rosto de Tâm, mas, quando estendia os braços para ele, não passava de ar.

Passaram seis dias. Regressava a casa de bicicleta, sozinha. Nunca o inverno me tinha parecido tão frio. Era mais frio do que aquele dia de novembro, muitos anos antes, em que me tinha escondido das bombas com a avó, a água lamacenta a chegar-me à cintura. Nesse dia, temia morrer. Agora, apavorava-me ter de continuar a viver sem a minha alma gémea e o meu melhor amigo.

Pedalei lentamente pelo meu bairro silencioso, onde casas de tijolo tinham substituído as barracas com telhado de latão. A nossa árvore *bàng* tinha crescido.

Ao empurrar a minha bicicleta para dentro de casa, deparei com a avó sentada à mesa de jantar, envolvendo nas mãos algo à sua frente. Tão perdida em pensamentos, nem ergueu o olhar quando eu entrei.

Sentei-me ao seu lado.

– Estás bem, avó?

– O Tâm e os pais dele... acabam de me vir visitar.

Abriu as palmas. Um magnífico colar.

Peguei na corrente de ouro. O rubi fulgurou nas minhas mãos. A história da avó acorreu-me de súbito à memória.

– A bisavó tinha isto no bolso – disse eu. – O Fantasma Perverso tirou-lho. É o tesouro da nossa família.

A avó anuiu.

– Aquele homem terrível. Roubou-o e guardou-o todos estes anos. Só antes de morrer é que contou à filha a verdade sobre o seu passado. A mãe do Tâm... soube do colar e insistiu em que fosse devolvido à nossa família.

– O Fantasma Perverso morreu, avó? Quando?

– Na semana passada. Sim... morreu. Morreu, e é impossível reverter os seus pecados. O Fantasma Perverso não fez mal apenas aos outros, Hương, infligiu dor à sua própria família. Costumava espancar tão barbaramente a filha, que muitos na nossa aldeia achavam que ela não ia sobreviver às suas tarefas.

Pensei na mãe de Tâm, no seu sorriso e nas suas palavras ternas. Era uma bela flor de lótus nascida de um lago de lama.

A avó abanou a cabeça.

– Mal podia acreditar quando ela me entregou o colar. Podia ter conseguido uma fortuna por ele, mas disse que era importante que o recebêssemos de volta. Disse que desejava poder compensar-nos pelo sofrimento causado pelo pai. Eu respondi-lhe que não tinha culpa. Era sua vítima, como nós.

Pegou-me na mão.

– Hương, estive a pensar... O Tâm não tem nada que ver com o que aconteceu. Eu costumava acreditar que o sangue fala, mas o sangue também evolui e pode mudar. Não podemos culpar os jovens pelo que os seus antepassados fizeram. – Sorriu. – O Tâm é um bom homem, Hương. Vi como te fazia feliz. Disse-me hoje que és tudo para ele e que não vai desistir de ti.

– Disse?

– Sim, e diante dos pais, o que diz muito. Compreendo o quanto isto tem sido difícil para ti. Mas também sei que o verdadeiro amor é raro e que, quando o encontramos, temos de nos agarrar a ele. O que estou a tentar dizer, Hương, minha querida, é que, se quiseres voltar a ver o Tâm, tens a minha bênção.

Uma luz irradiava dos olhos da avó. Até as suas rugas eram suaves. Já não havia tristeza no seu rosto. Parecia calma e pacífica; tão calma e pacífica como Buda.

Levantei-me. Puxei a avó para cima. Abracei-a.

As Canções da Minha Avó

NGHÊ AN, 2017

Deposito o *Sơn ca* diante do túmulo da avó. As crianças ajoelham-se ao meu lado. Tâm acende um fósforo, ateando fogo a um punhado de incenso. Vira-se e sorri-me.

– Sei que a avó está orgulhosa de ti. Tal como eu, meu amor – diz ele, enquanto o incenso em combustão nos envolve com a sua fragrância.

– Ajudaste a tornar isto possível, Tâm. – Estendo um maço de papel, grosso e robusto. É a história da minha família, contada pela minha avó e por mim.

– A bisavó pode ler isto no Céu? – pergunta o nosso filho Quang, batendo com as mãos na capa.

– Quando o queimarmos, o fumo levá-lo-á até ela – responde a nossa filha Thanh. Acredita nisso, porque gostava tanto de ouvir a avó como eu.

Ergo a cópia do meu manuscrito acima da minha cabeça. A avó disse-me em tempos que os desafios enfrentados pelo povo vietnamita ao longo da História eram tão grandes como a mais alta montanha. Distanciei-me o suficiente para ver o cimo do monte, mantendo-me, porém, suficientemente perto para ver como a avó se tornou ela mesma a mais alta montanha: sempre presente, sempre forte, sempre a proteger-nos.

Fecho os olhos. O rosto amável da avó surge diante de mim. *Alegro-me por teres escrito o que passámos, Goiaba. Mal posso esperar para o ler.*

– Tenho saudades de ti, avó.

O fogo brota nas mãos de Tâm. Os nossos filhos ajudam a dar as folhas às chamas.

Volutas de fumo erguem-se para o alto. E, no rodopiar das cinzas, vejo o *Sơn ca* mover-se. Bate as asas e estica o pescoço, lançando as canções da minha avó em direção ao Céu.

Agradecimentos

Esta obra foi inspirada pelas experiências da minha família e das pessoas à minha volta. Estou grata aos meus pais, aos meus familiares e a muitos outros vietnamitas que partilharam comigo as suas histórias e que me continuam a inspirar com a sua coragem e compaixão.

Estou em dívida com a professora – *thầy* Trương Văn Ánh – com quem aprendi inglês no oitavo ano. Não sabia que um dia seria o inglês, não o meu vietnamita materno, que me daria uma voz no que toca ao romance histórico. O meu marido, Hans Farnhammer, acredita em mim e encorajou-me a desistir do meu emprego remunerado para me tornar escritora. Peter Conners, a BOA Editions e a Fundação Lannan prepararam o caminho para a minha carreira internacional com a publicação do meu livro de poesia, *The Secret of Hoa Sen*, que traduzi do vietnamita juntamente com o poeta e professor Bruce Weigl. Uma bolsa do programa de Mestrados em Escrita Criativa da Universidade de Lancaster concedeu-me a oportunidade de pesquisar para este romance e escrevê-lo. Estou grata pela orientação da minha mentora, Sara Maitland, e pelos comentários de outros escritores na Lancaster, especialmente Philip Caveney, Zoe Lambert, Graham Mort, Anne O'Brien, Laura Morgan, Michelle Scowcroft, Mary Chism, Joe Lavelle e Suzanne Conboy-Hill. As impressões dos veteranos de guerra Đinh Văn Tùng, Nguyễn Văn Bảo, Trần Minh Quang, Bruce Weigl, John Havan, Wayne Karlin e Tracy French foram valiosas.

O mestre John Havan, que era também romancista, ensinou-me a autodefesa Kick-Poke-Chop. Tinha inventado esta técnica para sobreviver a ataques na vida real. Helle Kafka viajou comigo desde o início deste romance. Beth Phillips expandiu os meus horizontes de leitura ao dar-me um emprego na biblioteca da Escola Internacional Americana de Dacca, no

Bangladesh. Um agradecimento especial ao Sr. Cường Nguyễn e à Sra. Thảo Đỗ, pelas inspirações que me proporcionaram. O talentoso e generoso romancista Viet Thanh Nguyen deu-me o seu muito necessário encorajamento e apresentou-me à minha maravilhosa agente, Julie Stevenson, que ouviu *o canto das montanhas* apesar da distância de muitos oceanos entre nós. A minha irmã na escrita, Thanh Hà Lại, trabalhou comigo durante madrugadas e noites avançadas na tradução de provérbios vietnamitas. Paul Christiansen e o Dr. Eric Henry deram o seu contributo para as minhas traduções de palavras e expressões vietnamitas complexas.

Sou incrivelmente afortunada por este livro ter na Algonquin Books o seu lar. A minha editora, Betsy Gleick, é brilhante, calorosa e um grande apoio. Tem sido uma honra trabalhar com ela, bem como com as muitas outras pessoas competentes e atenciosas na Algonquin, incluindo Brunson Hoole, Michael McKenzie, Anne Winslow, Randall Lotowycz, Elisabeth Scharlatt, Stephanie Mendoza, Debra Linn, Lauren Moseley e Kendra Poster. Este romance beneficiou ainda dos atentos e apurados olhares leitores de Chúc Mỹ Tuệ (Teresa Mei Chuc), Eva Maaten, Abby Muller e Chris Stamey.

Estou grata às organizações e aos indivíduos que me deram força quando mais precisava, especialmente ao programa de bolsas Australia Awards, à Rede de Artistas Vietnamitas na Diáspora (RAVD), ao Programa de Artistas Residentes Djerassi, a Rick Simonson, a *chị* Tuyết Nga e aos incríveis escritores que leram e teceram comentários tão sentidos ao meu romance.

Para esta bela edição portuguesa, gostaria de expressar a minha sentida gratidão aos leitores e livreiros portugueses pelo seu generoso apoio. O meu sonho é poder levar-vos numa viagem literária ao meu país natal, o Vietname, através da minha escrita. Este sonho não teria sido possível sem a minha editora portuguesa, Alma dos Livros, a tradutora, Carla Ribeiro, a *designer* de capa, Diana Trigo, e toda a restante equipa da Alma dos Livros, à qual estou profundamente agradecida.

Aos meus filhos, Clara Quế Mai e Nguyễn Minh Johann: obrigada por serem a minha luz durante os anos em que escrevi este livro.